UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E LITERATURA ITALIANAS

ALESSANDRA REGINA RIBEIRO HONÓRIO

Descendentes de (i)*talianos* de Cascavel/PR: língua e cultura encobertas

Versão Corrigida

São Paulo/SP
2017

ALESSANDRA REGINA RIBEIRO HONÓRIO

Descendentes de (i)*talianos* de Cascavel/PR: língua e cultura encobertas

Versão Corrigida

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Língua e Literatura Italianas, do Departamento de Letras Modernas, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Giliola Maggio
De acordo

São Paulo/SP
2017

HONÓRIO, Alessandra Regina Ribeiro. **Descendentes de (i)*talianos* de Cascavel/PR: língua e cultura encobertas.** Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Língua e Literatura Italianas, do Departamento de Letras Modernas, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutora em Letras.

Aprovada em _____/_____/_____

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Dedico esta pesquisa aos meus avós (in memorian); especialmente ao meu avô José Pauletti, que só pude compreendê-lo quando iniciei os estudos sobre o talian e quando, infelizmente, ele já havia partido.
Ao meu esposo Luiney, pelo carinho e companheirismo.
Ao meu filho Luiz Guilherme, por ter sido o motivo do meu descanso, razão do meu sorriso e da minha alegria.
Aos meus queridos pais - meu porto seguro.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, por me conceder saúde, ânimo e atitude na busca pela minha formação pessoal, intelectual e acadêmica.

À minha orientadora Giliola Maggio, pelas orientações, por ter acreditado no meu trabalho, por ser compreensiva e, sobretudo, humana. Isso, de fato, fez toda a diferença no processo das minhas reflexões.

Aos meus pais, Geibe Pauletti Ribeiro e Silvano Bueno Ribeiro, que, mesmo sem compreenderem a dimensão da minha pesquisa, não deixaram de me apoiar e incentivar.

Aos queridos e sinceros familiares, irmão, sobrinhos, tios, primos, sogros e cunhados, que sempre torceram por mim.

Ao apoio institucional da UNIOESTE de Cascavel, meu local de trabalho, por possibilitar minha dedicação exclusiva à pesquisa. Aos colegas do Colegiado de Letras e, especialmente, àqueles da área de Italiano: Benilde Socreppa Schultz, Fausto José Fonseca Zamboni e Rosemary Irene Castañeda Zanette, por concordarem com o afastamento em tempo integral para o desenvolvimento deste estudo.

Aos meus amigos que estiveram sempre presente em minha vida, me apoiando direta ou indiretamente; em especial, à Jacicarla Souza, à Gabriella Hizume e à Rejane Tristone.

Aos meus entrevistados receptivos e entusiasmados, que muito me ensinaram com seus relatos e me fizeram também aderir ao exercício da rememoração e valorização da cultura familiar.

Aos estudiosos e guardiões do *talian*, que contribuíram ricamente com seus conhecimentos e que responderam prontamente a muitas de minhas dúvidas, ajudando-me a conhecer melhor o universo de estudo no qual estava inserida.

Agradeço, de modo especial, ao senhor Darcy Luzzatto que prontamente fez a tradução do resumo desta pesquisa para a língua *taliana* e à colega Beatrice Urbe pela tadução em inglês.

“[...] El Talian el ze na maniera de viver. E noantri ghe volemo ben a la maniera de viver dei nostri antichi. Par questo, no volemo mia che i nostri dissendenti i se sménteghe dei noni, bisnoni e così via. Anca se i nostri antighi i ze morti, le so parole no le ze mia morte, gnanca no ze morto quel che i ga fato.” (Rovílio Costa)

HONÓRIO, Alessandra Regina Ribeiro. **Descendentes de (i)*talianos* de Cascavel/PR: língua e cultura encobertas**, 2016. Tese (Doutorado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

RESUMO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de abordagem interpretativista (cf. Bortoni, 2009; Flick, 2002; Denzin e Lincoln, 2010), cujo objetivo principal é investigar, nas práticas discursivas, o que há da língua e cultura do imigrado *italiano* no contexto cascavelense, mediante dados levantados por meio de observação simples da citada comunidade e entrevistas semiestruturadas, com pessoas de três gerações: jovens, adultos e idosos. Buscamos responder às seguintes perguntas de pesquisa: a língua e cultura do imigrado *italiano* existem em Cascavel? De que modo? Por esse âmbito, nosso objetivo maior foi descobrir formas de cultura e língua invisibilizadas e as razões que levaram e levam a tal situação. O aporte teórico se sustentou principalmente nas perspectivas teóricas de autores como Schlieben-Lange (1993), Rajagopalan (2002, 2003 e 2007), Bourdieu (1998), Burke (2003 e 2006), Bosi (1994 e 2003) e Halbawchs (1990) que nos direcionaram para a compreensão da linguagem a partir do contexto social. Assim pudemos compreender que: a) de fato, nem sempre a negação e ou indiferença sobre o conhecimento do *talian* é verdadeira; b) alguns estudiosos da linguagem, com suas linhas de pesquisas, infelizmente, enfatizam o desprestígio de uma língua minoritária e decretam sua morte; c) a ativação da memória tem o poder de desencadear discursos sobre o passado e trazer à tona língua e cultura étnica, evidenciando a possibilidade de manter viva a língua *taliana* em Cascavel. Nesse contexto, algumas vertentes teóricas, bem como poder político e história oficial têm trabalhado contra a memória oral, importante na formação ideológica do indivíduo. Tendo em conta esse aspecto, desejamos que a nossa pesquisa possa corroborar outros estudos de desvelamento linguístico cultural, e, ainda, que a memória e a história oficial possam trabalhar juntas na divulgação, valorização e resguardo dessa língua.

PALAVRAS-CHAVE: Imigrado *italiano*; *Talian*; Língua encoberta; Memória; Identidade.

HONÓRIO, Alessandra Regina Ribeiro. **(I)talians descendants in Cascavel/PR: language and culture hidden.** 2016. Thesis (Doctorate) College of Philosophy, Letters and Human Sciences. University of São Paulo, São Paulo, 2016.

ABSTRACT

This qualitative research is based on an interpretative approach (cf. Bortoni, 2009; Flick, 2002; Denzin and Lincoln, 2010), whose main objective is to investigate, in the discursive practices, what exists in the language and culture of the immigrated Italian in the Cascavelense context, upon data researched through the simple observation of the cited community and semi-structured interviews, with people form three generations: youth, adults and elderly people. We seek to answer the following research questions: Do the language and the culture of the Italian immigrated exist in Cascavel? How? Through this framework, our major objective was to find out ways of invisible language and culture, and the reasons that took and take to this situation. The theoretical support is composed mainly by the theoretical perspectives of authors such as Schlieben-Lange (1993), Rajagopalan (2002, 2003 and 2007), Bourdieu (1998), Burke (2003 and 2006), Bosi (1994 and 2003) and Halbawchs (1990) who directed us to a better language comprehension from the social context. This way, we could understand that: a) Indeed, not always the negation and/or the indifference about the *Talian*'s knowledge is true; b) Some language scholars, with their line of research, unfortunately, emphasize the discredit of a minority language and declare its death; c) The activation of the memory has the power to trigger speeches about the past and elicits language and ethnic culture, highliting the possibility of keeping alive the *Taliana* language in Cascavel. In this scenario, some theoretical aspects, just like the political power and the official history have worked against the oral memory, important in the ideological formation of the individual. Considering this fact, we hope that our research can corroborate to other cultural linguistic unveiling studies and, still, that the memory and the official history can work together in the dissemination, appreciation and protection of this language.

KEYWORDS: *Italian* immigrated; *Talian*; Hidden language; Memory; Identity.

HONÓRIO, Alessandra Regina Ribeiro. **Descendentes de (i)*talianos* de Cascavel/PR: língua e cultura encobertas**. 2016. Tese (Doutorado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

RIASSUNTO

Trattasi di una ricerca qualitativa con approccio interpretativista (cf. Bortoni, 2009; Flick, 2002; Denzin e Lincoln, 2010), il cui obiettivo principale è investigare, nelle pratiche discorsive, cosa c'è della lingua e cultura dell' immigrato *italiano* nel contesto cascavelense, attraverso i dati raccolti da osservazione semplice della comunità e da interviste semi-strutturate svolte con persone provenienti da tre generazioni: giovani, adulti e anziani. Cerchiamo di rispondere alle seguenti domande di ricerca: lingua e cultura degli immigrati *italiani* esistono a Cascavel? Come? A partire da questo scopo, il nostro particolare obiettivo era quello di trovare lingua e cultura invisibilizzate e verificare le ragioni che hanno scatenato e che scatenano la situazione. L' apparato teorico è stato sostenuto principalmente nelle prospettive teoriche di autori come Schlieben-Lange (1993), Rajagopalan (2002, 2003 e 2007), Bourdieu (1998), Burke (2003 e 2006), Bosi (1994 e 2003) e Halbawchs (1990), che ci hanno portato alla comprensione del linguaggio dal contesto sociale. Quindi, ci siamo resi conto che: a) non sempre la negazione o l'indifferenza a rispetto della conoscenza del *talian* è vera; b) a seconda di alcuni studiosi del linguaggio, con le loro linee di ricerca, purtroppo, mettono in evidenza il poco prestigio e morte di una lingua minoritaria; c) l'attivazione della memoria ha il potere di spingere le persone a parlare del passato e portare fuori la lingua e cultura etnica, mettendo in evidenza la possibilità di mantenere viva la lingua *taliana* a Cascavel. In questo contesto, alcuni approcci teorici, poteri politici e la storia ufficiale hanno lavorato e continuano a lavorare contro la memoria orale, la quale è importante nella formazione ideologica dell'individuo. Detto questo, ci auguriamo che la nostra ricerca possa corroborare altri studi di svelamento culturale e linguistico. Inoltre, che la memoria e la storia ufficiale possano essere insieme strumenti di divulgazione, di valorizzazione e di salvaguardia di questa lingua.

Parole chiave: Immigrato *italiano*; *Talian*; Lingua velata; Memoria; Identità .

HONÓRIO, Alessandra Regina Ribeiro. **Descendentes de (i)*talianos* de Cascavel/PR: língua e cultura encobertas**. 2016. Tese (Doutorado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

RICAPITULASSION[1]

Se trata de una risserca qualitativa de ataco interpretativo (cf. Bortoni, 2009; Flick, 2002; Denzin e Lincoln, 2010), che l'obietivo principal l'è investigar ntele pràtiche discursive cossa che ghe ze de léngua e cultura del imigrato *italiano* ntel contesto cascavelense, mediante dati racolti par meso del semplice osservassion dela comunità e interviste semielaborade, con persone de trè generassion: gióvani, adulti e vècii. Gavemo sercà de risponder a le seguente domande: la léngua e la cultura del imigrato italiano ghe zele a Cascavel? De che modo? Par sto àmbito, el nostro obietivo pi grando l'è stato scoprir forme de cultura e léngua inviabilisade e le reson che pòrtano a tal situassion. El desimbarco teòrico el se sostien prinsipalmente ntele perspetive teòriche de autori come Schlieben-Lange (1993), Rajagopalan (2002, 2003 e 2007), Bourdieu (1998), Burke (2003 e 2006), Bosi (1994 e 2003), Halbawchs (1990) che i ne diressiona par capir el lenguàgio a partir del contesto social. Cossì podemo capir che: a) de fato, gnanca sempre la negassion o la indifarensa sora el cognossimento del talian l'è vero; b) serti studiosi del lenguàgio col so senso de risserche, infelissemente, i ghe dà la forsa de una léngua minoritària e i decreta la so morte; c) la ativassion dela memòria la ga el poder scominsiar el discorso del passà e de tirar su léngua e cultura ètnica, evidensiando la possibilità de mantegnar viva la léngua taliana a Cascavel. Nte sto contesto, serte sorgenti teòriche, ben come el poder polìtico e stòria ofissial le ga laorà contra la memòria oral, importante ntela formassion ideològica del indivìduo. Avendo in conta sto aspeto, desideremo che la nostra risserca la possa riforsar altri stùdii de desmissiamento lenguìstico cultural, e, ancora, che la memòria e la stòria ofissial le passe a laorar insieme ntela divulgassion, valorisassion e risguardo de sta léngua.

PAROLE-CIAVE: Imigrato *italiano*; *Talian*; Léngua sconta; Memòrie; Identità.

[1] Créditos da tradução ao autor Darcy Luzzatto.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Colônias ítalo-brasileiras no Rio Grande do Sul e seus desdobramentos na Região Sul.....	33
Figura 2	A polenta.....	46
Figura 3	Cartaz de divulgação de evento.....	47
Figura 4	Pasta de Giuseppe Zanella.....	47
Figura 5	Polenta brustolada com salame.....	47
Figura 6	Grostoli.....	48
Figura 7	Grupo folclórico *Ladri di Cuori*.....	49
Figura 8	Rádio Colmeia AM de Cascavel, Programa *Italia del mio cuore*.....	50
Figura 9	Coral Masculino *Filò*.....	50
Figura 10	Praça Itália.....	52
Figura 11	Praça Florêncio Galafassi.....	52
Figura 12	Marco Zero da Praça Getúlio Vargas.....	53
Figura 13	Igreja Nossa Senhora de Fátima.....	54
Quadro 1	Quadro geral dos entrevistados.....	56
Quadro 2	Palavras e expressões do talian e talianizadas.....	66
Quadro 3	Relação Participantes x Negação.....	155
Quadro 4	Relação Participantes x Migrações e Trabalho.....	164
Quadro 5	Relação Participantes x Percepções sobre o *talian*.....	169
Quadro 6	Relação Participantes x “Memórias lembranças”.....	181
Quadro 7	Entrevistada VC comentando do *filò*.....	183
Quadro 8	Relação participantes x sentimentos língua e cultura.....	191
Organograma 1	Processo de migração para Cascavel.....	166

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Municípios das Colônias ítalo-brasileiras na Região Sul..... 34

Tabela 2 Palavras do cotidiano cascavelense..... 208

Tabela 3 Alguns hábitos alimentares dos imigrantes cascavelenses..... 209

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

(-)	Traço que indica ausência de resposta
CTG	Centros de Tradição Gaúcha
F	Feminino
FIBRA-RS	Federação Ítalo Brasileira do Rio Grande Do Sul
INDL	Inventário Nacional da Diversidade Linguística
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LM	Língua Materna
M	Masculino
N	Não
Op. Cit.	Opus Citatum – Obra citada
PB	Português Brasileiro
PP	(PP) Português de Portugal
RCI	Região de Colonização Italiana
S	Sim
UCS	Universidade de Caxias do Sul
UFRG	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UNIOESTE	Universidade Estadual do Oeste do Paraná

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **14**
CAPÍTULO I – CONTEXTO DA PESQUISA **25**
1.1 Compreendendo a ocupação do Oeste do Paraná e a formação do município de Cascavel 25
1.2 Do Rio Grande do Sul a Cascavel – composição étnica 31

CAPÍTULO II – METODOLOGIA: DELINEAMENTO DOS CAMINHOS DA PESQUISA **43**
2.1 Observação simples com diário de campo – investigação exploratória 45
2.2 Delimitação dos informantes da pesquisa – o *corpus* 55
2.3 Caracterização dos sujeitos da pesquisa 56
2.4 Ativando a memória: entrevista semiestruturada 62
2.5 Roteiro da entrevista semiestruturada 64
2.5.1 Breve descrição das palavras 67
2.6 O modo como foram conduzidas as entrevistas 70
2.7 O papel do pesquisador 70

CAPÍTULO III – CONTEXTO HISTÓRICO DA FORMAÇÃO DO *TALIAN* **73**
3.1 Descendentes de italianos em busca de uma língua: contexto histórico da formação do *talian* 73
3.2 A definição do nome *talian* 76
3.3 A heterogeneidade da língua 79
3.4 Situação atual do *talian*: o reconhecimento como língua 87

CAPÍTULO IV – PESQUISAS SOBRE O *TALIAN* **94**
4.1 O que dizem os estudiosos da linguagem sobre o *talian* 94
4.2 O *talian* – o que dizem os "leigos" 106
4.3 *Eppur vive* – não à morte do *talian*! 113

CAPÍTULO V – LÍNGUA E CULTURA ENCOBERTAS: AGENTES PROMOTORES **117**
5.1 A imposição de uma língua e o apagamento das outras – o Estado Novo 118
5.2 Do hibridismo linguístico cultural a uma cultura hegemônica 123
5.3 Ideologias linguísticas 128

CAPÍTULO VI – A MEMÓRIA **136**
6.1 Memória Coletiva: passado e presente 137
6.2 O papel *dos nonos*[2]: reviver é possível 141

[2] O termo *noni* refere-se a avós em *talian*. Salientamos que, nessa língua, não há a produção de consoantes geminadas como na língua italiana padrão.

6.3 Palavra: o lugar da memória 145
CAPÍTULO VII – DESVELANDO O *TALIAN*: SELEÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS 152
7.1 O mito do esquecimento e as justificativas: *"Não sei nada! Não me lembro de nada!"* 153
7.1.1 Negação 155
7.1.2 Lei da proibição: *"[...] quem abrir a boca pra falar meia palavra em italiano vai apanhar"* 159
7.1.3 Migrações e trabalho 164
7.1.4 Ideologia da "língua certa" 169
7. 2 Memórias: as recordações referentes à cultura do imigrado *italiano* 173
7.2.1 "*Ah, sem radici não se vive!*" – Lembranças preservadas 173
7.3 Os reflexos do rudimentar e do moderno 185
7.3.1 Cascavel no início: a busca pelo progresso 185
7.3.1.1 Sentimento em relação à língua e à cultura "rudimentares" 191
7.3.2 O rudimentar: *"Esse macarron comprado non vale nada"* 197
7. 4 As vozes que atuam na manutenção da memória: a influência dos idosos nas histórias relatadas 201
7.5 Língua e cultura encobertas 207
7.5.1 Palavras que (ainda) vivem 208
7.5.2 Palavras que despertam histórias: *"Olha, agora, tá me refrescando... assim, a memória"* 211

CONSIDERAÇÕES FINAIS 230
BIBLIOGRAFIA 235
ANEXOS 246

INTRODUÇÃO

Acreditamos ser relevante trazer os fatos que levaram ao estabelecimento do atual objetivo desta pesquisa, isto é, descobrir o que existe da língua e cultura do imigrado *italiano*[3] no município de Cascavel, no Estado do Paraná, para onde se deslocaram muitos ítalo-gaúchos e ítalo-catarinenses, a fim de colonizar a região. Tendo como base estudos que indicam que o *talian* está se perdendo ou fadado à morte (cf. FROSI, 2000; FROSI e RASO, 2011), interessa-nos compreender o que permanece, linguística e culturalmente, do *talian* nos dias de hoje, na cidade paranaense, e colocar em discussão se podemos admitir a morte de uma língua ou se é uma proposição com base em uma determinada linha ou perspectiva de estudos linguísticos.

Tendo como base as relações entre linguagem e sociedade, nossa pesquisa tem como foco quinze indivíduos descendentes de *italianos*, que foram entrevistados com o intuito de verificar suas relações com a língua e a cultura *talianas*.

Antes de tudo, vale explicitar que o presente estudo denominará o *talian* como língua, em concordância com Luzzatto (1998, 2000), Costa (2000, 2003), Pertile (2010) e outros que, em suas pesquisas, já o qualificavam como língua, antes mesmo do seu reconhecimento, ocorrido em 2014.

Conforme o Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural Nacional (IPHAN), em 2014, o *talian*, juntamente com mais duas línguas indígenas, o *Asurini do Trocará* e *Guarani Mbya*, foram as primeiras línguas reconhecidas como Referência Cultural Brasileira pelo IPHAN. A partir dessa data, 19 de novembro de 2014, tais línguas passaram a fazer parte do Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL), conforme o Decreto 7387/2010.

É importante salientar que a história dos falares de origem *italiana*, trazidos no período da primeira grande imigração para o Rio Grande do Sul e também em algumas outras partes do Brasil, tem suas raízes fincadas no dialeto vêneto, como observaremos no Capítulo II dedicado ao *talian*. No Estado do Rio Grande do Sul, foi se formando outro falar (FROSI, 1998), com características dos vários dialetos vênetos, lombardos e trentinos somados a empréstimos de palavras do português (FROSI, 1975, 1998, 2008, 2011; LUZZATTO, 1998, 2000; CONFORTIN, 1998). No entanto, não se sabe ao certo com quais grupos de línguas os

[3] No período da grande imigração, já existia o conceito de italiano, embora as pessoas estivessem estreitamente ligadas às suas cidades como se fosse a pátria (BURKE, 1995, p. 96). Desse modo, no decorrer deste estudo, traremos a palavra italiano marcada em itálico, para evidenciar que não se trata somente do conceito ligado àqueles que vieram da Itália no referido período, mas também dos *taliani*, grupo que foi se constituindo no Brasil e que "construiram" outra língua. Sendo assim, o *talian* e a língua italiana padrão embora tenham semelhanças, são línguas diferentes.

imigrantes interagiam, pois é preciso considerar que o espaço Sul brasileiro era composto não somente por brasileiros gaúchos, mas também por índios e a própria língua espanhola de fronteira.

O governo brasileiro separou os imigrantes por etnia e não por línguas; assim, em um determinado território, ficaram os imigrantes germânicos e, em outra parte, aqueles que vieram da Itália, sem considerar que esses indivíduos, denominados de italianos, tinham como língua de pertencimento a língua do seu *paese*[4], já que cada região, cidade ou vilarejo possuía seu próprio modo de falar.

Os autores assinalados asseveram que, nos primeiros anos, os vários grupos mantinham cada qual seus dialetos, o que indica que sempre coexistiu uma heterogeneidade linguística. Achard (1989, p. 32) destaca que, nos antigos impérios, "[...] a diversidade das línguas era um fato conhecido, não como uma tara ou uma imperfeição, mas como perfeitamente legítimo [...] nessas sociedades multilíngues, cada indivíduo pratica, assim, várias línguas".

Os dialetos em contato foram sofrendo influências e, aos poucos, foram se misturando e o contato propiciou certas mudanças, consequência natural das interações. De tal modo, a cada ampliação do círculo de interações, mais mudanças ocorriam e interferências da língua portuguesa falada na época aumentaram. Destacamos que não se tem registros, mas é bem possível que línguas como as dos nativos indígenas e a espanhola de fronteira tenham também deixado sua marca nessa língua, como, por exemplo, a palavra *guayaca*[5], de origem quíchua, vocábulo pertencente a um povo nativo chamado *aymará*, que vivia na Argentina, mas que foi incorporada ao *talian*, *c*omo se fosse empréstimo do português. Inclusive, uma das entrevistadas afirma ser uma palavra pertencente ao *talian* (vide Capítulo VII, seção 7.5.2).

Não é possível precisar quantos dialetos eram ainda falados, mas os imigrantes e seus descendentes tinham certa liberdade de se expressarem, seja no seu dialeto próprio, seja na língua que ia se formando, denominada mais tarde de *talian*. No entanto, durante o Estado Novo, que vai de 1937 a 1945, ocorre a propaganda da nacionalização, momento em que se prima por uma língua nacional no Brasil – o português. Vale ressaltar que havia outras intenções além da afirmação de uma língua nacional: o governo brasileiro temia a intervenção dos países que estavam em guerra, já que, no Brasil, os representantes desses falares estavam em número

---

[4] No contexto em questão, a palavra *paese* é definida pelo dicionário Treccani como: *centro abitato di limitate proporzioni*. Um pequeno povoado. Disponível em: <http://www.treccani.it/vocabolario/paese/>. Acesso em: 03 mar. 2016.

[5] Do espanhol de origem quíchua, equivale a cinto largo de couro (FERREIRA, 2004, p. 1009). SILVA, K. F. G. *Imagens de gaúcho: modo de falar, arte de vestir*. Disponível em: <http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao21/artigosic/ic05.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2016.

significativo. Assim, foram proibidas, principalmente, as línguas *italiana*, alemã, japonesa, entre outras. As escolas que ensinavam essas línguas foram fechadas, muitos livros foram destruídos e as festas e rituais religiosos também foram interditados, havendo uma imposição violenta da língua portuguesa.

Apesar das determinações, pessoas e grupos de pessoas possuíam estratégias para continuarem a falar escondidos suas línguas; afinal, muitos ainda não tinham aprendido o português.

Costa (2000, p. 18) expõe que, depois de terminada a Guerra, a repressão diminui, mas instituições – como a escola – se mantinham firmes com o ensino do português. As crianças de origem estrangeira que sabiam falar a língua ensinada eram chamadas de *gringas*, nome pejorativo que indicava pessoa sem estudo e ignorante. Mesmo quando falavam o português, a marca do sotaque e as interferências linguísticas deixavam evidentes suas origens. De qualquer forma, ainda assim, os pais preferiam que seus filhos aprendessem, o quanto antes, a língua do país receptor.

É significativo assinalar que os fatos ocorridos não indicam descontinuidade do uso dos dialetos ou do próprio *talian*; porém há um obstáculo no caminho, um instrumento do governo a mais para desestimular a veiculação dessas línguas. Segundo Frosi e Mioranza (1975, p. 66), a língua portuguesa é imposta como língua nacional de comunicação em nível estadual e nacional. No entanto, no contexto interno das colônias, a língua portuguesa teve maior inserção apenas mais tarde.

Na mesma direção, confirmam Bolognini e Payer (2005, s/n):

> A Campanha de Nacionalização do Ensino não conseguiu apagar totalmente as línguas estrangeiras junto a uma prática de linguagem eminentemente oral. Além disso, no Brasil as variedades do italiano misturaram-se ao português, de modo que em regiões de densa imigração a população fala o português com traços de italiano presentes na fonologia, no léxico, na morfossintaxe e na prática mesclada das línguas, com fragmentos de discursos, provérbios e expressões em italiano e em português.

Entre as décadas de 1920 e 1940, ocorreu um novo processo de migração dos descendentes dos primeiros imigrantes *italianos*. Contudo, é no final da década de 1940 e início de 1950 que a migração toma proporções maiores. Esses descendentes de *italianos* já possuíam seus núcleos familiares e também desejavam um espaço para plantar, com isso, são atraídos pelas terras férteis do Oeste paranaense, repetindo o feito de seus ascendentes. Na verdade, o que acontece é um modo de o governo conseguir que os espaços, ainda não desmatados, fossem trabalhados pelos braços de famílias que já tinham o histórico em desbravamento.

Diante de tal conjuntura, os filhos e netos de imigrados levam com eles a bagagem cultural adquirida e aprendida no ambiente gaúcho ou catarinense, pois, além de terem como naturais certos aspectos da cultura e da língua dos pais ou avós *italianos*, tinham igualmente recebido referenciais do cenário sulista brasileiro. Com efeito, ao migrarem, carregam com eles seus hábitos e costumes que foram transplantados para a região Oeste do Paraná e que, da mesma maneira, somou-se à cultura local.

O momento histórico de migração para o Oeste do Paraná sinaliza para uma possível questão que justifica o tema da presente pesquisa: muitos dos filhos dos imigrados *italianos* saem do Rio Grande do Sul ou Santa Catarina com a bagagem linguística fragilizada, isto é, não podendo falar sua língua e entendendo que a língua das trocas comerciais era o português. Assim, trouxeram também essa situação delicada para a região, isto é, uma língua "escondida", o que justifica muitas declarações que veremos nas análises ora realizadas; ou seja, apesar da afirmação primeira de "não saberem" ou "não falarem" o *talian*, na realidade, os entrevistados "escondem" ou deixam "guardados" muitos conhecimentos linguísticos da referida língua. Durante uma conversa, acabam reavivando suas memórias e verbalizando palavras, frases, provérbios, orações e canções em *talian*. Nesse contexto, há, além disso, os que declaram que, de fato, falam, mas que restringem as conversações para momentos bem específicos, como as visitas aos familiares no Rio Grande do Sul.

Aqueles que migraram se adaptaram às condições da época, pois Cascavel pertencia a uma região com pretensões e ambições políticas; logo, povoar o espaço com gente branca e com histórico de trabalhador braçal era uma condição propícia para a ideologia da época. Outro aspecto que ainda vigorava naquela década era a imposição da língua portuguesa como língua nacional. Se, de um lado, o "oferecimento" de terras era algo bom para esses sujeitos, por outro, até por uma questão de sobrevivência no país, o imigrado tinha que não levar sua língua em consideração. Por conseguinte, tais indivíduos se enquadram nos ideais do governo.

Aparentemente, hoje, a cultura e a língua do imigrado *italiano* demonstram-se debilitadas ou invisíveis, mesmo havendo certos movimentos e indícios na sociedade cascavelense que indicam a presença do *talian* e de seus elementos culturais.

A partir do cenário descrito, acreditamos que seja necessário evidenciar o objetivo primeiro da nossa pesquisa. Desde o início, surgiram algumas dificuldades para a concretização dos propósitos estabelecidos, tendo em vista o município de Cascavel apresentar eventos culturais que envolvem tanto a questão da língua do imigrado *italiano* quanto sua cultura; portanto, esta pesquisa se inicia com uma proposta de investigação centrada em verificar a presença e a situação do *talian* no município de Cascavel, por meio do programa de rádio *Italia*

del mio cuore[6],veiculado em língua *taliana* pela rádio Colmeia AM, do grupo de danças folclóricas *Ladri di cuori*[7] e do coral masculino denominado *Filò*[8], todos ligados à cultura do imigrante *italiano*. Em relação ao coral *Filò*, sabe-se que, de fonte informal, além de executarem canções folclóricas do cancioneiro popular *italiano*, também se reúnem para fazer o tradicional *Filò* – reunião com comidas e bebidas e bate-papo em língua *taliana* (COSTA, 1998 e COLTRO, 2010). Queríamos identificar e, consequentemente, descrever, a partir de observação participante intensiva e entrevista, as possíveis variantes lexicais do português falado na cidade de Cascavel, dentro do discurso oral daqueles que veiculam o *talian.* É importante destacarmos que as apresentações culturais dos grupos citados se caracterizam em momentos nos quais o "culto" à tradição do imigrante *italiano* é fortemente evidenciado. No entanto, houve contratempos quanto ao acesso a esses grupos, com exceção ao programa de rádio que é publicamente veiculado. Notamos que, mesmo com a afeição pela cultura dos próprios antepassados, há um elemento bastante característico no descendente de imigrados *italianos* em Cascavel – a apresentação de um comportamento mais reservado quanto à exposição de sua vida, sua cultura e às festas que envolvem as famílias. Note-se que o que descrevemos não se caracteriza como um julgamento negativo, mas na observação de algumas dificuldades por parte do pesquisador para a realização da proposta primeira deste estudo. Sendo assim, consideramos que a caracterização inicial de pesquisa se definiu como perguntas exploratórias que nos permitiram certificar a pertinência e possiblidade do andamento do processo investigatório. Conforme expõe Bortoni (2009, p. 50), "[...] as perguntas exploratórias estão sujeitas à revisão e modificações". Dessa forma, consideramos oportuno modificar as perguntas do estudo e eleger novos entrevistados para a pesquisa.

Em vista do processo explanado, nosso *corpus* não será composto por pessoas "públicas" que, de algum modo, se apresentam na mídia do contexto cascavelense, mas se constituirá de pessoas comuns, que nem sempre mencionam, proposital e/ou inconscientemente, que são descendentes de imigrados *italianos* ou quaisquer outros elementos da língua e cultura *italiana*. Ao que notamos, muitos cascavelenses não se veem como mantenedores ou conhecedores das raízes culturais dos imigrados *italianos*, muito menos falantes do *talian*; desse caso, a tarefa será descobrí-los.

---

[6] Itália do meu coração.
[7] Ladrões de corações.
[8]Em português, significa **sarau**. O termo *filò* refere-se a encontros noturnos, especialmente no inverno, em que grupos de camponeses se reuniam para se aqueceram do frio rigoroso, conversarem, cantarem e até tratarem de negócios (COLTRO, 2010).

Seguindo tal perspectiva, a questão norteadora da pesquisa é: a cultura e a língua desse descendente de imigrado existem e são conservadas em Cascavel?

A razão deste estudo é justificada pelas seguintes observações por parte da pesquisadora: primeiro, a verificação da lista de pioneiros descendentes de *italianos*, junto ao Museu Histórico de Cascavel, vindo dos estados sulistas; segundo, por notar, em nomes de ruas e placas de homenagem no município, e também por observar sobrenomes de origem *italiana* na lista telefônica, estimando, assim, um número significativo de descendentes de imigrados *italianos* no contexto cascavelense. Ademais, constatamos que há influência gastronômica e religiosa; e, ainda, a utilização de palavras e expressões que pertencem ao léxico do *talian* inseridas no português falado em Cascavel, tais como, *ciuco, pociar*[9], *ciò, sbodegado, spaventado, sacramento!, tuti sani?, ma varda!*, entre outras, as quais serão apresentadas aos entrevistados desta pesquisa para verificação do (re)conhecimento e estarão descritas com mais detalhes no Capítulo II, referente à metodologia.

Percebemos que tais evidências, de algum modo, não têm sido priorizadas, tanto pelos pesquisadores da linguagem quanto por seus próprios falantes, como elemento motivador de manutenção das raízes dos antepassados. A impressão transmitida, ainda que incipiente, é de fato, um "esquecimento", "não aprendizado" ou "não aquisição" de maneira contundente da cultura e da língua dos ascendentes imigrados *italianos*, parecendo, às vezes, até demonstrar certa indiferença. Por assim ser, concordamos com Silverman (2009, p. 252), ao afirmar que "[...] devemos resistir à tentação de chegar a conclusões fáceis apenas porque há evidências que parecem conduzir a uma direção interessante". A direção apontada pelo pesquisador poderia ser a determinação de alguns autores, ao negligenciarem questões linguísticas mais distantes do padrão normativo da língua, afirmando, a partir desse ponto, a morte linguística ou a erosão linguística (RASO, 2003; FROSI e RASO, 2011) de uma determinada comunidade. Há de se considerar que o conhecimento está sujeito a estudos subsequentes e a mudanças de concepções teóricas.

Com base nas citadas percepções, pretendemos entender o percurso, as motivações e consequências, levando em consideração aspectos histórico-político-sociais que contribuíram para o panorama que vemos hoje.

---

[9] Salientamos que o verbo *pociar* existe na língua italiana padrão como pucciare, cujo significado é: "*Intingere in un liquido in modo da rendere zuppo, da imbevere completamente*". *Piemonte:* ***Pucciare****; Lombardia:* ***Pucciare***. Disponível em: <http://www.treccani.it/enciclopedia/ricerca/pucciare/>. Acesso em: 03 mar. 2016.

Nossa curiosidade científica leva-nos a investigar se, de fato, o esquecimento, a indiferença ou o não conhecimento da língua/cultura se comprovam. Tal pergunta nos permitiu um olhar diferenciado para o contexto cascavelense e a definição do nosso objetivo geral: verificar, por meio de entrevistas com descendentes de *italianos* de três gerações – jovens, adultos e idosos – o que suas falas/discursos revelam sobre ser descendente de *italiano.* De maneira mais específica, queremos refletir sobre alguns aspectos atrelados à memória social, baseada nas discussões de Halbwachs (1990) e analisar: a) o que permanece da língua e cultura do imigrante *italiano* (consciente ou inconscientemente); b) quando dizem que – "não sabem nada", que "não aprenderam nada" – se isso, de fato, é verdadeiro; c) o que está implícito nesse contexto em que uma determinada língua nascida da imigração – o *talian* – existe, mas aqueles que a falam não se identificam com tal; e d) quais fatores contribuíram e contribuem para que haja língua e cultura encobertas.

Acreditamos, em concordância com Penna, que, ao ativar a memória, é possível retomar certas experiências com a língua e a cultura. Logo: "[...] a linguagem não apenas expressa a experiência, mas antes a constitui" (Penna, 2002, p. 90).

Sabemos que o estigma sofrido por imigrantes e descendentes durante a lei de Vargas, ao proibir a língua de imigração, foi bastante repressor e violento. O governo instaurou recursos de controle para que "as minorias" linguísticas fossem caladas e, além da proibição, houve outras situações que exigiram a necessidade de adequação à cultura brasileira, como as relações socioeconômicas e um contato maior com televisão e rádio. No entanto, há de se ponderar sobre o que existe por trás do esquecimento e do silenciamento (TEDESCO, 2001). Para muitos, a obrigação da adesão à cultura nacional brasileira implicou esquecimento coletivo. Naquele momento, para o imigrante, silenciar-se era o melhor a fazer. Em Bourdieu (1998), podemos notar que a língua oficial é estabelecida pela imposição de uma única língua a todos os falantes. O que passamos a perguntar é: quem são os agentes da imposição, pois já sabemos que uma lei nem sempre é suficiente para efetivar a imposição. Quem impõe? Com quais recursos? Quem cumpre ou deixa de cumprir? Até que ponto é possível obedecer a essa imposição?

Vale destacar que, apesar das leis que institucionalizam a proibição e apesar da aparente decisão tomada, por razões individuais ou sociais, de alguns imigrantes de não ensinarem seus filhos a falarem, seja seu próprio dialeto, seja a língua que ia se formando – o *talian*, o esquecimento não ocorreu com todos. Ainda que existam estatísticas com números, apresentando a morte de uma determinada língua, há de se considerar o não dito. Não expor sua fala ou seu conhecimento da língua não significa que não a saiba, podendo a conformidade ser somente aparente. Se olharmos com atenção as narrativas, os relatos, poderemos descobrir,

baseados na perspectiva de Bourdieu (1998), que essa língua existe, se realiza no cotidiano, está presente nas relações familiares e no seu próprio idioleto. Talvez o *talian* esteja misturado ao português que, ao ser veiculado, traz incorporada nas estruturas, no léxico e no sotaque a "*outra língua*". A autora Schlieben-Lange (1993, p. 94) coloca alguns questionamentos sobre quem seria, efetivamente, um falante de ocitano:

> Aquele que usa no seu dia-a-dia, aquele que o usa de vez em quando, aquele que o entende, mas quase não o usa mais? Ou seria aquele que diz de si mesmo que sabe falar ocitano fluentemente e que o usa diariamente, mas que, na realidade, somente domina algumas expressões idiomáticas? Ou finalmente aquele que diz que não fala e não entende nenhuma palavra em ocitano [...] mas que mal viramos as costas para ele, já começa a falar? Como se pode então contar os conhecedores e falantes do ocitano?

Ao refletirmos sobre a proposição anterior, entendemos que, nem sempre, é fácil encontrar pessoas bilíngues ou mantenedores fervorosos das raízes culturais. Vários são os fatores que favorecem o silêncio, sendo um deles o mundo cada vez mais mercadológico que impele o indivíduo a desconsiderar o que é "velho" e envolver-se, cada vez mais, com o que é "novo e moderno", mesmo que não se dê conta disso. Tocante a essa questão, Giddens (2002) refere-se à "alta modernidade", cuja concepção destaca a fluidez e a mobilidade das identidades sociais que vivemos nos tempos modernos. Na mesma direção, conceitua Bauman (2001) sobre os "poderes de derretimento" da modernidade que, com toda fluidez, conseguem romper fronteiras.

Diante da perspectiva que se apresenta, nossa tese é a de que, mesmo com o aparente esquecimento, a aparente falta de interesse em reavivar essa língua e cultura, é possível, por meio da ativação da memória, que cultura e língua sejam relembradas, ainda que não totalmente.

Dentre as várias justificativas desta pesquisa, destacamos a pertinência do contexto cascavelense e acreditamos, também, que o nosso estudo se somará a vários outros que visam a contribuir para dar mais visibilidade ao *talian*. Assim, desvelar o *talian* em Cascavel contribuirá para a revitalização da identidade dos antepassados imigrados, tornando-o mais vivo.

Sob esse prisma, as reflexões teóricas serão tomadas, aqui, como norteadoras para a compreensão dos fatores que corroboram a situação de velamento da língua e cultura do descendente de *italiano* em Cascavel e para a análise dos dados.

Sobre a situação do *talian* em Cascavel, que desejamos desvelar, foi imprescindível a escolha de teorias que dialoguem, que trabalhem em conjunto para a compreensão da linguagem como um fato social. Conforme podemos observar em Moita Lopes (2004, p. 117), pretendemos realizar uma pesquisa que se interesse "[...] pela voz do outro, isto é, por ouvir o que o outro está dizendo com a finalidade de analisar como suas ideias se coadunam com as perspectivas que se tenha".

Para o nosso estudo, concordamos que o primeiro passo a ser dado para expor contextos bilíngues e seus elementos culturais é possibilitar ao "outro" a voz, dar espaço para expor sua vida, suas atitudes, suas opiniões. É dar ouvido às suas memórias. O "outro", ao qual nos referimos, será tratado, nesta pesquisa, como o "leigo" – seja um estudioso que escreve sobre o *talian*, seja o falante pouco escolarizado.

Para responder as perguntas da pesquisa, dialogaremos com autores de correntes teóricas como Sociologia da Linguagem, Linguística Aplicada, História, Sociologia, somadas a estudos linguísticos e sociolinguísticos do *talian*, além de estudiosos de outras áreas que defendem e escrevem sobre e na citada língua. A seguir, portanto, definimos os autores principais.

Para questões concernentes à linguagem, nossa base está em Shlieben-Lange (1993), Rajagopalan (2002, 2003 e 2007), Bakhtin (1996, 2000), Hagège (2000), Bagno (2002, 2003, 2011), Vermes e Boutet (1989), Achard (1989), Milroy (2011) e outros teóricos que serão citados ao longo deste estudo. No que tange às questões relacionadas à identidade, memória, ideologia e poder imbricados à linguagem, os autores que nos darão suporte são Bourdieu (1998), Certeau (1982), Hall (2006), Burke (2003, 2006 e 2010), Rossi-Landi (1985), Halbwachs (1990), Pollak (1989), Nora (1981), Bosi (1994 e 2003), Joutard (2007), Ricoeur (2014), Bernandi (2005) entre outros. Para a compreensão do *talian*, lançaremos mão, principalmente, de Frosi (1998, 2011), Carboni (1998), De Boni (1982, 1983,1987), Manfroi (1975 e 1979), Mioranza (1975), Costa (1987, 1998, 2003), Luzzatto (1993,1998, 2000), Tonial (1997, 1998), Maestri (2000 e 2004) e Tedesco (2000 e 2001).

A estrutura desta tese será dividida em sete capítulos com as necessárias seções e subseções. No primeiro capítulo, ocupamo-nos da apresentação do contexto histórico. Para tanto, apontamos, em linhas gerais, o contexto da colonização do Brasil e como as línguas de povos "desprestigiados" foram dizimadas e ou relegadas, a fim de situar como se deu a ocupação da região Oeste do Paraná. Como subseção, focalizamos as migrações dos descendentes de imigrados europeus, especificamente de *italianos*, e como o município de

Cascavel se desenvolveu a partir do estabelecimento desses indivíduos e compreendermos como fatores sócio-históricos e políticos influenciaram no velamento do *talian.*

O segundo capítulo é dedicado aos aspectos metodológicos para a realização da pesquisa qualitativa. Por assim ser, evidenciamos e descrevemos as técnicas utilizadas para a coleta de dados e a descrição do *corpus*, cuja seleção perpassa três gerações: jovens, adultos e idosos. Nesse capítulo, seguem, também, a definição das perguntas para a entrevista e a abordagem do pesquisador. Nas subseções seguintes, esboçamos como se deu a observação simples da sociedade cascavelense desde eventos públicos a espaços e monumentos históricos da cidade que indicam traços da cultura dos pioneiros descendentes de imigrados italianos. Apresentamos alguns dados em forma de tabelas, com informações preliminares, para dar direcionamento ao leitor.

No terceiro capítulo, trouxemos referências de como teria se formado o *talian* e como se dá a "escolha" do nome dessa língua. Dedicamos uma seção para refletirmos sobre a heterogeneidade linguística, questionando como alguns estudiosos têm tratado línguas e comunidades com semelhanças como se fossem homogêneas. Em seguida, destacamos a posição atual do *talian*: o processo do seu reconhecimento como língua e os meios midiáticos de divulgação que corroboram seu resguardo.

O quarto capítulo será dividido em duas seções para tratar sobre as pesquisas referentes ao *talian*: a primeira concerne ao posicionamento dos pesquisadores da academia e suas linhas de pesquisa; a segunda reflete sobre como o público leigo ou o estudioso sem formação linguística concebe essa língua. Na subseção da segunda parte, dedicamo-nos a refletir e refutar os pressupostos teóricos de "morte de língua".

No capítulo sequente, o quinto, elencamos três agentes promotores que corroboraram/corroboram o silenciamento e velamento da língua e cultura *talianas.* São agentes marcados ideologicamente que impõem como verdade absoluta um só modo de pensar e só uma língua a falar, isso é irrefutável durante o governo de Getúlio Vargas, o qual tem como marca a valorização do nacional. O segundo agente apontado é a imposição de uma cultura hegemônica, que busca indivíduos mais globalizados e menos ligados às suas raízes tradicionais. Já o terceiro agente está na esfera das produções acadêmicas científicas que enaltecem a língua padronizada.

No sexto capítulo, discorremos acerca do papel da memória em relação à linguagem. Tratamos da relevância da memória coletiva transmitida às gerações posteriores como possibilidade de serem reavivadas, tanto para o idoso quanto para o jovem. Discutimos, ainda, o papel que o idoso desempenha na transmissão de valores e costumes à geração mais nova. E

refletimos sobre o significado da palavra, cujo valor pode ser percebido mediante a verbalização.

No sétimo capítulo, organizado em quatro seções, encontram-se as análises realizadas a partir das entrevistas. A primeira apresenta trechos das entrevistas que indicam um aparente esquecimento ou não aprendizado do *talian* com três subseções, trazendo excertos que apontam e justificariam o fato afirmado pelos entrevistados. Na seção seguinte, estão especificados segmentos que marcam as lembranças sobre os elementos culturais; na terceira, como suas falas deixam transparecer a ideia de moderno e rudimentar e como isso está ligado à própria concepção do *talian*; e, na quarta, relatos sobre as influências dos idosos na manutenção da memória. Na quinta e última seção, está o elenco de palavras que fazem parte da entrevista, com o intuito de despertar certas lembranças e verificar se, realmente, não sabiam nada da língua dos antepassados.

Finalmente, a útima parte apresenta a conclusão com considerações que versam sobre as teorias que fundamentaram nosso estudo.

CAPÍTULO I – CONTEXTO DA PESQUISA

1.1 Compreendendo a ocupação do Oeste do Paraná e a formação do município de Cascavel

Para iniciar a história do município de Cascavel, consideramos necessário entender como ocorre o processo de interesses pelas terras paranaenses e, principalmente, no que se refere à região Oeste desse estado. Antes, entretanto, salientamos a relevância da história nacional para a colonização do Oeste paranaense e de Cascavel. Por esse prisma, alguns fatos históricos serão a seguir apresentados.

O território onde hoje é o Estado do Paraná era habitado por índios nativos. Os portugueses, no período da colonização do Brasil, já iniciavam a busca por riquezas como ouro, pedras preciosas e minérios. Em 1532, surge o povoado de São Vicente, no Estado de São Paulo, primeiro local da colonização de Portugal. Conforme Sperança (2006, p. 10), a expedição de Pero Lobo, capitão do galeão São Vicente, nessa mesma época, amplia a busca pelo ouro no futuro Estado do Paraná.

É interessante frisar que, no tempo das bandeiras, muitos índios são mortos e capturados para serem escravizados. Em continuidade com Sperança (2006, p. 12), “Em 1558, a primeira bandeira a apreender índios pelo vasto sertão regional foi chefiada por Jerônimo Leitão [...]”, um dos pioneiros das grandes apreensões e escravização de índios. Já em São Paulo, em áreas próximas ao litoral, havia escassez de índios Carijós e essa situação impulsionou os bandeirantes a explorarem as matas em direção ao Oeste paranaense.

No início do século XVII, então, os bandeirantes invadiram terras que pertenciam ao Reino da Espanha e prenderam nativos indígenas para mão de obra nas fazendas paulistas. Além disso, atacaram, de maneira brutal, as Reduções Jesuíticas estabelecidas naquela região (COLODEL, 1988, p. 33).

Notamos que, desde o início, no território brasileiro, já havia povos indígenas com suas culturas e suas línguas; o Europeu, assim, entra em cena a fim de explorar o Brasil. Nesse sentido, não se deu uma convivência pacífica, pois, para o homem “civilizado”, era necessário usufruir dos bens brasileiros e, para tanto, o índio devia ser dominado. Sem a submissão, os bandeirantes utilizaram mecanismos de repressão para “humanizar” o índio, implicando sua escravização e morte. Os povos indígenas, consequentemente, foram perdendo sua autonomia cultural e linguística.

Ressaltamos que, no Norte do Brasil, na região amazônica, não foi diferente: o cenário multilíngue era predominante. No entanto, as tropas portuguesas assombravam os índios, escravizando-os e “doutrinando-os”. O contexto nessa região se definiu com características diferentes, formando-se ali a língua geral, pertencente à família linguística tupi-guarani, que abrange várias outras línguas indígenas, denominada *nheengatu* (BESSA FREIRE, 2011).

No litoral paulista, formou-se a língua geral paulista, falada por índios e bandeirantes, que, por onde passavam, levavam consigo essa língua.

Os jesuítas também tiveram um papel marcante com os indígenas no Brasil, conforme podemos notar em Sperança (2011, p. 13): a “Companhia de Jesus” foi criada por Inácio de Loyola em 1534, aprovada pelo Papa Paulo III (1468-1549) em 1540, levando ao Novo Mundo frentes de colonização, aldeamento, catequização de indígenas e estabelecimentos religiosos e educacionais.

Vale lembrar que Anchieta foi um grande personagem: transcodificou a língua tupi e foi o primeiro lexicógrafo e gramático da língua dos nossos indígenas. Os seus estudos sobre a língua tupi são únicos e marcam o testemunho da língua utilizada naquele momento. Não obstante, consideramos que os "prodígios" científicos não justificam o modo violento da catequização.

Segundo Rodrigues (1986, p. 05), no Sul, entre os rios Paraná e Paraguai:

> Desenvolveu-se uma situação de contacto entre colonos espanhóis, predominantemente homens, e índios guaranis, bastante semelhante à que se produziria em São Paulo, com o surgimento de uma crescente população mestiça cuja língua materna era o *guarani* e não o espanhol[...] Esta língua geral é hoje o *guarani criollo* [...]

Assim, buscou-se sempre a hegemonia do português, que inicia com as línguas indígenas no Brasil, depois com a língua do negro escravizado e, posteriormente, com as línguas de imigração. Sucumbir a língua do “outro” significava dominar, ou seja, sufoca-se a língua, doma-se o indivíduo e sua cultura.

No período descrito, é possível ter uma ideia de quem transitava pelos lados do Oeste do Paraná e com quais intenções. Sperança (2011, p. 07) se reporta a dois momentos importantes que permearam, significativamente, o desenvolvimento de Cascavel:

> As fontes de Cascavel se encontram, portanto, nesses dois movimentos: o regime de exploração pontificado pelas obrages[10]. A outra frente destinada a viabilizar a penetração na mata e celebrar o encontro entre as frentes do rio Paraná e da herança tropeira seria organizada com a formação de Guarapuava.

O município cresce a partir da exploração da erva mate, muito comum na região Oeste, e, depois, por meio da exploração da madeira. Segundo relata Sperança (2011, p. 33), o governo imperial, na metade do século XIX, fornece áreas de terras a várias companhias estrangeiras, com a intenção de colonizar e construir estradas férreas que integrassem outras regiões. Entretanto, essas companhias obrageras extraem tanto a erva mate quanto a madeira, contrabandeando-as para a Argentina. Vale ressaltar que, por meio dos pontos de coletas da erva mate, apareceram alguns povoados, entre eles, aquele que será Cascavel.

Mais adiante, por volta de 1731, inicia-se, no Sul do Brasil, um novo ciclo econômico, denominado de tropeirismo, que consistia na compra de grande quantidade de mulas vindas do Rio Grande do Sul, Uruguai e da Argentina. O Paraná era caminho dos tropeiros que paravam para descansar nos Campos Gerais. Tropeiro significava o indivíduo que se deslocava com as tropas de animais e também grupos de colonos e ervateiros. Esses indivíduos foram fundamentais para a colonização do Oeste e o surgimento do povoado de Cascavel. Desse modo, Sperança (2011, p. 21) expõe que "[...] o deslocamento dos tropeiros criaria novos pousos e acampamentos, muitos dos quais tornados os germes de futuras cidades do Paraná".

Em 1853, o Paraná foi desmembrado de São Paulo, ponto positivo para que, na continuidade, colonos imigrantes *italianos* ingressassem no Paraná, estabelecendo-se em colônias próximas à Paranaguá, Curitiba, nas regiões de Morretes e Antonina.

Anos passados, em 1895, o ervateiro Augusto Gomes de Oliveira construiu uma estrada rústica, às margens do rio Cascavel, que foi muito importante para o desenvolvimento da região e formação de cidades. A extração do mate na época contribuiu para o aparecimento de várias trilhas que propiciavam o trânsito de colonos, obrageiros e expedições, constituindo, também, elemento motivador para maiores povoamentos.

Conforme a região ia sendo povoada, mais recursos eram necessários, como a construção da rodovia ligando Foz do Iguaçu a Boa Vista.

No final do século XIX, diversas ondas emigratórias europeias encaminharam-se para a América, dentre as quais a de origem germânica, *italiana*, eslava, entre outras. No Brasil, estava se construindo uma nova sociedade e a presença desses imigrantes era necessária para alcançar

---

[10] Em FERREIRA (2004, p. 1422): "termo específico da região do Paraná lugar próximo à barranca de um rio, onde se corta e prepara a madeira destinada a descer a água".

o “progresso”. Para as autoridades brasileiras, era preciso povoar os “espaços vazios”, e o imigrante representava o elemento estratégico, pois, por meio dele, seriam introduzidas no país novas técnicas agrícolas e uma concepção europeia de trabalho, diferente daquela da escravidão. Por esse prisma, a introdução do imigrante branco, livre e trabalhador, era vista como a solução para a construção de uma nova nação. Todos esses fatores de ocupação e colonização representavam mais uma forma de controlar o país (NADALIN, 2001).

No período do fim da I Guerra Mundial, a região do Oeste do Paraná mantinha firme a extração da erva-mate, juntamente com a exploração da madeira. Em Colodel (1988, p. 53), podemos verificar que:

> Durante toda a conjuntura em que se processou a exploração da erva mate e da madeira no Oeste do Paraná por companhias estrangeiras, a maioria quase absoluta da mão de obra empregada nessas atividades exploratórias era composta por paraguaios, os chamados guaranis modernos: mensus ou peões.

Já em 1920, chegam à região de Santa Helena 200 famílias de agricultores gaúchos de origem alemã e italiana (SPERANÇA, 2011, p. 76). Salienta-se que esse foi o primeiro grupo de descendentes de *italianos* a migrar para o Oeste. Houve, também, no interior do Oeste paranaense, imigração eslava; seus representantes eram também agricultores e acabavam inserindo seus hábitos e costumes.

A lei do nacionalismo nos anos 20 e a expulsão de colonos em razão da minifundiarização das propriedades no Nordeste gaúcho impelem imigrantes e seus descendentes a buscarem terras devolutas. Getúlio Vargas apodera-se das terras ervateiras no Oeste paranaense e as entrega às colonizadoras gaúchas.

Conforme Sperança (2011, p. 79), “[...] os pioneiros de 1922 já chamavam o local de Cascavel”, primeiro porque era comum aos tropeiros encontrar ninhos de cobras cascavéis, depois, em razão do nome do rio Cascavel. No entanto, o Monsenhor Guilherme de Foz do Iguaçu batizou a cidade de Aparecida dos Portos, porque acreditava que o nome da serpente representava um símbolo maligno.

De um lado, a Coluna Paulista, comandada por Izidoro Dias Lopes, penetra o Paraná rumo à região Oeste. Esse movimento contava com, aproximadamente, três mil homens, contra dez mil soldados das forças governamentais, comandados pelo General Rondon. Do outro lado, vinha, em defesa do Paraná, a Coluna Prestes, liderada pelo capitão Carlos Prestes.

De acordo com Colodel (1988, p. 38), “[...] a passagem das tropas rebeldes e legalistas em 1924-25 foi acompanhada de perto pelos olhares curiosos e assustados dos colonos que

vinham se estabelecendo no Oeste desde o início daquela década". Nesse caso, a Revolução Paulista serviu para que o Oeste do Paraná acabasse se tornando conhecido, já que sofria com o abandono do governo. Tal fato colocou Cascavel, pela primeira vez, no mapa da história do Brasil (SPERANÇA, 2011, p. 92).

Do mesmo modo, atesta Colognese (2004, p. 79), ao expor que a passagem da 'Coluna Prestes' pela região, na década de 1920, evidenciou o estado de abandono das áreas de fronteira pelo Brasil.

Enquanto Sugimoto (2005, p. 12) destaca a importância que esse feito significou: "[...] 21 gaúchos partiram para uma extenuante viagem até o extremo Oeste do Paraná, só alcançando o destino graças a trilhas abertas pela tropa do Marechal Rondon em perseguição à Coluna Prestes".

As medidas nacionalistas do governo Getúlio Vargas com a política de 'Marcha para o Oeste', a partir de 1930, identificou a referida região como uma área estratégica de interesse nacional, a fim de desenvolver o interior do Brasil com base na valorização da brasilidade.

Em 1934, o Paraná registrou o ingresso de, pelo menos, 1.400 imigrantes de origem *italiana*. Passados nove anos, em 1943, portanto, chega a Cascavel o primeiro grupo de migrantes de colonos descendentes de italianos provenientes do Estado do Rio Grande do Sul (SPERANÇA, 2011).

Além disso, as crises e incertezas provocadas pelas guerras mundiais cooperaram para que as companhias estrangeiras que operavam no Oeste do Paraná fossem desativadas, e os espaços de terras férteis ficaram à disposição para novos investimentos de empresas nacionais.

Apresentar um retrospecto histórico, enfatizando o que acontece até chegar a povoação e construção do Oeste do Paraná, tem como finalidade evidenciar que, desde a época da colonização europeia, houve um esforço para que índios, negros e, em seguida, imigrantes fossem submetidos a uma ditadura linguística. Ao alcançar a submissão da língua, consegue-se a submissão social e econômica (CARBONI e MAESTRI, 2003, p. 11). Conforme notamos, a busca por uma língua nacional baseia-se na hegemonia da língua de prestígio, em detrimento da língua das classes "inferiores". Reiteram-se formas com as quais autoridades mantêm o controle do país. Então, o estabelecimento do Português Brasileiro (PB) bem mais tarde, em oposição ao Português de Portugal (PP), coroa essa empreitada.

Com o processo que apresentamos, queremos refletir também, neste capítulo, sobre como se deu a formação do "nacional" no Brasil, isto é, de uma política de institucionalização oficial do português no território nacional. Em primeiro lugar, a imposição da língua do colonizador – a língua portuguesa. Além disso, silenciar, apagar outras línguas faladas em

território brasileiro, as indígenas, as africanas, línguas de imigração e, sem contar, línguas de fronteira. Da sucessão de acontecimentos, vai se compondo o mito da unidade linguística.

É importante esclarecer que, ao abordar tais questões, queremos reconhecer a diversidade linguística existente no Brasil e afirmar que essa não prejudica a unidade nacional; ao contrário, só enriquece. Ter uma língua oficial não significa que não existam outras variedades nem outras línguas faladas num mesmo território.

A linguagem no Brasil se moldou pelos momentos históricos, pelos interesses políticos, pelos conflitos ideológicos; em outras palavras, foi determinada por quem estava no poder. Nesse aspecto, Carboni e Maestri (2003, p. 61) apontam que

> Os colonizadores lusitanos, espanhóis, franceses, etc. estavam inseridos em tradição cultural classista, expansionista e mercantilista que fazia *tabula rasa* das culturas e civilizações com quem entravam em contato. Essa visão de mundo determinou os signos linguísticos criados ou determinados na exploração do novo mundo.

Entretanto, nem por isso, deixou de haver interação com as “culturas oprimidas”. As línguas em contato sempre exerceram e exercem mútuas influências sobre as outras e vão além da influência lexical. Conforme Weinreich (2008), o contato e a interferência têm relações interlinguísticas. Basta observar, por exemplo, a língua e a cultura do tupi guarani no português falado no Brasil, assim como significativos elementos culturais. Acrescentam-se, ainda, as influências das culturas dos povos imigrantes e, também, dos negros escravizados. Vale lembrar que o negro é excluído como povo que contribuiu para a construção da história e cultura do Brasil. Quando se abordam questões de cultura e língua das minorias linguísticas, estas são tratadas desde uma visão folclórica.

É pela perspectiva da língua como fator social, portanto, heterogênea e suscetível a mudanças e misturas, que assumimos nossa postura na presente pesquisa e, assim, objetivamos compreender o que possa ter ocorrido com a língua dos descendentes de imigrantes *italianos* no contexto cascavelense.

1.2 Do Rio Grande do Sul a Cascavel – composição étnica

Compreender o modo como o referido município é formado e o perfil de quem o colonizou confere significado primordial para este estudo. A percepção do cascavelense descendente de *italiano* dá respaldo para o entendimento das observações e relatos ora realizados.

Sendo assim, no presente subcapítulo, nos deteremos nas razões que incentivaram os descendentes de imigrados *italianos* a saírem do seu primeiro lugar de estabelecimento, em busca de novos rumos.

Os motivos vão além da vontade de desenvolver um trabalho mais autônomo, longe dos familiares. Ocorre que o trabalho do colono *italiano* se limitava com o passar do tempo, pois os filhos dos imigrantes também almejavam um pedaço de terra que fosse somente seu. A respeito da migração gaúcha, Simon (2009, p. 05) destaca que "[...] o que sempre me impressionou mais foi a saída em massa dos nossos agricultores, que formam a corrente migratória de longe a mais numerosa deste país". Isso sem contar os gaúchos que foram para os países vizinhos, Paraguai, Argentina, Uruguai, Bolívia, criando-se uma cultura migratória de expansão da colonização no Sul do Brasil. É válido ressaltar que tal cultura vigora até os dias de hoje (TRISTONI, 2016).

E Rovílio Costa (2000, p. 10) expõe o mesmo fato: "[...] quando já não havia terras no Rio Grande do Sul, muitos descendentes foram buscá-las no Mato Grosso, no Mato Grosso do Sul, em Goiás, no Paraná, em Santa Catarina e também em outros estados".

Levando em consideração o grande número de imigrantes *italianos* fixados no Estado do Rio Grande do Sul, podemos afirmar que se trata não mais do descendente de imigrante *italiano*, nem somente do gaúcho, mas do ítalo-gaúcho.

Estabelecidos no Rio Grande do Sul, os primeiros imigrantes *italianos*, ao envelhecerem, já pensavam em como dividir suas terras com seus filhos, que, aliás, eram muitos. A quantidade de filhos se justificava, também, pela necessidade de mãos para ajudar no trabalho da lavoura, na lida da casa e com os animais. Conforme Simon (2009, p. 23), "[...] em média, uma propriedade de colonização tinha 25 hectares. Ora, a sua divisão entre vários filhos inviabilizaria a sustentação econômica de qualquer um deles".

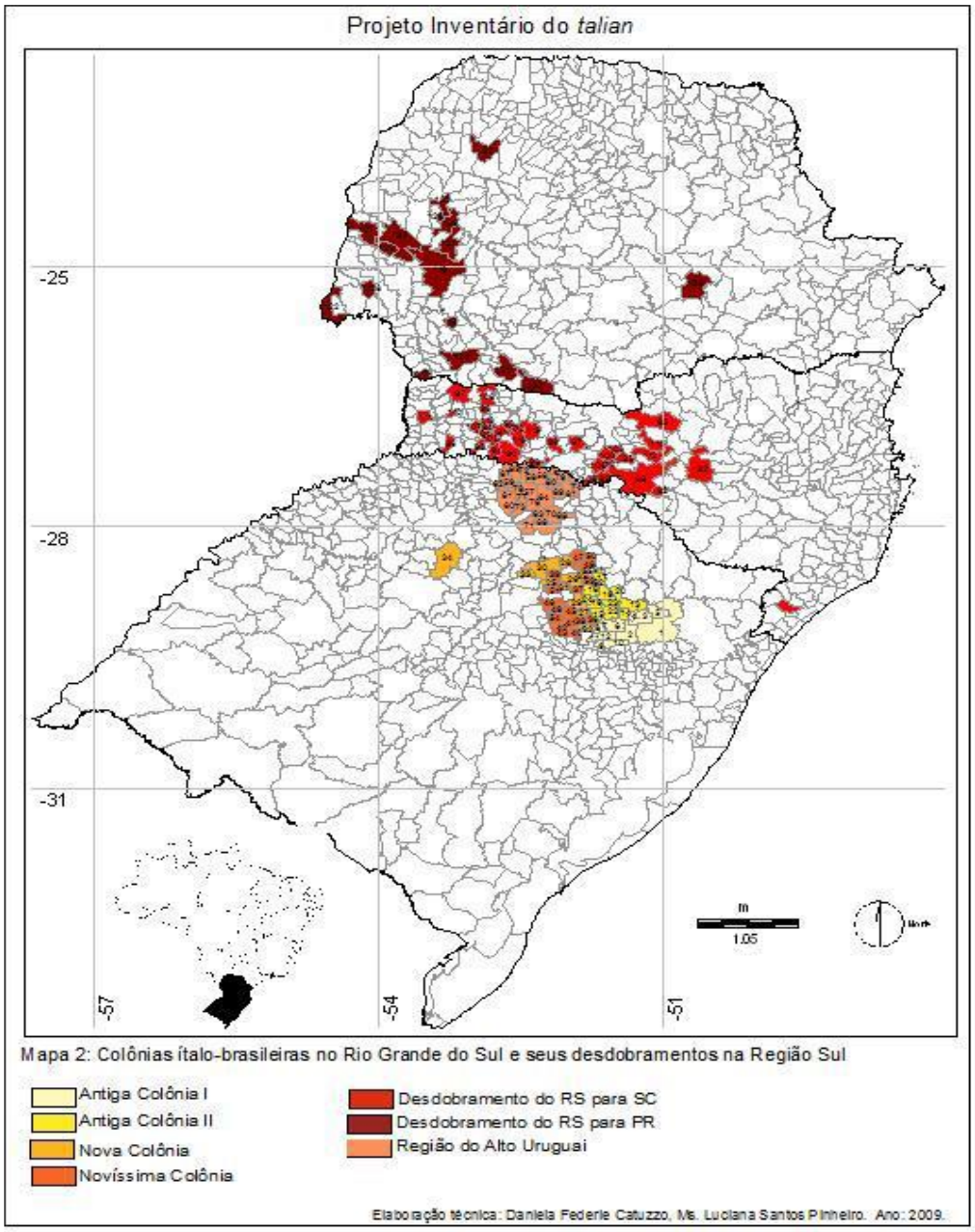
Sem espaço suficiente para trabalhar e manter sua família, sem nenhum incentivo do governo local, o descendente é atraído, então, pelas terras do Oeste de Santa Catarina e Sudoeste e Oeste do Paraná. Como já mencionado anteriormente, o Governo brasileiro sabia bem que tipo de pessoa seria capaz de desmatar outras áreas ainda não povoadas e onde havia pequenos

vilarejos; sabia que ali o imigrante estrangeiro poderia trabalhar e se adaptar de acordo com os moldes pretendidos.

Da parte do descendente, a necessidade de explorar novas terras para a obtenção de sucesso financeiro e, da parte do governo, a necessidade de povoar esses espaços próximos às fronteiras. Assim, esses “filhos da imigração” se dispuseram a repetir o pioneirismo dos antepassados. Atraídos por espaços nunca tocados, primeiramente no Oeste de Santa Catarina, e, em seguida, aqueles que ali não conseguiram se fixar rumaram para o Sudoeste e o Oeste paranaense.

A fim de dar maior contextualização e visualizar o estabelecimento das primeiras colônias *italianas* no Rio Grande do Sul e também as subsequentes migrações que partiram dali, trazemos do Inventário do *Talian* (2010) um mapa que evidencia os desdobramentos para várias localidades, inclusive a região Oeste do Paraná:

Figura 1 – Colônias ítalo-brasileiras no Rio Grande do Sul e seus desdobramentos na Região Sul



Fonte: Inventário do *Talian*. 2010, p. 06.

De maneira mais detalhada, o inventário expõe, também, a lista dos municípios identificados no mapa anterior, entre eles, Cascavel, identificado pelo número 119:

Tabela 1 – Municípios das Colônias ítalo-brasileiras na Região Sul

Rio Grande do Sul	46. Anchieta	91. Coronel Freitas
1. Caxias do Sul	47. Chapecó	92. Cunha Porã
2. Farroupilha	48. Dionísio Cerqueira	93. Entre Rios
3. Flores da Cunha	49. Florianópolis	94. Guaraciaba
4. Nova Pádua	50. Guatemala	95. Herval d'Oeste
5. São Marcos	51. Nova Alvorada	96. Ipumirim
6. Bento Gonçalves	52. Nova Araçá	97. Iraí
7. Monte Belo do Sul	53. Paraí	98. Itá
8. Santa Teresa	54. Pinhalzinho	99. Ita
9. Boa Vista do Sul	55. Vanini	100. Joaçaba
10. Carlos Barbosa	56. Arabutã	101. Lacerdópolis
11. Coronel Pilar	57. Barão de Cotegipe	102. Lageado Grande
12. Garibaldi	58. Barra do Rio Azul	103. Luzerna
13. Antônio Prado	59. Benjamin Constant do Sul	104. Nova Erechim
14. Nova Roma do Sul	60. Campinas do Sul	105. Nova Itaberaba
15. Cotiporã	61. Cruzaltense Ponte Preta	106. Ouro
16. Fagundes Varela	62. Entre Rios do Sul	107. Pinhalzinho
17. Gravataí	63. Erebango	108. Piratuba
18. Nova Bassano	64. Erechim	109. São Lourenço do Oeste
19. Nova Prata	65. Erval Grande	110. São Miguel da Boa Vista
20. Protásio Alves	66. Estação	111. São Miguel do Oeste
21. São Jorge	67. Faxinalzinho	112. Tangará
22. Veranópolis	68. Floriano Peixoto	113. União do Oeste
23. Vila Flores	69. Gaurama	114. Videira
24. Vista Alegre do Prata	70. Getúlio Vargas	115. Xanxerê
25. Camargo	71. Ipiranga do Sul	116. Xaxim
26. Casca	72. Itatiba do Sul	Paraná
27. Dois Lageados	73. Jacutinga	117. Barracão
28. Gentil	74. Marcelino Ramos	118. Boa Esperança do Iguaçu
29. Guaporé	75. Mariano Moro	119. Cascavel
30. Marau	76. Paulo Bento	120. Cleuenbida
31. Montauri	77. Ponte Preta	121. Corbélia
32. Muçum	78. São Valentim	122. Foz do Iguaçu
33. Nicolau Vergueiro	79. Seuerfano de Almeida	123. Formosa do Oeste
34. Santa Bárbara do Sul	80. Três Arroios	124. Francisco Beltrão
35. São Domingos do Sul	81. Vaditibos	125. Imbituva
36. São Valentim dos Sul	Santa Catarina	126. Iracema do Oeste
37. Serafina Correa	82. Abdon Batista	127. Marechal Cândido Rondon
38. Vespasiano Correa	83. Águas de Chapecó	128. Medianeira
39. Vila Maria	84. Águas Frias	129. Nova Aurora
40. Encantado	85. Caçador	130. Ouro Verde do Oeste
41. Doutor Ricardo	86. Caibi	131. Pato Branco
42. Relvado	87. Campo Erê	132. Tapejara
43. Nova Bréscia	88. Campos Novos	133. Toledo
44. Coqueiros do Sul	89. Capinzal	
45. Arta Gorda	90. Chapecó	

Fonte: Inventário do *Talian*. 2010, p. 07.

No início do século XX, as terras do Norte e do Nordeste do Rio Grande do Sul já estavam integralmente ocupadas, de modo que os filhos dos imigrantes, tanto de *italianos* quanto de alemães, ali estabelecidos começaram a adentrar o território catarinense, pelas florestas (ver mapa preliminar, indicações na cor vermelho). Naquela região catarinense, foi-se reproduzindo o modelo dos seus ancestrais imigrantes, que praticavam uma agricultura de subsistência.

Na década de 1930, iniciou a vinda de migrantes para a região Oeste do Paraná (mapa prévio, legenda na cor vermelho escuro), atraídos pela extração da madeira. Eram grupos de migrantes agricultores descendentes de *italianos*, alemães e poloneses, conforme podemos confirmar em Colognese (2004, p. 25-26):

> No período em que se desenvolveu a maioria da imigração italiana para ao Brasil, principalmente até as décadas de 1920 e 1930, na maior parte das regiões oeste e sudeste dos estados de Santa Catarina e Paraná, permaneceram imensas áreas de densas florestas. Foi com altas taxas de natalidade e com a exaustão dos solos nas antigas colônias, que as famílias de imigrantes italianos de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul passaram a se engajar em novos

> projetos de colonização, projetando-se especialmente para as regiões oeste e sudoeste de Santa Catarina e do Paraná e, posteriormente, inclusive para outras regiões do país.

No litoral paranaense e nos arredores da capital, a imigração *italiana* teve características específicas, segundo Colognese (2004, p. 74); entre elas a instalação em áreas próximas a territórios urbanizados. Contudo, os *italianos* que queriam se manter no trabalho agrícola iniciaram novas migrações para onde havia disponibilidade de terras agricultáveis. De acordo com Sperança e Sperança (1980, p. 61), "[...] as famílias vêm do Sul puxadas em carroções. Trazem ferramentas, sementes e utensílios diversos".

Na década de 40, pelas observações de Sugimoto (2006, p. 09):

> Os desbravadores gaúchos, que já vinham exercendo atividade de colonização no Oeste de Santa Catarina, souberam que as glebas seriam disponibilizadas a bom preço [...] A intensa campanha de vendas estimulou grandes [imensos] fluxos de migrantes para o Oeste paranaense.

Da mesma forma, expõe Ripel (2005, p. 15), afirmando que o Paraná se inseriu no modelo de desenvolvimento nacional voltado para a ocupação das fronteiras. Os contingentes populacionais provinham das antigas zonas de colonização agrícola do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, estruturadas em base à pequena propriedade familiar; eram frentes pioneiras, incluindo imigrantes e descendentes oriundos de colônias mais antigas, avançando progressivamente pelo Oeste até o Paraná.

Os ítalos-gaúchos migraram, em grupos, com suas famílias, vizinhos e amigos para o Oeste do Paraná. De tal modo, povoaram "espaços vazios", desenvolveram a agricultura e construíram a infraestrutura, expandindo a região. Simom (2009, p. 56) ressalta que a fertilidade das terras do Oeste do Paraná acelerou a produção de milho, soja, algodão e trigo. Além disso, progrediram as criações de aves e suínos.

Apesar do governo de Getúlio Vargas ter incentivado a ocupação e colonização das fronteiras agrícolas, o Oeste paranaense não era uma área desocupada, havia posseiros e grileiros tanto brasileiros quanto paraguaios e argentinos.

A colonização ocorreu de forma seletiva nas regiões Sudoeste e Oeste, ou seja, para a escolha dos colonos, optou-se por imigrantes europeus estabelecidos, primeiramente, no Sul do Brasil e que possuíssem experiência no desbravamento das matas e na agricultura. Ademais, um fator relevante a ser salientado é o branqueamento por meio das migrações oriundas do Rio Grande do Sul: a imagem do homem branco ligada ao trabalho e a certo tipo de nobreza.

A presença significativa de *italianos* – nas regiões Oeste e Sudoeste do estado do Paraná – deu-se por meio dos movimentos de expansão dos colonos, marcando decisivamente a colonização dessas regiões.

O autor em questão expõe que cerca de 55% das pessoas vindas para a região eram *italianos* que contribuíram para a formação de comunidades com características *italianas*, como os municípios de Matelândia, Céu Azul, São Miguel do Iguaçu, Medianeira, Palotina, Cascavel, entre outros. Para Colognese (2004, p. 82), "[...] no universo de relações construídas a partir do fator étnico, a família e a religião se mantiveram como esteios maiores na preservação dos valores e da cultura herdados dos antepassados".

Podemos evidenciar, em Pozenato (2000, p. 118), sobre a cultura *italiana* no Rio Grande do Sul: segundo o autor, não se trata de uma cultura *italiana*, mas de raízes *italianas* misturadas às raízes gaúcha e brasileira. Nesse aspecto, o que se forma no Brasil e depois vai sendo transplantado e também mudado é a cultura de imigrados no Brasil, que, a depender do local de fixação ou dos lugares de migração, terá nuances semelhantes e diferentes. O contato com o "outro" é que determinará o perfil do descendente.

Conforme Costa (2000, p. 10), por onde foram, esses descendentes e seus filhos levaram a cultura adquirida no âmbito familiar. Longe da colônia de origem, a língua do imigrante no Brasil, era utilizada mais com os familiares, muitas vezes só entre marido e mulher, isso porque alguns desses indivíduos, devido às circunstâncias, consideraram por bem não transmitirem o *talian* aos seus filhos. Aqueles que não aprenderam a falar, por não o usarem, acabaram se esquecendo do pouco que sabiam. No entanto, há relatos de que conseguem entendê-lo. Assim sendo, em decorrência do contexto social, o português é a língua veiculada[11].

A migração *italiana*, na região, intensifica-se a partir de 1956 e vai até os anos de 1970. No processo de formação social do Oeste do Paraná, os descendentes de *italianos* mantiveram partes de suas raízes e isso foi decisivo para a construção de uma nova vida.

Como mencionado, os colonizadores sulistas não estavam sozinhos, havia, no Oeste paranaense, disputas por terras entre grileiros, posseiros e colonos, gerando violência e morte. De um lado, o clima tenso intensifica, na população, medo e isolamento; de outro, busca-se a identidade regional e nacional. A região começa a crescer, acontecem melhorias nas redes de transportes e na economia. Com isso, compreendemos como vai se formando o perfil do cascavelense. Por esse âmbito, podemos entender o que possa ter ocorrido com a língua do

[11] Salientamos que no capítulo VII desta tese serão discutidas, com mais atenção, as circunstâncias que levaram os pais a considerarem "por bem não transmitirem o *talian* a seus filhos".

imigrante, isto é, o *talian* fica “bem guardado”, tão guardado que seus falantes não se lembram de onde o colocaram. Então, é preciso motivá-los a se lembrarem.

Os municípios da região paranaense desenvolvem-se a partir dos valores familiares e religiosos. O marido tinha o papel de provedor e a esposa era dependente do marido e se ocupava da casa e da educação dos filhos. A igreja católica constituía espaço importante nessa sociedade, pois ali aconteciam os momentos de oração durante as missas e terços. Logo após, reuniam-se na frente da capela para compartilhar informações. No entanto, as conversas se davam em grupos distintos – homens separados das mulheres. Por esse aspecto, a igreja tornou-se centro social da comunidade, tal qual o era no Rio Grande do Sul, nos primórdios da colonização *italiana.*

Segundo Colognese (2004, p. 88), não vieram somente agricultores, migraram também “[...] profissionais liberais e donos de pequenas indústrias, que montaram olarias, moinhos, açougues, serrarias, ferrarias e carpintarias”.

Cascavel, entre os anos de 1922 e 1930, era apenas um povoado rural; apenas depois de 1930 até mais ou menos 1950, é que se inicia a construção efetiva do município.

É importante lembrar que, antes dos *italianos*, chegaram poloneses, os quais implantaram os primeiros instrumentos agrícolas mais elaborados, além de introduzirem a marcenaria, a selaria, a sapataria e a carpintaria. A diferença entre os colonos de origem eslava e aqueles de origem *italiana* apontava que os primeiros, fundamentalmente, eram propensos ao rural, enquanto os *italianos* eram tanto rurais quanto urbanos. Ferreira (2006, p. 80) esclarece que as primeiras famílias de origem polonesa que chegaram a Cascavel foram Bartnik, Wichoski, Galeski, Fardoski e Shumoski.

Em 1934, o Monsenhor Guilherme Maria Thiletzek iniciava a primeira igreja de Cascavel. O lugar é batizado como Encruzilhada de Aparecida dos Portos, no entanto, seus moradores preferiam chamá-lo de Cascavel (FERREIRA, 2006).

Mais tarde, em 1943, chega a Cascavel a primeira leva de colonos *italianos* provenientes do Rio Grande do Sul. Zandoná e Dal Prá foram as primeiras famílias a se fixarem no local. O depoimento de DG[12], participante desta pesquisa, ressalta que sua família, ao chegar, carregava consigo muitas tecnologias para o desenvolvimento da cidade. Segundo ele, em 1946, sua família conduziu o primeiro automóvel a circular pelas matas de Cascavel. Esse testemunho destaca bem a questão da inovação pretendida na região, contribuindo, de forma consentida,

[12] Iniciais do nome do entrevistado.

para o abandono do rudimentar e de tudo o que ele representava. O conceito de moderno não incluía a língua dos tempos rudimentares, isto é, o *talian* (vide Capítulo 7.3).

Piaia (2013, p. 114) observa que

> Foi nas novas regiões de colonização catarinense e no oeste paranaense que esses novos brasileiros puseram-se à frente não apenas do processo de colonização, mas também assumiram as rédeas da vida pública, como bem demonstra a grande participação de políticos de origem europeia na condução político-administrativa [...]

Seus pioneiros estavam atendendo às expectativas do governo brasileiro, ou seja, avançando tecnologicamente. Esse contexto evidencia a importância, para as famílias e para a região, que o "moderno" tome seu espaço.

Em Cascavel, o migrante vindo mais do Sul do país é chamado de gaúcho. Esse indivíduo congrega não somente a cultura europeia, mas, também, costumes gauchescos já assimilados dos estados sulistas, como, por exemplo, o gosto pelo churrasco, pelo chimarrão, as indumentárias típicas do gaúcho, além das danças tradicionais que perduram até os dias atuais nos famosos Centros de Tradição Gaúcha (CTG).

Wachowicz (1982, p. 174) pondera que o colono vindo do Rio Grande do Sul e Santa Catarina foi denominado de sulista; já os outros que se deslocavam pelo Norte do Paraná em direção ao rio Paraná e ao Piquiri, oriundos, basicamente, de Minas Gerais, São Paulo e do nordeste brasileiro, resultado da miscigenação entre o português, índio e o negro africano, eram denominados de nortistas e, também, de "pelo duro", que, no Rio Grande do Sul, significa "gado sem raça", "decadente". Ainda conforme Wachowicz (1982, p. 174): "[...] havia também na região o caboclo paranaense, filho tradicional dos sertões brasileiros, que também se encontrava na região em número nada desprezível". E complementando com o mesmo autor, estes dominavam técnicas agrícolas consideradas rudimentares, enquanto os sulistas, descendentes de alemães e *italianos*, possuíam técnicas mais evoluídas. O caboclo apenas foi considerado para trabalho braçal barato.

Com efeito, podemos notar que a citação em pauta põe em questão a reflexão sobre o que é limitado ou evoluído para o governo da época. O Brasil encontra-se em tempos de colonização de terras ainda não desmatadas e continuar a viver com um povo brasileiro que possui uma cultura de trabalho restrita significa não avançar para o "progresso do Brasil" tão desejado para a ideologia da época. Do mesmo modo, os índios foram descartados por seu tipo de cultura elementar e autônoma; os negros já não podiam ser mais escravizados. A solução era

a tecnologia trazida pelos europeus que garantiria melhores condições para o crescimento almejado.

Logo, compreendemos que o pioneiro de Cascavel é a soma, primeiramente, dos nativos indígenas e dos guarapuavanos (origem dos tropeiros, que eram descendentes de portugueses e espanhóis), também chamados de caboclo paranaense, ou seja, os primeiros desbravadores das terras oestinas, juntos aos imigrados provenientes do Sul do Brasil, poloneses e *italianos*. Vale considerar que o Oeste paranaense faz fronteira com países que falam a língua espanhola – do Paraguai e da Argentina. Em relação ao Paraguai, deve-se ter em conta a língua guarani também veiculada naquele país. Isso, além da proximidade com os descendentes de imigrantes alemães que povoaram o município vizinho de Marechal Cândido Rondon.

Spessatto (2003, p. 30), ao falar da colonização do Oeste de Santa Catarina, aponta que, se, por um lado, os migrantes *italianos* ocupam terras para o seu desenvolvimento econômico familiar, de outra sorte, tem-se a expulsão dos luso-brasileiros, mais conhecidos como caboclos, os quais não tinham documentos de posse dessas terras. Na realidade, os descendentes de *italianos* não julgavam a concepção de trabalho desse brasileiro como a mais adequada.

Ressaltamos que o termo caboclo, assim, foi empregado por Maestri (2004, p. 06):

> O nativo semi-aculturado foi denominado de *caboclo.* Com o passar dos anos, *caboclo* passou a designar todo e qualquer indivíduo nacional dedicado à economia agrícola de subsistência. De denominação étnico-produtivo o termo passou a descrever essencialmente realidade social-produtiva. O *caboclo* mantinha relação de posse não-permanente com a terra que, associada à sua destribalização, ensejaram o fim do domínio e controle comunal do território.

A concepção de trabalho relacionada à figura do caboclo remonta, na verdade, ao conceito de trabalho indígena. Ainda em Maestri (2004, p. 02-03), vemos que, antes da colonização lusitana, as comunidades de cultura tupi-guarani constituíram o complexo civilizatório horticultor mais desenvolvido nas regiões litorâneas do Brasil. Os tupi-guaranis viviam em aldeias independentes, estabelecidas em territórios de domínio comunitário, dedicavam-se à caça, à pesca, à coleta e à horticultura.

A forma de cultivar a terra não ensejava a formação de grandes estoques. Os tupis-guaranis, então, colhiam os produtos para serem consumidos imediatamente, já que apenas a mandioca permitia uma conservação mais longa.

De acordo com Maestri (2004, p. 05), o modo de trabalhar a terra dos nativos era diferente dos camponeses europeus alemães, italianos, poloneses, etc. As comunidades

europeias, no Brasil, estavam "[...] assentadas na agricultura cerealífera; em gêneros de ciclo longo; no arado; na tração animal; na adubação; na irrigação; na rotação de vegetais, etc.".

Com o passar do tempo, muitos índios foram dizimados e outros assimilados pela cultura que vigorava na época; desse modo, adaptaram-se à sociedade latifundiária exportadora pelo processo de superação e degeneração das tradições aldeãs nativas. Da mistura do luso com o indígena tem-se a denominação de caboclo.

Para este, a ocupação temporária da terra indicava a ausência de lavouras perenes. Diante de tal contexto, suas moradias eram muito simples, podiam ser 'reconstituídas em questão de dias'. Além disso, possuía poucos equipamentos, que podiam ser carregados nas costas de um homem.

O camponês europeu traz consigo outra concepção de trabalho, enquadrada na unidade produtiva que se dedica a uma produção agrícola, artesanal e autônoma que, sustentada na divisão e na força de trabalho familiar, volta-se às necessidades de subsistência. Esse tipo de núcleo familiar, segundo Maestri (2004, p. 01), tem posse "[...] relativamente estável sobre a terra, quando não possui sua propriedade, o que lhe permite investir trabalho na incrementação da rentabilidade da terra e da exploração – drenagem, irrigação, desempedramento, benfeitorias, cultivos perenes, etc.".

Em relação à formação do município de Cascavel, como pudemos constatar, antes dos descendentes de europeus chegarem, havia a presença dos caboclos, que possuíam um modo de produção agrícola bem parecido ao do nativo indígena. No entanto, os descendentes de *italianos* e poloneses, ao virem para a região, ingressaram em outro modo de concepção de trabalho. Piaia (2013, p. 113) expõe que

> Cascavel não estava imune às influências do modo de ser do homem rio-grandense, mais conhecido como gaúcho [...] de fato, a influência econômica e política dos gaúchos, especialmente na fase pioneira, foi decisiva para que se criasse uma certa identidade, assim, como havia ocorrido nas cidades do Oeste catarinense, fundadas por euro brasileiros oriundos do Rio Grande do Sul.

A partir da década de 1970, termina o processo de colonização das terras e inicia-se um processo de modernização agrícola que culmina em transformações na sociedade do Oeste paranaense. O que antes se constituía em culturas de subsistência, agora era o processo de urbanização e modernização agrícola que ditava as regras.

E Colognose (2004, p. 103) salienta:

> Os descendentes de italianos sofreram os efeitos das transformações ocorridas no conjunto da agropecuária regional, tendo o seu desempenho econômico sido subordinado à capacidade de adequação aos patamares tecnológicos e produtivos exigidos pelo mercado e à dinâmica dos capitais internacionais.

Em relação ao padrão etnocultural, os novos habitantes tiveram que construi-lo com base em seus hábitos e costumes somados ao contato com outras pessoas de origens diferentes. Por conseguinte, a modernização da época fazia com que a manutenção das raízes fosse deixada em segundo plano. Piaia (2013, p. 175) afirma que "[...] se havia um elo, ele não se estabelecia nas raízes, no olhar saudosista e romântico do passado, mas antes na visão de progresso". A ideia de progresso toma o espaço das rememorações e manutenção da cultura simples da família. Aliás, o que é simples torna-se obsoleto e sem utilidade, sendo substituído pelo moderno.

Para Colognese (2004, p. 100), "[...] a sua origem linguística latina facilitou a interlocução com a cultura nacional, favorecendo a sua ascendência como liderança social e a ocupação de funções públicas e de profissões no espaço urbano das cidades". No processo de modernização, o descendente de *italiano* adere com maior intensidade à língua portuguesa local.

Se considerarmos a sequência de fatos históricos que aconteceram nas vidas dos descendentes de *italianos* no Brasil, notaremos que, desde a chegada ao país, a sua língua e cultura começam a modificar-se. A manutenção de sua própria língua se restringe ao contexto da sua família ou a pessoas da mesma cidade; já depois, instalados em terras próximas a outros *italianos*, conquanto os dialetos fossem diferentes, veem-se obrigados a comunicarem-se. Nesse contexto, inicia a mistura dos dialetos e, gradativamente, vai se criando outra "língua" que será o resultado dos dialetos, somado a empréstimos do português falado (também com influências de outros falares), naquela região gaúcha. É válido salientar que não se sabe ao certo se o falar *italiano* recebeu influências de outros falares que havia na região, do indígena e/ou do espanhol, por exemplo. Sobre isso veremos mais atentamente no capítulo dedicado à história do *talian.*

Por conseguinte, fatores políticos e econômicos inibem suas línguas, seja o seu dialeto materno ou o *talian.* Com a coibição, é transmitida aos descendentes, não só pelos pais, mas principlamente pela sociedade, a ideia de que falar sua língua é sinônimo de ser "feio", "burro" e "ignorante". E esse conceito perdurará até os dias atuais.

Em muitos lugares, ser *"italiano"* ou ser *"descendente de italiano"* significa cultivar os sentimentos saudosistas, e isso não é tão ruim quanto parece, pois, se de uma parte, a visão de língua e cultura *taliana* parece ficar limitada somente ao folclórico, de outra, corrobora a

perpetuação das tradições e das manifestações culturais, muitas vezes demonstradas em grupos folclóricos, festas religiosas e valores morais. Em relação ao *talian*, muitas pesquisas científicas têm expressado que há poucos falantes, a maioria idosos, e os jovens possuem pouco interesse no idioma. Em Cascavel, na pesquisa realizada por Ribeiro (2006), foi notado que o grupo de jovens descendentes de *italianos* que estudavam a Língua Italiana declarou que as razões que os levaram a estudá-la deviam-se a fatores vinculados à sociedade moderna. Para eles, aprender essa língua representava oportunidades de ascensão social e econômica. No entanto, não negaram a importância de suas raízes. De qualquer modo, seria necessária uma pesquisa com instrumentos que levassem à descoberta do quanto existe da língua do imigrado *italiano* no referido município.

Compreender a maneira como ocorrem as primeiras povoações, as colonizações e os processos de modernização desse município é fundamental para entender o cenário que se vê atualmente, tanto no que diz respeito à cultura explícita ligada ao queijo, ao salame, às massas, ao vinho, à música, ao *italiano* sinônimo de trabalhador, ao respeito à família e a Deus, quanto a atitudes implícitas em relação à cultura do descendente de imigrado *italiano*, isto é, aquilo que parece ter sido esquecido, como a língua, alguns hábitos e a (aparente) pouca valorização da cultura dos antepassados. No que concerne às atitudes implícitas, encobertas ou silenciadas, destacamos a ligação que possa ter com fatos históricos sociais do contato entre o brasileiro e o *italiano*.

No Capítulo II, a seguir, traremos a metodologia, delineando os caminhos percorridos para a definição do *corpus* e a maneira como se efetivou a coleta dos dados da pesquisa. Os instrumentos utilizados para selecionar os dados foram: observação simples com anotação em diário de campo e entrevista semiestruturada registrada em gravador de voz.

CAPÍTULO II – METODOLOGIA: DELINEAMENTO DOS CAMINHOS DA PESQUISA

Neste capítulo, apresentamos uma descrição da metodologia para a realização de nossa pesquisa no município de Cascavel; o estudo é de cunho qualitativo, com abordagem interpretativa. Quanto às técnicas utilizadas para coleta de dados, foram: a observação simples exploratória, com diário de campo, e a entrevista semiestruturada. No desenrolar das ponderações, mostraremos como foi feita a seleção do *corpus*, o roteiro de entrevista e o procedimento para a aplicação das entrevistas.

Em Bakthin (1996), o sujeito é construído dentro dos diferentes discursos. Por essa definição, concebemos a língua como um fator social imbuído de questões ideológicas. Nesse caso, as teorias que nortearam nossas análises dão suporte interdisciplinar para investigar o que é dito explícita e implicitamente.

Considerando o fenômeno linguístico como um fenômeno sóciocultural, fizemos hipóteses prévias, desde a observação simples e preliminar e em conversas informais, buscando enxergar o que há por trás da afirmação de alguns cascavelenses, quando dizem não se recordarem nada ou quase nada da cultura e língua de seus antepassados – o imigrado *italiano.* Assim, os métodos para a pesquisa de campo foram selecionados pensando no contexto cascavelense que se apresenta.

Estamos imersos em uma vida que é construída pelos fatores políticos, familiares, econômicos, socioculturais, etc. Nesse prisma, a linguagem também é um fenômeno social. Tais fatores sociais estão relacionados ao tempo, ao espaço, às relações com outras pessoas. Fairclough (1992*)*, ao falar da prática social, evidencia a linguagem como elemento fundamental para a compreensão da realidade na qual vivemos. Falamos, escrevemos, lemos, ouvimos, interagimos, silenciamos, e todas essas ações são realizadas de uma maneira socialmente determinada pelo contexto no qual estamos inseridos. Portanto, analisar questões da língua, linguagem e cultura de alguns descendentes implica tomar caminhos interdisciplinares, pois julgamos que todos esses fenômenos estejam interligados.

Diante dessa perspectiva, acreditamos que a abordagem qualitativa seja a mais eficaz, pois está centrada na compreensão dos significados da linguagem na prática social e não na mensuração. Destacamos que, sob este paradigma, o resultado da pesquisa trará conclusões a respeito apenas dos indivíduos envolvidos. O autor Flick (2002, p. 62) aponta para o fato de que o pesquisador, na análise qualitativa, deve utilizar "[...] os insights e as informações provenientes da literatura enquanto conhecimento sobre o contexto, utilizando-se dele para verificar afirmações e observações a respeito de seu tema de pesquisa naquele contexto". Já

Denzin e Lincoln (2010, p. 17) acrescentam que "[...] o estudo se dá em um cenário natural e busca entender/interpretar os fenômenos em termos de significados que as pessoas a eles conferem". A referida concepção se respalda no paradigma interpretativista, pois tem um compromisso com a representação das experiências humanas, de suas ações sociais e influências recíprocas; tem caráter intersubjetivo e o número de informantes não precisa ser exaustivo, uma vez que o estudo não se generaliza para outros contextos além daquale que está sendo pesquisado (CAVALCANTI, 1990, p. 43). Entretanto, os dados coletados e analisados podem contribuir para outras circunstâncias semelhantes.

Sob tal aspecto, nossa pesquisa pretende observar, verificar e interpretar as vozes de alguns sujeitos cascavelenses que, ao serem entrevistados, fazem emergir sentidos que revelam suas identidades linguística e cultural norteadas por questões ligadas à história, ideologia e política. Conforme Rajogopalan (2002, p. 42), "[...] a construção de identidades é uma operação totalmente ideológica". A razão, portanto, que nos levou a decidir pela abordagem teórico-metodológica anteriormente delineada, respalda-se nas reflexões sobre a questão linguística cultural trazida do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina por descendentes de imigrados *italianos* da primeira leva de imigração da Itália para o Brasil, para a região Oeste do Estado do Paraná; neste estudo, especificamente, a cidade de Cascavel. Com base em leituras sobre a situação dessa língua denominada por linguistas como Frosi (1996, 2011), Faggion e Dal Corno (2008), Dal Picol (2013) e Carboni (1996) de "dialeto vêneto sul rio-grandense" ou *"*koiné veneta", é possível notar, em suas pesquisas, a descrição como mais falada pela geração de idosos e da zona rural. Consta, nos estudos de Frosi (2011), que os jovens têm pouco interesse e, diante disso, a autora não vislumbra um futuro promissor para o idioma.

O posicionamento citado aponta para uma curiosidade, isto é, pautado no panorama gaúcho descrito pelos citados autores, saber se, em Cascavel, essa língua e sua cultura sobrevivem e de que forma isso acontece, já que muitos dos imigrantes radicados na cidade são descendentes de *italianos* vindos do Rio Grande do Sul e declaram, enfaticamente, o amor pelo "*Rio Grande amado*" (palavras de muitos cascavelenses).

Pelo quadro que temos, a entrevista semiestruturada (GIL, 1987) é bastante pertinente para averiguar se, a partir das histórias de vida de alguns descendentes de imigrados *italianos*, idosos, adultos e alguns jovens falam essa língua, se a entendem, se dizem que não a sabem, mas (no fundo) a sabem, o que cultivam dessa cultura e se têm consciência disso. Não é nossa intenção fazer um levantamento e a classificação de falantes bilíngues ativos; no entanto, se os encontrarmos, serão evidenciados, o que corroborará para a concepção de bilinguismo encoberto de Schlieben-Lange (1993). Para tanto, consideramos a entrevista a forma mais eficaz para a aproximação dos resultados pretendidos.

Sabendo que, no ato de falar da própria vida, no relato de seus hábitos e costumes estão imbricados fatores ideológicos, elaboramos um roteiro de perguntas semiabertas, no qual direcionamos algumas questões, sem deixar de dar o devido espaço ao entrevistado, quando necessário. Quanto à observação simples com diário de campo, funcionou como um preâmbulo antes de ir a campo, pois aproximou-nos do tema e fez-nos refletir sobre quais métodos seriam mais adequados para o referido contexto, além de possibilitar a obteção de informações que o gravador de áudio não poderia registrar.

2.1 Observação simples com diário de campo – investigação exploratória

Considero importante salientar que, como pesquisadora/observadora, sou também membro e estou imersa na sociedade cascavelense; no entanto, possuo um olhar distanciado, por ter minha origem no interior de São Paulo e ter passado a maior parte da minha vida nesse estado, vivenciando a cultura local. Por essas razões, pude perceber características peculiares do município cascavelense. A esse propósito, aliás, conforme Bortoni (2009, p. 58), o cientista social:

> É membro de uma sociedade e de uma cultura, o que certamente afeta a forma como ele vê o mundo. Portanto, de acordo com esse paradigma, não existe uma análise de fatos culturais totalmente objetiva, pois essa não pode ser dissociada completamente das crenças e da visão de mundo do próprio pesquisador.

Silverman, a seu turno, se refere ao ato de ver e escutar (2009, p. 87); com isso, nosso olhar se direcionou e nosso ouvido esteve atento a eventos, fatos e monumentos de caráter público, destacando acontecimentos cotidianos, tais como a feira do agricultor, as comidas servidas em restaurantes, os santos padroeiros da cidade e suas festas, os nomes de ruas, os nomes de estabelecimentos comerciais, os hábitos de convivência social, dentre eles tomar chimarrão no trabalho ou em casa, com a família, vizinhos e amigos; tomar a sopa de *agnolini* no inverno, em meio a outros. Nossas observações com diário de campo estiveram atentas para o possível desvelamento do que está por trás do que é dito e do que não o é. Conforme podemos constatar em Denzin e Lincoln (2010, p. 24), “[...] os investigadores imaginam que tenham condições de se aproximar mais da perspectiva do ator através da entrevista e da observação detalhada”.

Já em Silverman (2009, p. 92), encontramos que, “[...] ao fazer anotações de campo, não se está apenas registrando dados, mas também analisando-os”. Tudo isso possibilita a obtenção de elementos para a delimitação do “problema” da pesquisa, favorecendo a construção de

hipóteses. A observação simples possibilitou a certeza da necessidade do método da entrevista semiestruturada.

Pelo prisma que se apresenta, a italianidade no município de Cascavel está organizada da seguinte forma: o *Circolo Italiano*, festas e comemorações religiosas, grupos de danças folclóricas, programa de rádio *Italia del mio cuore*, coral masculino *Filò*, alimentação e monumentos. Além do cultivo da confraternização familiar, que foi e continua sendo importante elemento de integração.

Na comunidade cascavelense, é possível constatar, ainda, outros hábitos comuns: a ligação com a fé e o trabalho como característica primordial. Os alimentos típicos são produtos comuns na mesa das famílias – a massa caseira de macarrão, a sopa de *agnolini*[13], a *fortaia*[14], o *formaio*[15], a *polenta* com *galetto*[16] ou com codorna, a *polenta brustolada*[17], o *radici*[18], o *codeghin*[19], o *tortei*[20] e a *graspa*[21]. Além dos cafés coloniais, com *grostoli*[22], *fritole*[23], salames, bolachas e pão *italiano*. Normalmente, tais elementos são notados, como diferentes, por aqueles que vêm de outros estados brasileiros.

Figura 2 – A polenta

Fonte: Registro do pesquisador.

[13] *Agnolini* – tipo de macarrão muito semelhante ao *capeletti*, que é recheado ou com carne de frango ou de boi. Geralmente, toma-se a sopa de *agnolini* no inverno. Típico da culinária mantovana, da cidade de Mantova, no Norte da Itália. Ver em: http://www.cucinamantovana.it/agnoli1.htm.
[14] *Fortaia* – omelete.
[15] *Formaio* – queijo.
[16] *Galetto* – frango.
[17] *Brustolada* – feita na chapa.
[18] *Radici* – uma espécie de almeirão selvagem.
[19] *Codeghin* – embutido feito com miúdo do porco.
[20] *Tortei* – tipo de massa de macarrão recheada com abóbora, mais conhecido, na língua italiana, como tortelli. Come-se o tortei com molho vermelho.
[21] *Graspa* – bebida alcóolica feita do bagaço da uva.
[22] *Grostoli* – espécie de bolinho doce frito, também conhecido como cueca-virada.
[23] *Fritole* – idem ao 19.

Figura 3 – Cartaz de divulgação de evento

Fonte: Site da 8ª Noite da Sopa de Agnoline.

Figura 4 – Pasta de Giuseppe Zanella

Fonte: Registro extraído do *Facebook*.

Figura 5 – Polenta brustolada com salame

Fonte: Registro do pesquisador.

Figura 6 – Grostoli

Fonte: Registro do pesquisador.

No âmbito exposto, notamos, também, a valorização do rural, por produtos caseiros, como massa de macarrão, bolachas e bolos, queijos, salames, vinho, ovos e galinhas caipiras, entre outros.

A feira do agricultor, que ocorre quatro vezes por semana, da mesma forma, prioriza produtos naturais e orgânicos, alimentos caseiros, remédios naturais, além dos produtos artesanais, como utensílios domésticos, que, igualmente, são bastante valorizados. O consumo desses produtos configura-se numa forma de continuidade daquilo que as pessoas aprenderam com seus antepassados.

As festas religiosas tradicionais, como *Nossa Senhora do Caravaggio*, Santo Antônio, São Cristóvão, Nossa Senhora Aparecida, em meio a outras mais, integram as dimensões religiosas familiares, sociais, culturais e econômicas. Assim, a cultura de origem *italiana* se faz presente nos eventos, sobretudo na gastronomia.

O Circolo Italiano[24], fundado no ano de 1991, já foi mais presente na vida dos cidadãos cascavelenses, promovendo eventos como a edição do livro de receitas, intitulado "*Cucina fatta con allegria*"[25], em 1997, e festas como a da *polenta con codorna*. Contudo, hoje, a instituição é pouco ou quase nada atuante. Quando realiza algum tipo de evento, tal fica restrito a alguns poucos e, desse modo, quase não se há notícias mais de sua atuação. Em conversas informais com alguns descendentes, ao perguntar da existência e atuação do *Circolo*, a resposta é sempre

[24] O Círculo Italiano.
[25] Cozinha feita com alegria.

a mesma – não sabem de nada e, quando dele necessitam para obter algum tipo de informação a respeito de cidadania ou documentos históricos, não conseguem contato. Vale destacar que, no início do ano de 2016, foi realizada uma nova eleição para diretor do "Circolo Italiano de Cascavel", o que, possivelmente, justifica a não atuação da direção anterior, em razão da idade avançada de seus membros.

O grupo *Ladri di Cuori*[26], grupo de dança folclórica, foi fundado em 1995, com o intuito de representar a cultura italiana de Cascavel e se apresenta em vários eventos culturais, dentre os quais, a festa das colônias em homenagem à padroeira Nossa Senhora Aparecida. Além disso, o grupo fez uma parceria com a Universidade Oeste do Paraná (UNIOESTE), de Cascavel, e divulga sua arte em festivais internacionais de danças folclóricas. Acreditamos ser importante ressalvar que o *Ladri di Cuori* foi convidado a participar do Congresso em que se deu o reconhecimento do *talian* como patrimônio imaterial cultural brasileiro.

Figura 7 – Grupo folclórico *Ladri di Cuori*

Fonte: Portal da Cidade de Cascavel.

O Programa de rádio *Italia del mio cuore* exerce um papel fundamental em relação à manutenção das raízes linguístico-culturais do imigrado *italiano.* Sua programação é toda em *talian* e seus locutores Zanatta e Nichetti apresentam, todos os sábados à tarde, canções do folclore do imigrante, dedicando, em seu espaço, momentos voltados para algum aspecto da língua e, também, da religiosidade.

[26] Ladrões de corações.

Figura 8 – Rádio Colmeia AM de Cascavel, Programa *Italia del mio cuore*

Fonte: Foto cedida pelo locutor Ermínio Zanatta.

O coral masculino *Filò* é composto por adultos e idosos, todos descendentes de *italianos.* Suas atividades foram iniciadas entre os anos de 1997 e 1998. O grupo foi se compondo com integrantes do *Circolo Italiano*; no total, são seis componentes: dois que tocam a gaita[27] e o violão e os outros quatro que cantam. Seus ensaios aconteciam sempre às sextas-feiras, na casa do integrante mais idoso – o *nono*[28] Savoldi, que faleceu no final de 2014. Além de ensaiar as músicas do repertório, fazem uma reunião com os membros, aproveitando o momento para confraternizarem com comidas e bebidas, como o antigo *filò*[29] das colônias (COSTA 2000, CONFORTIN, 1998). Além disso, as conversas se dão em *talian*.

Figura 9 – Coral Masculino *Filò*

Fonte: Registro do pesquisador.

[27] A gaita também é conhecida em outras regiões do Brasil como acordeon e sanfona.
[28] No *talian* a única consoante que se duplica no meio de uma palavra é o SS. Diferente do italiano padrão (Disponível em: <http://htonial.blogspot.com.br/2010_07_01_archive.html>. Acesso em: 16 ago. 2015).
[29] Filò – espécie de sarau, já definido na introdução deste estudo.

O coral costuma se apresentar em eventos em Cascavel e em municípios vizinhos, em encontros de famílias, nos eventos gastronômicos do *Circolo Italiano*, na Festa das Colônias em comemoração à Nossa Senhora de Aparecida e nas atrações culturais da área de Italiano do curso de Letras português/italiano da UNIOESTE de Cascavel.

A *Praça Wilson Joffre*, fundada em 14 de novembro de 1967, recebe esse título homenagem feita ao médico pioneiro Dr. Wilson Joffre. Nessa praça, ocorrem diversos eventos públicos, entre eles a *Mateada*[30], em comemoração ao dia do gaúcho. Na oportunidade, são rememoradas as tradições gauchescas como músicas típicas, danças, os participantes e convidados podem ir *pilchados* (vestidos tipicamente). Contam, também, com apresentação de grupos que cantam e tocam com a gaita de teclado[31] músicas típicas gauchescas. A rádio local Colmeia AM faz sua programação ao vivo, diretamente do evento, inclusive o programa *Italia del mio cuore*, veiculado em *talian.* Além de um espaço reservado para tomar chimarrão, geralmente há a chamada com frases como "*traga a cuia e a bomba que a erva e a água são por nossa conta*". É interessante destacar que, durante as *mateadas* que se realizam tanto em Cascavel como em outras cidades da região oeste, como o município de Toledo, o primordial é a valorização da tradição gaúcha. No entanto, mesclados a todos esses hábitos e costumes gauchescos, estão entrelaçados hábitos e costumes de outras etnias como a *italiana* e a alemã, exemplo disso são as referências aos alimentos típicos dos colonos rio-grandenses, como *cuca*, bolachas, *grostoli* e outros mais. Em Toledo, por exemplo, inicia-se com o chimarrão num espaço reservado para interação com conversas destinadas a reviver a tradição. Há, ainda, o churrasco, esse, sim, tipicamente gaúcho[32].

A *Praça Itália* (foto seguinte), foi inaugurada dia 14 de dezembro de 2006, em comemoração aos 54 anos do Município de Cascavel. Na praça, há a reprodução do Leão Alado como aquele da Praça de *San Marco*, em Veneza, na Itália, que simboliza a força e proteção contra os invasores externos. Trata-se, além disso, de uma homenagem aos primeiros descendentes de imigrantes *italianos* que aqui chegaram para colonizar. O pilar que forma o monumento representa a continuação das famílias e os anéis são as uniões das famílias imigrantes. Outro dado importante e que remete não apenas ao Sul do Brasil, mas, também, à região do Vêneto, são os ciprestes, plantas típicas de lugares frios.

---

[30] *Mateada* – encontro de apreciadores de chimarrão.

[31] Chegou ao Brasil, junto com os primeiros colonizadores europeus, vindos da Itália, país onde, até hoje, se fabricam as marcas de gaita mais conceituadas do mundo (Disponível em: <http://www.acordeom.com.br/menu/not2.php?id=1>. Acesso em: 22 mai. 2016).

[32] "A descoberta do churrasco é atribuída aos índios que habitavam a costa das três Américas. Eles assavam a carne ao ar livre, numa fogueira sobre pedras com auxílio de uma grelha de madeira verde, mas foi na região do grande pampa que o churrasco encontrou o seu ambiente ideal" (Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/14541490/A-Historia-Do-Churrasco>. Acesso em: 05 mar. 2015).

Figura 10 – Praça Itália

Fonte: Catálogo de divulgação da cidade de Cascavel.

A *Praça Florêncio Galafassi* (próxima ilustração) – a praça do migrante – também faz referência aos pioneiros que contribuíram para a fundação da cidade. Sua estrutura é composta por chafariz, mastros com todas as bandeiras dos estados brasileiros, que, por sua vez, representam as regiões de origem das correntes migratórias que desenvolveram o citado município. Há, ademais, um monumento constituído por cinco grandes rampas de concreto que apontam para diferentes regiões do Brasil e que representam o percentual de migrantes que compuseram a base populacional local: a primeira e maior representa a região Sul; a segunda, a região Nordeste; a terceira, a região Centro-Oeste; a quarta, a região Sudeste; e a menor de todas representa a região Norte do Brasil. A construção dessa praça foi uma homenagem ao pioneiro gaúcho Florêncio Galafassi, que migrou do Rio Grande do Sul para Cascavel, em 1948, para administrar empresas madeireiras, base econômica do município na época.

Figura 11 – Praça Florêncio Galafassi

Fonte: Registro do pesquisador.

A *Praça Getúlio Vargas*, próxima à praça do migrante, foi inaugurada em dezembro de 1966; ela possui um obelisco que representa o marco *Zero*, em torno do qual nasceu e se desenvolveu a cidade. Há de se destacar uma curiosidade interessante sobre esse monumento, conforme relata o Senhor Dércio Galafassi (filho de Florêncio Galafassi), no site da Prefeitura Municipal[33]: "No dia da inauguração, foi enterrada, em uma caixa de concreto (uma cápsula), objetos de uso diário, dinheiro, mapa, documentos entre outras coisas daquela década, hoje não se sabe a localização correta, foi com o intuito de, um dia, num futuro bem distante, ser achado".

Figura 12 – Marco Zero da Praça Getúlio Vargas

Fonte: Registro do pesquisador.

A igreja *Nossa Senhora de Fátima*, mais conhecida como *Igrejinha do Lago*, remete à história dos colonos do distrito de São João do Oeste, que a construíram em madeira. No entanto, ao erguerem lá outra igreja de alvenaria, aquela, de madeira, foi transferida para Cascavel, no Parque Ecológico Paulo Gorski. Recentemente, a obra foi restaurada e passou a fazer parte do Patrimônio Histórico e Cultural de Cascavel (FEIBER, 2007, p. 64).

[33] Disponível em: <http://www.cascavel.pr.gov.br/secretarias/semdec/sub_pagina.php?id=256>. Acesso em: 05 mar. 2015.

Figura 13 – Igreja Nossa Senhora de Fátima

Fonte: Foto de Julio Szymanski.

Ao observar o cotidiano cascavelense, as festas e os eventos públicos, dos quais, muitas vezes, participamos e sentimos algumas inquietações a respeito da cidade, de um lado nos questionávamos: será que somente nós notamos a cultura do imigrado *italiano* em Cascavel? Por outro lado, ao mesmo tempo em que percebíamos a cultura e a língua do imigrado, sentíamos certa indiferença em suas atitudes.

Acreditamos que a história da formação do município e a história dos filhos da imigração italiana explicam o cenário que se apresenta: cultura e língua invisibilizadas.

A história de Cascavel é muito recente, os monumentos e eventos públicos são tímidos e restritos. Acompanhamos a transformação do espaço urbano em um período curto de tempo. Tal fato pode ser contemplado no acervo de fotos disponibilizado pelo Museu da Imagem e do Som e pelo Museu Histórico Celso Formighieri, ambos em Cascavel. Nas fotos, verificamos a rápida mudança urbana, desde a construção das ruas e avenidas, à iluminação elétrica, expansão da rede viária, construção do aeroporto, os automóveis substituindo as conduções artesanais; em quase tudo, percebe-se uma sociedade projetada para o futuro, em que as tradições das raízes familiares e culturais ficam restritas à esfera familiar e/ou na memória daqueles cujos pais, avós e bisavós ficaram no Rio Grande do Sul.

Inegável a necessidade de políticas públicas para viabilizar e revitalizar a preservação e valorização dos monumentos e eventos históricos culturais e, nesse aspecto, memórias poderiam/deveriam ser resgatadas, valorizadas e publicizadas.

Cascavel é um município que buscou, desde o início, com seus pioneiros, alcançar a civilização e modernização, entretanto, apesar do avanço tecnológico apresentado, tem deixado escapar suas raízes rurais.

As observações realizadas possibilitaram conhecimentos prévios sobre os cascavelenses de um modo geral; e permitem traçar as hipóteses em relação aos participantes da pesquisa. Contudo, foi necessário buscar entender, mais de perto, por meio de conversas, quais fatores determinam certas atitudes e determinados comportamentos ao falarem das raízes culturais do imigrado *italiano.* A partir desse pressuposto, a técnica da entrevista foi a mais pertinente.

2.2 Delimitação dos informantes da pesquisa – *o corpus*

O critério de seleção dos informantes não foi numérico, mas qualitativo, ou seja, uma amostra representativa de uma parte da população cascavelense. Portanto, o objetivo foi conhecer e compreender diferentes histórias de vida na tentativa de resgatar, pela ativação da memória com entrevista, possíveis aspectos linguísticos culturais referentes à língua do imigrado *italiano.* Nessa perspectiva, para a seleção dos entrevistados, consideramos importante que os dados passassem por três gerações: idosos, adultos e jovens. O fator idade foi eleito para essa pesquisa como o mais importante, pois queríamos perceber como as gerações se sentem em relação a ser descendentes de *italianos*, bem como se a língua e a cultura foram transmitidas aos mais novos e se, de fato, estes não demonstram interesse. Assim, a faixa etária dos informantes jovens oscilou entre 18 e 40; dos adultos entre 41 e 59 e dos idosos de 60 a 90 anos. A maioria deles pertence à zona urbana, sendo apenas um da zona rural. Destacamos que para a geração jovem, não encontramos indivíduos com disponibilidade para conceder entrevista, tendo em vista compromissos profissionais e acadêmicos. Desse modo, decidimos estender essa faixa etária até 40 anos de idade. Além disso, os entrevistados selecionados fazem parte da 4ª geração, isto é, de bisnetos de imigrados *italianos,* apenas a jovem de 18 anos faz parte da 5ª geração de – tataraneta. A seguir o quadro geral dos entrevistados:

Quadro 1 – Quadro geral dos entrevistados

PARTICIPANTE	FAIXA ETÁRIA		
	JOVEM	ADULTO	IDOSO
1. JG (F)	18 anos		
2. CC (F)		43 anos	
3. JB (F)		50 anos	
4. VC (F)		44 anos	
5. DC (F)		54 anos	
6. LB (F)		59 anos	
7. OB (F)			80 anos
8. VF (M)			70 anos
9. MF (M)			95 anos
10. DG (M)			79 anos
11. MD (F)			87 anos
12. TC (F)			79 anos
13. FB (F)	40 anos		
14. AP (F)	28 anos		
15. LP (M)	40 anos		

Fonte: Elaboração do pesquisador.

O primeiro processo de seleção de informantes considerou o trabalho de *Memória Viva* que o Museu da Imagem e do Som faz com os pioneiros cascavelenses. O Museu, então, intermediou o contato para as entrevistas, o que facilitou a recepção do pesquisador. Com isso, conseguimos entrevistar quatro pessoas idosas pertencentes às famílias de pioneiros de Cascavel.

O segundo processo de seleção de entrevistados foi por indicação de pessoas já conhecidas, entre elas: duas pessoas adultas e uma jovem. Dessas, obtivemos indicação de mais duas idosas. Outros entrevistados foram contatados via mensagens eletrônicas – por e-mail ou pelo site de relacionamentos *Facebook*.

2.3 Caracterização dos sujeitos da pesquisa

Na continuidade, visualizaremos quadros com o perfil de cada sujeito desta pesquisa, como forma de antever alguns dados preliminares. Todos os entrevistados são residentes de

Cascavel; quanto aos idosos, fazem parte do grupo que migrou com sua família desde o final da década de 40 e nas décadas de 50 a 60. Já os mais novos nasceram no município ou em municípios vizinhos para, em seguida, se fixarem em Cascavel.

SUJEITO 1

Entrevistado	DG
Idade e sexo	79 anos, masculino
Nacionalidade	Brasileira, descendente de *italiano* paterno e materno
Descendente de italiano de qual geração	3ª geração – avós vieram da Itália
Local de estabelecimento dos primeiros familiares	Rio Grande do Sul: Farroupilha
Desde quando reside em Cascavel	Desde 1948
Trabalho de subsistência familiar	Ramo madeireiro
Escolaridade	Ensino Fundamental
Talian (italiano)[34]	Os pais enquanto moravam em Farroupilha só falavam *italiano*, mas, depois que se mudaram, deixaram de falar e não transmitiram aos filhos

SUJEITO 2

Entrevistado	VF
Idade e sexo	79 anos, masculino
Nacionalidade	Brasileira, descendente de *italiano* paterno e materno
Descendente de italiano de qual geração	3ª geração – avós vieram da Itália, região de Padova
Local de estabelecimento dos primeiros familiares	Santa Catarina: Azambuja/ Turvo; Em 1956 o avô migrou para Santa Terezinha de Itaipu no Oeste do Paraná
Desde quando reside em Cascavel	Desde 1952
Trabalho de subsistência familiar	Agricultura, produção de vinho, salame, milho
Escolaridade	Ensino Fundamental
Talian (Italiano)	Em casa se falava português e *italiano* quando criança. O *talian* como Língua Materna (LM)[35]

SUJEITO 3

Entrevistado	MF
Idade e sexo	95 anos, masculino

[34] Na maior parte das entrevistas, o termo *talian* foi tratado como italiano ou dialeto, para não entrar em conflito com os saberes dos entrevistados, pois é assim que é conhecido por eles.

[35] O conceito de Língua Materna (LM), eleito por nós, está ligado à concepção trazida por Wald, P. Língua Materna: produto de caracterização social. In: VERMES, G. e BOUTET J. (orgs) *Muiltilinguismo*. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.

Nacionalidade	Brasileira, descendente de *italiano* paterno e materno
Descendente de italiano de qual geração	2ª geração – avós vieram da Itália
Local de estabelecimento dos primeiros familiares	Santa Catarina: Luzerna
Desde quando reside em Cascavel	Desde 1953
Trabalho de subsistência familiar	Agricultura
Escolaridade	Ensino Fundamental
Talian (Italiano)	Até entrar na escola só se falava *italiano*, depois também o português. O *talian* como LM

SUJEITO 4

Entrevistada	TC
Idade e sexo	79 anos, feminino
Nacionalidade	Brasileira, descendente de *italiano* paterno e materno
Descendente de qual geração	3ª geração
Local de estabelecimento dos primeiros familiares	Rio Grande do Sul: Erechim, depois migraram para Tamborá em Santa Catarina, e, de lá, os pais foram para Cascavel no Paraná
Desde quando reside em Cascavel	1954
Subsistência familiar	Agricultura
Escolaridade	Até o terceiro ano do ensino fundamental
Talian (Italiano)	Fala e entende. O *talian* como LM.

SUJEITO 5

Entrevistado	OB
Idade e sexo	80 anos, feminino
Nacionalidade	Brasileira, descendente de italiano paterno e materno
Descendente de italiano de qual geração	3ª geração – avós vieram da Itália
Local de estabelecimento dos primeiros familiares	Rio Grande do Sul: Monte Vêneto/Cotiporã
Desde quando reside em Cascavel	Desde 1956
Trabalho de subsistência familiar	Agricultura
Escolaridade	Ensino Fundamental
Talian (Italiano)	Em casa se falava *italiano* e português. O *talian* como LM

SUJEITO 6

Entrevistado	MD
Idade e sexo	87 anos, feminino
Nacionalidade	Brasileira, descendente de *italiano* paterno e materno
Descendente de italiano de qual geração	4ª geração – bisavós vieram da Itália

Local de estabelecimento dos primeiros familiares	Rio Grande do Sul: Monte Alegre/Erechim
Desde quando reside em Cascavel	Desde 1962
Trabalho de subsistência familiar	Agricultura: trigo, feijão e milho. Plantavam verduras, batata e mandioca
Escolaridade	Ensino Fundamental
Talian (Italiano)	Até o Estado Novo, se falava somente em *italiano*; depois, começaram a falar o português também. O *talian* como LM

SUJEITO 7

Entrevistada	LB
Idade e sexo	59 anos, feminino
Nacionalidade	Brasileira, descendente de *italiano* paterno e materno
Descendente de qual geração	4ª geração – bisavós vieram da Itália
Local de estabelecimento dos primeiros familiares	Rio Grande do Sul: Monte Vêneto/Cotiporã
Desde quando reside em Cascavel	1956
Subsistência familiar	Agricultura
Escolaridade	Ensino Superior
Talian (Italiano)	Fala pouco e entende bem

SUJEITO 8

Entrevistada	DC
Idade e sexo	55 anos, feminino
Nacionalidade	Brasileira, descendente de *italiano* paterno e materno
Descendente de qual geração	4ª geração
Local de estabelecimento dos primeiros familiares	Santa Catarina: Laguna
Desde quando reside em Cascavel	Em1981, em razão do casamento, veio para Corbélia no Oeste do Paraná e, em 1984, mudou-se para Cascavel
Subsistência familiar	Ramo madeireiro
Escolaridade	Ensino Superior
Talian (Italiano)	Os pais falavam; DC aprendeu algumas palavras de ouvi-los

SUJEITO 9

Entrevistada	JB
Idade e sexo	51 anos, feminino
Nacionalidade	Possui dupla cidadania, tem descendência *italiana* paterna e materna
Descendente de qual geração	4ª geração – bisavô veio da Itália
Local de estabelecimento dos primeiros familiares	Rio Grande do Sul: na zona rural de

	Caxias do Sul; depois, moraram em Passo Fundo; em seguida, em Erechim (São Valentim)
Desde quando reside em Cascavel	1975
Subsistência familiar	Agricultura: milho. Produção de vinho e salame,
Escolaridade	Ensino Superior – cursando Letras
Talian (Italiano)	Não ensinaram o *italiano*, mudavam a língua para não serem compreendidos

SUJEITO 10

Entrevistada	VC
Idade e sexo	44 anos, feminino
Nacionalidade	Brasileira com descendência *italiana* paterna e materna
Descendente de qual geração	4ª geração – os bisavós vieram da Itália
Local de estabelecimento dos primeiros familiares	Rio Grande do Sul: na zona rural (não lembra o nome da cidade)
Desde quando reside em Cascavel	Desde 1984
Subsistência familiar	Agricultura
Escolaridade	Ensino Superior: graduada em Letras Português/Italiano
Talian (Italiano)	Fala e entende

SUJEITO 11

Entrevistada	CC
Idade e sexo	43 anos, feminino
Nacionalidade	Brasileira
Descendente de qual geração	Descendente (paterno/ materno) de *italiano* da 4ª geração. O bisavô veio da Itália
Local de estabelecimento dos primeiros familiares	Rio Grande do Sul: na zona rural, migrou para Santa Catarina e, mais tarde, para Cascavel
Desde quando reside em Cascavel	1969
Subsistência familiar	Agricultura
Escolaridade	Pós-Graduação, Professora Doutora
Talian (Italiano)	Não ensinaram o *italiano*, mudavam a língua para não serem compreendidos

SUJEITO 12

Entrevistada	FB
Idade e sexo	40 anos, feminino
Nacionalidade	Brasileira, descendente de *italiano* da parte paterna
Descendente de qual geração	4º geração

Local de estabelecimento dos primeiros familiares	Rio Grande do Sul: Linha Alcântara, em Bento Gonçalves, indo, depois, para Linha Colombo – hoje distrito de Guaporé
Desde quando reside em Cascavel	1990
Subsistência familiar	Agricultura e ferraria
Escolaridade	Ensino Superior
Talian (Italiano)	Os *"nonos"* falavam entre si; entende pouco

SUJEITO 13

Entrevistado	LP
Idade e sexo	40 anos, masculino
Nacionalidade	Brasileira, descendente de *italiano* paterno e materno
Descendente de qual geração	4ª geração
Local de estabelecimento dos primeiros familiares	Santa Catarina: Paredão. Depois, para São Valentim e Erechim no Rio Grande do Sul
Desde quando reside em Cascavel	Nasceu em Cascavel
Subsistência familiar	Agricultura
Escolaridade	Ensino Superior e Pós-Graduação
Talian (Italiano)	Entende, porém, fala pouco; os pais falam fluentemente

SUJEITO 14

Entrevistada	AP
Idade e sexo	28 anos, feminino
Nacionalidade	Brasileira, descendente de *italiano* paterno e materno
Geração	4ª geração
Local de estabelecimento dos primeiros familiares	Rio Grande do Sul
Desde quando reside em Cascavel	Nasceu em Cascavel
Subsistência familiar	Agricultura
Escolaridade	Ensino Superior
Talian (Italiano)	Falava até o falecimento da avó, em 2006

SUJEITO 15

Entrevistada	JG
Idade e sexo	18 anos, feminino
Nacionalidade	Brasileira, descendente de italiano paterno e materno
Geração	5ª geração
Local de estabelecimento dos primeiros familiares	A avó paterna é do Rio Grande do Sul; seu pai nasceu no Paraná, em Santo Antônio do Sudoeste; sua mãe nasceu em Santa Catarina, em Alto Alegre
Desde quando reside em Cascavel	Nasceu em Cascavel
Subsistência familiar	Não mencionou

Escolaridade	Ensino Superior – cursando Letras Português/Italiano
Talian (Italiano)	Só entende

2.4 Ativando a memória: entrevista semiestruturada

A entrevista semiestruturada mistura perguntas fechadas e abertas, possibilitando a flexibilidade. Ressaltamos que, apesar de buscarmos seguir uma sequência, a entrevista transcorreu de modo a deixar a conversa fluir naturalmente. As conversas tiveram como foco desencadear verbalizações que expressassem as memórias referentes aos temas desta pesquisa.

Recorremos ao gravador de áudio para registrar os relatos, pois o uso deste recurso permite ao pesquisador revisitar os dados sempre que necessário para tirar dúvidas (Bortoni, 2009, p. 62). O entrevistador interage com o entrevistado, percorrendo um conjunto de questões previamente definidas e focadas no assunto da pesquisa (FLICK, 2004). Nessa interação, busca-se criar um clima amistoso e agradável para que o informante se sinta confortável e seguro para responder. Para Gil (1997, p. 113), a entrevista é uma forma de interação social, um diálogo assimétrico, em que um busca dados e o outro se apresenta como fonte de informações. A entrevista é o procedimento por meio do qual o pesquisador procura obter informações contidas nas falas dos atores sociais. Além disso, reforça a importância da linguagem e o significado da fala (MINAYO, 1996, p. 57).

Acreditamos que a citada técnica possa corroborar a "criação" de dados que não existiriam se não fosse a intervenção do pesquisador, ao que considera Silverman (2009, p. 186), "dados provocados pelo pesquisador". A escolha dessa técnica se revelou a mais adequada devido à nossa dificuldade em obter acesso a ambientes onde as interações ocorrem naturalmente.

Para a execução das entrevistas, obtivemos dados sobre o fenômeno social foco deste estudo, para, então, elaborarmos questões semiabertas, que pudessem dar espaço para o entrevistado expor suas histórias, mas sem deixar de ter um direcionamento, a fim de não perder o caminho principal – relatos que envolvessem a língua e a cultura dos imigrados e sua influência na vida dos interlocutores. Apoiados em teorias e hipóteses, elaboramos as perguntas pertinentes à pesquisa; entretanto, a partir das primeiras suposições, outras novas hipóteses surgiram à medida que recebemos as respostas dos entrevistados. Nesse caso, as perguntas foram elaboradas de forma que houvesse uma motivação para ativar as memórias coletivas, na busca da reconstrução de histórias culturais e linguísticas de cada indivíduo entrevistado. De

acordo com Halbwachs (1990), pela memória, o passado vem à tona. O papel do entrevistado é primordial, pois é ele quem ajuda a construir o documento sonoro; a fonte é a palavra (MONTYSUMA, 2006, p. 123).

É pertinente evidenciar que, ao realizar as entrevistas face a face, podem-se criar fontes inéditas da história, por meio das vozes de pessoas que vivem uma vida comum, que pertencem à história local. Por tal acepção, é preciso enxergar além da palavra dita, considerar os acontecimentos históricos e sociais, fazer ligações com a palavra, gestos e com o silêncio. Buscar compreender os relatos do entrevistado, isto é, como ele aborda aspectos da cultura, aspectos familiares, sociais, ideológicos e, ao relatar, quais memórias vão sendo ativadas. Segundo Bortoni (2009, p. 49):

> Os atores acostumam-se tanto às suas rotinas que têm dificuldade de perceber os padrões estruturais sobre os quais essas rotinas e práticas se assentam ou – o que é mais sério – têm dificuldade em identificar os significados dessas rotinas e a forma como se encaixam em uma matriz social mais ampla, matriz essa que as condiciona, mas é também por elas condicionada.

Uma entrevista qualitativa transcende questões puramente técnicas (2009, p. 110). Conforme Byrne (*apud* SILVERMAN, 2009, p. 111) "[...] a entrevista qualitativa tem sido particularmente atraente aos pesquisadores que querem explorar vozes e experiências que acreditam terem sido ignoradas, mas representadas ou suprimidas no passado".

A opção pela entrevista semiestruturada se justifica pelo contexto da pesquisa, isto é, a falta de intimidade com os informantes nos leva à elaboração de perguntas, a princípio, fechadas e focadas – nome, idade, sobrenome dos antepassados, informações sobre local de proveniência da Itália e local de estabelecimento no Brasil, dentre outros. Em seguida, as questões se tornam mais abertas, permitindo que possam relatar ocasiões relevantes da infância, da vivência familiar com avós, pais, irmãos, tios e outras pessoas importantes de seu convívio. Nesse momento, muitas vezes, o relato se transforma em uma história de vida, pois o sujeito vai traçando sua trajetória até o momento atual. Nessa descrição, muitas crenças, tradições e questões linguísticas vão sendo evidenciadas. À medida que o entrevistado se sente à vontade com o pesquisador, há mais prazer em contar. Em situações como essas, o pesquisador precisa estar atento para não deixar que o relato se desvie do tema original. É preciso estar alerta aos significados que as pessoas dão à sua história de vida, aos valores familiares transmitidos e, assim, compreender a perspectiva da pessoa entrevistada. Além disso, é papel do pesquisador considerar sentimentos e fragilidades do entrevistado.

Evidenciamos a importância do uso da voz, pois, segundo Freitas (2006, p. 47), "[...] na reconstrução do passado, a linguagem auditiva, que se baseia essencialmente no uso da voz, exercerá um papel fundamental. Pois é como discurso que a memória evidencia todo um sistema de símbolos e convenções produzidos e utilizados socialmente". Por esse aspecto, aguçar a memória com histórias, canções e palavras possui uma função bastante relevante, pois, até no silêncio ou no riso, fatos podem ser confirmados.

Entretanto, na impossibilidade de entrevistarmos face a face alguns participantes da pesquisa, optamos por viabilizar o que estava ao alcance, isto é, respostas escritas, via *email*, e áudio gravado à distância, via aplicativo *whatsapp*. Nesses casos, é notória a diferença das entrevistas dialogadas, em que há uma permuta comunicativa (ORECCHIONI, 2006).

2.5 Roteiro da entrevista semiestruturada

O roteiro de entrevista é composto por 20 questões e pela apresentação de elenco de palavras e expressões, a fim de detectar o conhecimento dos ascendentes, de suas origens, da língua *taliana.*

As perguntas foram elaboradas tentando responder aos objetivos estabelecidos neste estudo, quais sejam: como se veem em relação à cultura dos antepassados *italianos*, quando afirmam o não aprendizado do *talian*; se isso, de fato, é verdadeiro. E ainda, verificar o que permanece da língua e da cultura do imigrante *italiano.*

Uma vez assim, o questionário semiestruturado foi organizado para suscitar memórias relacionadas às histórias familiares, aos hábitos e costumes e ao uso do *talian.* Desse modo, observamos qual a relação entre os relatos dos entrevistados e o mundo que eles descrevem. As perguntas dividem-se em três partes, a primeira foi reservada para o contato inicial com perguntas fechadas: nome; idade; nacionalidade; sobrenome da família; é descendente de *italiano*; a qual geração pertence; onde os primeiros imigrantes *italianos* se estabeleceram quando chegaram ao Brasil. Na segunda parte, as perguntas são mais abertas, possibilitando o diálogo com os entrevistados e relatos de histórias de vida, com o intuito de fazer emergir aspectos históricos, socioculturais e linguísticos. A terceira parte se deteve em explicitar algumas palavras e expressões pertencentes ao *talian*, buscando averiguar o reconhecimento e as atitudes em relação a elas. É valido frisar que o roteiro serviu de guia para as entrevistas, no entanto, nem todas as perguntas foram feitas da mesma forma para todos os participantes; destacamos, que, no calor da conversa, outras questões surgiram e foram pontuadas, a depender da relevância para esta pesquisa.

A seguir, o roteiro da entrevista:

1ª Parte:

1) Nome e sobrenome?

2) Estudou até que série?

3) Qual a idade?

4) Seu contato de telefone e seu e-mail?

5) Nacionalidade?

6) É descendente de *italiano*? A qual geração pertence?

7) Sobrenomes da família?

8) Onde os primeiros imigrantes *italianos* se estabeleceram?

2ª Parte:

1) Como eles viviam?

2) Quais suas memórias de infância?

3) Aprendeu a falar ou entende a língua /dialeto *italiano*, língua dos seus ascendentes? Você preserva algum hábito que é típico da sua família?

4) Costuma se reunir com a família e ou familiares aos domingos? O que comem, bebem? Sobre o que conversam?

5) Você mantém contato com parentes e amigos do Rio Grande do Sul ou de Santa Catarina?

6) Você os visita? Quando visita, o que faz quando está lá?

7) Você consegue perceber, aqui em Cascavel, hábitos, costumes do *italiano*?

8) Referente ao que você conhece da cultura do imigrante *italiano*, com o que se identifica?

9) Existem palavras que seus avós, seus pais usam/usavam e que você continua a utilizar? Qual(is)?

10) Para você, qual seria o perfil do descendente de *italiano*?

11) Você se lembra de alguma oração, estória infantil, cantiga de roda, brincadeira, provérbio, piada em *italiano*?

12) Conhece as canções: *Bella Polenta* ( ); *Merica Merica* ( ); *La verginella* ( ); *Mazzolin di fiori* ( )?

13) Já leu ou ouviu falar do Jornal *Stafetta Rio Grandense* ou Correio Rio Grandense*?*

14) Conhece *Nanetto Pipetta?*

15) O que é uma Festa Italiana para você? Frequenta alguma?

16) Como você vê a língua dos seus antepassados *italianos*: antiga ( ); feia ( ); esquisita ( ); bonita ( ); interessante ( ); língua de colono ( )?
17) Conhece o *Circolo Italiano* de Cascavel?
18) Conhece o Programa de rádio *Italia del mio cuore*?
19) Conhece o grupo de dança *Ladri di cuori*?
20) Já ouviu falar do coral masculino *Filò*?

3ª Parte:

Na sequência, a descrição do quadro de palavras em *talian* escolhidas para a entrevista. As palavras e expressões foram selecionadas a partir da minha perspectiva como moradora não cascavelense, pois havia palavras, expressões, sotaques, entonações que se destacavam no português falado em Cascavel e que eu, como paulista, nunca os tinha ouvido antes. Nesse caso, a composição desses vocábulos contribuiu para aguçar a memória ligada ao descendente de *italiano*, já que nem mesmo os próprios usuários tinham consciência da origem das referidas palavras. Para tanto, eis o quadro[36]:

Quadro 2 – Palavras e expressões do *talian* e *talianizadas*

Ciò	*Formaio*	*Sbodegado*	*Fiasco*
Ciuco	*Grostoli*	*Porcacion/ Sporcacion*	*Bodega*
Ciacolar	*Polenta brustolada*	*Spaventoso/ Spaventada*	*Strucon*
Filò	*Agnolini*	*Fiol de un rospo*	*Capitel*
Bauco	*Graspa*	*Sacramento*	*Soga*
Pociar	*Fortaia*	*Porca pipa*	*Ma varda!*
Bicieroto	*Magnar*	*Tosa*	*Se te ciapo!*
Anca	*Radici*	*Pupà*	*Vecia /vecio/*
*Chimarron**	*Caciassa**	*Sentarse darente al fogon **	----------

Fonte: Elaboração do pesquisador.

[36] Para a obtenção dos dados linguísticos, partimos da exposição oral das palavras; perguntamos se eram usadas por eles ou por alguém da sua família. Há outras palavras que surgiram durante algumas entrevistas e que aparecerão no capítulo das análises.

O Quadro 2 contém tanto palavras que pertencem ao léxico do *talian* quanto vocábulos do português que foram *talianizados*, sendo que esses últimos estão marcados com um asterisco.

2.5.1 Breve descrição das palavras

A grande maioria das palavras foi mantida tal e qual como no dialeto de origem e, assim, são usadas tanto no dialeto vêneto quanto no trentino. Para a tradução das palavras, buscamos o referencial no dicionário do *Talian* de Luzzatto (2000), no dicionário Veneto italiano (BASSO, 2012) e em sites da internet, a fim de não somente esclarecer o significado, mas, também, sempre que possível, indicar o dialeto de origem.

No que concerne à origem e traduções das palavras nos dialetos *italianos*, lembramos que esta seção tem como objetivo apenas contextualizar o leitor, pois nossa pesquisa não abrange o estudo do léxico do *talian***.** Desse modo, veremos uma breve tradução dos vocábulos apresentados aos entrevistados:

Ciò – interjeição: Olá, Escuta! Ei, tu aí? Expressão de tratamento informal vinculado à segunda pessoa do singular. Vale lembrar que *ciò*, com sentido pejorativo de bobo ou *tongo*, não se encontra dicionarizada. No entanto, nas entrevistas, perceberemos que o segundo sentido é bastante conhecido.

Ciuco – adjetivo e substantivo masculino: bêbado.

Ciacolar – verbo: conversar.

Filò – substantivo masculino: reunião familiar, sarau.

Bauco – adjetivo: bobo.

Pociar – verbo: molhar, umedecer. Derivado do dialeto vêneto. Na região do Piemonte e Lombardia, existe o *pucciare* ou *puciare*. Há, ainda, a variante: *tociar*.

Bicieroto – copo pequeno.

Anca – também.

Chimarron[37] – do português Chimarrão. A palavra não consta no dicionário do *Talian* de Luzzatto (op.cit), porém é bastante utilizada com essa pronúncia pelos mais velhos. O referido modo de pronunciar também pode estar atrelado à influência dos países de língua hispânica que

[37] Os índios guaranis foram os primeiros a produzirem a erva mate (LUVIZOTTO, C. K. *Cultura gaúcha e separatismo no Rio Grande do Sul*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009). Em FERREIRA (2004, p. 456), a palavra chimarrão tem origem hispânica – *cimarrón*. O significado é mate cevado.

fazem fronteira com o Rio Grande do Sul, pois essa palavra é de origem espanhola, *cimarrón.* No entanto, há probabilidade, também, de ser uma adaptação ao sistema fonológico do *talian*.

Formaio – queijo.

Grostoli – Espécie de rosquinha ou biscoito retorcido frita e passada no acúçar. Variação *crustoli, crostoli, grustoli.* São conhecidos, na Itália, como doces de carnaval. Foi considerado, por muito tempo, o doce nacional de Veneza, entretanto, hoje, é conhecido no território de Vêneto e de Friulano[38].

Polenta ***Brustolada*** – polenta sapecada na chapa. A polenta foi um típico alimento consumido na Itália Setentrional, como, por exemplo, na região do Vêneto, da Lombardia e do Trentino. Aqui, no Brasil, os descendentes de imigrados *italianos* chamam-na de polenta *brustolada*. Nos dicionários vêneto e trentino, registra-se *brustolà*[39].

Agnolini – Embora muito conhecido pelos descendentes da região Sul, a palavra não se encontra nos dicionários. Via internet conseguimos, identificar que se trata de um prato típico da cidade de Mantova[40], na região da Lombardia, e, também, da Região da Emilia Romagna, conhecido como *anolini*[41]. Na Itália, o prato é consumido com o caldo da carne do boi ou de frango e a massa; já no Brasil, é costume fazê-lo usando pedaços de frango – a conhecida sopa de *agnolini*.

Graspa – bebida alcóolica feita do bagaço da uva.

Fortaia – omelete, fritada de ovos batidos com bacon, queijo, cebola e salsinha.

Magnar – comer.

Radici – No dicionário, está no singular como *radicio*: almeirão ou chicória. Vale ressaltar que alguns entrevistados deram mais detalhes sobre suas vivências comendo *radici*. É o que veremos no capítulo das análises.

Caciassa – Cachaça. Tal palavra também é descrita por Confortin (1998, p. 36) como empréstimo do português para o *talian*. Apesar de a palavra estar dicionarizada por Luzzatto (*op. cit.*), consideramos pertinente refletir sobre outra perspectiva, isto é, levando em consideração que algumas regiões colonizadas por imigrantes *italianos* fazem fronteira com o Uruguai e a Argentina, países de língua espanhola; logo, passamos a questionar se seria possível

---

[38] Disponível em: <http://www.venezia.net/dolci-del-carnevale-frittelle-galani.html>. Acesso em: 06 jun. 2016.

[39] Disponível em: <http://www.prolocoaviano.it/VOCABOLARIO%20DELLA%20PARLATA%20DI%20AVIANO.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2016.

[40] Disponível em: <http://www.bontadilombardia.it/agnolini.html>. Acesso em: 06 jun. 2016.

[41] Disponível em: <http://www.lebellezzeditalia.it/emilia_romagna/emilia_romagna_it/piatti_tipici.htm>. Acesso em: 06 jun. 2016.

que essa pronúncia fosse uma interferência da região de fronteira, pois, na língua espanhola, as consoantes juntas CH formam o som palatal fricativo surdo *tche* (MONZÚ FREIRE, 1999, p. 13)[42]. Seguindo tal raciocínio, a palavra cachaça teria a pronúncia de ca(*tchi*)aça, configurando uma interferência do espanhol no português. O que ora aventamos é a possibilidade de ter ocorrido o empréstimo da interferência, ou seja, de ca(*tchi)*aça, o descendente de imigrante teria compreendido *caciassa*, já que, em *talian*, a letra c seguida das vogais **e** e **i** compõem o som de *tche* e *tchi*. Desse modo, a probabilidade seria de que, ao ouvirem ca(*tchi)*aça, teriam reproduzido *caciassa*. E, então, seria outro caso de empréstimo por adaptação ou, segundo Weinreich (2008, p. 21), a adaptação dos sons de uma língua para outra, chamada pelo autor de "*sostituizione di suoni*"[43].

Sbodegado – Essa palavra vem do verbo *sbrodegar*, que tem o significado de deturpar, estragar, desmazelar. No cotidiano em Cascavel, é comum ouvir: "Está *sbodegado*!" – Está desmazelado, esfarrapado!

Sporcacion/porcacion – porcalhão, sujo, imundo.

Spaventoso/spaventado – assustado, espantado; é comum ouvir *spaventado*.

Fiol de un rospo – Filho de um sapo.

Sacramento – Expressão utilizada com sentido de indignação ou irritação. Variação: *sacramegna, sacramenta, cramento, cramenta, cramegno e cramegna*.

Porca pipa – Expressão de xingamento e irritação. Poderia ser traduzido como: "puxa vida".

Tosa – moça.

Pupa – pai.

Sentarse darente el fogon – sentar-se na frente do fogão.

Fiasco – insucesso. Palavra tanto da língua *italiana* padrão como também do PB.

Bodega – bar, botequim.

Strucon – apertão.

Capitel – capelinha.

Soga – corda.

***Ma varda*!** – Mas olha!

Se te ciapo – Se te pego (verbo ciapar).

Vecia/vecio – velha e velho.

---

[42] MONZÚ FREIRE, M. T.R. *Síntesis gramatical de la lengua española*. *Uma gramática contrastiva: Español-Portugués*. São Paulo: Enterprise, 1999.

[43] Substituição dos sons.

2.6 O modo como foram conduzidas as entrevistas

Foi concedida a cada participante a liberdade de escolha em relação ao local da entrevista e a maioria optou por concedê-la em sua própria residência. Outros, porém, preferiram que acontecesse em local determinado pela pesquisadora e, então, foi-lhes sugerida uma sala de aula da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) para a realização da conversa. Com isso, cinco entrevistados se dirigiram ao local determinado, no dia e horário combinados.

Alguns informantes mostraram fotos durante as conversas possibilitando maior compreensão dos fatos relatados. Foram realizadas 15 entrevistas, sendo os participantes 06 idosos, 05 adultos e 04 jovens.

Os diálogos foram conduzidos individualmente; no entanto, alguns deles contaram com a presença de um ou mais familiares que, de alguma forma, contribuíram com o conteúdo da conversa e para uma motivação maior do entrevistado. Houve um caso em que a entrevista se dirigiu a um idoso, mas a esposa, suas filhas e netas permaneceram presentes para acompanhá-lo. Os eventos expostos foram tomando uma proporção que todos, curiosos com as histórias e se reconhecendo em muitas delas, começaram a participar sem que lhes fosse solicitado. Tais pessoas atuaram como coadjuvantes na confirmação de alguns elementos e os referidos episódios foram muito relevantes para que dados da língua e cultura fossem desvelados.

Essas pessoas serão, no momento das análises, descritas como participantes secundários e estarão dispostos na transcrição dos dados selecionados como:

Entrevistado MF – teve a presença e colaboração de seus familiares: esposa (ES), duas filhas (F1 e F2) e duas netas (N1 e N2);

Entrevistada TC – teve a presença e colaboração de um familiar (FA);

Entrevistada VC – durante a entrevista, nos relatou que, por meio da influência dos bisavós, tios-avós e pais, seu filho (FI de VC) conhece e preserva a cultura *taliana*.

2.7 O papel do pesquisador

Na pesquisa qualitativa, o pesquisador não é neutro. Silverman (2009, p. 109) afirma que o entrevistador é um participante ativo da pesquisa, pois ele também é socialmente situado.

O olhar do observador interfere na situação observada; é uma espécie de filtro no processo de interpretação. Sua visão está fundamentada em práticas sociais, linguagens e significados. Conforme Bortoni (2009, p. 59), “[...] sua ação investigativa tem influência no

objeto de investigação e é por sua vez influenciada por esse". E nessa mesma direção, expõe Flick (2009, p. 25):

> A subjetividade do pesquisador, bem como, daqueles que estão sendo estudados, tornam-se parte do processo de pesquisa. As reflexões dos pesquisadores sobre suas próprias atitudes e observações de campo, suas impressões, irritações, sentimentos, etc., tornam-se dados em si mesmo, constituindo parte da interpretação e são, portanto, documentadas em diário de pesquisa ou em protocolos de contexto.

O pesquisador/entrevistador precisa ter certa habilidade e sensibilidade para interagir com a pessoa a ser entrevistada, buscando entender suas experiências, suas opiniões, suas ideias, seus silenciamentos. Deve estimular o entrevistado a responder, tomando o cuidado de não lhe sugerir respostas. Com isso, há uma aproximação maior do investigador com as pessoas entrevistadas.

Ao interpretar e apresentar a entrevista como parte de suas descobertas, o pesquisador produz uma nova versão do todo. É válido salientar que cada leitor poderá interpretar a versão do pesquisador de diversas formas, a depender de suas próprias convicções ideológicas. Assim, quando entra em campo para pesquisar, traz consigo sua bagagem sócio-histórico cultural, que afeta o modo como vê a pesquisa. Presumir que todos os pesquisadores qualitativos tenham as mesmas suposições em relação aos dados é um engano. Pereira (1998, p. 02) aponta que é preciso ter clareza de que a possibilidade de resgatar o passado é determinada tanto pela metodologia e pelo arcabouço teórico do investigador como por seu próprio estilo.

O diário de campo é um instrumento muito valioso para o pesquisador, pois propicia anotar os dados observados e contribui para a riqueza das descrições do mundo social estudado.

Ao pesquisar, é importante todo esclarecimento das ações que envolvem a entrevista, desde negociar o acesso ao local da pesquisa, selecionar um espaço, explicar a natureza e os objetivos da pesquisa, falar sobre autorização e garantia de sigilo.

Em nossa pesquisa, foram expostas aos entrevistados as condições necessárias para garantir sua participação sem danos e nem constrangimentos. Nesse sentido, um termo de consentimento (anexo 1) foi elaborado e entregue a cada participante. O termo foi elucidado, explicando a liberdade de participação ou não no estudo e dos possíveis danos. Ao pesquisador, fica a total responsabilidade de manter sigilo sobre a identidade dos entrevistados e de tratar, de maneira confidencial, as informações obtidas durante as entrevistas. Além disso, é esclarecido que os dados alcançados devem ser utilizados apenas para fins científicos.

Para finalizar esta seção, salientamos que, ao analisar os dados coletados, apreciamos resultados considerando apenas os indivíduos participantes. É improvável que a realidade seja totalmente apreendida. Portanto, com base nessa afirmação, não nos interessa trazer um retrato fidedigno dos acontecimentos das histórias que envolvem as famílias, mas, sobretudo, mostrar as experiências que guardam em suas memórias afetivas e coletivas.

No capítulo sequente, revelaremos o contexto histórico da formação da língua *taliana*.

CAPÍTULO III – CONTEXTO HISTÓRICO DA FORMAÇÃO DO *TALIAN*

No presente capítulo, trazemos alguns autores que pesquisaram como teria ocorrido a constituição do *talian* no Sul do Brasil por meio de imigrantes e descendentes de *italianos* vindos de uma Itália há pouco unificada geograficamente, mas não linguisticamente. Sendo assim, essas pessoas levaram para o contexto Sul brasileiro diversos falares dialetais de suas regiões de origem.

Sinalizamos, pois, algumas possibilidades para a constituição do nome *talian* e, em seguida, pontuamos eventos, personagens e publicações que corroboram a difusão e o resguardo dessa língua.

3.1 Descendentes de *italianos* em busca de uma língua: contexto histórico da formação do *talian*

O *talian* é caracterizado como língua de minoria, formada no Brasil pelos imigrantes e descendentes *italianos*, pertencentes à primeira leva de imigração, que se fixaram nos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Nos estudos consultados, encontramos, também, a denominação de "vêneto brasileiro" ou "dialeto sul rio-grandense" (FROSI E RASO, 2011).

O nome ligado ao vêneto se explica pela predominância de dialetos da região vêneta. A constituição dessa língua vai acontecendo à medida que tais dialetos vão se intercruzando; consequentemente, à medida que se faz necessária a comunicação com brasileiros, palavras e estruturas da língua portuguesa igualmente vão sendo incorporadas (LUZZATTO, 1993; CONFORTIN, 1998; COSTA, 2000; TONIAL, s/d; BATTISTEL, 2000; FROSI, 1998 e 2011).

Na concepção de Luzzatto (1993), o *talian* é a segunda língua mais falada no Brasil, posicionando-se depois do português. No entanto, sobre essa afirmação, desconhecemos pesquisas que demonstrem tal dado.

Uma indicação que confirmaria essa hipótese está no fato de que, no Rio Grande do Sul, em municípios como Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Garibaldi, Serafina Corrêa, Antônio Prado, Erechim, entre outros, o *talian* é a língua materna de muitos anciãos, principalmente, junto àqueles que residem na zona rural. Vale frisar que não é somente a língua do imigrante que é veiculada, mas sua cultura se reflete na alimentação, na religiosidade e nas festas. Cidades como Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Serafina Correa, entre outras, preconizam manifestações culturais locais que têm o *talian* como língua co-oficial.

É importante destacar que, quando os imigrantes foram estabelecidos em glebas de terras próximas umas das outras, ficaram isolados geográfica e socialmente da zona urbana e

tal situação contribuiu para maior aproximação entre eles e para a convivência em "comunidade". Com isso, as pessoas, aos poucos, foram se comunicando em suas línguas e se interinfluenciando.

Em virtude do processo de Unificação da Itália, que aconteceu entre 1859 e 1870, o país acabou tomando rumos capitalistas, o que gerou um grande contingente de pessoas sem terra e sem trabalho. De acordo com Carboni e Maestri (2000, p. 16), "O abandono da terra natal constituiu saída para a crise vivida por multidões de camponeses [...]", de maneira que os campesinos perderam seus postos, dando lugar à propriedade privada e à industrialização. Com representatividade numérica, imigraram especialmente da região do Veneto, Lombardia, Trentino Alto Ádige (Tirol) e Friuli Venezia Giulia (FROSI e MIORANZA, 1975, p. 15). Sem terras, sem trabalho, sem condições mínimas de sobrevivência, os *italianos* deixaram a Itália para fugirem dos pesados impostos ou após perderem suas terras para o fisco, para o agiota, para o burguês citadino, para o grande proprietário. Devido à impraticabilidade do contexto, inicia-se uma nova história de vida e, por conseguinte, linguística desses imigrantes *italianos*.

Conforme Costa (1999), o *talian* começou sua constituição ainda nos embarques, nos navios de emigrantes. Segundo o autor (2000, p. 17):

> O *talian* ter-se-ia formado mais ou menos assim: no navio que vinha de Gênova, por exemplo, havia gente de várias províncias e os da mesma província, não eram todos do mesmo município, cada um falando à sua maneira e, viajando juntos no navio, estabeleceram amizades, e puderam falar bastante, pois levava-se quarenta dias em 'navio a vapor'.

A concepção de Costa sinaliza, a nosso ver, para probabilidades das primeiras interações nas embarcações. Convém salientar que, sendo a língua de natureza social, o contato linguístico é um fenômeno que sempre se deu entre as diferentes línguas e nações. Certamente os *italianos*, na península itálica, tinham algum tipo de contato com pessoas de outras cidades e regiões. Nesse caso, o contato entre eles, seja no porto de Gênova seja nos navios de emigrantes, seria esperado.

De acordo com Maestri (2000), do porto de Gênova, partiam os expatriados, geralmente, em terceira classe. O autor (*op. cit*), ao falar das interações entre diferentes dialetos, concorda com Costa, ao afirmar que

> A longa viagem do porto de Gênova até os lotes era realizada através de inúmeras estadas nos portos costeiros brasileiros, nas capitais provinciais, nas escalas no interior. Durante as interrupções de uma viagem que podia demorar-se longos meses, os imigrantes permaneciam em alojamentos

> coletivos, onde ocorriam, inevitavelmente, trocas linguísticas. (MAESTRI, 2000, p. 88-89)

Trento (1989, p. 44) descreve as viagens dos emigrantes como uma verdadeira odisseia, vez que eles ficavam de trinta dias a dois meses em alto mar, eram mal alimentados, empilhados em beliches ou no próprio chão, sujeitos a epidemias. A questão linguística foi um fator a mais com que tinham de lidar e, possivelmente, um fator que auxiliou para momentos em que compartilhavam indignações das situações no navio. No entanto, não é possível definir, com precisão, quando e como se deram essas interações. Para Rossi-Landi (1985, p. 74), "[...] a naturalidade do falar é uma sociedade, e é fruto de um exercício bastante longo por parte do indivíduo e de uma tradição bastante longa de vivência social".

Os imigrantes não falavam a língua italiana, mas transferiram para o Brasil a situação linguística daquele momento. O Norte da Itália era governado por estrangeiros, direta ou indiretamente. Assim, de acordo com Luzzatto (1998, p. 168), quase todos os componentes das primeiras levas de imigrantes nasceram em território não italiano; ou seja, eram vênetos, lombardos, friulanos, trentinos, piemonteses, etc.

Diante daquela conjuntura, compreendemos que os imigrantes trouxeram da Itália seus falares. Por exemplo, da região do Vêneto, os seguintes dialetos: belunês, trevisano, vicentino, veronês, veneziano; da região da Lombardia: mantuano, cremonês, milanês; da região do Friuli: um vêneto arcaico; da região de Trento: variante do vêneto. O estudioso Darcy Luzzatto (1993, p. 30), ao discorrer sobre a história do *Talian*, registra que

> Nossos antepassados, quando chegaram da Itália, utilizavam falares diferentes, característicos de sua região de origem. Aqui, o governo imperial, que não distinguia um trentino de um friulano, assentou-os todos juntos. Dessa mescla de gentes, e, consequentemente de falares, resultou um novo idioma, o *talian*.

Por esse quadro, é evidente que a língua materna do imigrante era sua língua local que, em contato com os outros falares dialetais, foi se modificando, formando uma língua comum a todos, ao que Weinreich (2008) chama de línguas de partida e de chegada.

3.2 A definição do nome *talian*

No que concerne à definição da designação *talian*, existem algumas considerações de autores gaúchos que nos permitem evidenciar que a escolha tem a ver com a história difícil das vidas dos imigrantes, embora, no Brasil, esse nome revele muito sobre o lugar de origem. Sua construção, portanto, vai sendo moldada na relação afetiva de seus falantes. É o que podemos notar nas justificativas dos autores seguintes.

Honorio Tonial[44](2008, s/n) aponta que, da confluência dos diferentes falares trivênetos e lombardos e, em número menor, dos falares de outras regiões, acrescidos de palavras da língua portuguesa, formou-se uma nova língua denominada pelos estudiosos de *talian*, pois, ao que tudo indica e que veremos nos próximos parágrafos, o termo já existia na Itália. O autor em tela relata que a escolha desse nome foi justamente para diferenciá-lo da língua italiana oficial. Por isso, aqueles descendentes pertencentes ao trivêneto-lombardo (1875-1945), que vieram ao Brasil em busca de uma vida melhor, foram denominados *taliani* no Brasil. Conquanto saibamos que muitos desses descendentes que falam "essa mistura de dialetos com português" não têm uma definição da língua que veiculam; tanto que é comum lermos e ouvirmos relatos em que afirmam falar o dialeto ou o *italiano* não gramatical.

Luzzatto (1993, p. 22), ao expor suas conjecturas a respeito de sua própria língua, conta que, em conversas com alguns estudiosos, eram lhe pedidos esclarecimentos sobre seu falar, uns o caracterizavam como um falar vêneto, outros como vêneto brasileiro ou um falar vêneto com sotaque trentino e outro como *talian*. Todas as descrições levavam-no a acreditar que sua língua era, de fato, tudo aquilo, já que se tratava de uma mistura das línguas em contato. Conforme descreve o próprio autor (1993, p. 23), o *talian* era uma verdadeira língua vernácula nos anos 50, momento de grande incidência da migração para Santa Catarina e regiões Sudoeste e Oeste do Paraná. Naquela ocasião, ainda não se tinha estabelecido um nome à língua e, assim, denominavam-na simplesmente de dialeto vêneto ou de vêneto, embora, segundo o autor, "não fosse um vêneto *perfeito"*(sic), visto que havia a contribuição de outros dialetos do Norte/Nordeste da Itália e, cada vez mais, palavras brasileiras venetizadas.

É válido ponderar que a ideia de perfeição novamente aparece como algo possível. Dessa maneira, reiteramos nosso posicionamento em relação a não existência da língua pura. Ao contrário, cremos que, onde há interação, há imperfeições linguístico-culturais riquissímas, mesmo que alguns pesquisadores não concordem com tal acepção. A língua vive, se move e se transforma.

---

[44] Disponível em: <http://htonial.blogspot.com.br/search?updated-min=2008-01-01T00:00:00-08:00&updated-max=2009-01-01T00:00:00-08:00&max-results=34>. Acesso em: 03 set. 2015.

Retomando a questão quanto ao nome da língua que se formou no Brasil, em 1987, em Porto Alegre, com a presença de alguns pesquisadores que falavam e escreviam nesse, então, "dialeto", aconteceram reuniões para o estabelecimento de uma ortografia básica. Vale realçar que o desejo de reconhecimento do *talian* passa pelo viés da língua legitimada, ou seja, para ser aceito como língua, é preciso oficializar a língua pelas normas da escrita.

Luzzatto (1993, p. 23) faz, assim, uma descrição do momento em que se definiu a opção pela denominação da língua. Estavam presentes Darcy Luzzatto, Rovílio Costa, Júlio Posenato e outros estudiosos. Além da ortografia, eles estavam empenhados em designar uma atribuição única e definitiva para o falar vêneto, isto é, um nome que fosse mais conhecido pelos falantes. Rovílio Costa desejava que fosse Vêneto Sul-riograndense, Luzzatto considerava que seria melhor Vêneto Brasileiro e Posenato preferia *Talian*. Marcaram um encontro para outra data. Em uma ida de Luzzatto à cidade de Farroupilha, no Rio Grande do Sul, para a participação em um seminário, enquanto esperava uns amigos, na porta do local, ele viu uma idosa que aguardava o final da reunião. O autor aproximou-se e perguntou: "*Scolte, nona, sio bona de capirme se ve parlo in vèneto? (Vó a sra. me entende se vos falo em veneto?) E ela me respondeu: Nò, caro, scùseme, sol se te me parli in talian! (Não, querido, só se me falares em talian!)".* Depois disso, ele telefonou a Júlio Posenato e disse: *"Tinhas razão, o nome do nosso falar tem de ser Talian!" (Sic).*

Em nosso entendimento, não se sabe, ao certo, como o nome da língua foi se compondo, mas nossa hipótese, baseada nessas citações, é a de que foi um designativo muito ligado ao *italiano.* Nossas suposições inferem ainda que, primeiro, apesar de não haver uma língua unificada, já havia, como já expusemos na introdução desta tese, o conceito abstrato de italiano; ou seja, todos vieram de um país que não era unificado linguisticamente, mas politicamente já era conhecido como Itália. Ao buscarmos o significado de italiano no dicionário online *Treccani*, vimos que está caracterizado como:

> Da Itália: o povo italiano; língua, história e literatura italiana; a civilização, a cultura, as costas, as regiões, as cidades, as províncias[45];
> a República Italiana, seja aquela proclamada por Napoleão em 1802 (como transformação da República Cisalpina), seja aquela nascida a partir do referendum de 02 de junho de 1946.[46]

[45] Grifo nosso.

[46] *Dell'Italia: il popolo italiano*; *lingua, storia, letteratura italiana*; *la civiltà, la cultura*; *le coste, le regioni, le città, le province*; *la Repubblica Italiana, sia quella proclamata da Napoleone nel 1802 (come trasformazione della Repubblica Cisalpina) sia quella nata dal referendum del 2 giugno 1946*.

Entendemos, portanto, que, desde momentos políticos mais remotos, antes mesmo que emigrasse, o conceito de *italiano* já existia; ou seja, segundo a definição do dicionário, é italiano tudo aquilo que está na península itálica como civilização, cultura, províncias e cidades.

Outra suposição seria que os militantes fervorosos, observando a frequência da utilização do termo *talian*, concluíram que seria o mais próximo a seus falantes. Entretanto, não foram encontradas outras bibliografias brasileiras que possam confirmar a justificativa da escolha de tal nome. Para Costa (2000, p. 20), há relação com laços informais ligados à língua oral dos "*noni*"; logo, segundo o autor: "O nome *talian* veio dos *nonos*, que sempre diziam: Nós somos *Taliani* e por isso falamos em *Talian*[47]".

Mas qual seria a razão da frequência do uso de tal nome? Aventamos a possibilidade dessas pessoas "acreditarem" que a língua que estavam falando com seus "*compaesani*[48]" ou com *italianos* de outras províncias que, entendessem ou tivessem formas dialetais próximas ao vêneto, fosse o *italiano*. Pela referida linha de raciocínio, é interessante destacar que o termo *talian*, em trentino, tem o significado de *italiano*, como foi possível verificar em sites consultados: a) *talian*[49] é um adjetivo e substantivo masculino com o significado de *italiano*; b) em outro dicionário online[50] pesquisado, o qual citamos com reservas, também indica que *talian*, no dialeto trentino, diz respeito a *italiano*.

Ao buscarmos um dicionário friulano, encontramos o site friulano.net que, entre vários documentos sobre essa língua, oferece também um programa de suporte ao usuário, que ao ponderar sobre o grande *dizionario bilingue italiano-friulano*, apresenta o enunciado da seguinte forma: *Grant dizionari bilengal talian-furlan*.

Entretanto, chamou-nos a atenção o fato de encontrarmos, em semelhantes dicionários online, o acréscimo de outro sentido à palavra: em um *blog*[51], o termo *talian* no dialeto trentino significa *italiano*, mas, também, confere o significado de forasteiro, isto é, estrangeiro que não pertence à Itália.

(Tradução nossa.Obs. Todas as traduções realizadas ao longo desta pesquisa são de autoria do próprio pesquisador.)

[47] "*El nome Talian el vien dei noni, che sempre i disea*: "*Noantri semo Taliani, par questo parlemo in Talian*".

[48] *Compaesano s. m. (f. -a) [comp. Di con- e paesano]. – Persona che abita o è nata nello stesso paese di altri o del parlante: una riunione di compaesani; incontrare un c.* (www.treccani.it). Pessoa que mora ou nasceu no mesmo país ou vilarejo de outros ou do próprio falante: uma reunião de compatriotas; encontrar um compatriota no exterior.

[49] Dicionário trentino de Aldo Aneggi. (Disponível em: <http://www.diaolin.com/wordpress/?page_id=149>. Acesso em: 15 mar. 2016.)

[50] Disponível em: <http://pulcinella291.forumfree.it/?t=54341097>. Acesso em: 15 mar. 2016.

[51]Disponível em: <http://lagorai.blogspot.com.br/>. Acesso em: 15 mar. 2016.

Tal fato vem confirmar o que destaca Fumich (2007, p. 44), ao explicar que *talian* pode ter, de fato, dois sentidos no dialeto triestino, isto é, da cidade de Trieste, que pertence à região do *Friuli Venezia - Giulia*. Esta é uma abordagem que remonta aos tempos antes da grande imigração e que talvez corrobore as razões do nome *talian* hoje no Brasil:

> [52] O que dizer do termo *talian* do dialeto triestino. Com certeza, *talian* corresponde a italiano, mas isso não é tão linear assim. Tomamos o dicionário de Pinguetini para não sermos tachados de oportunistas. O dicionário indica: sim, falo italiano diz-se a quem demora a compreender; falar italiano corresponde a falar o dialeto, enquanto quem fala a língua, diz-se que se fala o toscano. Bendito, meu Deus, sou triestina e falo só italiano. Para confundir ainda mais, se me lembro bem, com o termo *talian*, o povo citado por Pinguentini[53] usava depois que retornavam da Itália para Trieste.

O que compreendemos é que, efetivamente, o uso de uma língua não tem fronteiras, não cabe em formas preestabelecidas; o sentido das palavras pode ser ampliado, modificado e ou deslocado para outros meios, conforme a necessidade dos que a veiculam. Assim, acreditamos na possibilidade de que os imigrantes da primeira onda de imigração para o Brasil, tanto sentindo-se italianos ou sentindo-se estrangeiros, usariam o adjetivo *talian*. Tal fato pode ser explicado levando em consideração que regiões como *Veneto, Trentino Alto Adige e Friuli - Venezia Giulia* – o trivêneto, que pertenciam, no período imigratório, ao Império Austríaco, não eram *italianos*, mas estrangeiros na Península Itálica.

3.3 A heterogeneidade da língua

Os imigrantes que se estabeleceram no meio rural da Região Colonial, em virtude do isolamento físico e social, obrigaram-se a construir sua autossuficiência (TEDESCO, 2001, p. 20). Enfrentaram as matas densas, cortaram árvores, fizeram as toras para tábua e casas improvisadas, além disso, faltavam ferramentas qualificadas para o trabalho de desmate. Conforme pode ser notado em Manfroi (1979, p. 189), o isolamento geográfico imposto pelo próprio sistema de colonização contribuiu para uma homogeneidade cultural. Entendemos o

---

[52] *Che dire poi del termine "talian" del dialeto triestino. "Talian" vale dire "italiano", certamente, ma la cosa non è così lineare. Prendiamo il Pinguentini per non essere tacciati di strumentalizzare. Il vocabolario alla voce aggiunge: "è sì che parlo talian, si dice a chi tarda a capire; parlar talian vale parlare il dialeto, mentre chi parla in lingua, il popolo dice che parla "toscàn". Benedetto, mi son triestina e parlo solo talian. E in aggiunta, per confondere ulteriormente se non recordo male, col termine "talian" il popolo citati da Pinguentini usava dopo il ritorno dell' Italia a Trieste.*

[53] *Fumich cita o autor do dicionário. Pinguentini, Gianni. Nuovo dizionario del dialetto triestino: storico, etimologico, fraseológico. Bologna: Del Bianco, 1986.*

caráter homogêneo no sentido de preservar os costumes e as tradições de origem com características semelhantes. No entanto, na concepção do autor, a homogeneidade linguística vai se formando aos poucos.

Pela direção da nossa pesquisa, mais uma vez, questionamos o conceito de homogeneidade ponderado por Manfroi (*op. cit.*), pois, conforme dados históricos já vistos neste estudo, a Itália daquela época não era unificada, tampouco seus falares eram homogêneos. Acreditamos que, se as heterogeneidades de falares e de culturas foram trazidas ao Brasil, seria bem arriscado fazer uma afirmação sobre homogeneidade cultural e linguística em solo brasileiro. Assim como em uma língua dita "unificada" ocorre variação e mudança, o mesmo se dá com os falares dialetais; ou seja, quanto maior o contato, maior a influência nos vários níveis da língua, seja lexical, fonológico, sintático e outros.

Em Certeau (1998, p. 222), haverá sempre outras vozes rompendo a unicidade desejada:

> Não existe voz pura, porque ela é sempre determinada por um sistema (familial, social, etc) e codificada por uma recepção. Mesmo que as vozes de cada grupo componham uma paisagem sonora – um sítio sonoro – facilmente reconhecível, um dialeto – um sotaque – se destaca por seu traçado numa língua, como um perfume; mesmo que uma voz particular se distinga entre mil por acariciar ou irritar o corpo que ouve, instrumento de música tocado por essa mão invisível, não há tampouco unicidade entre os ruídos da presença, cujo ato enunciador influencia uma língua quando a fala.

Embora haja concordância em relação ao modo como foi se constituindo o *talian*, ainda ressoa, nos discursos, o imaginário da língua homogênea. O *talian*, com toda gama de variação e mudanças que foram acontecendo e continuam a ocorrer, não tem nada de homogêneo. Aliás, essa língua comum continua mudando. Na concepção do mencionado autor, aliás, o plural é algo originário e legítimo.

Honorio Tonial (2008, s/n) ressalta que o *talian* é uma língua em movimento como qualquer outra falada. Segundo ele, a língua está em crescente atualização, incorporando neologismos e formas idiomáticas que resultam do surgimento de novas denominações decorrentes das interações.

As interações nas colônias propiciaram a partilha dos bens culturais e linguísticos. De acordo com Tedesco (2000, p. 21), "[...] a solidariedade familiar, em meio aos conflitos, estendia-se para a solidariedade grupal (de viagem, do barracão, da linha, da capela)". Entendemos, assim, que, até os dias de hoje, a memória da família, da fé, do grupo familiar, no trabalho, é manifestada nas festividades *italianas*.

A família sempre foi sinal de respeito e instituição sagrada; mas não somente ela foi esteio para os tempos difíceis, a música também serviu como fator para amenizar e fortalecer nos momentos mais duros. As canções eram uma forma de registro, desabafo e conforto em relação às lutas vividas. Para Tedesco (2001, p. 25): "[...] antigamente, cantava-se no trabalho e no seu retorno, na estrada, na igreja, em casa, nos *filòs*".

Além da família e das canções, há outro elemento unificador e revigorante para o imigrante *italiano* – a religião. A igreja foi o espaço referencial para a construção cultural dos membros da colônia. Toda situação de isolamento físico e a nostalgia da terra natal serviram para aumentar a tradição religiosa. Tedesco (2001, p. 58) destaca que "[...] o colono imigrante reconstruiu seu mundo cultural pelos atos e ritos individuais e comunitários religiosos. A vida social constituía-se ao redor da capela". Já De Boni e Costa (2013, p. 14) observam que,

> No bojo desta fé, a moral exaltava, entre outras virtudes, o trabalho como forma de ganhar o pão, a paciência no sofrimento, o respeito ao alheio, a palavra empenhada, a castidade e o amor ao próximo. Guarda destes preceitos era o sacerdote que, através do confessionário, exercia forte controle sobre o grupo.

Todavia, logo de início, muitos hábitos cotidianos que eram cultivados na Itália não faziam muito sentido no contexto da colônia. Para os autores supracitados: "O dia do traje domingueiro, do encontro com amigos, da missa solene, do trago no boteco, das conversas entre as vizinhas e dos namoros transformava-se em dia de pungente saudade". Vemos que, para não esquecer a cultura de origem e, ao mesmo tempo, para mantê-la viva, era encontrada uma forma de minimizar a saudade. A visita aos vizinhos começou a ficar mais frequente, assim puderam contar histórias e rezar, geralmente diante de uma imagem ou de um quadro trazidos da pátria. Por isso, uma das primeiras construções edificadas era uma pequena igreja, chamado de *capitel*[54].

A igreja católica tornou-se referência social e, ao seu redor, foi-se organizando o salão e as festas, a bodega, o vendeiro, o cemitério, a escola. Costa (2000, p. 07), contribuindo na mesma direção, relata que, para os imigrantes, não havia outra saída senão o associativismo com os vizinhos para superar as dificuldades. A fraternização de problemas e outras atividades fizeram surgir sociedades de capelas, escolas, abertura de estradas, setores esportivos, bodegas comunitárias e cooperativas, que eram os cenários da socialização entre os membros da colônia. A formação da comunidade colonial foi fundante para a estrutura do conjunto social, para o

[54] *Capitel* – capelinha (v. LUZZATTO, 2000).

desenvolvimento do homem e para a integração do *talian*. Segundo Maestri (2000, p. 89), "[...] a miscigenação linguística aprofunda-se quando dos contatos interpessoais nas sedes coloniais". O contexto sociocultural, que englobou as ligações sociais entre valorização da família, as festas, dos cantos e a força da fé, favoreceu um contato mais prolongado. Momentos os quais, acreditamos, tenham sido fundamentais para que a língua *taliana* fosse ganhando forma.

Calvet (2002, p. 41) enfatiza que, se grupos com línguas diferentes, estando em contato, têm necessidades de se comunicar, eles vão inventar para si outra forma de língua aproximativa, geralmente uma língua mista. Luzzatto (1993, p. 30), então, destaca que o idioma *talian* não surgiu de uma hora para outra, mas houve um processo, que aconteceu lentamente, à medida que os trentinos, friulanos, lombardos e vênetos iam estreitando contatos.

A descrição ora ensejada apresenta-nos a possibilidade de alguns cenários na época. Primeiro, se em casa se mantinha seu próprio dialeto, nas colônias e cidades o *talian* era a língua de comunicação. Segundo, a ocorrência dos casamentos mistos, isto é, entre vênetos e lombardos, friulanos e trentinos, e assim por diante, contribuía-se para a junção das línguas. Terceiro, o contato linguístico dos casamentos mistos, de um lado, propiciava a mescla de línguas, mas, de outro, em algumas famílias, foi motivo para que muitos descendentes não ensinassem aos filhos a língua materna, já que havia mais de uma língua no âmbito familiar. Sendo assim, estando no Brasil, a língua comum a todos seria, com efeito, o português. Por essa perspectiva, podemos refletir sobre os motivos que levaram algumas famílias a não ensinarem a geração mais nova.

É válido destacar que na presente pesquisa há indicativos de aquisição do *talian* como LM, como pudemos observar nos casos de: VF, MF, TC, OB e MD apresentados no capítulo 2.3. Entretanto, apesar da relevância dos estudos sobre LM, enfatizamos que este assunto não é foco da nossa tese.

Em Frosi e Mioranza (1975) e em Costa (2003), veremos que o contingente de imigrantes *italianos* que entraram no estado do Rio Grande do Sul e as cidades das quais vinham da Itália apresentam as etapas históricas da formação do *talian*.

Os autores expõem que o esquema de povoamento desses imigrantes não seguiu critérios étnico-linguísticos. Frosi e Mioranza (1975, p. 59) citam um exemplo das famílias em contato pertencentes a falares dialetais diferentes. Segundo eles, a comunidade Alfredo Chaves (Nova Veneza, Flores da Cunha) foi composta por 45 famílias, tendo a seguinte distribuição: no Grupo I (dialetos vênetos), tem-se 13 famílias de feltrino-beluneses, 11 famílias de trevisanos, 8 famílias de vicentinos, 2 de paduanos e 2 de veroneses. No grupo II (dialetos

lombardos), tem-se 3 famílias de mantuanos, 2 de bergamascos, 2 de cremoneses. No Grupo III (dialeto friulano), há 1 família de friulanos; e no Grupo IV (dialeto napolitano), há 1 família de napolitanos.

Não há, pois, como ignorar a pluralidade de dialetos em contato naquela época.

As ponderações de Frosi e Mioranza (1975, p. 62) indicam, desse modo, que,

> Dentro de uma perspectiva histórica, os dialetos italianos trazidos pelos imigrantes à Região de Colonização Italiana não mais se apresentam como de início. Houve uma sensível mudança [...] Se, nos primeiros tempos de colonização, o dialeto próprio de cada imigrante foi instrumento de comunicação diária, o mesmo imigrante deparou-se com dificuldades de ordem linguística, desde o momento em que pretendeu alargar o seu círculo de convivência social. Considerando o esquema de ocupação de terras e as levas de imigrantes oriundos de províncias italianas diversas, evidencia-se que as ilhas linguísticas se restringiram a um número muito baixo. O fenômeno que passou a denominar foi o de grupos étnicos-linguísticos mistos.

Esta descrição a respeito dos dialetos aponta para a complexidade linguística que predominava na época. Apesar do isolamento nas colônias, a formação de ilhas linguísticas não foi considerável em razão de serem muitos os dialetos em contato. Além disso, não há pesquisas que indiquem uma estimativa de até quando teriam vigorado os diversos dialetos sem influências de outros falares.

Apesar de muitas pesquisas apontarem para a formação de uma língua comum – o *talian* – para os descendentes de imigrados *italianos*, é importante considerar que há pessoas que herdaram a língua materna dos pais, como, por exemplo, o *bergamasco*, o *trentino* ou o *friulano.*

Em relação à língua portuguesa, percebemos o papel importante que exerceu na vida dos colonos *taliani*. Fica-nos claro que era inevitável o contato com o português, conforme observamos em Maestri (2000, p. 89):

> A língua portuguesa teve grande influência, primeiro lexical, a seguir sintática e fonética. [...] inicialmente, palavras da língua nacional introduziam-se em falares que mantinham a sintaxe itálica; mais tarde, tende-se a organizar um léxico itálico num falar de sintaxe portuguesa dominante.

Entendemos que não é possível admitir, exatamente, como e em quais condições se processam as influências e mudanças de ordem linguística e é uma tarefa difícil indicar, com exatidão, qual influência iniciou-se primeiro. A esse respeito, concordamos com Confortin (1998, p. 35), ao ponderar que

> Todas as mudanças processaram-se de forma lenta e foram introduzidas variações mínimas de modo a não provocar alterações consideráveis na língua. As novas introduções, aceitas e assimiladas por toda comunidade linguística, não afetaram a natureza social da linguagem; em cada ato comunicativo só foram introduzidas variações mínimas – porém, contínuas – para que o sistema recebido pudesse continuar a ser entendido.

Para a autora, em sua pesquisa, as interferências lexicais são frequentes e "[...] são muitos os vocábulos da língua portuguesa usados na comunicação em dialeto *italiano* ou vocábulos de dialetos empregados em comunicações realizadas em português" (CONFORTIN, 1998, p. 36). Seguem alguns exemplos de pesquisa em pauta: "*tea rossa se piantea de tuto*[55]" (nesta frase, a palavra *rossa*[56] tem o significado de roça, sendo usada como sinônimo de colônia); ocorrem, também, empréstimos do português: "*careta* para carroça ou carreta*; tacoara* por taquara*; capoeron* por capoeirão". Segundo a descrição de Confortin, tais palavras são do português, mas receberam o acento (sotaque) *italiano*. Para a autora (*op. cit.*), quando acontecem empréstimos lexicais, sucedem-se, também, empréstimos fonológicos. Salientamos que as descrições ora indicadas não estão aprofundadas, pois não abrangem nossos objetivos. Além do mais, os fenômenos fonético-fonológicos, por exemplo, já foram exaustivamente estudados e já não é mais novidade para nós, brasileiros, que a pronúncia da nasal se transforma em "*on*".

De início, os empréstimos da língua portuguesa se davam nas interações em que lhes faltavam palavras para nominar objetos, animais e situações desconhecidas. Confortin (1998, p. 29) salienta que os termos empregados estavam relacionados "[...] a novos tipos de acidentes geográficos, fauna, flora, terminologias referentes a animais, a medidas, pesos, contatos com o comércio, termos referentes a usos e costumes, etc.". E a autora, no decorrer de seu trabalho, vai especificando itens dos quais citamos aqui: a capoeira para designar um mato fino; o "arado para trabalhar com os bois", "canga dos bois", "galpão/*galpon"* (com acento *italiano*); o "paiol", que era o local onde se guardava a colheita; "mangual", enquanto instrumento utilizado para debulhar cereais; *bolasse* (com acento *italiano*) para bolachas caseiras; e os termos para designar as madeiras – "grapia", "gabriúva", "cerno", "angico", entre outros.

Houve, ainda, empréstimos da língua portuguesa que foram *talianizados* na oralidade; a pesquisa de Confortin (*op.cit.*) evidencia as seguintes palavras: (*sinele* para chinelos, *caciassa* para cachaça, *simarón ou scimarón* para chimarrão, *Cassia* para Caxias, *bolasse para* bolachas,

---

[55] Na roça/colônia se plantava de tudo (Confortin, 1998, p36).

[56] *Rossa* também pode significar "vermelha" tanto no dialeto vêneto quanto no Italiano padrão (LUZZATTO, 2000, p. 293).

entre outros exemplos*).* Vale lembrar que, no Capítulo II, sobre a metodologia, na descrição das palavras e expressões, observamos que haveria duas possibilidades de empréstimo para as palavras *caciassa* e *chimarrom*. Como já mencionado, acenamos para a possibilidade da ocorrência do empréstimo da interferência da língua espanhola de fronteira (Uruguai e Argentina); assim, ouvindo ca(*tchi)*aça do espanhol, o imigrado poderia ter entendido *caciassa*, já que, no *talian*, a letra **c**, seguida das vogais **e** e **i**, compõe o som de *tche* e *tchi*, caso de empréstimo por adaptação (WEINREICH, 2008). No caso das palavas *sinele*, *simarrom* e *bolasse*, nossa hipótese é que tenha ocorrido o processo de adaptação dos fonemas **ch** ou **x** para o **s** ou **s duplo** da língua materna[57]: *chinelas/sinele, chimarrom/simarrom, bolachas/bolasse e Caxias/Cassia*.

Há empréstimos que permaneceram com a forma do português, como bola, bolo, capoeira, banco (móvel e também estabelecimento bancário), bandido, banana, rapadura, etc. Existem, ainda, outros exemplos de vocábulos emprestados do português que anulam a nasalização, realizando uma monotongação, como *dedicassion* (dedicação), *salvassion* (salvação), *pon* (pão) (LUZZATTO, 2000). Há de se considerar, também, que há semelhanças no português e no dialeto vêneto entre as palavras elencadas. Outro ponto que deve ser ressaltado é que isso acontece com qualquer italiano – de qualquer região –, pois não existe a nasal na língua italiana.

Ao consultarmos o dicionário vêneto *Nuovo dizionario da scarsèa Veneto Italiano*, do autor Basso (2012, p. 256), foi possível verificar que a palavra salvação tem como correspondentes *salvessa*, em vêneto, e *salvezza* ou *salvazione*, em italiano. Se bem que o dicionário Treccani[58] aponta para uma linha tênue de diferença entre as duas palavras: *salvezza*

---

[57] A base do *talian* está na língua vêneta; logo, teríamos algumas possíveis situações de substituições dos sons. De acordo com Belloni (2009, p. 40), na gramática do vêneto, o **x** é usado com o som de **s** sonora. Daí a probabilidade dos descendentes terem ouvido o som ***(x ou ch)*** em bolachas e ajustado para a língua materna como ***bolasse***; chinelas- ***sinele*** e Caxias- ***Cassias***.

[58] ***salvézza****s. f. [der. Di salvo]. –* ***1.*** *L'essere salvo; il salvarsi, l'essere salvato: s. dai pericoli, dai nemici, dalle malattie;cercare, ottenere, trovare la s.; ogni speranza di s. era perduta; non c'è via di s.; pensare, provvedere alla propria s.; deve a lui la sua s.; lottare per la s. della patria. Per metonimia, la persona, la cosa, il mezzo che salva, che ha salvato: sei stato tu la mia s.; questa testimonianza sarà la s. dell'imputato; il fido ottenuto dalla banca fu la sua salvezza. Per l'espressione fig. àncora di s., v. àncora, n. 1 a.* ***2.*** *Salvazione, nel senso religioso: la dottrina della s. nel cristianesimo; pregare per la s. dell'anima, per la s. eterna; senza fede non c'è salvezza. Per l'Esercito della s., v. esercito, n. 2 b.* ***3.*** *Nel calcio e in altri sport di squadra regolati da campionati con classifica a punti, i risultati utili con cui nella fase finale del girone di ritorno si riesce a evitare la retrocessione nella serie o divisione inferiore: lottare per la s.; domenica si giocherà per la salvezza* (Disponível em: <http://www.treccani.it/vocabolario/salvezza>. Acesso em: 30 jun. 2016).

salvazióne *s. f. [dal lat. tardo salvatio -onis, der. di salvare «salvare»], letter. – Il salvare, il salvarsi, quasi esclusivam. con riferimento alla salvezza dell'anima: Andovvi poi lo Vas d'elezïone, Per recarne conforto a quella fede Ch'è principio alla via di s. (Dante); la grazia che chiedo per me al Signore, la sola grazia, dopo la salvazion dell'anima, è che mi faccia tornar con voi (Manzoni); pregare per la*

está mais relacionado a ser salvo de algum perigo, uma doença ou situação difícil; enquanto *salvazione* tem o sentido relacionado ao âmbito religioso. De qualquer forma, não conseguimos maiores informações sobre o uso dessas palavras no contexto dos imigrantes, além de não ser nosso objetivo neste estudo.

Ao que nos parece, o processo de assimilação tornou-se mais fácil para os imigrantes e descendentes, já que, no português, temos salvação e, no *talian*, transformou-se em *salvassion*. Em relação ao empréstimo linguístico, Confortin (1998) também mostra, em seus estudos, "[...] a realização da vogal posterior média, fechada, nasal /o/ pelo ditongo nasal /ão/: *galpon* – galpão; *facon* –facão; *baracon* – barracão".

É importante ressaltar que as interferências e os empréstimos linguísticos são provocados, primeiramente, pelo maior número de interações com a comunidade brasileira e, consequentemente, pelo desenvolvimento econômico no qual estavam envolvidos. Nessa circunstância, tais fatores impelem os imigrantes a adquirir a língua que envolve o ambiente de trabalho, isto é, a língua da sobrevivência.

É natural que interferências e empréstimos ocorram em relação à língua do país que os recebe. Portanto, é válido apontar que existem concepções de interferências/influências linguísticas, amparando-se somente no indivíduo e que são baseadas na ideia de desvio da norma de uma das línguas em contato. Para vertentes linguísticas mais rígidas, uma língua, para ser aceita, necessita estar enquadrada em uma norma de padronização. Ademais, não pode ser bilíngue o sujeito que veicula uma língua de maneira imperfeita. Tais interferências verbalizadas gerariam estruturas linguísticas agramaticais (WEINRIECH, 2008; MILROY, 2011).

Na concepção de Rossi-Landi (1985, p. 74), com a qual concordamos, o homem produz e faz uso da palavra de acordo com a sua necessidade – a comunicação. Segundo o autor, "[...] falando, eles exprimem a si próprios e se mantêm em contato comunicativo. O uso da linguagem apresenta-se como natural".

Hoje, em Cascavel, sem sombra de dúvida, a língua oficial de prestígio veiculada é o português. Já a língua estrangeira almejada como língua comercial de status é o inglês. Assim, como pesquisas apontam a tendência e preferência pelo inglês, com os jovens cascavelenses não é diferente. Em relação à língua de raízes familiares, muitos deles, indicam a predileção pelo italiano standard e não o *talian* ou dialeto, como muitas vezes o designam (RIBEIRO, 2006). Vale ponderar que, no município, há pouco esclarecimento sobre o que é, de fato, o

---

propria s., per la s. eterna; luogo di s., il purgatorio, il paradiso (Disponível em: <http://www.treccani.it/vocabolario/salvezza>. Acesso em: 30 jun. 2016).

talian. Como já apontado no Capítulo 3, Seção 2, as pessoas, normalmente, ao falarem sobre suas origens, afirmam ser descendentes de *italianos*. Do mesmo modo, quando sabem falar a língua dos imigrantes, afirmam falar o *italiano.*

3.4 Situação atual do *talian*: o reconhecimento como língua

Nesta seção, tratamos, panoramicamente, como tem ocorrido o reconhecimento, a divulgação e o resguardo do *talian*. Para tanto, fizemos um levantamento dos veículos de comunicação, principalmente os virtuais.

O *talian* foi a primeira língua de imigração, no Brasil, a solicitar, em 2001, o seu reconhecimento. Com isso, seus representantes do Rio Grande do Sul – o Instituto Vêneto e a Universidade de Caxias do Sul – somaram forças e encaminharam o pedido ao IPHAN.

Acreditamos que a iniciativa da composição deste documento foi o passo principal para dar maior visibilidade a essa língua.

A formulação do inventário contou com a participação da Profa. Dra. Marley Terezinha Pertile, da Profa. Ms. Alcione Moraes Jacques Maschio, da Profa. Luciana Santos Pinheiro, Mestre em Letras, do Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen, bem como de alunos bolsistas das universidades de Caxias do Sul e da Federal do Rio Grande do Sul.

O projeto para o inventário de língua de imigração foi realizado na Universidade de Caxias do Sul, na qual há um núcleo de pesquisa, intitulado *Elementos Culturais da Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul*. Tal programa da UCS acontece desde 1978 e dedica-se ao levantamento sistemático dos bens e valores das comunidades rurais da região, no intuito de resgatar, preservar e valorizar a cultura do imigrante *italiano.*

O inventário do *talian*, segundo seus idealizadores, teve como finalidade registrar de forma fidedigna, objetiva e sistemática a realidade e o contexto de uso (Inventário do *talian*, 2010, p. 01). De acordo com o documento, “O conhecimento dessa realidade, quer dizer, seu diagnóstico, contribui para visualizar possibilidades futuras de promoção e revitalização da língua”.

O Projeto Piloto de Inventário seguiu as determinações do IPHAN, que tinha como objetivo desenvolver e testar uma metodologia de trabalho que respeitasse as especificidades de uma língua de imigração.

O documento, então, agregou informações sobre descendentes, língua e cultura de vários estados brasileiros que têm suas origens atreladas ao *italiano* do Norte da Itália, vindo da primeira leva de imigração. Nesse caso, não somente aqueles que estão nas antigas, novas e novíssimas colônias do RCI, no Rio Grande do Sul ou Santa Catarina, mas, também, incluiu os seus desdobramentos no Oeste de Santa Catarina, Oeste do Paraná, mais uma parte do estado do Mato Grosso e o estado do Espírito Santo, conforme evidenciado nos mapas apresentados no Capítulo 1, Seção 2.

A imigração *italiana* no estado do Espírito Santo também foi significativa e grande parte dos imigrantes também eram de origem vêneta. Entretanto, por não conhecermos muito bem a realidade da forma de estabelecimento no local, da sitematizaçao e dos contatos linguísticos, temos algumas ressalvas quanto à afirmação de ser o *talian* a língua veiculada nas colônias que se formaram naquela região.

Em 2010, o então presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, assinou o Decreto 7387, em que institui o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL). Entre as línguas a serem inventariadas está o *talian*. Segundo o site do IPHAN, "[...] o inventário é um meio de identificação, documentação, reconhecimento e valorização das línguas portadoras de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira". Sendo assim, é importante que haja pesquisas voltadas para tal questão, a fim de divulgar essa língua tão rica cultural quanto linguisticamente. Instituições como a Universidade de Caxias do Sul (UCS) e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRG) empenham-se em pesquisar o citado idioma e seus falantes. Cita-se Frosi (1998), Maestri (2000), Costa (2000, 2001, 2003), Luzzatto (1993, 1998), dentre outros.

Em seguida, em 18 de novembro de 2014, no Seminário Ibero Americano da Diversidade Linguística, realizado no município de Foz do Iguaçu, deu-se o reconhecimento do *talian* como língua pertencente ao patrimônio imaterial e cultural do Brasil. A partir desse momento, fica claro que os dialetos dos imigrantes *italianos* que deram origem ao *talian* são das seguintes regiões: Vêneto (54%), Lombardia (33%), Trentino-Alto Adige (7%), Friuli-Venezia Giulia (4,5%) e Piemonte, Emilia-Romagna, Toscana e Ligúria (001,5 %) (FROSI e MIORANZA, 1975, p. 36). De tal modo, entendemos que o *talian* não é a língua italiana oficial, nem é qualquer um dos seus dialetos formadores, tampouco o vêneto, mesmo sendo este seu principal elemento formador. O *talian* é língua formada nas serras gaúchas, hoje presente em muitas regiões brasileiras por força das migrações internas, com destaque nos estados do Sul do Brasil: Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Isso, claro, considerando as influências linguístico-culturais recebidas de cada local.

Em relação à divulgação, a internet tem-se configurado forte aliada para a difusão e manutenção do *talian*. Nos dias de hoje, a língua atravessa um período de grande produtividade, que se caracteriza pelo surgimento de publicações impressas e virtuais enfocando sua história e a de seus falantes, facilitando a produção e a manutenção dos artigos e das matérias sobre o *talian*. A maioria do material é divulgado de modo virtual: os blogs, por exemplo, têm contribuído, significantemente, no trabalho de transmissão de informações, imagens e vídeos. Podemos citar o blog do *Talianeto*[59], que tem como escritor Honório Tonial, que, a seu turno, entre vários artigos políticos, escreve histórias sobre e em *talian*.

O site *Oriundi*[60]pode ser visualizado em língua italiana padrão e em português, contudo, com frequência, publica notícias sobre o *talian*. Outro site interessante que contém artigos sobre a importância de se preservar a cultura e a língua pertence ao escritor Silvio Santin[61], que possui muitas publicações visando à difusão e manutenção da língua. Já o *Talian* Brasil[62] é uma revista online composta por muitos conteúdos e por publicações de autores como Darcy Loss Luzzatto, Honorio Tonial, Rovílio Costa e Giuseppin Oro. Além disso, no próprio site, pode ser ouvido programa de rádio em *talian* e acompanhado cronograma de eventos relacionados à cultura *taliana*: como os corais, grupos de danças, bem como as datas e os locais onde se apresentarão. No entanto, alguns serviços podem apenas ser visualizados por associados, o que consideramos uma pena, tendo em vista ser um endereço eletrônico bastante procurado. Se, de um lado, obriga aos interessados a se associarem, de outro, restringe a oportunidade de acesso ao conhecimento, o que poderia contribuir expressivamente para a sua difusão.

A editora *Este* foi fundada pelo frei, professor e escritor Rovílio Costa, em 1974. Suas publicações têm como base obras que versam sobre a história da imigração no contexto sul rio-grandense. Entretanto, os títulos não se referem apenas à imigração *italiana*, mas "[...] no resgate das origens, genealogias, culturas e dialetos, relacionados às imigrações judaica, polonesa, *italiana*, alemã, açoriana, portuguesa, africana etc e as populações indígenas do solo gaúcho[63]".

O site Caminho de Pedras[64] apresenta dados históricos, fotos e informações turísticas para agendamento de visitas. O local foi declarado patrimônio histórico do estado do Rio

---

[59] Disponível em: <http://htonial.blogspot.com.br/>. Acesso em: 11 abr. 2016.
[60] Disponível em: <http://www.oriundi.net/site/oriundi.php?menu=noticiasdet&id=21857>. Acesso em: 11 abr. 2016.
[61] Disponível em: <https://silvinosantin.wordpress.com/category/textos-em-talian/>. Acesso em: 11 abr. 2016.
[62] Disponível em: <http://www.talianbrasil.com.br/>. Acesso em: 11 abr. 2016.
[63] Disponível em: <http://www.esteditora.com.br/index.php?route=information/information&information_id>. Acesso em: 11 abr. 2016.
[64] Disponível em: <http://www.caminhosdepedra.org.br/pt/>. Acesso em: 11 abr. 2016.

Grande do Sul; sua área abrange "[...] as linhas Palmeiro e Pedro Salgado, localizadas nos municípios de Bento Gonçalves e Farroupilha, até o limite do município de Caxias do Sul, passando por Caravaggio". É considerado, também, um museu vivo, pois conserva e dinamiza a cultura que os imigrantes *italianos* trouxeram à serra gaúcha a partir de 1875.

O roteiro turístico foi idealizado pelo engenheiro Tarcísio Vasco Michelon e pelo arquiteto Júlio Pozenato. As visitas turísticas fizeram surgir "[...] várias iniciativas que visam a preservar não só o patrimônio material, mas também o imaterial [...]", como, por exemplo, a preservação da língua dos imigrantes – o *talian*, a Casa da Memória e os grupos artístico-culturais, que se apresentam em ocasiões especiais.

Destacam-se, ainda, documentários como *Brasil Talian*, produzido pelo Círculo Cultural Ítalo-Brasileiro de Antônio Prado[65], desenvolvido pelo historiador Fernando Roveda e financiado pela Lei de Incentivo à Cultura Federal – Mecenato do Ministério da Cultura do Brasil. O filme foi rodado entre os anos de 2011 e 2014 e contém reflexões acerca do *talian*, por meio de depoimentos que foram gravados nas colônias da Serra Gaúcha – Flores da Cunha, Nova Pádua e Antônio Prado; e do Espírito Santo – Venda Nova do Imigrante e Santa Tereza; além das cidades italianas Venezia, Trento, Genova e Vicenza.

De grande alcance, evidenciam-se as várias emissoras de rádio que veiculam programas semanais em língua *taliana*. Citamos algumas: *Talian – nostra lengua*, *Nostro talian*, *Viva el talian*, *Talian Brasil*, *Taliani bona gente*, *Talian – Antonio Prado*, *Cantando in talian*, *Ricordi dei noni*, *Ricordi di Italia*, *Italia del mio cuore*, entre outras.

Um radialista e humorista bastante famoso entre os descententes é Edgar Maróstica, do município de Serafina Correa, no Rio Grande do Sul, que faz parte do programa "*taliani nel mondo*" (http://www.talianinelmondo.com.br), transmitido em mais de 40 Rádios do Brasil. Também há programação semanal em cidades do Rio Grande do Sul: programa em Guaporé (www.radioliberalfm.com.br); programa "*Veramente talian*", em Veranópolis (www.radio961fm.com); e programa "*La voce del veneto*", em Serafina Corrêa, (www.odisseia.fm.br), juntamente com o médico Paulo Massolini, outro grande difusor do *talian*.

Há grandes figuras humorísticas no contexto gaúcho que, com o *boom* da internet e das redes sociais, vieram a publicizar, com mais abrangência, seus trabalhos. Entre essas, citamos o *Radicci*, interpretado pelo jornalista, cartunista e humorista Carlos Henrique Iotti, de Caxias

---

[65] Disponível em: <http://www.cnec-antonioprado.com.br/news/documentario-brasil-talian>. Acesso em: 12 abr. 2016.

do Sul. Iotti possui vários livros publicados, em especial um que leva seu próprio nome, *Radicci*, de 1983. Seu personagem mais famoso, o qual representa um ítalo brasileiro, também conhecido como gringo[66], "[...] de temperamento forte, amante do vinho e do ócio. É casado com Genoveva e pai de Guilhermino. O personagem representa a típica família de descendentes italianos". O *Radicci* faz sempre piadas e brincadeiras, enfatizando a interferência/influência da pronúncia do "italiano", segundo ele o "*sotacón*" (DELLA BELLA, 2002)[67].

Apesar de "*Tchó* e *Beppi*"[68] serem bastante conhecidos na região Sul brasileira, os artistas são do estado do Mato Grosso, de Sinop, cidade que tem o maior número de seguidores. Em seguida, estão as cidades gaúchas de Porto Alegre e Caxias do Sul. Em Santa Catarina, Chapecó é a quarta em audiência e, em quinto lugar, aparece a cidade de São Paulo. Embora as apresentações sejam humorísticas, os conteúdos versam sobre assuntos atuais, principalmente do cenário político. Os personagens não falam em *talian*, mas brincam, utilizando palavras como "*Dio Sacramento*", "*quela cosa*", "*Porca Miseria*"[69], "*demo via*" e ressaltam o sotaque como *non*, *enton*, entre outros.

Tem-se destacado, na internet, no canal *youtube*, vídeos que retratam "as coisas que se falam na Serra". As histórias são interpretadas por um casal de ítalo-gaúchos que demonstram situações peculiares com palavras, frases e expressões próprias de descendentes de *italianos*. Nos episódios, são evidentes frases como: "não esquece a japona, *neno*!" (forma de referir-se à criança), "*Sacramento*!", "*Madonna*" e "*Porco Dio*". São recorrentes também: "*Vecia*, bota os *pinhon* pra cozinha", "*Sacramento*, *pára* de *ciacolar*!", "*Pára* de fazer *ciuca*, *porco can*!", entre tantas outras. Ademais, a comida é assunto bastante presente nas falas: *pinhon*, *pon*, *grostoli*, *agnolini*, bucho, salame, vinho, milho cozinho, etc.[70].

Citamos, ademais, o site de relacionamentos *Facebook*, que propicia a divulgação e as interações, por meio de páginas pessoais, comunidades e grupos, a saber: *Parla Talian*, *Taliani*

---

[66] Disponível em: <www.revistasamizdat.com/2008/11/entrevista-carlos-henrique-iotti.html#sthash.6M1ZYqMD.dpuf; http://iotti-radicci.blogspot.com.br/>. Acesso em: 12 abr. 2016.
[67] DELLA BELLA, M.A. Resenha de: IOTTI, Carlos Henrique. Zona rural. Porto Alegre: L&PM, 2002. In: Revista de Italianistica XII, 2006. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/italianistica/article/viewFile/88087/90973>. Acesso em: 24 jun. 2016.
[68] Disponível em: <http://www.tbitalianos.com.br/Noticias/56/>. Acesso em: 24 jun. 2016.
[69] Palavras do Italiano padrão.
[70] Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/verao/noticia/2013/02/sucesso-na-internet-serie-coisas-que-a-serra-fala-chega-ao-litoral-com-expressoes-tipicas-4042870.html>. Acesso em: 24 jun. 2016. Disponível em: <http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/culturaetendencias/almanaque/noticia/2014/05/farroupilhenses-lancam-coisas-que-a-serra-fala-na-copa-4495039.html>. Acesso em: 24 jun. 2016.

Bona Gente, Giusepin Oro, Revista Talian Brasil, Talian Nostra lengua, Cantando in Talian, Os gringos *talian* food, Descendentes de *(i)talianos* de Cascavel – Paraná e tantos mais.

Por último, aludimos à pesquisa científica da professora italiana Miazzo (2011), que desenvolve um projeto sobre a memória histórica da imigração vêneta no Brasil e sobre o *talian*[71]. A pesquisa resultou em promoção de publicações sobre o *talian*, que incidiu em divulgação, abrangendo não somente o Brasil, mas, também, o Norte da Itália. Seu objetivo foi investigar vários núcleos de descendentes *italianos* em alguns estados brasileiros, tais como Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Minas Gerais, Espírito Santo e São Paulo. Do citado estudo[72] resultou a criação dos livros *Cantando in Talian* e *Scoprendo il Talian,* que, segundo a autora, visam a promover e proteger a língua e a cultura ítalo-vêneta no Brasil. A partir de sua pesquisa e dos livros publicados, são ofertados cursos de *talian* que ocorreram e continuam a acontecer em algumas localidades do Rio Grande do Sul. Os cursos têm a proposta de quatro horas-aula durante cinco dias, completando o total de vinte horas.

Gostariamos de ressaltar que a inciativa da estudiosa tem grande relevância para a comunidade *taliana* e contribui para a promoção da língua dentro e fora do Brasil; no entanto, em nosso ponto de vista, vinte horas seriam apenas para uma breve introdução ao assunto que compõe conteúdos tão amplos e complexos como qualquer outra língua.

Vale, aqui, um adendo sobre a posição dos brasileiros "*taliani*", que não veem tal língua como apenas ítalo vêneta. Para os pesquisadores sul brasileiros, é preciso ter cuidado ao comparar o *talian* com o vêneto falado na Itália. Aliás, em seus eventos, são imponentes ao afirmar ser o *talian* uma língua brasileira composta dos falares vênetos e, também, de outros dialetos que vieram na época. Além disso, primam por deixar claro que a língua vêneta, na Itália, e a língua *taliana*, no Brasil, são diferentes; embora tenham semelhanças, não compactuam da mesma realidade. Posicionamento este, aliás, que vem ao encontro da presente pesquisa de doutorado.

Miazzo, em seu site, define o *talian* como língua e cultura ítalo-vêneta no Brasil:

> Há anos estou estudando com um interesse especial o fenômeno da emigração vêneta no Brasil sob o ponto de vista cultural e linguístico. Esta experiência me levou à definição do eprojeto "Cantando in Talian", que visa sensibilizar e promover a proteção da língua e cultura ítalo-vêneta no Brasil.

---

[71] Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaitalianouerj/article/view/2121/1571>. Acesso em: 24 jun. 2016.

[72] Disponível em: <http://giorgiamiazzo.com/cantando-in talian/scoprendoiltalian e http://www.oriundi.net/site/oriundi.php?menu=noticiasdet&id=21857>. Acesso em: 24 jun. 2016.

A autora enfoca apenas os dialetos de origem vêneta, em razão destes serem predominantes. Entretanto, outros autores (COSTA, 1999; LUZZATTO, 1993; FROSI, 1998; LEOPOLDINO, 2014) já indicaram a presença de outros dialetos como, por exemplo, o trentino e o lombardo na composição do *talian*. Miazzo reforça a relevância do *talian* como cultura que faz parte do legado vêneto; todavia, em alguns momentos, deixa transparecer que *talian* e vêneto seriam a mesma língua. E tal aproximação seria muito arriscada.

O Inventário do *talian* (2010, p. 4) deixa claro que essa língua toma rumos diferentes:

> O *talian* constitui uma autodenominação dos falantes da RCI (Região de Colonização Italiana do RS) para uma variedade supra-regional intracomunitária e intercomunidades (*koiné*) do italiano como língua alóctone em contato com outras variedades do italiano e com o português do Brasil, vinculada historicamente aos dialetos provenientes do norte da Itália, mas com características próprias, derivadas do contexto brasileiro que a diferem da matriz original e também de outras regiões brasileiras.

Apesar de não fazer parte do cerne do nosso estudo, é importante destacarmos que entre vêneto italiano e *talian* se deram mudanças e influências diferentes. Os contatos com outras línguas e outras culturas produziram variações diversificadas. Assim, acreditamos que seria necessário um estudo mais descritivo e interpretativo em relação a essas duas línguas.

Finalizamos a presente seção ressaltando o poder que exercem os meios de comunicação, os quais têm abrangência incomparável, por isso, fundamental para o alcance da população que, atualmente, está cada vez mais cibernética. Quem busca informações a respeito dessa língua/cultura pode se inteirar mais sobre hábitos, costumes e eventos culturais, além do fato de ser uma via mais rápida para atingir o leitor interessado. Distinguimos, também, que, através desses meios de comunicação, mesmo com perdas e mudanças linguísticas, “as línguas propõem-nos um modelo de imortalidade” (HAGÈGE, 2000, p. 19).

O próximo capítulo está dividido em duas partes: em um primeiro momento, evidenciamos algumas pesquisas sobre o *talian* realizadas na região Sul do Brasil e, em seguida, são reunidas pesquisas e pressupostos sobre o *talian* segundo a visão de não linguistas ou estudiosos da área de Ciências Humanas.

CAPÍTULO IV – PESQUISAS SOBRE O *TALIAN*

A imigração *italiana* no Brasil, certamente, foi representativa e significativa, podendo ser encontradas várias pesquisas sobre os falares dialetais das comunidades *italianas* que se estendem a outros estados brasileiros, além do Sul. No entanto, este capítulo se limitará a destacar algumas das pesquisas voltadas ao *talian*, também chamado de *koiné* veneta ou dialeto vêneto sul rio-grandense, dentro do contexto sul brasileiro, situando algumas obras relevantes que se sobrepõem, bem como pesquisas mais recentes.

Os estudos aqui mencionados estão no âmbito das pesquisas científicas, mais especificamente, aquelas realizadas por pesquisadores que tratam diretamente da área da linguagem e das ciências sociais.

A maioria das pesquisas se direciona para a linguagem da RCI (Região de Colonização Italiana), as quais relatam traços característicos do falar dialetal *italiano*, como a pronúncia, os empréstimos lexicais, as interferências morfológicas e sintáticas. O que se nota, em quase todos os trabalhos, é que, ao estudar aspectos linguísticos, verifica-se, igualmente, o preconceito sofrido pelos imigrantes e seus descendentes, tanto do falar dialetal[73], com interferência da língua portuguesa, quanto da fala brasileira com influências do *talian*. Tais estudos relatam a proibição das falas italianas no contexto brasileiro, que ocorreu durante a Segunda Guerra Mundial e que, somada à industrialização, à aceleração comercial e às vias de comunicação, corroboraram para a forte assimilação com o português, o que implicou, em muitos casos, o "esquecimento" do *talian.*

Há, além disso, outros trabalhos realizados no estado de Santa Catarina em que são destacadas regiões de preservação da língua e da cultura *taliana*. Ainda que em número escasso, citaremos alguns poucos estudos efetivados na região oeste do Paraná.

4.1 O que dizem os estudiosos da linguagem sobre o *talian*

Inicialmente, nosso intuito é descerrar autores do meio científico que apresentam pesquisas tanto quantitativas quanto qualitativas e que verificam o mapeamento das falas dialetais na região Sul. Esses autores são linguistas, filósofos e um historiador, todos pertencentes à área de Humanidades e que possuem um discurso legitimado por sua própria

[73] Falar dialetal é o termo utilizado, pela maioria dos autores, para se referir ao *talian.* Nesse sentido, decidimos manter a colocação de cada pesquisador.

condição. Os estudiosos que mais se destacam são: Frosi (1987, 1998, 2000, 2011); Frosi e Mioranza (1975, 1983); De Boni (1979); Manfroi (1975); Carboni (1998, 2000); Confortin (1998); Maestri (2000a, 2000b); Beneduzi (2004); Paviani (2004); Pertile (2009); Frosi, Faggion e Dal Corno (2008, 2009, 2010); Mengarda (1996); Spessatto (2003); Margotti (2004); Ribeiro (2006); e Von Borstel (2011). Os resultados dos estudos que seguem são livros, teses, dissertações e artigos validados pelo contexto das instituições acadêmicas.

As pesquisas serão apresentadas respeitando os estudos por região; isto é, primeiro, os pesquisadores do Rio Grande do Sul, em seguida, os de Santa Catarina e, por fim, os do estado do Paraná.

Nossa intenção é dispor as pesquisas buscando delinear o percurso desses estudiosos na construção daquilo que hoje denominamos *talian*, revelando suas expectativas em relação à vida dessa língua. Para tanto, sempre que considerarmos necessário, colocaremos citações antigas e recentes em diálogo, para confirmar as posturas teóricas dos autores.

Gostaríamos de ressaltar que a maioria dos autores, ao se referirem à língua do imigrado *italiano*, utilizam pouco o termo *talian*; são mais frequentes as expressões: "variedade dialetal *italiana*", "dialeto *italiano*", "fala *italiana*", "dialeto vêneto rio-grandense" e "koiné de tipo vêneto".

Começamos, assim, pelos estudos realizados no estado do Rio Grande do Sul, particularmente, na RCI. Foram selecionadas e comentadas duas obras pioneiras, publicadas e voltadas para a história da imigração, que abordam, também, a questão da língua dos imigrantes: "Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul: processos de formação e evolução de uma comunidade ítalo-brasileira" (1975), de Vitalina M. Frosi e Ciro Mioranza, e "A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais", de Olivio Manfroi (1975).

Importa sublinhar que Vitalina Frosi, pesquisadora, linguista e docente da Universidade de Caxias do Sul, destaca-se com um número considerável de pesquisas voltadas para os dialetos falados na RCI. A autora, em suas publicações, constata que, no intervalo de 132 anos de história da imigração italiana no Brasil, a RCI sofreu mudanças sociais significativas, desde o contexto sociopolítico econômico brasileiro, o que determinou, segundo ela, as alterações na realidade linguística do referido grupo. Tendo em vista a relevância de seus estudos, merece relevo o caminho traçado por algumas de suas obras.

Frosi e Mioranza (1975) escrevem "Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul", a fim de evidenciar os processos transformativos pelos quais passaram essa comunidade.

Da mesma forma, o trabalho de pesquisa é uma homenagem ao Centenário da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul.

Os autores, nessa obra, descrevem a história sociolinguística da RCI do Nordeste do RS em três períodos. O primeiro, que compreende de 1875 a 1910, é caracterizado, conforme Frosi (1987), pelo estabelecimento dos imigrantes no Rio Grande do Sul, em que, devido a estarem isolados nas colônias, a comunicação se dava por meio dos dialetos *italianos*. Havia, nesse momento, uma situação de plurilinguismo, pois há preservação dos dialetos, dos usos e costumes das regiões de origem. Nessa etapa, não se tem notícia do sentimento de vergonha da própria fala. Assim, os dialetos são meios de comunicação total.

O segundo momento, a partir de 1910, é configurado pelos contatos com a comunidade brasileira, com a inauguração da estrada de ferro que ligava Caxias do Sul a Porto Alegre, além do crescimento econômico da região e de melhorias nas vias de comunicação, as quais possibilitaram um maior interrelacionamento das comunidades de imigrantes e seus descendentes, afetando, também, a língua falada. Nesse cenário, há intercâmbios de ordem econômica e linguística, sendo que, neste espaço de tempo, os dialetos menos representativos desaparecem e as ilhas dialetais são conservadas. Permanecem dialetos do grupo vêneto e do grupo lombardo que se interinfluenciam. Ocorre um intercruzamento desses grupos dialetais, fazendo surgir uma fala comum a todos, chamada, hoje em dia, de *talian*. O contato com a sociedade brasileira começa a ser uma realidade cada vez maior.

A língua portuguesa se impõe no Brasil da década de 30 em diante, de fora para dentro, por ser "[...] língua nacional e por ser meio de comunicação no inter-relacionamento em plano estadual e nacional" (FROSI e MIORANZA, 1975, p. 66).

Para Frosi (1998, 2011), a Segunda Guerra Mundial é um momento marcado por forte repressão dos estrangeiros que residiam no Brasil, sendo a fala *italiana* proibida e a língua portuguesa imposta pelo poder político. Apesar do falar dialetal subsistir, começa, nesse momento, sua desvalorização e de seus falantes, dá-se, da mesma maneira, a aceleração do desenvolvimento econômico. As marcas desse período causaram muitos traumas, definindo, consciente ou inconscientemente, quem iria ou não continuar a falar o *talian.*

Como vimos na introdução do nosso estudo, houve vários agentes que reforçaram o silenciamento; entretanto, a língua continuou a ser veiculada nos anos seguintes da repressão do Estado Novo, não desaparecendo. Na realidade, conforme a autora (*op.cit.*), o que acontece com o passar dos anos é uma diminuição das repressões, uma consciência mais madura de ser descendente de *italiano.*

Conforme as colocações de Frosi, as comemorações do Centenário da Imigração Italiana, em 1975, configuram-se como um momento de mudança em relação à "*koiné* de tipo vêneto" (FROSI, 2000, p. 89). Desse ponto em diante, observa-se um retorno às origens, à valorização das raízes e à busca pelo resgate da língua dos ancestrais. Se nos anos iniciais da imigração se apresentava um contexto pluridialetal, posteriormente à década de 1970, caracteriza-se como contexto bilíngue, abarcando o contato e as influências da língua portuguesa e a coexistência da referida *koiné*.

Para Frosi e Mioranza (*op. cit.*), a próxima etapa se definiria com mais transformações linguísticas, projetando-se com perspectivas de desaparecimento do sistema linguístico desse falar em favor da língua nacional, o português.

No artigo "Da estigmatização à solidariedade: atitudes linguísticas na RCI", escrito por Frosi, Faggion e Dal Corno (2008), como parte do Projeto Estigma, desenvolvido na Universidade de Caxias do Sul, as autoras, a partir de dados orais coletados na RCI, identificaram uma consciência étnica, resultado da "explosão de italianidade" que se deu no final do século XX na região, e tal fato vem mudando o rumo das atitudes dos falantes da língua minoritária com relação ao *talian*; ou seja, seus falantes sentem orgulho dessa língua.

No entanto, para Frosi, Faggion e Dal Corno (*op. cit.*), apesar de vários movimentos em busca das origens, as pessoas pertencentes à quarta geração demonstraram pouca aquisição do *talian*. O conhecimento da língua permanece, muitas vezes, nos traços fonológicos e interferências lexicais. Para elas, isso é insuficiente à manutenção da *koiné*. Pelo aspecto exposto, Frosi (1998, 2000, 2011) afirma ser o *talian* uma língua difícil de ser recuperada, haja vista a falta de subsídios que lhe confiram a legitimidade de uma língua.

A pesquisadora em questão faz um percurso linguístico-histórico bem definido, mostrando os caminhos da koiné e as dificuldades enfrentadas. No entanto, ao final, decreta seu desprestígio e sua morte. Chama-nos a atenção, ainda, o fato de a autora desconsiderar as obras escritas em *talian*, como livros, gramáticas e dicionários. Assim, gostaríamos de enfatizar que a postura tomada no artigo anteriormente citado não está em consonância com a proposta de nossa pesquisa, pois, sem desmerecer nem uma nem outra, seria interessante destacar que essa é uma colocação voltada para uma língua de prestígio social – o italiano, em detrimento do *talian*, língua que não teria prestígio social, a qual favorece o mito do monolinguismo, contribuindo para o preconceito linguístico e para o silenciamento de línguas de imigração. Havendo silenciamento, haverá a vergonha de continuar a falar essa língua e de ensiná-la.

Sobre isso, concordamos com Bagno (2012, p. 122) ao considerar que "[...] é comum existir na sociedade, forças centrípetas que agem sobre a língua, isto é, forças que puxam a língua para o centro, que refreiam a língua". Essas forças tentam impor controle sobre os destinos do idioma. Para Bagno (*op. cit.*), a força mais importante está nas instituições de ensino que reforçam a concepção de língua ideal.

No artigo "Prestígio e Estigmatização: dialeto italiano e língua portuguesa da região de colonização italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul" (Frosi, Faggion e Dal Corno, 2008), também parte do projeto Estigma, as autoras fazem um estudo confrontando passado e presente da história linguístico-dialetológica da RCI, estabelecendo relações entre elementos linguísticos que confirmam a existência do estigma e/ou a superação deste.

Nas referidas pesquisas, nas entrevistas realizadas com pessoas do município de Caxias do Sul na RCI, coexistem variedades de duas línguas, a portuguesa e a *taliana*. O português falado na região tem características específicas, já analisadas em outros estudos, bem como aspectos gramaticais e lexicais tomados de maneira preconceituosa. Nesses estudos, muitos entrevistados declaram que "entendem, mas não falam" o dialeto *italiano*, retratando o chamado bilinguismo passivo.

Os dados colhidos nessas entrevistas revelam que o estigma é fortemente relacionado à diferença que ficava perceptível quando os habitantes da zona rural falavam na sua língua ou falavam o português com marcas dialetais. Geralmente, o preconceito se dava em situações em que suas características podiam ser contrastadas com aquelas dos habitantes da zona urbana, falantes da língua portuguesa.

A pesquisa revela que a fala, tanto a dialetal *italiana* quanto a variedade de português da RCI, constitui-se no elemento identificador da cultura do grupo étnico minoritário. Os exemplos dados mostram, também, que o considerado "diferente" é motivo de escárnio. As estudiosas acreditam que, na verdade, não é a língua que é ridicularizada, mas a condição social de quem a fala, isto é, o "ser colono".

O artigo "Linguagem da região de colonização italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul: prestígio e estigmatização" (Frosi, Faggion e Dal Corno, 2007), outro desdobramento das pesquisas do projeto Estigma, busca identificar, descrever e explicar a estigmatização ou o prestígio sociolinguístico, para melhor compreensão da relação entre linguagem e cultura na RCI. Sendo assim, o estudo evidencia situações de contato entre línguas, português e a fala dialetal *italiana* na RCI. Para as autoras, as atitudes linguísticas estão ligadas à evolução linguística da referida região. De acordo com a pesquisa, há um consenso entre os falantes da

RCI de que a variedade dialetal *italiana* e a variedade do português local, com marcas dialetais italianas, como o "sotaque", sofreram estigmatização, desde o final da década de 1930. Entretanto, das últimas décadas do século passado até os dias atuais, foram verificadas inúmeras manifestações de retorno à origem étnica e à fala dialetal *italiana*.

O livro "O pronome ético: uma característica dialetal" é uma obra de Paviani (2004). Aqui, a autora investiga, baseada em Labov, o uso do pronome *me* enfático do português falado em Nova Roma, distrito de Flores da Cunha na RCI. A partir de comparações do referido pronome em outras gramáticas, a autora observa que o uso do pronome *me*, nessa região, singulariza como traço característico do dialeto *italiano*. Sua pesquisa contribui, ainda, para que se constate que o uso do dialeto *italiano* tem se conservado ao longo dos tempos. De acordo com a autora (2004, p. 95), essa língua vive por meio da oralidade, já que "[...] o que temos por escrito são transcrições da literatura oral em forma de depoimentos, histórias, contos, casos ou crônicas". Ou seja, Paviani acredita no valor desse tipo de material como forma de resgate cultural, porém, parece desvalorizar o que se tem escrito, por se tratar de histórias baseadas na oralidade.

Pertile (2009) escreveu sua tese sobre o bilinguismo e língua de contato direcionada ao tema da manutenção e substituição do *talian* na região do Alto Uruguai gaúcho, cujo título é "O talian entre o italiano-padrão e o português brasileiro: manutenção e substituição linguística no Alto Uruguai gaúcho". A autora investigou o português e as diferentes variedades dialetais provenientes da língua *italiana*, pretendendo identificar os fatores que contribuíram para a manutenção ou substituição da língua minoritária. Em sua pesquisa, foi constatada uma tendência forte de substituição do *talian* pelo português desde o início da colonização. Destacou-se, ademais, a tendência à substituição do *talian* pelo italiano padrão.

Apesar da pesquisa indicar uma tendência à perda linguística em diferentes comunidades, Pertile (*op.cit.*) destaca o surgimento de atitudes positivas em relação à língua de origem. São essas atitudes positivas que irão atestar a manutenção e revitalização do *talian*. A autora assevera sobre a necessidade de políticas linguísticas com o devido suporte institucional; entretanto, evidencia, também, a importância da família, a qual, consoante seu estudo, configura-se como forte fomento na manutenção de uma língua. Vale destacar, pois, que a ideia de Pertile, de certo modo, vai ao encontro da nossa proposta de trabalho, isto é, a relevância da esfera educacional para desvelar situações de bilinguismo e ou de conhecimentos a respeito da língua e cultura do imigrado *italiano* que possam existir, mas que, no entanto, encontram-se intimidadas pelas representações culturais mais modernas.

Outra obra dedicada a homenagear o Centenário da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul é a de Olivio Manfroi (1975), intitulada “A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais”. Este livro não só destaca a importância dos imigrantes para o estado gaúcho, como também analisa o comportamento sociocultural dos imigrantes *italianos* no contexto econômico, político e cultural do Brasil.

Para Manfroi (1975, p. 132), o isolamento em que viviam os colonos *italianos* propiciou a conservação dos seus dialetos, e isso deu à região de colonização italiana, segundo ele, características distintas do restante do Estado gaúcho. Não conviver entre brasileiros contribuiu para que, durante certo tempo, se vivesse com os hábitos e costumes trazidos de suas regiões. A interação com a sociedade brasileira foi lenta, por isso, no início, os imigrantes e seus descendentes não escondiam sua origem, suas línguas e tradições. Contudo, à medida que o progresso atinge as colônias, o contato com os brasileiros fica mais frequente e sua cultura vai, aos poucos, se modificando. Manfroi (*op. cit.*) sinaliza para um fator relevante: para ele, houve indiferença dos colonos à causa da italianidade, já que não conheciam ou conheciam pouco a língua italiana e, sim, seu dialeto de origem, por razões já abordadas no presente estudo.

No início do século XX, representantes do governo italiano visitavam as colônias, promovendo a italianidade. Nessas circunstâncias, os colonos *italianos* desconheciam a língua italiana oficial e não faziam questão de que seus filhos a aprendessem. Pobres e sem instrução, davam mais valor ao trabalho. Tanto que Manfroi (1975, p. 153) afirma que

> Os imigrantes italianos no RS e seus descendentes não manifestaram sentimentos patrióticos exaltados, não se preocuparam em conservar o seu patrimônio cultural e mostraram-se indiferentes à causa da italianidade. Eram acima de tudo, católicos praticantes do Vêneto, Mantova, Tirol - e foi através da prática da religião que encontraram a própria identidade cultural.

Movidos mais pela necessidade da fé do que pelo amor à “pátria”, afinal a Itália os tinha deixado sem saída, os imigrados depositam seu pertencimento aos elementos e símbolos trazidos de sua região natal. Nesse sentido, conforme o autor, a religião foi o fator maior de integração física e de identificação cultural entre os colonos. Assim, a obra de Manfroi contribui, de modo essencial, para o entendimento de como o imigrante e seus descendentes foram, paulatinamente, socializando-se e transformando sua língua e sua cultura. Vale dizer que os poucos livros que os colonos tinham contato eram livros de orações da família ou dos padres.

Outro pesquisador que se destaca é Mário Maestri, historiador e professor da Universidade de Passo Fundo (2000a, 2000b). O autor não trata a questão da língua do

imigrante especificamente; antes, seus estudos chamam a atenção para uma visão menos mitificada, desde a saída dos imigrantes *italianos* da Itália e as razões que os levaram a essa decisão até a chegada e permanência no Brasil, em especial no estado do Rio Grande do Sul. O autor retoma alguns aspectos da imigração desde a travessia transatlântica, o sofrimento nas glebas coloniais, e procura desvelar os mitos que envolvem essa empreitada no final do século XIX. Além disso, traz à reflexão os motivos que levaram ao silenciamento do *talian*. Para Maestri, certamente, a lei da proibição dos falares estrangeiros foi elemento importante, mas não apenas este foi determinante para que os ítalo-brasileiros tivessem como língua materna o português. Para o autor, outros fatores como mudanças socioeconômicas favoreceram esta situação.

O pesquisador em pauta (2000a) declara que muitas afirmações são exageradas a respeito dos imigrantes, como, por exemplo, a história do colono que sofreu com ataques de índios. Na realidade, quando chegaram ao Rio Grande do Sul, a Serra era habitada pela comunidade nativa da região, a qual foi expulsa, cada vez mais, para o interior das florestas. Conforme Maestri (2000a, p. 20), "[...] a história da destruição dos nativos não foi escrita e pouco sabemos sobre os *bugreiros* – brasileiros e imigrantes assalariados para combater e eliminar os últimos habitantes nativos da Serra".

No estado de Santa Catarina, temos Mengarda (1996), pesquisador que fez seu mestrado voltado para a aquisição da linguagem em contexto bilíngue português e dialeto vêneto, com as famílias de origem italiana do Vale do Itajaí e do Alto Rio Tubarão, ambas regiões de Santa Catarina. Em sua pesquisa, foi ponderado o papel fundamental do adulto na construção da linguagem da criança no contexto familiar bilíngue. Seu estudo igualmente apresenta dados teóricos que comprovam os efeitos positivos do bilinguismo a partir da idade precoce, baseado na função dos andaimes proposta por Cazden (1983, *apud* Mengarda), que visa ao emprego de suportes temporários pelos adultos; isto é, a presença e contribuição de pais e avós na aquisição do dialeto vêneto em crianças inseridas no ambiente familiar bilíngue.

Nesse contexto, investigaram-se, ainda, mais quatro sujeitos para verificar se o comportamento dos adultos (pais e avós) tinha motivação cultural, em relação às práticas e estratégias adotadas para motivarem seus filhos, na aquisição do dialeto vêneto no espaço familiar. Os dados foram coletados por meio de filmagens periódicas, registrando interações que apresentassem as crianças e os adultos envolvidos em atividades como o trabalho doméstico, os jogos linguísticos, as brincadeiras, as canções, etc. Para o pesquisador, as

motivações dessas famílias são de natureza cultural, considerando que o dialeto possa desaparecer.

Assim, seus dados constataram, em todos os sujeitos pesquisados, estratégias de transmissão linguística e cultural que são comuns às seis famílias de origem *italiana*. Todas as famílias pesquisadas adotaram procedimentos pedagógicos semelhantes, referentes à cooperação no desenvolvimento e aquisição do dialeto vêneto em seu ambiente familiar.

O autor tem noção de que, para resgatar a consciência e a identidade dos descendentes *italianos*, é preciso resgatar e preservar a língua. Segundo ele, quando os pais se preocupam com a aquisição da língua materna, patrimônio dos imigrantes *italianos*, estão contribuindo para a manutenção da italianidade e de todo um conjunto de tradições culturais desse povo.

Spessatto (2003, p. 09) é a autora do livro "Linguagem e colonização a migração de descendentes de italianos no Oeste Catarinense", o qual estuda o contexto de Chapecó, em Santa Catarina. Seu trabalho é de cunho sociolinguístico e traça "[...] um panorama da situação cultural e linguística dessa região de descendentes de italianos". Em seu estudo, a pesquisadora revela o preconceito linguístico em relação à fala do chapecoense, pois esta se apresenta com características fonético-fonológicas dos descendentes de *italianos*. Assim, Spessatto busca esclarecer ao leitor a importância de se compreender a pluralidade cultural que desencadeia as influências das variantes linguísticas.

Gubert (2012), em sua dissertação de mestrado, pesquisou a cidade de Vargeão, um pequeno município localizado na região Oeste do Estado de Santa Catarina, colonizado por descendentes de italianos oriundos do Rio Grande do Sul, na década de 30.

Ao pesquisar, Gubert teve como objetivo descrever as variações fonéticas possíveis de se encontrar no dialeto local, causadas pela influência do bilinguismo *talian*-português. Nessa comunidade, sempre se preservou o *talian*, bem como os hábitos e os costumes herdados dos primeiros imigrantes. O pesquisador comprovou que, apesar do *talian* já ter sido uma língua com mais expressividade, com o passar do tempo, foi sendo deixada de lado como língua de comunicação. Uma das justificativas para a diminuição da utilização do *talian* foi que começaram a chegar ao município imigrantes de outras ascendências que não falavam a língua. Da mesma forma, em virtude dos relatos de alguns informantes, as novas gerações de descendentes passaram a não ter mais interesse em aprender o idioma. Outro aspecto importante considerado pelo autor para o enfraquecimento do *talian* está no fato de ter havido uma política de valorização do idioma nacional e um repúdio aos falares estrangeiros durante o governo de Getúlio Vargas. Naquele momento, como já evidenciado neste trabalho, aqueles que falavam e

eram pegos pelos agentes do Governo sofriam duras repressões. Diante desse cenário, o idioma passou a ser usado somente em situações familiares, por falantes mais velhos, ou pelos mais novos quando inserem algum item lexical da língua em um diálogo em português.

Destaca-se que o português brasileiro da cidade de Vargeão é marcado pela influência dos dialetos *italianos*. Nesse caso, o estudo primou por fazer um levantamento de dados sobre a identidade linguística de parte da população vargeonense e verificar o domínio dos falantes da cidade em relação aos aspectos linguísticos do *talian* frente aos do português brasileiro. Ademais, caracterizou elementos constitutivos e distintivos dos falares, como heranças dos antepassados, com base nas variáveis dos estudos sociolinguísticos. Desse modo, pôde, também, contribuir para uma melhor descrição das variedades do português brasileiro.

Para o estudioso, o fato de o *talian* estar se perdendo no referido município pode ter causa na falta de políticas linguísticas que valorizem esse idioma ou, ainda, na falta de interesse dos poucos falantes proficientes da língua em repassá-la às gerações mais jovens.

Margotti (2004), em sua tese de doutorado "Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no Sul do Brasil", trata do português falado no Sul do Brasil que, em contato com a língua do imigrante *italiano*, assumiu traços específicos. Para o pesquisador, (2004, p. 06), na década de 50, o português passou a predominar e o dialeto italiano continua existindo, porém em uma situação de substrato. Assim, vai perdendo, gradativamente, a condição de língua de mercado. Desse modo, tal processo, ocorrido no eixo da diacronia, moldou uma variedade própria do português falado nessas localidades de contato com o *italiano*.

Borstel (2011), pesquisadora paranaense, em seu artigo "Um estudo sobre traços do *talian* na etnografia escolar", por meio da sociolinguística interacional e da etnografia escolar, descreve a linguagem de/em contato, em contextos de letramento, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, no município de Palotina, no Oeste do Paraná, onde ocorrem situações de bilinguismo situacional do falar italiano/português. A autora pôde atestar que a fala dos participantes de sua pesquisa demonstra conflitos linguísticos, gerando oralidade e escrita hibridizadas.

A pesquisadora percebeu, nos alunos da citada comunidade, forte tradição rural, com a qual se identificam. A cultura rural está atrelada às relações familiares, de vizinhança e de amizades. Durante seus estudos, observou-se, tanto nos alunos como na professora, variação fonológica dos traços linguísticos do falar *italiano* com o português brasileiro. Apreciou-se, ainda, a questão das transferências da oralidade na escrita e o uso da variável linguística do português brasileiro, bem como itens lexicais do *talian*.

A abordagem metodológica apresentada por Borstel (2011) apresenta-se como importante suporte na descrição das variáveis e das dificuldades de alunos em processo inicial de alfabetização, em comunidades de minorias étnicas, como os descendentes de *italianos*. Nesse sentido, é preciso "[...] respeitar e preservar o uso da língua materna desse grupo de minorias como meio de manutenção da dignidade e do respeito próprio do indivíduo" (BORSTEL, 2011, p. 45).

Assim, o contexto escolar deve promover o ensino de línguas, tendo como prática pedagógica a educação bilíngue de comunidades interlinguísticas. Para tanto, o professor precisa entender e expor sua aula, começando pelo dialeto e/ou pela variante linguística do aluno, para, somente depois, tratar da língua padrão.

Muitas pesquisas de mestrado, doutorado e artigos científicos têm revelado que o *talian* vem, cada vez mais, sendo substituído pelo português brasileiro como língua da comunicação urbana. Ressalta-se, ademais, outro fator bastante interessante: a valorização da variedade padrão do italiano, ensinada em escolas de línguas e também em centro de línguas, nas escolas públicas. Entretanto, é importante frisar que, em alguns casos, há um despreparo da escola em lidar com outras variedades da língua que não seja o padrão.

A pesquisa de mestrado de Ribeiro (2006) baseou-se em estudos sobre identidade e bilinguismo, tendo como foco de análise sujeitos descendentes de imigrantes *italianos* residentes no município de Cascavel, no Paraná. Estes sujeitos foram classificados em duas gerações: jovens estudantes de língua italiana e a geração mais adulta, que compunha aspectos da memória da história dos imigrantes *italianos* que migraram do Rio Grande do Sul para outras regiões brasileiras. Por meio desse estudo, foi possível conhecer algumas das atitudes dos sujeitos em relação à língua italiana.

Mediante o roteiro de entrevista, foram consideradas as relações estabelecidas entre estudar italiano e preservar a raiz e as razões do aprendizado via curso formal. Os sujeitos em pauta não negam suas raízes *italianas*, mas a preocupação com o estudo da língua se dá por outras razões vinculadas à sociedade moderna; veem nesta língua oportunidades de ascensão social e econômica. Já na geração adulta, foi evidenciado que há maior afetividade em relação às raízes *italianas* e, alguns, de modo mais expressivo em relação ao *talian*, por tê-lo adquirido no âmbito familiar.

As modificações se deram, conforme constatamos, paulatina e gradativamente, para um maior contato com a comunidade brasileira e, ao mesmo tempo, para um distanciamento de certos hábitos e costumes. Em relação à língua, não é diferente: o contato com grupos diferentes determinará algumas mudanças.

É evidente que as pesquisas de Pertile, Merganda e Gubert têm uma visão mais otimista do que possa ocorrer com o *talian*. Os pesquisadores ressaltam o risco que corre esse idioma, mas acreditam na possibilidade de revitalização e manutenção linguística e cultural.

Já para a pesquisadora Frosi, a fala dialetal na RCI não possui mais suas características essenciais para ser considerada uma língua, pois está aportuguesada em todos os níveis de estruturação linguística. A morte linguística, então, é real (FROSI, 1998, p. 95).

É preciso considerar, ainda, que os fenômenos no âmbito da RCI, no Rio Grande do Sul, podem ser semelhantes, mas não iguais. O modo como os primeiros falantes tratavam a língua e as experiências que tiveram, a partir dela, muitas vezes, diferem daquele estabelecido no estado de Santa Catarina; sendo, inclusive, distinto do modo como agiram aqueles que tiveram a experiência de migração, saindo do estado gaúcho ou catarinense para outras localidades do Brasil, como o Sudoeste e Oeste do Paraná.

Diante das pesquisas e obras apresentadas, é preciso ter o respeito pelos trabalhos científicos e valorizar ações de investigação de línguas como aquelas relacionadas à imigração. No entanto, partindo de questões ideológicas, são pertinentes algumas indagações sobre certos dados. Dessa maneira, queremos chamar a atenção para o fato de que as pesquisas científicas têm o dever de averiguar certos aspectos das línguas. Todavia, questionamos posturas teóricas de alguns estudiosos que, na tentativa de encontrar um sistema de língua perfeito, defendem o purismo linguístico. No que concerne ao *talian*, acreditamos que, ao defenderem uma língua livre de influências e mudanças, estariam contribuindo para a sua desvalorização.

Nosso posicionamento para a presente pesquisa baseia-se na mudança linguística como algo natural que vem desde os tempos mais remotos, desde que povos interagem entre si. Todavia, rejeitamos a evolução, evidenciada por alguns autores, como forma de preferir o moderno e preterir o rudimentar, indicando que o “evoluído” é sempre melhor.

A evolução linguística moderada por muitos pesquisadores traz à tona a ideia de que sempre se caminha para algo melhor; tal fato, porém, nem sempre é verdade. Temos visto a palavra evolução em contraposição ao rudimentar. A ideia de evolução tem sinalizado para o inglês americano como língua, cultura e economia supremas ou, ainda, que desconsidera falares misturados e falares regionais.

Enquanto a evolução aponta para o consumismo e para a superficialidade, se observamos o conceito de rudimentar, notaremos que está ligado à cultura de subsistência, aos alimentos orgânicos, ao modo de falar regional e local, a uma forma diferente de conceber o tempo, o espaço, a família; em suma, a uma visão de mundo com outros tipos de valores.

4.2 O *talian* – o que dizem os "leigos"

Conforme Makoni e Meinhof (2006, p. 196), é preciso considerar não apenas os pressupostos sobre "língua" construídos em diferentes subdisciplinas, mas, também, explorar como os discursos sobre "língua" são compreendidos pelos seus usuários, refletindo as complicações que surgem quando linguistas aplicados estão buscando atender ao público "leigo".

É preciso refletir sobre a linguagem pelo viés do falante, do usuário: que imagem fazem do *talian* indivíduos, falantes comuns, radialistas, pessoas sem formação ou com formação superior em áreas que não são afins com a linguística? Qual a validade desse conhecimento para pesquisadores legitimados pela instituição?

Makoni e Meinhof (2006, p. 208), ao abordarem a questão das línguas *guere e wobe*, faladas na Costa do Marfim, na África Ocidental, declaram que os linguistas definem essas formas de falar como línguas diferentes e os falantes dizem se tratar da mesma língua. Para os estudiosos, é preciso ter cautela, pois, se, de um lado, as perspectivas de linguistas e falantes podem não ser iguais, já que a busca do conhecimento do linguista difere da busca do conhecimento em outras áreas, por outro lado, os estudiosos da linguagem correm o risco de ter uma compreensão parcial de determinada situação linguística. Por tal ótica, acreditamos que não se devem abandonar as percepções populares.

Esta seção, portanto, será dedicada aos pesquisadores, não linguistas, que se empenham no enobrecimento do *talian*. No rol daqueles que escrevem sobre este idioma estão Rovílio Costa (1998, 2000), Darcy Luzzatto (1993, 1998, 2000), Silvino Santin (1998, 2013a, 2013b, 2014), Honório Tonial (2013a, 2013b), Massolini (2013), entre outros. Ademais, somam-se sites e *blogs* que publicam artigos e eventos sobre tal língua, os quais foram mencionados na seção sobre a situação do *talian* hoje.

Os autores anunciados, ao escreverem sobre e em *talian*, demonstram mais do que conhecimento da língua, expressam afeto e sentimento ligado às raízes familiares. O sentimento faz da referida língua algo especial, pois seus estudos são relatos de quem viveu e ainda vive essa cultura. Mais ainda, os escritores possuem determinação e otimismo em relação ao idioma; mesmo que saibam que há riscos de extinção, continuam firmes na convicção e divulgação.

Alguns poderiam descrever esse otimismo como exacerbado, no entanto, acreditamos que suas obras e artigos merecem evidência dentro do contexto acadêmico, pois, os mantenedores do *talian* fazem parte de uma memória viva, que merece e precisa ser

considerada. Sendo assim, é necessário mudar certos paradigmas que barram o conhecimento do "leigo". Não estamos dizendo aqui para aceitar toda e qualquer publicação. Ao contrário, não abandonar a cautela, mas, igualmente, levar em consideração pessoas que, embora sejam intelectuais de outras áreas (ou nem isso), e algumas delas estão bem distantes da área da linguagem, são indivíduos que, há muito tempo, escrevem sobre essa língua.

Parece-nos que o fato de serem tão confiantes e esperançosos em relação a tal idioma evidencia que não se analisa uma língua qualquer, mas a língua dos seus antepassados. Em face à referida condição, seguem considerações sobre o *talian* pelo olhar dos não linguistas.

Para iniciar, tomamos por base a afirmação do sociolinguista Calvet (2002, p. 16), "[...] a história de uma língua é a história de seus falantes". Por esse aspecto, entendemos que a língua se manifesta nos elementos culturais e vice-versa. Em Massolini (2013, p. 08), presidente da Federação Ítalo Brasileira do Rio Grande Do Sul (FIBRA/RS) é possível verificar que

> Criou-se por necessidade a língua *talian* como forma de comunicação e também como forma de união entre eles. Então o *talian* além de ser uma língua, é também uma maneira de ser e traz consigo um erário cultural precioso em todas as maneiras de ver, seja social, político, econômico e, sobretudo, religioso[74].

São os falantes que a definem como língua, que afirmam falar a língua *taliana*. Sob esse contexto, é possível verificar que há certo embate.

Por um lado, lutam pelo reconhecimento da língua, publicando materiais e livros, veiculando programas de rádio que divulgam, enobrecem e mantêm a língua. Para eles, o *talian* configura-se, sim, como língua, pois possui gramática, sistema fônico, sistema lexical, produção literária oral e escrita, além de circular nas mídias virtuais, com programas de rádio, grupos em sites de relacionamento, teatros, dança e festas; isto é, detém todos os requisitos para ser considerado como tal. Essas pessoas são responsáveis pela maioria das publicações que envolvem a língua *taliana.* Quando escrevem, é possível notar que a língua e a cultura estão permeadas por relações afetivas. Costa (1999, p. 09), um dos precursores a escrever a respeito, assevera que "[...] os afetos, através das palavras, rompem a harmonia do silêncio, para criar a harmonia da comunhão de pessoas". Não obstante, conforme já dito, são poucos os pesquisadores que utilizam como fonte de referência os escritores não linguistas. A literatura disponível nem sempre é citada, pois parece haver um excesso de resguardo com as informações

---

[74]*Se ga creà per necessità la Léngoa Talian come forma de comunicassion e anca come forma de union tra de lori. Alora, el Talian aldilà de uma léngoa, ze anca ua maniera de èsser e porta drio um erário cultural precioso in tute le maniere de veder, sia social, politico, economico e soratuto religioso.*

que trazem. O cuidado estaria em não considerar obras que não fazem parte do círculo acadêmico como legítimas, por não serem escritas por quem não é linguista.

Já por outro lado, alguns estudiosos da linguagem, ao pesquisarem o *talian*, buscam encontrar uma forma de língua idealizada, com o uso de todas as habilidades – ler, compreender, falar e escrever – somadas à competência comunicativa. De sorte que, se o sujeito não tem fluência no idioma, significa que não é bilíngue. Assim, acabam ignorando o que subjaz às atitudes linguísticas da comunidade e eliminando qualquer possibilidade de bilinguismo. Nesse sentido, se não há interesse explícito pela língua, se aparentemente poucos a falam, significaria a sua morte. Isso sem contar o fato de desconsiderarem ou ignorarem o material escrito como algo legítimo, tendo em vista este ser baseado na língua oral.

Certamente, a língua é o reflexo da sociedade; logo, também é verdade que a emoção e o afeto perpassam por todos os falantes de sua língua materna. Acredita-se que, na cultura italiana, na Itália, haja um tipo de emoção relacionada à língua diferente desta formada no Brasil. O afeto em relação aos dialetos na Itália também deve ter uma conotação diferenciada em comparação à língua italiana oficial. Manfroi assevera que,

> Para os imigrantes italianos, o essencial de sua cultura estava contido numa certa prática da religião e em torno dessa prática eles foram, através da memória coletiva, reconstituindo todos aqueles elementos que eles se recordavam. (MANFROI, 1979, p. 193)

Os imigrantes transportaram, para o Brasil, a "Itália"[75] que eles amavam, com características de sua região de origem. Cultivar a memória coletiva contribuiu para sustentarem-se nas situações difíceis, mantendo a identidade trazida com eles. Sá (2007, p. 18) define que "[...] a estrutura social, resultante da cosmovisão de um povo, pode influenciar ou determinar a estrutura da língua ou seu comportamento, o que prova que os valores sociais costumam ter efeito sobre a língua". Em face de tal perspectiva, compreende-se que os valores sociais dos primeiros imigrantes *italianos* no Rio Grande do Sul estavam alicerçados na manutenção de suas raízes. Coletivamente, eles, na vivência, preservavam questões muito significativas, dentre as quais o valor ao trabalho, à família, à fé e às canções.

Importa mencionar que o fator linguístico, em virtude da questão dialetal de cada grupo, também possibilitou, aos poucos, maior integração entre eles. Com efeito, compreende-se que membros de uma mesma comunidade, falantes de línguas diferentes, partem do conflito linguístico à solidariedade coletiva (BURKE, 2010).

---

[75] Embora a Itália fosse unificada há pouquíssimo tempo, havia o conceito abstrato de Itália.

A língua foi se compondo e funcionou como elemento acolhedor, afetivo e, consequentemente, de união daqueles que se identificavam como vindo do "além-mar". A esse respeito, conforme já mencionado neste trabalho, Costa (1998, p. 178) traz à tona o *filò*. A palavra *filò* significava na Itália o conjunto de trabalhos manuais que podiam ser executados em casa, no período do inverno. Da mesma forma no Brasil, nas noites frias de inverno, era difícil sair para trabalhar na lavoura e, por isso, tinham que ocupar seu tempo com outros afazeres. As mulheres cozinhavam, costuravam, bordavam, tricotavam e fiavam. Os homens ordenhavam as vacas leiteiras, fabricavam queijos, manteiga, requeijão e também fiavam. Ainda assim, eles dispunham de mais tempo livre. Surgem, nesse ambiente, os contadores de histórias, especialmente, para as crianças, a fim de distraí-las.

Costa (1999) define, primeiramente, o *talian* como língua familiar, por sua especialidade em traduzir experiências de vida, formas de lazer e de entretenimento. Certamente o *filò* foi o evento, além dos ritos religiosos na capela, que conseguiu integrar a maioria dos elementos culturais que envolviam o imigrante *italiano* e seus descendentes. Durante os momentos de descontração e união, sem dúvida, trocavam experiências da nova vida, rezavam, cantavam, dançavam, brincavam, teciam e bordavam. Provavelmente, todas essas ações eram concretizadas veiculando a língua *taliana.* Por meio da língua, eram evocadas recordações e emoções e os conhecimentos eram compartilhados. Tendo em vista as questões sobre o referido idioma, não há como apenas visualizar uma língua e uma sociedade, senão tudo aquilo que está imbricado nas relações familiares e sociais. A informalidade contida nos *filòs* de antigamente demonstram o perfil do imigrante e de seus descendentes com toda a valorização pela família, pela fé, pelo trabalho, pelo alimento, pelo lazer e pelos amigos.

Apesar das mudanças que vieram com o passar do tempo, hoje em dia, ainda existem os *filòs* e ainda acontecem no inverno. Na revista *Talian* Brasil (2013, p. 12), podemos comprovar tal constatação:

> Agora estamos no período do frio. Tomara que neste ano de 2013 o frio seja muito. Nos tempos de frio, no inverno é a época das festas *talianas*. Isso, porque se fosse em dias quentes, o vinho aqueceria além da conta [...] E também, por meio dessas festas, pode-se divulgar a nossa cultura[76].

[76]*Adesso semo ntel tempo de fredo. Magari sto ano de 2013 el fredo ze tanto comportà. E tempi de fredi, inverno, ze la época de le feste taliane. Sì, parché el vin scaldaria massa se fussi far le feste ntei giorni caldi[...] E con queste feste, anca se porta avanti la nostra cultura.*

Onde quer que se leia sobre o imigrante *italiano*, em sua fala, estará presente a questão afetiva. Isso pode ser observado em Luzzatto (1998, p. 170), ao descrever sua língua:

> O *talian* me soa como uma música! É a língua do coração, a minha língua, a língua com a qual consigo expressar meus melhores/piores sentimentos. Ela me lembra a primeira infância, a adolescência, o tempo da liberdade, o não-compromisso!

Observando a literatura concernente ao *talian*, é possível verificar que são frequentemente mencionadas histórias familiares, a fé e a exaltação a Deus pelas conquistas conseguidas. As publicações incluem, também, piadas, anedotas e provérbios. O mesmo autor (2000, p. 20) acrescenta que

> As palavras se modificam, mudam como o *presigo*, para dar sabor à vida. E assim surgiu o *Talian*, de palavras escolhidas e maturadas pelos falantes, com o jeito que cada um lhe imprimiu. Palavras brotadas fora da realidade, da dor, do prazer, da luta, do trabalho, e da vitória e da colheita.

E Costa ressalta (2000, p. 17) que quem não utiliza o *talian* em casa com a família ainda pode ter um contato mais próximo ao ouvir os programas de rádio, ao participar das festas folclóricas e gastronômicas. São situações de descontração e prazer que propiciam momentos de rememoração do passado.

De caráter humorístico, a narrativa "Vida e História de Nanetto Pipetta", uma das obras mais representativas da literatura *taliana*, divertiu muitos imigrantes e continua a divertir muitos de seus descendentes. Hoje em dia, muitos descendentes falam com saudosa alegria da referida obra, que se tornou peça teatral. Frei Aquiles Bernandi foi o seu autor e a publicou, primeiramente, em forma de folhetim pelo jornal Staffetta Riograndense, em 1924. Depois, em 1937, a coletânea de crônicas foi reunida em livro, levando o mesmo título anterior. Ainda hoje, a obra é lida e rememorada. Há que se destacar que, após Frei Aquiles Bernardi, outros escritores deram continuidade às estórias desse personagem. Entretanto, lembramos que, no apíce da Segunda Guerra Mundial, suas publicações foram proibidas.

Ao que se verifica, o *talian* é considerado parte integral da história familiar, marca de sua identidade local. Não se sentem vênetos *italianos*, sentem-se vênetos brasileiros. Costa (1998), afirma que "[...] podem chamar-nos de italianos – e gostamos de ser conhecidos como tais, mas, então, chamem-nos de italianos do Rio Grande do Sul". Assim, notamos a importância de terem sua identidade reconhecida.

Consideramos relevante ressaltar que há pesquisadores, linguistas e não linguistas que têm plena consciência do prestígio dessa língua, sabendo seu significado no contexto brasileiro como mais uma variedade de língua falada. Há, também, pessoas mais humildes que têm conhecimento da existência do *talian*, mas, geralmente, tecem comparações com a língua italiana *standard*, haja vista fatores estigmatizantes. A questão pode ser observada em relatos de muitos descendentes (Luzzatto, Frosi, Raso, Costa, *op. cit.*).

É notório que não existe encorajamento do bilinguismo no Brasil. Igualmente é fato que necessitamos de políticas linguísticas mais eficazes. É preponderante que haja, por parte dos estudiosos da área, um movimento menos conservador, que tenham um olhar menos velado, capaz de trazer à tona vozes silenciadas que demonstram um esquecimento aparente.

O primordial não é apenas estudar suas chances de sobrevivência, mas entender o que realmente acontece. Logo, questionamos: como se pode decretar a morte de uma língua estando ela ainda viva? Se os "ditos" falantes fluentes morressem, seria seguro afirmar que a língua morreria com eles? Não teriam deixado nenhuma marca, nenhuma influência aos seus descendentes?

Ora, sabemos que não existe uma língua pronta, que não sofre nenhum tipo de influência. Ao contrário, conforme podemos notar em Ferreira e Cardoso (1994, p. 12) "[...] os falantes de uma mesma língua, mas de regiões distintas, têm características linguísticas diversificadas e se pertencem a uma mesma região também não falam da mesma maneira tendo em vista os diferentes estratos sociais e as circunstâncias diversas da comunicação".

Reiteramos que todas as línguas mudam. Assim, o *talian*, em contato com o português falado em cada localidade onde se estabeleceram seus falantes, com certeza, modificou-se. Qualquer língua se transforma com o tempo, em maior ou menor grau, a depender da sua relação com a comunidade e com o espaço.

Muitas vezes, tendo como base a nossa língua materna, temos a sensação de que falamos sempre da mesma forma, dando-nos a ideia de não existir mudança. No entanto, a transformação ocorre, na maioria dos casos, em longo prazo. De acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 139):

> A mudança é entendida como uma consequência inevitável da dinâmica interna das línguas naturais [...] velhas e novas formas variantes rivalizam num mesmo momento de tempo e essa alternância pode representar uma transição para um outro estado da língua.

Na mesma direção, Zilles (2001, p.19) pondera que os elementos estrangeiros que surgem do contato linguístico, não raro, podem ter vida curta ou podem ser incorporados de tal forma à língua que os acolhe que, em duas gerações, passam despercebidos como sendo de outra língua.

Tomemos como exemplo o latim, língua que sofreu várias transformações em decorrência das conquistas do Império Romano e que, em contato com falantes de outras línguas, deu origem às línguas românicas. Poderíamos dizer que a língua latina não é mais usada por uma determinada sociedade ou não é a mesma falada há tempos. Apesar disso, está presente em nosso dia-a-dia, pois, dela, surgiu o português.

Schlieben-Lange (1993, p. 97) assevera que o discurso oficial sobre a língua não estaria no mesmo nível da experiência cotidiana da língua. Segundo a autora, "[...] antes trata-se de saber de que maneira pode-se 'trazer à ponta da língua' essas experiências cotidianas e o saber delas resultante". E a estudiosa acrescenta que, para descobrir 'línguas encobertas', é preciso utilizar procedimentos adequados.

Por esse âmbito, realizar uma pesquisa, trazer dados quantificando, descrevendo e avaliando os que falam e aqueles que não falam, poderia, em alguns casos, ser designado como discursos linguísticos estereotipados, em que uma língua nasce, cresce e, se não há mais falantes, ela morre.

Segundo Bourdieu (1998, p. 14), "[...] enquanto ignorarem o limite constitutivo da sua ciência, os linguistas não têm outra escolha que não seja procurar desesperadamente na língua aquilo que se encontra nas relações sociais onde ela funciona".

Ao conduzir as questões anteriores, julgamos que os estudos conjuntos entre academia e "leigos" possam incrementar as pesquisas de forma geral e, inclusive, desvelar dados 'encobertos'. Diante de tal panorama, acreditamos na legitimidade do conhecimento da produção científica e sabemos do rigor das metodologias empregadas, contudo, é importante considerar, também, os dados trazidos por estudiosos fora da Academia.

Isso posto, na próxima seção consideramos pertinente refletir sobre a vida das línguas, em especial a vida do *talian*, e se podemos dar um prognóstico do tempo de vida dessa língua.

4.3 *Eppur vive* – não à morte do *talian*!

Como refletido no decorrer deste estudo, as línguas variam e sempre variaram para atender às necessidades dos usuários. A variação linguística está ligada a regiões geográficas, a classes sociais, sexos, idades, situações de fala em interação, enfim, a fatores associados às relações de poder que vigoram em um determinado espaço e momento.

A cultura e a língua de origem *italiana*, por onde quer que tenha passado ou se estabelecido no Brasil, deixaram suas marcas, sejam nas artes, na gastronomia, na religião ou na língua, entrando, assim, na vida de muitos brasileiros e fazendo parte, até o presente, de seu cotidiano. Vale dizer que muitos desses traços, nem sempre, são perceptíveis, como, por exemplo, pratos da culinária *italiana* – macarronada, pizza, polenta – dentre outros alimentos hoje incorporados ao cotidiano do brasileiro; as festas de igreja com seus santos padroeiros, etc. As regiões com maiores índices de recebimento de ítalo imigrantes, como a cidade de São Paulo e cidades do estado do Rio Grande do Sul, como Bento Gonçalves, Caxias do Sul, entre outras, demonstram, na sua arquitetura, nos sotaques, no léxico, nas festas e nas comidas tradicionais, a marca de várias regiões italianas.

Conforme Bernardi (2005, p. 10), "[...] crescendo em idades e épocas diferentes, as trocas e as misturas tornaram híbrida a semente originária. Porém, o gosto, a forma, temperamento, as vocações no costume de vida continuarão a reverberar em cada novo presente" [77]. Assim, além da diversidade que compõe os povos, existem outros fatores que, de certa forma, fortalecem a identidade étnica.

Evidentemente, tal fato decorre de processos de adaptação por necessidade de melhores condições de vida. Embora haja mudanças, acreditamos que determinada língua e cultura continuem vivendo por meio daquilo que a geração mais velha construiu e por meio da memória coletiva das gerações posteriores.

Conforme Hagège (2000, p. 11), "[...] as línguas são geradoras de vida, ao mesmo tempo que são reservatórios da vida passada". O autor defende que é preciso lutar para que as culturas humanas não sejam esquecidas. Segundo ele, a manifestação mais sublime das culturas são as línguas. A propósito da morte das línguas, Hagège (2000, p. 12-13) expõe que,

---

[77] "*Crescendo, nell'età e nelle epoche, gli scambi e le mescolanze ibrideranno la semenza originaria, ma il gusto, la foggia, il temperamento, le vocazioni nel costume di vita, continueranno a riverberare in ogni nuovo presente*".

> Apesar dos sinais ameaçadores que surgem, hoje, no horizonte das culturas, o vasto cemitério das línguas deixa escapar alguns sons. Sob a aparência da morte, de que o silêncio das tumbas, nas necrópoles humanas, é talvez o símbolo mais impressionante, quando se trata das línguas, há qualquer coisa que se mexe e balbucia ainda, a que se pode chamar vida. É isso que é preciso reanimar.

Uma coisa é certa, as línguas vivas existem graças aos grupos de indivíduos que, de alguma forma, delas se servem. A língua alimenta aquele que fala, fornece elementos de sobrevivência. Para o autor (2000, p. 13), "[...] defender as nossas línguas e sua diversidade, nomeadamente contra o domínio de uma única, é mais do que defender as nossas culturas. É defender a nossa vida".

Todavia, em nossa concepção, ainda que um indivíduo morra, ele não deixa de existir na memória, nas atitudes e nos hábitos de seus herdeiros. Assim também consideramos as línguas: mesmo que não haja mais falantes, não deixam de existir enquanto conjunto de elementos que foram utilizados, nos empréstimos e nas interferências lexicais, nas obras escritas e nas influências linguístico-culturais; portanto, não se empobrecem.

Ainda que pensemos em morte de língua, existiria a possibilidade de voltar a viver, pois "as línguas são capazes de ressurreição" (HAGÈGE, 2000, p. 11). Sabemos que fatos histórico-políticos podem minar uma determinada língua, mas, se houver disponibilidade e vontade de que a língua não caia no esquecimento, pode acontecer o seu resguardo.

Nos dias de hoje, tem havido uma busca pela valorização do *talian* e isso tem acontecido por meio das mídias, principalmente, rádio, internet, revistas e livros impressos. Como enunciado no Capítulo 3, Seção 2, a internet tem sido um veículo muito eficaz nesse empreendimento.

O autor *op. cit.* (2000, p. 19) assevera que são as línguas que permitem a construção da história, "[...] a evocação dos desaparecidos através do discurso público ou privado". Por isso, as línguas são capazes de evocar o passado com suas lembranças: "[...] as expressões idiomáticas, as palavras compostas têm passado, que põem em cena personagens vivos" (2000, p. 20).

De acordo com Bernardi (2005, p. 11), "A metamorfose da lagarta em borboleta não cancela a essência original"[78]. Por esse ângulo, as línguas são depósitos de tesouros e mostram o movimento das sociedades, impregnado seu contexto de hábitos alimentares, modos de ser e agir e maneiras de falar. Tudo isso, ao ser reutilizado, faz reviver as línguas.

Para Vermes e Boutet (1989, p. 07):

---

[78]*Dove si dimostra che la metamorfosi del bruco che si fa farfalla, non cancella l'essenza originaria*.

> Apesar da vontade de alguns países em promover uma língua a nível de língua nacional, isto não se dá pelas situações de monolinguismo, porque, de um lado, as outras línguas continuam sempre sendo faladas, com mais ou menos sucesso segundo os casos, e, de outro lado, porque os fenômenos migratórios transformam as situações históricas, colocando-as em contato com novas línguas. Na França, por exemplo, ao lado do contato histórico entre o francês, olsaciano, o basco, o bretão, o ocitano criou-se uma situação nova de contato entre todas estas línguas e o berbere, o árabe, o espanhol ou o português, entre outras línguas de imigração.

Considerando essa perspectiva segundo a qual o quesito para que uma língua sobreviva é o número expressivo de falantes e a fluência, concordamos com Uyeno e Cavallari (2011, p. 13), ao afirmarem a respeito dos imigrantes e suas línguas. Os autores fazem um questionamento e nos levam a refletir sobre ser bilíngue:

> Podem eles ser considerados bilíngues? Depois de quanto tempo de permanência entre nós e possível dizer que um imigrante é bilíngue? Dez anos, vinte anos, trinta anos depois? No sentido tradicional de delimitação das línguas-culturas, eu ousaria afirmar que 'nunca', porque, ainda que não perceba ou não se queira perceber, a primeira língua, aquela que os marcou por primeiro tornando-os sujeitos não desaparece nunca, nem mesmo trinta ou quarenta anos depois: ela está ali, e, escondida, no mais recôndito do ser e, vez por outra, emerge como fagulhas de um vulcão amortecido pelo tempo e pelos hábitos, que, inevitavelmente, se transformaram para que pudessem se 'adaptar' ao novo modo de vida, a outra maneira de conceber o mundo e as relações humanas.

Dificilmente encontraremos um descendente de *italiano* bilíngue, se partirmos da concepção de "perfeição", isto é, ser bilíngue sem ter nenhuma influência e/ou interferência da outra língua. Muito provável que seja esse o argumento científico que muitos da Academia se respaldam para classificar quem é ou não é bilíngue. É também, por isso, que muitas pesquisas acabam por decretar a morte do *talian*, já que, na concepção de bilinguismo perfeito, muitos de seus falantes não se enquadram.

Os autores mencionados sustentam que fica sempre uma marca, seja no sotaque, em uma palavra que aparece sem perceber, em um trejeito e nos valores e nas crenças que herdamos. Portanto, se em algumas ocasiões houver um revérbero, acreditamos que isso possa se dar consciente e ou inconscientemente. E quando isso se dá no nível do inconsciente, o sujeito, por vezes, nega a presença dessa língua.

Nesse universo, Bernardi (2005, p. 20) alerta que

> Uma civilização não desaparece se o povo da qual é herdeiro não nega à consciência do seu valor. Uma carga de responsabilidade gravada sob as costas das gerações. Cada uma das quatro que convivem na sociedade em cada tempo: crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos, precisam sentir-se vinculados, em um consenso chamado tradição[79].

Constata-se a importância de sentir-se parte de uma cultura, pois, ao fazer parte dela, o vínculo da tradição não acabará, mas continuará se repetindo nas gerações posteriores.

A relação entre história e língua é complexa e percorre um caminho lento, mas gradual, durante os processos de formação de identidade e nacionalidade. Perante tal reflexão, verifica-se que a história e a política correlacionam-se ideologicamente. Em vista disso, não caberia apenas o prognóstico de que há poucos falantes e de que os mais jovens não demonstram quase nenhum interesse em aprender determinada língua. Há de se considerar que outros fatores corroboram tal situação. É o que veremos no próximo capítulo, em que serão pontuados três possíveis artefatos que favoreceram o silenciamento do *talian* em Cascavel.

---

[79] *Una civiltà non scompare, se il popolo che ne è l'erede non rinuncia alla consapevolezza del suo valore. Un carico di responsabilità che grava sulle spalle delle generezioni. Ciascuna delle quattro che convivono nella società in ogni tempo: bimbi e adolescenti, giovani, maturi e anziani, ha bisogno di sentirsi vincolati, in um consenso che si chiama rispetto alla tradizione*.

CAPÍTULO V – LÍNGUA E CULTURA ENCOBERTAS: AGENTES PROMOTORES

A proposta deste capítulo é refletir sobre os agentes que reforçam o encobrimento de uma determinada língua. Nesse aspecto, no que se refere à língua do imigrado *italiano* – o *talian*, apontaremos três artefatos que contribuíram e/ou ainda contribuem para a citada condição.

A concepção de artefato ora tratada é a de algo intencional, produto de um trabalho humano; ou seja, não existe "in natura", pois necessita da intervenção do homem para que se produza o resultado esperado (Rossi-Landi, 1985, p. 176).

Salientamos que os artefatos sinalizados aqui provocam na sociedade o efeito de veracidade, o que nem sempre é real. Sem dar espaço para questionamentos mais incisivos, são cristalizadas as formas de pensar sobre si e sobre os outros.

A primeira seção diz respeito à lei da brasilidade durante o Estado Novo, conduzida por Getúlio Vargas, que, em nome da nacionalização e por interesses políticos, reprimiu as línguas de imigração. Os governos têm sempre algum motivo para promover ou apagar uma determinada língua e cultura. A ação tem como respaldo os interesses de quem está no poder.

Já a segunda concerne ao hibridismo cultural e às "entrelinhas" da modernidade e pós-modernidade. Enfatizamos que as interações sociais e, consequentemente, as influências são, neste estudo, concebidas como algo natural. No entanto, desejamos refletir sobre a aceleração da modernidade que têm causado mudanças na concepção das tradições e identidades étnicas. Segundo Giddens (2002, p. 38), a modernidade "[...] rompe o referencial protetor da pequena comunidade e da tradição, substituindo-as por organizações muito maiores e impessoais".

Chamamos a atenção para a sociedade do consumismo em excesso, a velocidade das mudanças tecnológicas e a banalização de valores antes primados. Diante de tal contexto, não seria possível conceber a ideia de língua e cultura imaculadas. Logo, nosso objetivo na presente pesquisa é evidenciar a existência do *talian* em Cascavel, contudo, entendendo que, de acordo com os momentos históricos e os contatos linguísticos que permeiam os falantes dessa língua, a mudança é inerente. Ainda que não tenhamos feito um estudo comparativo entre a língua *taliana* falada no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina e no Paraná, entendemos que, em cada local, essa língua deve apresentar uma variedade que possui o mesmo cerne, recebendo, no entanto, influências linguisticas dos diferentes contextos sociais.

A terceira e última seção busca destacar como linguistas, com suas linhas de pesquisa, têm se posicionado diante da situação na qual se encontra hoje o *talian.* Compreendemos que tal artefato deveria "jogar a favor" das línguas de minoria, pois, na qualidade de pesquisadores,

conhecem a realidade do Brasil quando se trata das questões linguísticas. Entretanto, o que temos percebido, em muitos estudos, é que há indicativos de legitimação do português padrão, apesar de admitirem a existência de outras variedades linguísticas. Tais pesquisas, não raro, têm mostrado que as outras variedades devem ser banidas, visto que têm indicado dois lados da moeda: primeiro, a primazia do português "correto" e, segundo, de uma língua de imigração ou de fronteira "pura".

Nesse âmbito, infelizmente, algumas pesquisas continuam a contribuir para a negligência das situações antes mencionadas.

5.1 A imposição de uma língua e o apagamento das outras – o Estado Novo

No século XIX, se pretendia um perfil de imigrante para o Brasil, o qual deveria ser bem qualificado para aquilo que o contexto brasileiro necessitava, isto é, ser agricultor para as colônias ou para trabalhar nas propriedades cafeeiras e ter a cor da pele ideal – a branca. Segundo Seyferth (1999, p. 212) "[...] *negros* e *amarelos*, eram vistos como elementos perturbadores do processo de formação de uma nação branca e civilizada". Entretanto, as demonstrações de etnicidade dos imigrantes preocupavam as autoridades, que viam neles uma forma de influências dos governos que participavam da Segunda Guerra, como, por exemplo, medo da conspiração nazista (autor *op.cit.*). Na década de 30, diversos recursos são utilizados para acabar com grupos que tinham escolas e associações alemãs e italianas em solo brasileiro. Desse modo, também como forma de prevenção, em nome da valorização do trabalhador nacional, o Estado Novo adotou uma política de restrição à imigração, bem como uma campanha mais severa de educação. A partir de tal cenário, os imigrantes deveriam passar a ser, entre o povo brasileiro, um fator de progresso e não de desagregação social e desordem política (SEYFERTH, 1999).

A formação de comunidades de imigrantes sempre causou certo incômodo aos administradores do Rio Grande do Sul. No entanto, era preciso ter cuidado para não criar problemas de relacionamento com os imigrantes, uma vez que as regiões coloniais faziam parte da estratégia brasileira de manutenção do regime que primava pelo povoamento de espaços "vazios" e de uma cultura "superior" para a formação de um país nos moldes europeus.

No âmbito das línguas de imigração, são perceptíveis ambiguidades como a existência do interesse na população europeia, em termos de mão de obra qualificada, ao mesmo tempo em que se há, também, o receio diante da situação étnica que vai se produzindo no país; ou seja, as línguas de imigração representavam uma ameaça à pretendida unidade nacional. Assim, a

educação se voltou para a criação do sentimento de brasilidade e fortalecimento do trabalhador brasileiro (BOMENY, 1999, p.139). Importante ressaltar que a preocupação com a nacionalização do ensino é instituída no começo do século. Notamos que, já em 1906, o professor e político Sílvio Romero alertava para o perigo de se criarem nacionalidades dentro do Brasil. Sua proposta era aproveitar "[...] de modo extensivo o proletariado nacional como elemento colonizador perto do estrangeiro para educar-se com ele no trabalho e, em troca, contribuir para o seu abrasileiramento" (BOMENY, 1999, p. 154). Vemos explícita a concepção de que o brasileiro não sabia trabalhar; na verdade, não era apto para o tipo de trabalho que o Governo pretendia aplicar no Brasil, isto é, baseado no exemplo europeu, já que seu interesse era o crescimento financeiro.

Bourdieu (1998, p. 28), ao expor a situação linguística durante a Revolução Francesa, afirma que "[...] a imposição da língua legítima em detrimento dos falares regionais e dos *patois* faz parte das estratégias políticas destinadas a assegurar a eternização das aquisições da Revolução através da produção e da reprodução do homem novo".

Por tal viés, entendemos que se trata não somente da imposição de uma língua, mas da imposição de um pensamento, de um modo de ser e agir no território brasileiro, em que a língua oficial é a moeda de troca. Nessa perspectiva, perde menos a comunidade que se adequar mais rápido à língua oficial. É possível imaginar que, no contexto das línguas de imigração, isso deva ter exercido um poder muito forte entre os indivíduos, pois não significava apenas aprender a língua das trocas comerciais, mas implicava, sobretudo, extinguir da sua vida e da vida de seus filhos a língua materna, tirando-lhes a oportunidade de ser bilíngue e de se verem como bilíngues. Com efeito, vai se acumulando ao longo do tempo uma memória coletiva implantada por meio da ideologia imposta. A memória inculcada pode ser descrita como a naturalização do não falar seu idioma e de não querer ensiná-lo aos seus filhos. A naturalização vai, aos poucos, se tornando um tipo de "verdade".

O Estado Novo contava com a intervenção do Exército na política educacional. Sua meta era a construção de barreiras à propagação de doutrinas consideradas perigosas à defesa da nacionalidade. O primeiro passo para a intervenção, além da escola, devia ser, então, a proibição geral do uso de línguas estrangeiras em público, principalmente nas regiões coloniais do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Paraná, consideradas mais perigosas pela uniformidade dos seus elementos étnicos.

Diante do cenário que se apresenta, a reforma educacional inicia-se reprimindo as redes de escolas que ensinavam em alemão, italiano e também outros idiomas como o japonês e o

polonês. Como podemos notar, a língua não serve somente como instrumento de comunicação; antes é um instrumento de poder (BOURDIEU,1998).

Nos anos de 1938 e 1939, vigora a nova legislação, a qual impõe, de fato, a todas as escolas, não somente a língua portuguesa, mas, também, que essas escolas tivessem nomes brasileiros, os professores deviam ser brasileiros natos ou naturalizados graduados em escolas brasileiras, as aulas deviam ser ministradas em português, sendo vetado o ensino de línguas estrangeiras. São as instituições de ensino que irão impor as formas legítimas de discurso e a ideia de que um discurso deve ser reconhecido se estiver de acordo com as devidas formas legitimadas (BOURDIEU, *op. cit.*).

Como comprovado em Pandolfi (1999, p. 31), houve, em 1938, uma comissão para a reformulação da legislação:

> De seus trabalhos resultaram inúmeros decretos-leis, como a Lei de Nacionalidade (nº 389 de 25-4-1938); a Lei de Extradição (nº 394 de 28-4-1938); a Lei de Expulsão (nº 497 de 8-6-1938); e a Lei de Entrada de Estrangeiros (nº 639 de 20-8-1938). Além disso, o Departamento Nacional de Povoamento fora transformado em Departamento Nacional de Imigração e o Serviço de Imigração, Reflorestamento e Colonização em Divisão de Terras e Colonização. Por fim, pelo Decreto-lei nº 1.532 de 23-8-1938, a imigração fora considerada um problema político e, como tal, afeto à área decisória do Ministério da Justiça e Negócios Interiores.

Intensificam-se o estímulo ao patriotismo, o uso de símbolos nacionais e a comemoração das datas nacionais. A participação ferrenha dos militares contribuiu para implantar o civismo como meio de assimilação e formação de uma “consciência nacional”. Para Hobsbawm (1984, p. 09), muitas vezes as tradições são inventadas e possuem práticas de “[...] natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição”.

A campanha educativa abrangeu, ainda, palestras cívicas em clubes, estímulo à formação de grupos de escoteiros, exposição de retratos de heróis. Tais artefatos funcionaram como meios para controlar os grupos que não se enquadravam nos moldes pretendidos.

As associações culturais e recreativas encerraram suas atividades e as cerimônias religiosas deveriam ser ministradas em português. Nesse âmbito, o Exército brasileiro foi incumbido de fiscalizar e punir manifestações que não fossem em língua portuguesa. Bourdieu (1998) chama a prática de “capitalismo linguístico” utilizado para exercer poder e domínio e legitimar a língua portuguesa como língua nacional. As interações linguísticas, desse modo, têm a ver com as relações de força entre os indivíduos dos grupos sociais em contato, estabelecendo como “língua legítima” aquela que tiver maior capital simbólico.

Segundo Seyferth (1999, p. 221):

> O Exército teve participação efetiva na repressão das manifestações de etnicidade, na imposição do civismo e no controle do uso das línguas estrangeiras, principalmente nas regiões de colonização do Sul que ficavam na jurisdição da 5ª Região Militar.

A autora destaca, pois, que a repressão militar foi ainda mais dura com a população de imigrantes e seus descendentes germânicos, considerados mais resistentes à assimilação e, também, influenciados pela propaganda nazista.

Entretanto, vale salientar que a campanha do governo brasileiro não conseguiu extinguir com os sentimentos das identidades étnicas do modo como desejava, mas atingiu, fortemente, uma parte considerável da organização comunitária. Algumas associações culturais, a imprensa e as escolas desapareceram e outras perderam suas características de espaços privilegiados de reafirmação étnica ou nacional. A repressão ao uso das línguas estrangeiras, embora tenha sido violenta, não teve os resultados imediatos esperados (SEYFERTH, 1999, p. 223).

Diante desse contexto, é possível imaginar como se deram as relações de intolerância cultural e linguística. É provável que imigrantes e descendentes tenham sofrido situações de intolerância linguística em duas ocasiões: primeiro, quando são obrigados a não falarem sua língua e a aprenderem a língua portuguesa, principalmente aqueles da zona urbana que se veem imersos nas relações de imposição; depois, quando já tinham aprendido o português, mas o veiculavam com influências da língua materna. Notamos, portanto, que a concepção de "língua perfeita" sempre permeou as relações.

A situação apresentada faz com que a língua oficial, o português, seja instaurada além e apesar das situações linguísticas que coexistem naquele momento no Brasil. A comunidade dominante se beneficia das condições institucionais e de sua autoridade política. Logo, segundo Bourdieu (1998, p. 25), "[...] a língua oficial tem parte com o Estado. E isto tanto na sua gênese como nos seus usos sociais". Todas as práticas sociais são mediadas pela língua de Estado. E o autor em questão acrescenta que "[...] no processo que conduz à elaboração, legitimação e imposição de uma língua oficial, o sistema escolar desempenha uma função determinante: fabricar semelhanças, de onde resulta comunidade de consciência que é o cimento da nação" (BOURDIEU, 1998, p. 29). Em relação aos imigrantes, portanto, forja-se uma consciência de nação, principalmente para as gerações mais novas e para aquelas que ainda viriam. Estes passam a ver, de modo natural, toda a ideologia da importância da nação brasileira e, em conformidade com o autor (*op.cit.*), há um trabalho para edificar a consciência comum de nação.

Hobsbawm (1984, p. 10), aliás, afirma que as tradições inventadas assumem a forma de referência a situações anteriores e, muitas vezes, são formalizadas.

Contudo, é importante considerar que, para os imigrantes, o português não era somente a língua dominante; antes, era a língua de comunicação entre pessoas que falavam outras línguas. Dessa maneira, naquela circunstância, a necessidade imediata da existência requer uma linguagem, já que o homem precisa se comunicar para viver em sociedade. De tal modo, entendemos que aprender o português, estando no Brasil, era o esperado. Assim, o que questionamos é o modo como o Governo lida com a presença do imigrante no território brasileiro.

Na zona rural, distante do contexto urbanizado, talvez a manutenção tenha sido mais forte, em razão de certa liberdade de ser e estar. O isolamento nas regiões de colonização do Sul do Brasil contribui para a preservação de traços da cultura. Pelo viés observado, esse distanciamento não foi algo ruim, mas acabou propiciando a construção de um saber cotidiano que, aos poucos, criou um jeito novo de se comunicar.

Do cenário evidenciado, resultam aqueles que, por ter mais contato com a língua portuguesa, vão deixando, gradativamente, de falar sua língua e aqueles que, como medida de prevenção, não a ensinam a seus filhos. Claro que estamos generalizando, afinal, como já dissemos no início deste trabalho, não há como saber quem, efetivamente, esqueceu ou apenas escondeu essa língua, quem a deixou adormecida e quem, realmente, não aprendeu nada. No que concerne ao *talian*, o momento histórico abordado traz consequências para muitos indivíduos e comunidades que hoje poderiam expor sua língua, mas, devido a tudo que passaram, não tiveram e não veem condições de assumí-la como uma língua normal como outra qualquer.

Para Bourdieu, trata-se do “domínio simbólico”, em que o indivíduo que sofre cria o hábito de se corrigir na presença de seus interlocutores. Conforme o autor (1998, p. 32):

> Todo domínio simbólico pressupõe, por parte daqueles que o sofrem, uma forma de cumplicidade que não é nem submissão passiva a uma condicionante exterior, nem adesão livre aos seus valores. O reconhecimento da legitimidade da língua oficial não tem nada de uma crença expressamente professada, deliberada e revogável, nem de um acto intencional de aceitação de uma norma; ela inscreve-se no estado prático, nas disposições que são insensivelmente inculcadas, através de um longo e lento processo de aquisição, pelas sanções do mercado linguístico e que se encontram, portanto, ajustadas, fora de qualquer quadro clínico e de qualquer condicionante conscientemente sentida.

Com tal característica, um indivíduo, ao se corrigir, considerando que “fala errado”, ou, ao falar o *talian* justificando que não se trata do italiano padrão, não o faz pela sua própria consciência, mas pelas disposições que se constituíram por meio dos artefatos do governo daquele determinado período e que continuam a reverberar, indicando, assim, uma violência simbólica (*op.cit.*). Então, tais disposições socialmente moldadas determinam a propensão de falar coisas determinadas, como aquelas que veremos no capítulo das análises das entrevistas realizadas para essa pesquisa.

Com efeito, não somente os dominadores absolutizam a língua posta como legítima, mas, no âmbito em que se apresenta, também os dominados. As situações socioeconômicas permitem à língua essa condição de legitimidade, ao inseri-la em um contexto com maior valor de mercado. Portanto, a ideia de uma língua padrão é idealizada com o surgimento dos Estados-nação e da necessidade de se ter uma língua oficial.

O sistema de ensino e todos os outros instrumentos do Governo serviram, desse modo, para desvalorizar não somente as línguas de imigração como, também, expressões populares e modos de falar considerados fora do padrão. O projeto de unificação voltado à criação de uma nação para o futuro produz efeitos até hoje, pois há um Estado que, habitualmente, desvaloriza seu próprio modo de falar e não acredita falar bem sua própria língua; indivíduos que, apesar de conhecerem a língua de suas raízes não se veem como bilíngues. Sobretudo, temos uma população que se curva ao fascínio do imperialismo americano, acreditando na importância da adesão à língua e à cultura americana para ser um cidadão realmente digno.

5.2 Do hibridismo linguístico cultural a uma cultura hegemônica

Sabemos que as línguas e as culturas, em maior ou menor grau, a depender de fatos históricos e da tecnologia vigente, sempre estiveram em contato produzindo formas linguístico-culturais hibridizadas. Bosi (1987, p. 07), ao falar da cultura brasileira, pondera que “[...] já houve quem a julgasse ou a quisesse unitária, coesa, cabalmente definida por esta ou aquela qualidade mestra. E há também quem pretenda extrair dessa hipotética unidade a expressão de uma identidade nacional”.

Entretanto, nos inquietam, em igual medida, os efeitos da globalização que tendem a velar outros tipos de cultura consideradas menores e sem prestígio. Além das misturas tornarem-se parte integrante de uma dada comunidade, queremos trazer à tona o quanto o processo de globalização invisibilizou ainda mais as tradições locais; nesse caso, trazendo consequências nem tão boas assim que se refletem no *talian*.

Em Canclini (1997, p. 284), podemos observar que,

> Sem dúvida, a expansão urbana é uma das causas que intensificaram a hibridação cultural. O que significa para as culturas latino-americanas que países que no começo do século tinham aproximadamente 10% de sua população nas cidades concentrem agora 60 ou 70% nas aglomerações urbanas? Passamos de sociedades dispersas em milhares de comunidades rurais com culturas tradicionais, locais e homogêneas, em algumas regiões com fortes raízes indígenas, com pouca comunicação com o resto de cada nação, a uma trama majoritariamente urbana, em que se dispõe de uma oferta simbólica heterogênea, renovada por uma constante interação do local com redes nacionais e transnacionais de comunicação.

A globalização é um processo econômico e social que integra países e pessoas do mundo: além dos contatos e das trocas financeiras e sociais, são difundidas também ideologias culturais. Mas o processo de globalização não é algo recente, é uma ação que vem ocorrendo há muito tempo, tendo seu marco concomitante ao início do capitalismo, cujo objetivo central aponta para as relações estritamente comerciais que visam ao lucro a todo custo. Por esse aspecto, a língua é fator relevante para propagandas e negociações financeiras.

A ideologia da globalização tende a reduzir a diversidade cultural ao usar artefatos para que os indivíduos se sintam cada vez menos ligados ao local e mais ao global. De tal modo, essa força universalizadora da modernização prima por uma espécie de homogeneização cultural, por meio da imposição de uma cultura que se propõe ao mercado capital. Disso provém a "necessidade" de consumir, levando o indivíduo a se adequar para se sentir cidadão do mundo; sentir que é detentor de poder e de status, que é aceito, já que fala a língua franca internacional e consome tudo o que o mercado global diz ser bom. Hall (2003, p. 75), então, assinala que,

> Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas –desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem flutuar livremente.

De um lado, vemos o processo de globalização e sua ideologia, chamada, por vezes, de "americanização" (BURKE, 2003), que sucumbe hábitos e costumes regionais e locais, impondo um modo de pensar o mundo mediante os valores do mercado dominante, sendo que a língua é o artefato para alcançar o mercado consumista. Com isso, tal ideologia impõe o inglês como a única língua indispensável a ser aprendida.

No contexto de línguas e culturas em contato, não podemos prescindir das misturas e da flexibilidade da identidade, mesmo sabendo que as tradições locais coexistem a formas hibridizadas. Salientamos que, em nosso ponto de vista, o hibridismo cultural (BURKE, 2003) somado a aspectos ideológicos globalizantes inculcados contribuem para camuflar língua e cultura encobertas, pois alguns aspectos da língua e da cultura tornam-se tão naturais que a própria comunidade ou alguns indivíduos não se veem como praticantes ou conhecedores de uma determinada língua ou cultura.

A constância da interação produzirá formas de comunicação adequadas para determinados momentos, criando palavras, frases híbridas e, até, línguas híbridas. Ainda que esses encontros sejam entre comunidades dessemelhantes, há a possibilidade de buscar o entendimento mútuo (BURKE, 2006).

De outro lado, quanto maior o círculo de interação, maiores serão as influências. Portanto, compreendemos que aqueles que defendem o purismo ficam relegados a uma forma de língua e identidade estática, preferindo fazer vistas grossas às mudanças geopolíticas. E concordamos com o autor *op. cit.* (2006, p. 82) quando afirma que, "[...] da mesma forma como algumas culturas são inusitadamente receptivas a ideias ou artefatos estrangeiros, outras são inusitadamente resistentes". Para Bosi (1987), um passo decisivo na compreensão de nossa sociedade é admitir o seu caráter plural. Hall (2006, p. 29) chama a atenção para o mito da concepção fechada de tribo, em que possuir uma identidade cultural é estar "[...] em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado o futuro e o presente numa linha ininterrupta".

Nessa direção, reiteramos que a identidade está sempre em processo de transformação, à mercê das informações e interações às quais somos expostos. Rajagopalan (2003, p.71) enfatiza que "[...] a única forma de definir uma identidade é em oposição a outras identidades em jogo". O autor complementa, exemplificando que "[...] a cor azul se distingue da cor amarela e ambas são mantidas separadas pelo verde, a qual se destaca como terreno disputado tanto pelo azul como pelo amarelo".

Tendo tal orientação, o conceito clássico de língua já não se sustenta mais, visto que a heterogeneidade sempre marcou as comunidades de fala, ainda que pesquisadores de tempos remotos e outros não tão remotos assim tenham tido como base a língua escrita e suas formas padronizadas. A perspectiva apresentada por Bakthin (1996, p. 96) expõe que

> A língua, enquanto meio vivo e concreto onde vive a consciência do artista da palavra, nunca é única. Ela é única somente como sistema gramatical abstrato

> de formas normativas, abstraída das percepções ideológicas concretas que a preenche e da contínua evolução histórica da linguagem viva. A vida social viva e a evolução histórica criam, nos limites de uma língua nacional abstratamente única, uma pluralidade de mundos concretos, de perspectivas literárias, ideológicas e sociais, fechadas; os elementos abstratos da língua, idênticos entre si, carregam-se de diferentes conteúdos semânticos e axiológicos, ressoando de diversas maneiras no interior, destas diferentes perspectivas.

Com efeito, não existe uma língua ideal, mas a língua vivida, na interação, nas relações que nos permeiam; tal é multifacetada e propensa a mudanças.

Os indivíduos sempre encontraram uma forma de interação e, nos dias de hoje, isso ocorre com mais força e velocidade, devido aos meios de comunicação tecnológicos e à miscigenação crescente entre povos e culturas. Vista dessa forma, compreendemos que as identidades estão, cada vez mais, suscetíveis a transformações.

Mais uma vez com Rajagopalan (2003, p. 61): "[...] o traço mais visível da nossa identidade linguística, nesses tempos modernos, é a mestiçagem, da qual nenhuma língua escapa hoje em dia". Há quem acredite em crise de identidade linguística, devido à era da informação que nos circunda excessivamente, alterando, também, o modo como se dão as relações entre pessoas e povos. Ainda segundo o autor, algumas mudanças são bem-vindas, outras não. Por isso, caberia uma dose considerável de entendimento e consciência para manter o equilíbrio entre a mudança positiva e a negativa. Assim, sob a perspectiva de Giddens (2002), é preciso lembrar que a modernidade produz a diferença, a exclusão e a marginalidade.

Da mesma forma em Burke (2006), não existe uma fronteira cultural nítida ou firme entre grupos, mas um "*continuum cultural*", que tem se intensificado, progressivamente, pela frequência de interações culturais que estão fortemente interrelacionados à língua. Nesse aspecto, o autor em pauta afirma que "[...] a língua oferece muitos exemplos notáveis de hibridização" (BURKE, 2006, p. 32).

Em relação ao *talian*, há muitos textos escritos na língua que podem comprovar essa ocorrência. Por exemplo, as canções são compostas em um misto de *talian* e português regional, no caso, aquele das regiões de colonização *italiana* no estado do Rio Grande do Sul. Já em Cascavel, palavras[80] como *ciuco, bauco, pociar, esbodegado*, como já exposto anteriormente, são faladas, de modo natural, como se pertencessem ao português. Alguns termos foram aportuguesados, como é o caso de "esbodegado", que, no *talian*, é *sbrodegado* (LUZZATTO,

[80] Os significados das palavras citadas já foram referenciados no Capítulo II , referente à metodologia.

2000) e que, a seu turno, ao se buscar sua procedência nota-se que é de origem vêneta (BASSO, 2012, p. 268) e que passou a fazer parte da língua *taliana.*

Burke (2006, p. 33) aponta exemplos de hibridização linguística na Europa e analisa que,

> Nos séculos XVI XVII, por exemplo, aumentou o grau de misturas das línguas europeias entre si porque os contatos entre elas foram ficando cada vez mais numerosos. Por um lado, aumentou a migração dentro da própria Europa. Por outro lado, o gradual declínio do latim e o crescente uso de línguas vernáculas em textos impressos tornou mais necessário do que antes que os europeus aprendessem uns as línguas dos outros.

É evidente que o contato entre sociedades/comunidades com línguas diferentes pode produzir falares e práticas culturais mistas. Sendo assim, ao direcionar o olhar para o que ocorre com o *talian* na RCI, isto é, a mistura cada vez mais recorrente com o português, compreendemos que se trata de algo comum. Burke (2006, p. 49) considera que "[...] o hibridismo é, muitas vezes, um processo e não um estado".

Se no passado as línguas de imigração foram proibidas e obrigatoriamente o português teve que ser aprendido, hoje as mesmas línguas existem e são relegadas a um papel folclórico. Quando os livros de histórias e a mídia colocam tais línguas nesse lugar, já estão determinando aos seus mantenedores e descendentes que seus falares não fazem parte do mundo moderno nem estão entre os mais interessantes a serem estudados. Entretanto, é bom reiterar que consideramos o aspecto folclórico um ponto positivo para a continuidade das tradições do imigrado *italiano* e de sua língua, pois, desde os momentos comemorativos como corais, *filòs*, grupos de danças, festas religiosas e festas gastronômicas, são praticadas sua língua e sua cultura.

Burke (2003, p. 102) avalia que "[...] as culturas tradicionais estão em contato mais ou menos direto com tradições alternativas". Nesse sentido, "[...] estão sendo sempre construídas e reconstruídas, quer os indivíduos e os grupos que fazem parte destas tradições se deem ou não conta disso".

Vivemos o que Bourdieu (1998, p. 32) considera unificação do mercado e dos bens simbólicos, em que "[...] o processo de unificação, de produção e de circulação dos bens econômicos e culturais acarreta a obsolescência progressiva do antigo modo de produção dos *habitus* (*op. cit.*) e dos seus produtos". O autor expõe que todas essas disposições são inculcadas em nós, aos poucos, e a violência simbólica é exercida por meio de formas legitimadas de dominação, como um ato de subjulgamento que acontece de forma silenciosa, de tal modo que

as pessoas nem sempre questionam certos aspectos sociais; ao contrário, acreditam ser eles naturais.

5.3 Ideologias linguísticas

Rajagopalan (2003, p. 124) adverte sobre o papel tradicional do linguista, isto é, a tarefa de realizar seus estudos da linguagem apenas com base descritiva, buscando manter uma postura neutra, o que, para si, é uma herança do positivismo. Apesar de alguns estudiosos manterem seus enfoques teóricos tradicionais, é possível perceber mudanças nesse âmbito que mostram trabalhos científicos admitindo conotações políticas e ideológicas ao tratarem da linguagem. Assim, segundo o autor (2007, p. 125), "[...] a consciência crítica começa quando se dá conta do fato de que é intervindo na linguagem que se faz valer suas reinvindicações e suas aspirações políticas".

Por tal ponto de vista, a presente seção visa a evidenciar que nossa postura sobre o estudo da linguagem não é neutra, tampouco objetiva, mas norteada por fatos históricos que permeiam a língua do imigrado *italiano* e todo o nosso posicionamento.

A questão das variedades linguísticas faladas no Brasil é tratada com seriedade e competência, porém, ainda é vista como algo periférico, sendo que, infelizmente, são alguns linguistas que, recorrendo a linhas de pesquisas mais tradicionais, têm liderado essa posição e contribuído para tal cenário. Embora, no senso comum, todos afirmem o grande número de variedades de sotaques e variedades lexicais nas várias regiões do Brasil, a população segue na crença de uma sociedade uniforme. Isso porque o português tornou-se, historicamente, a língua nacional. A ideia de língua única inviabiliza, no contexto brasileiro, locais e situações de bilinguismo, como se as línguas obedecessem a limites.

Algumas atitudes clássicas perduram, conforme Rajagopalan (2003, p. 27): muitas vezes, as línguas são concebidas em termos de tudo ou nada; do mesmo modo, seus falantes também são classificados como nativos ou não nativos, não permitindo qualquer possibilidade de categorias mistas. As pesquisas, reiteradamente, a depender da corrente teórica que escolheram para definir bilinguismo, têm identificado como bilíngue somente o sujeito que possui bilinguismo perfeito. Bloomfield (1979, p. 56) define bilinguismo como "[...] o controle de duas línguas de maneira semelhante à do nativo". Por tal prisma, caso o falar esteja no entremeio de duas ou mais línguas, já não se configura como bilinguismo.

A língua falada pelo sujeito que tem sua identidade linguística permeada por mais de uma língua foi caracterizada na obra de Maggio (2003, p. 75) como interlíngua. Ao falar de sua

pesquisa realizada na cidade de Pedrinhas Paulista, colônia fundada em 1952 no interior de São Paulo, comunidade de *italianos* e seus descendentes, a autora conclui que a língua falada por seus entrevistados é uma mistura do italiano, de alguns falares dialetais e do português.

Já Mackey (1971, p. 555) afirma que o conceito de bilinguismo é relativo e está relacionado a questões de função, grau, alternância e interferência. Por essa concepção, o sujeito bilíngue não terá o mesmo grau de competência em todas as habilidades.

A definição dada por Grosjean (2008, p. 164) é a que mais se aproxima da definição de língua encoberta, pois o autor amplia o leque de tipos de bilinguismo:

> Consideraremos como bilíngues aquelas pessoas que usam duas (ou mais) línguas (ou dialetos) diariamente. Assim, esta definição inclui pessoas que vão desde o trabalhador migrante que fala com certa dificuldade a língua do país anfitrião (e que não a lê nem a escreve) até o intérprete profissional que é totalmente fluente nas duas línguas. Neste intervalo, encontra-se o cônjuge que interage com amigos na sua primeira língua, o cientista que lê e escreve artigos em uma segunda língua (mas que raramente a fala), o membro de uma minoria lingüística que usa a língua minoritária somente em casa e a majoritária nos outros domínios de sua vida, a pessoa surda que usa a língua de sinais com os amigos, mas que usa outros tipos de sinais com uma pessoa ouvinte, etc. Apesar da grande diversidade que existe entre essas pessoas, todas compartilham uma mesma característica – todas convivem com duas ou mais línguas (bilíngues que não mais usam suas diferentes línguas, mas que retêm um certo conhecimento delas serão denominados bilíngües adormecidos[81]).

O autor aponta, bem ao final, para a denominação de “bilíngues adormecidos”, aqueles que possuem conhecimentos da “outra” língua, mas que não a usam. Para complementar a noção de Grosjean, destacamos, novamente, Schlieben-Lange (1993) que, fundamentada em estudos sobre atitudes linguísticas, apresenta uma visão mais ampla do conceito de bilinguismo – o bilinguismo encoberto –, o qual faz parte da vida de indivíduos que, nem sempre, têm consciência dos seus saberes e, caso tenham, podem não demonstrá-los com facilidade.

Vermes e Boutet (1989, p. 08), ao comentarem da situação linguística na França, declaram que, mesmo que um país seja conhecido como monolíngue, com uma única língua territorial reconhecida oficialmente, isto não implica uma situação de monolinguismo de fato. Segundo eles, apesar de, na França, ter-se o francês como língua nacional, numerosas comunidades linguísticas praticam outras línguas e, seguindo de acordo com os autores, há países assumidamente bilíngues, como a Suíça, onde são falados oficialmente o alemão, o francês e o italiano, e há outros que possuem uma única língua territorial. No entanto, é

[81] Grifo nosso.

importante frisar, também, que países que têm uma única língua oficial nem sempre são realmente monolíngues.

Na Itália, a ideia de uma língua unitária vinha se constituindo desde o Renascimento, com obras literárias, que, de acordo com Salinari (1972, p. 16), "[...] no passar dos séculos, com a hegemonia literária estabelecida em Florença, se reconhecerá na língua Toscana a base da língua nacional"[82]. No entanto, cada região, cidade ou vilarejo falava seu próprio dialeto. Salienta-se que, no momento da sua Unificação, eram poucos os *italianos* que falavam a língua oficial. De Mauro (2002, p. 21 e 27) denomina a situação linguística da Itália de "[...] a 'selva' dos dialetos [...] o italiano foi utilizado por séculos somente por grupos restritos e em ocasiões de solenidade"[83]. Tal situação na Itália era tão abundante em dialetos que, segundo referido autor, era preciso ter uma língua nacional. E De Mauro (2002, p. 37) complementa, observando que, na época da Unificação, quase 80% da população italiana não tinha acesso ao italiano escrito, além da ausência do seu uso oral. Dessa forma, foi preciso criar meios para que isso começasse a se efetivar. Assim como em outros países, recorreu-se à instrução escolar. No entanto, somente isso não bastava, era preciso criar um aparato estatal unitário com um só parlamento, uma só administração burocrática, uma organização militar unitária e uma magistratura única. Além disso, a industrialização, urbanização e os meios de comunicação como rádio e televisão contribuíram para certo abandono dos dialetos.

Na realidade, o que se pode ver, tanto no Brasil quanto na França e na Itália, é um mito criado pela ideologia do Estado, o qual é fortalecido pelo poder de diferentes esferas, política, religiosa, instituições de ensino e midiáticas. Tais domínios legitimam o uso de certa língua, colocando as outras línguas/dialetos faladas/os no mesmo território como línguas periféricas e ilegítimas (BOURDIEU, 1998; MILROY, 2011).

No Brasil, como vários estudos já apontaram, há o mito do monolinguismo (OLIVEIRA 2003; CAVALCANTI, 1999; BAGNO, 2003), conferindo às línguas, sejam elas indígenas, línguas de comunidades quilombolas, línguas de imigração europeia e asiática, línguas de fronteira, um lugar de invisibilidade.

Pesquisadores da área da linguagem e instituições de ensino têm contribuído para tal cenário: o meio acadêmico deveria ser o espaço de desvelamento da real situação linguística do país, no entanto, tem-se privilegiado o ensino/aprendizagem e a difusão apenas da língua nacional padrão.

---

[82] *Solo nel corso dei secoli, com l'egemonia letteraria stabilita da Firenze, si riconoscerà nella lingua toscana la base della lingua nazionale.*

[83] *La selva dei dialetti [...] L'italiano sia stato adoperato per secoli soltanto in cerchie ristrette e in occasioni di particolare solennità.*

É verdade também que há vários trabalhos científicos no âmbito descritivo de diversidade de línguas ou sobre ensino de línguas estrangeiras. Entretanto, não raro, essas pesquisas ficam restritas apenas à comunidade científica da área da linguagem, o que não favorece a difusão e a acessibilidade a questões relevantes para o esclarecimento da sociedade, que, por sua vez, gozando apenas de informações de senso comum, acredita na ideia de que existe somente uma língua correta – a padrão. Assim, esses indivíduos, falando seu português local ou outra língua com influências do português, acreditam estar veiculando uma língua ilegítima.

Como verificado em Bourdieu (1998, p. 13-14), não se pode esquecer de que "[...] as relações de comunicações por excelência que são as trocas linguísticas também são relações de poder simbólico, onde se atualizam relações de força entre os locutores ou os seus grupos respectivos".

Já Achard (1989:32) defende que, em sociedades multilíngues, é comum que indivíduos pratiquem várias línguas sem postular uma única língua como verdadeira. Segundo o autor, "[...] a sociedade contemporânea não suprimiu nem o multilinguismo social nem o multilinguismo individual. No sentido, suprimiu, em certos pontos do mundo e do espaço social, a evidência e a naturalidade e nesse sentido, a legitimidade".

A situação brasileira se assemelha ao mesmo cenário antes descrito, isto é, apesar da tendência à imposição de uma língua única, impetrada como a legítima, outras línguas coexistem, como o *talian.* Ainda que pesquisas sinalizem para a sua morte, a língua se realiza com as vicissitudes inerentes às línguas em contato.

Para Pouche (1989, p. 63), "[...] o sentido se cria e se permuta no seio de um grupo, em uma dupla articulação, a do indivíduo com o grupo, que constitui o grupo consigo mesmo, e do grupo com o exterior, que articula o indivíduo com o ambiente mais global". Significa admitir a naturalidade das influências que ocorrem na interação social.

Nos estudos do autor em pauta (1989, p. 68), vemos que a construção da realidade social no seio da interação – contexto, situação e grupo – admite sua lenta e constante mutação. Logo, asseveram sobre a heterogeneidade das línguas, observando que

> A heterogeneidade das práticas atinge, sem dúvida, um máximo, quando não somente as línguas se alteram no que se denomina *code-switching*, mas também quando os sistemas misturam-se, combinam-se em práticas de mestiçagem, de hibridização, de *code-mixing.* Práticas correntes nos grupos multilíngues, elas são frequentemente estigmatizadas e relacionadas a um domínio imperfeito das línguas em presença. As pesquisas tendem doravante, a encará-las no seu funcionamento e a retirar o sentido do discurso. (VERMES e BOUTET, 1989, p. 13)

É curioso notar que justamente aqueles que pesquisam e escrevem sobre o falar dialetal decretam o seu fim. Assim, teóricos da linguagem acabam se tornando, talvez sem perceber, vítimas também da violência simbólica (BOURDIEU, 1998), dependentes da ideologia padrão, contribuindo, de certa forma, para a manutenção da ilegitimidade de falares como as línguas de imigração.

No que concerne ao *talian*, em alguns estudos de Frosi (1998 e 2000) e de Frosi e Raso (2011), podemos notar uma perspectiva voltada para o purismo linguístico, nos quais se percebe um tipo de melindre em relação às modificações que sofreram as línguas de imigração na RCI, no Rio Grande do Sul. A língua é então definida em conformidade à norma, levando a classificar qualquer mistura como "desvio" e "morte de língua". Na concepção dos autores, quanto maior a interação, mais rápido o desaparecimento do falar dialetal. Nos dados de algumas pesquisas de Frosi (2008), o *talian* aparece como língua mais falada por idosos e não há identificação de bilinguismo ativo, apenas passivo, o que, segundo ela, demonstra pouco interesse dos mais jovens.

Para a autora, existe uma tentativa de ensinar o "dialeto *italiano*" (palavras da própria autora) nas escolas como parte do programa educacional de ensino. No entanto, ainda segundo ela, seu ensino não traria nenhum benefício às crianças, por isso melhor seria se fosse a língua italiana padrão: "[...] o dialeto italiano misto, reduzido, híbrido só tem domínio em nível de compreensão, não em nível de desempenho. A sua aprendizagem representaria algo subtrativo, não algo aditivo à bagagem cultural do aprendiz" (FROSI, 2000, p. 95).

Os argumentos utilizados são em prol de uma língua "legítima", que desencoraja o aprendizado da língua dos pais, avós e bisavós, e enaltece o italiano padrão como língua de maiores oportunidades, maior visibilidade e, portanto, maior prestígio.

Discursos em prol da língua de prestígio podem ser notados não somente pelos linguistas, mas em alguns dados selecionados da nossa pesquisa, presentes no capítulo das análises.

Sendo assim, percebemos um ideal de bilinguismo e, outra vez, a variedade padrão sendo destacada como símbolo de prestigio. Cadiot (1989, p. 139) aponta que

> A mistura de línguas é sempre estigmatizada. [...] associada às representações sociais do impuro, esta imagem é evidentemente reforçada por tudo o que a escola, em particular, veicula, no que diz respeito à valorização da integridade simbólica da língua. Esta construção é por sua vez mediatizada pela conceituação idealizante da língua, uma das metas principais da escola, ainda mais acentuada quando esta visa a populações linguisticamente mal-estabilizadas, fronteiriças, periféricas ou migrantes.

Cada vez que nós, linguistas, fazemos pesquisas demonstrando o desprestígio das línguas minoritárias, estamos contribuindo, efetivamente, para que elas fiquem encobertas, bem como tolhendo a oportunidade de que as pessoas falem suas línguas de origem sem nenhum receio. Bourdieu (1998, p. 15) assevera que "[...] o que circula no mercado linguístico não é 'a língua', mas, sim, discursos estilisticamente caracterizados".

Partindo da perspectiva de uma língua unitária que deve ser veiculada por um número significativo de pessoas, banindo as formas mais misturadas, pesquisadores têm idealizado uma forma de língua que está fora do contexto de uso oral. Milroy (2011, p. 74), nesse caso, não acredita que o método quantitativo consiga abarcar todas questões sociais que envolvem a língua. Geralmente essa metodologia se presta mais a análises estruturais, tanto das questões sociais quanto daquelas internas da língua.

Quando um estudioso, em suas pesquisas, declara o fim de uma língua para uma determinada região, isso não significa que seja totalmente verdadeiro e, se o for, há de se considerar a existência de outros grupos em outros contextos. Sobre isso, Vermes e Boutet (1989, p. 08) analisam que "[...] pode também tratar-se do desaparecimento de uma língua num grupo humano sem prejuízo de sua prática e de sua manutenção em outros grupos ou em outros territórios, como é frequentemente o caso de famílias imigradas".

As pesquisas, pois, devem sempre considerar o ponto de interrogação que possa existir para os dados que se têm. Como já indicado no início deste trabalho, é preciso considerar o "não dito". Os autores anteriores (1989, p. 11), ao destacarem a contexto das línguas faladas na França, levando em conta a questão do que é língua materna em contraponto à língua nacional, expõem que, "[...] para abordar estas questões de maneira diversa, diferentemente da maneira documental ou estatística, é preciso interrogar a aparente evidência da noção de língua materna e recolocar em questão sua naturalidade socialmente aceita".

Poche (1989, p. 59), a seu turno, acredita que existe uma ideia errônea do distanciamento que separa um presente, mais ou menos, alienado e um passado mítico. Segundo ele:

> Fala-se, assim, de línguas que só são faladas por pessoas idosas, ou por grupos em via de extinção, como se fala, com um distanciamento espacial, de línguas locais ou periféricas, ou ainda, como um distanciamento funcional, de línguas vernaculares, e mesmo de patoás rurais. Em todos os casos, o observador coloca seu objeto distante do lugar de onde se fala, seja por nostalgia, por comiseração ou por voluntarismo mais ou menos utópico.

Talvez, devido a posicionamentos ideológicos e/ou correntes teóricas mais fechadas, alguns estudiosos acabam desprestigiando a língua que se está estudando. Com isso, o linguista que trabalha com o tema "mistura de línguas" tem o papel de mostrar o desenraizamento e

evidenciar que, de fato, existem variedades de línguas e que a padrão é apenas mais uma delas. A mistura de variedades linguísticas é algo que se possa considerar inerente nas sociedades, por mais "unidade" que elas possam demonstrar.

Para Poche (1989, p. 75), "[...] à medida que a maior parte dos indivíduos, nas sociedades 'modernas', pertence a vários grupos, a prática de várias línguas é uma realidade de fato, qual seria fácil dar exemplos a partir da pluralidade de papéis sociais".

Aquele que estuda os falares misturados segue um caminho inverso, já que não considera a língua como algo estático, porque sabe que a língua depende das relações sociais e do modo como os indivíduos se posicionam em relação ao grupo social, com o qual interage.

A base da heterogeneidade das identidades culturais e linguísticas está calcada nas experiências históricas e socioculturais dos indivíduos, devendo o pesquisador levar tal fato em consideração. Alguns estudiosos da linguagem buscam, nas comunidades de falantes de línguas de imigração, uma língua sem mudanças e sem interferências. Escrevem como se deu sua evolução e o caminho para a morte, já que a incidência detectada nas pesquisas de campo demonstra um número não considerável de falantes.

Tal raciocínio se enquadra nas "comunidades imaginadas", citadas por Burke (2006, p. 22): "[...] as tentativas de criar comunidades impondo uma língua ou uma variedade linguística em particular têm importantes consequências, mesmo que não sejam as pretendidas pelos idealizadores". Por isso, Burke (*op. cit.*) alerta que "[...] precisamos analisar o papel das línguas não somente como expressões ou reflexos de um senso de coesão comunitária, mas também como um dos recursos por meio dos quais as comunidades são construídas ou reconstruídas".

A abordagem desenvolvida por Bourdieu (1998) aponta justamente para as relações de força que se refletem no ato comunicativo, nas pesquisas de muitos estudiosos. O autor se opõe aos conceitos de gramaticalidade e competência linguística por si só. Em sua visão, a linguística usa o artefato teórico da padronização das línguas para silenciar as condições sociais que se instauram no discurso. Assim sendo, por trás da unidade linguística, reinam relações de poder e domínio. Vemos que tanto a academia quanto as outras instituições educacionais impõem somente a língua padrão, a qual dá acesso aos lugares de poder. As variantes não padrão e seus falantes são suprimidos e, por meio dessa dominação simbólica, os excluídos aceitam tal condição e até reproduzem-na, quando afirmam que não sabem sua própria língua ou que falam um italiano errado.

O capítulo seguinte conduz reflexões sobre o papel da memória coletiva, perpassando das gerações mais velhas à geração mais nova. As considerações que traremos apontam para a

possibilidade de reconstruir lembranças, aparentemente esquecidas, e revitalizar, por meio da verbalização, as memórias culturais.

CAPÍTULO VI – A MEMÓRIA

Importa-nos falar sobre a relevância da memória, pois é dela que podemos extrair fatos e aspectos importantes para o desvelamento da língua e da cultura encobertas nas várias situações. Acreditamos que tanto a geração de idosos quanto as gerações de adultos e jovens, guardam e/ou cultivam muitas lembranças relevantes concernentes ao ser descendente de *italiano.* Todos eles, pela memória coletiva, podem contribuir para trazer à tona informações significativas sobre o *talian* e sua cultura em Cascavel.

Os pressupostos sobre memória de Halbwachs (1990, p. 65-66) indicam que "[...] ao lado de uma história escrita, há uma história viva que se perpetua ou que se renova através do tempo e onde é possível encontrar um grande número dessas correntes antigas que haviam desaparecido somente na aparência".

Assim, dizer que não se recorda, não necessariamente implica esquecimento, mas um silenciamento, um não querer falar ou não sentir necessidade de falar ou, em muitos casos, não ter oportunidade de falar. Daí a importância da perpertuação da memória e de eventos como, por exemplo, o *filò.* Conforme podemos notar em Coracini (2007, p. 16):

> Não se pode lembrar se o que aconteceu não tiver sido esquecido, porque recordar é sempre interpretar. A memória é, portanto, sempre esquecimento, pois é sempre interpretação de algo que passou; passado que se faz presente; presente que, a todo momento, já é futuro.

No ato de recordar, estamos, com as experiências vividas, imprimindo um modo novo de "reviver" determinadas histórias. Para Halbwachs (1990), a maneira como nossa memória funciona no tempo presente não é a mesma que experienciou dada situação no tempo passado. Dessa forma, não é possível ter absoluta certeza se os fatos ocorreram do modo como estão sendo lembrados e narrados. Entretanto, é importante que sejam trazidas à tona as experiências passadas, pois contribuirão para desvendarmos e confirmarmos, ou não, as hipóteses que levantamos referente ao nosso campo de investigação.

Logo, nas seções que seguem, divididas em três partes, buscaremos refletir, ainda que de modo breve, sobre a importância da memória coletiva como meio de manutenção das memórias étnico-culturais.

A primeira delas será dedicada às lembranças da memória coletiva que as pessoas trazem e aos percalços da sociedade moderna que dificultam essa lembrança. Chauí (1979, p. 18), ao fazer a apresentação do livro de Ecléa Bosi, expõe que "[...] a função social do velho é lembrar e aconselhar [...] unir o começo e o fim, ligando o que foi e o porvir. Mas a sociedade

capitalista impede a lembrança, usa o braço servil do velho e recusa seus conselhos". De acordo com a autora, a sociedade capitalista substitui a lembrança pela história oficial. Assim, é urgente dar voz àqueles que, de alguma maneira, foram silenciados.

A segunda parte versará sobre como a convivência com os avós pode influenciar a percepção dos netos em relação às suas raízes étnicas. Compreendemos que se deve dar às gerações mais novas oportunidades de falarem sobre o passado familiar, pois o exercício de recordar contribui para que fatos tornem à vida por meio da verbalização.

Por fim, na última seção deste capítulo, trataremos de como pode ser positiva a verbalização de fatos que parecem esquecidos. Para poder reconstituir certos valores, determinadas culturas e línguas, deve-se buscar o exercício da memória familiar da geração mais nova e, para os mais velhos, o reavivamento das lembranças. Com isso, o poder da palavra entra em cena como algo relevante para as rememorações. Alinhados tais elementos, possivelmente, poderemos ter o enraizamento da cultura de origem ou, pelo menos, parte dela, evidenciando que, apesar dos tempos modernos, não somos descartáveis e que as memórias e os fatos do passado são relevantes para parte, também, da construção da nossa identidade.

6.1 Memória Coletiva: passado e presente

Por que temos que lutar pelo reavivamento das memórias, resgatar lembranças aparentemente esquecidas? Uma das razões está no fato de que a modernidade está suprimindo as tradições. Halbwachs (1990, p. 28) coloca que:

> Da mesma maneira que é preciso introduzir um germe num meio saturado para que ele cristalize, da mesma forma, dentro desse conjunto de depoimentos exteriores a nós, é preciso trazer como que uma semente de rememoração, para que ele se transforme em uma massa consistente de lembranças.

A proposição do autor (*op. cit.*) vem ao encontro daquilo que cremos ser pertinente para o tema da nossa pesquisa: ir à busca de fontes que desvelem situações de bilinguismo, de pertencimento a outra língua, da valorização de usos e costumes frequentemente oprimidos e desvalorizados pela sociedade moderna. Como declara Ecléa Bosi (2003, p. 176), a dominação econômica está "[...] destruindo raízes, tornando os nativos estrangeiros em sua própria terra". A autora, ao falar do migrante no contexto brasileiro, reflete que

> O migrante perde a paisagem natal, a roça, as águas, as matas, a caça, a lenha, os animais, a casa, os vizinhos, as festas, a sua maneira de vestir, o entoado

> nativo de falar, de viver, de louvar seu Deus. Suas múltiplas raízes se partem. Na cidade, a sua fala é chamada de "código restrito" pelos linguistas, seu jeito de viver, 'carência cultural', sua religião, crendice ou folclore.

A partir de tal exposição, admitimos a possibilidade de recuperar o que se "perdeu" ou o que está guardado. A rememoração pode ser útil tanto para os idosos, sob arcabouços de lembranças, quanto aos mais novos, os quais podem ter vivido e/ou aprendido com os mais velhos, pela própria vivência ou apenas "de ouvir" as histórias contadas. Tendo em vista a memória coletiva, é preciso romper com o silêncio imposto pela violência simbólica, já referenciada neste estudo (BOURDIEU, 1998).

Pela ótica que se apresenta, não há como prescindir de Halbwachs (1990), que muito bem aborda a questão da mencionada memória. Segundo o autor (1990, p. 25), um quadro não pode reproduzir, totalmente sozinho, uma lembrança precisa e pitoresca. Seguramente, nossas lembranças se apoiam, também, nas lembranças dos outros. Assim, cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, já que a memória é sempre constituída a partir de um grupo.

Mesmo que exista a impressão de que somente nós tenhamos vivido determinado acontecimento, ainda assim é um fato coletivo. Ao rememorarmos, temos sempre conosco outras pessoas que possuem a mesma memória em comum.

Bakhtin (1996, p. 314) afirma que "[...] nossos enunciados estão repletos de palavras dos outros, caracterizados, em graus variados, pela alteridade ou pela assimilação, caracterizados, também em graus variáveis, por um emprego consciente e decalcado".

Essa postura encontra fundamento em Nora (1981, p. 09), quando pondera que

> A memória é vida, carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações.

Logo, para o autor em tela, a memória não é representação de uma história, mas é espontânea, pois está ligada, diretamente, ao que foi vivido pelos grupos e às suas memórias múltiplas. Ela é carregada de afetividade, mantendo atrelados elementos como o gesto, a imagem, o objeto, o espaço e o concreto, que, por sua vez, podem ser revitalizados.

Entendemos que a geração mais nova, independentemente de ter experienciado a imigração e a formação de uma nova língua naquele ambiente ou, mesmo, a lei da nacionalização, conheça muitas histórias por ter convivido com familiares que lhe

transmitiram/transmitem palavras, hábitos e costumes. E isso não exclui desafios, contradições e conflitos de entendimento, mas aponta para a possibilidade das influências que marcam aqueles que possuem esses laços.

Nora (1981, p. 07) consente haver uma aceleração da história; segundo ele:

> Uma oscilação cada vez mais rápida de um passado definitivamente morto, a percepção global de qualquer coisa desaparecida, uma ruptura de equilíbrio. O arrancar do que ainda sobrou do vivido no calor da tradição, no mutismo do costume, na repetição do ancestral, sob o impulso de um sentimento histórico profundo.

Em se tratando dos tempos atuais, inferimos que as tecnologias pós-modernas nos tiraram o tempo da "digestão", da percepção e da mudança de uma época para outra, de uma geração para outra. Para Giddens (1991, p. 12) "[...] a rapidez da mudança em condições de modernidade é extrema". A nosso ver, causando uma ruptura com lacunas cada vez mais difíceis de preencher. Nora (*op. cit.*), portanto, define esse fenômeno como desmoronamento da nossa memória. Por isso, consideramos que a geração mais nova não tem paciência para hábitos e histórias repetitivas dos mais velhos.

A aceleração revela a distância entre a memória e o esquecimento das gerações mais jovens. O que fica é uma memória integrada, ditatorial, espontaneamente atualizadora e sem passado, que conduz o antigamente dos ancestrais ao tempo indiferenciado dos heróis, das origens e do mito. Em Nora (1981, p. 08), tal distância se aprofunda à medida que os homens se reconhecem detentores de poder, sobretudo nos tempos modernos.

É preciso estar atentos para o tipo de mudança que caminha para a erradicação da memória, já que é tirada a possibilidade de manter heranças culturais, que asseguram a transmissão de valores, hábitos e costumes, podendo ocorrer uma ruptura de um "elo de identidade muito antigo" (NORA, 1981). É pertinente destacar que tem sido cada vez mais comum não falar das raízes familiares e, desse modo, a memória coletiva tem ficado paulatinamente mais restrita, abrangendo apenas até a geração dos avós.

Bosi (2003, p. 176), ao falar de enraizamento, analisa que "[...] quando se fala de enraizamento, não se está pensando em isolar um meio social de influências externas". Ao refletirmos sobre a rememoração, não estamos negando a modernidade inerente, mas queremos trazer à tona o entendimento sobre como, até mesmo, a nossa memória é manipulada pela violência simbólica.

Os desdobramentos da modernidade com tecnologias e virtualidades, repetidamente, desfiguram as tradições de um povo, levando-os a crer que, realmente, o passado não importa;

as histórias de família não precisam ser recordadas, acarretando um possível ou pseudo esquecimento. Uma espécie de síndrome da memória vazia. Assim, reputamos que os rituais das tradições são importantes instrumentos que corroboram a preservação da memória coletiva.

Passamos, portanto, a questionar o que constitui o ser humano além de todo esse repertório virtual e do bombardeamento de informações que vêm de todos os lados. Decerto, que, para aqueles que tiveram oportunidade e se renderam às tecnologias, não apenas as interações interpessoais como foi um dia, mas, sobretudo, os veículos de comunicação como internet, televisão, rádio, *smartphone*, grupos de bate-papos, todos eles interligados. E como pode um idoso compreender isso? Haveria ainda crianças e jovens com disposição para ouvir as histórias de seus avós ou bisavós? São questionamentos que fazemos, a fim de refletirmos, na próxima seção, e também para verificarmos no capítulo das análises.

Embora, hoje, em virtude das mudanças sociais, a configuração da estrutura familiar apresente outros modelos, além do tradicional, acenamos para a possibilidade da convivência intergeracional que tenha impacto sobre os mais novos, no que se refere às informações étnico familiares que possam ter sido transmitidas às gerações mais jovens por meio da memória coletiva. Acreditamos que, mesmo com as dificuldades para se manter a memória familiar, é possível encontrar pessoas que guardam esses conhecimentos.

Em Ecléa Bosi (1994, p. 53), veremos que a lembrança é a sobrevivência do passado, que se conserva no espírito de cada pessoa e que aflora à consciência na forma de imagens-lembranças. Conforme aponta, os velhos têm o poder de tornar presentes, na família, aqueles que se ausentaram, “[...] pois deles ainda ficou alguma coisa em nosso hábito de sorrir, de andar” (BOSI, 1994, p. 74).

Contudo, ainda a autora (1994, p. 54-55) adverte que a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência. Pela perspectiva de Bosi, relembrar não é reviver; antes, reconstruir e repensar, com imagens atuais, as experiências do passado.

As reflexões ora enunciadas permitem-nos considerar que há muitos fatos escondidos que parecem esquecidos. “Há correntes do passado que só desaparecem na aparência” (BOSI, 1994, p. 76). Sendo assim, é preciso evocá-los para trazê-los à superfície. Se, de um lado, as memórias verbalizadas podem enriquecer, por outro, podem debilitar, pois algumas lembranças estão vinculadas a imagens que reproduzem mal o passado. Como já mencionado, a lembrança é uma reconstrução do passado com o auxílio dos fatos do presente. Afora isso, é concebida por

outras reconstruções feitas em outras épocas e de onde a imagem de outrora pode manifestar-se alterada (HALBWACHS, 1990, p. 28).

Logo, é preciso considerar que as lembranças dos testemunhos podem estar misturadas a outros fatos ou a outras experiências e, ao serem expostas, podem apresentar somente nuances do passado, isto é, uma memória reconstruída. Então, é da própria lembrança em si mesma, é em torno dela, que vemos brilhar, de alguma maneira, sua significação histórica.

Isso posto, finalizamos esta seção admitindo que a distância que nos separa do passado pode ser diminuída pela lembrança. Ainda que existam perdas, ainda que a nossa opinião hoje sobre o passado esteja modificada, reconhecemos ser possível que fragmentos importantes da memória sejam imortalizados.

6.2 O papel *dos nonos* [84]: reviver é possível

De maneira primordial, as primeiras relações afetivas são construídas e estabelecidas com a família, o que permite ao homem que se construa e se desenvolva como um ser social. Sinalizamos para o quão rico possa ser o conhecimento que a geração mais velha tem a ensinar e transmitir aos filhos, netos e bisnetos.

Em concordância com Hagège (2000, p. 39): "[...] verifica-se que os avós desempenham, frequentemente, na educação bilíngue precoce um papel essencial". Esse tipo de convívio pode ter um impacto forte na formação da personalidade. Tanto que Lambert e Lambert (1975:29) observam que "[...] dentre todas as influências formadoras na socialização, a família, que dá os ambientes não públicos na vida de uma criança, foi a que recebeu o estudo mais intenso".

Analogamente, Bosi (2003, p. 15) ressalta a importância da memória dos velhos, a qual pode ser uma mediadora entre a geração mais nova e aquelas do passado. Segundo a autora, "Ela é o intermediário informal da cultura, visto que existem mediadores formalizados constituídos pelas instituições (a escola, a igreja, o partido político, etc)".

Chauí (1979, p. 18) aponta que a velhice foi oprimida, despojada e banida. A opressão se dá de várias formas, dentre elas está a recusa do diálogo e da reciprocidade em ouvi-los. Desse modo, quando se tem os olhos e os pés pregados no futuro, pouca atenção é dada ao passado. Levando em consideração a ideologia do mundo moderno em que vivemos hoje, de

---

[84] O termo *noni* refere-se a avós em *talian*. Salientamos que, nessa língua, não há a produção de consoantes geminadas como na língua italiana padrão. Optamos, no subtítulo desta seção, por usar o termo *nonos*, adaptação de *noni*, do *talian*.

fato, descartar o passado é algo comum e, nessa exclusão, encontram-se os velhos. Logo, argumenta a escritora (1979, p. 18) que

> Os velhos não têm armas. Nós é que temos de lutar por eles [...] Por que temos de lutar pelos velhos? Porque são a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara, pois, como escreve Benjamim, só perde sentido aquilo que no presente não é percebido como visado pelo passado [...] Mas, se os velhos são os guardiões do passado, por que nós é que temos de lutar por eles? Porque foram desarmados.

Na sociedade moderna, o idoso não tem vez; com seu modo de falar normalmente debilitado, suas histórias são consideradas ultrapassadas. Diante disso, o indivíduo que é cuidado, fisicamente, pelos entes queridos acaba sendo negligenciado psicologicamente. É comum, do convívio social, restarem apenas os familiares, sendo que alguns dos quais não se interessam por suas histórias.

Para Bosi (2003, p. 23), "[...] a lembrança é um diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, ela seria uma imagem fugidia". É mais fácil, portanto, afirmar que uma cultura familiar se acabou do que sentar e ouvir o idoso.

A vida frenética dos mais novos não lhes deixa espaço para memórias antigas e rudimentares. O adulto ou o jovem estão ocupados, vivendo as tarefas do presente, não têm tempo para o passado. Seguindo com Bosi (2003, p. 64), para o adulto, a "[...] memória é fuga, arte, lazer, contemplação". A pessoa idosa já viveu grande parte de sua vida, assim, ao lembrar-se do passado, ela não descansa; quando relembra, ocupa-se conscientemente do próprio passado.

Nas lembranças das pessoas idosas, é possível verificar uma história social bem desenvolvida, pois tais indivíduos já atravessaram um determinado tipo de sociedade, já viveram situações familiares e culturais. Desse modo,

> Há um momento em que o homem maduro deixa de ser membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo: neste momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade. (BOSI, 1994, p. 63)

A autora (*op. cit.*) atenta para o fato de que o homem ativo se ocupa menos de lembrar, já o homem afastado dos afazeres, tem maior propensão na refacção do seu passado.

Caberia às gerações posteriores prestar mais atenção às experiências dos ascendentes. O problema é que a nossa sociedade nem sempre está disposta a receber os conhecimentos

memoráveis dos idosos. No entanto, apesar de não se perceber tanto apreço às histórias do passado familiar, ainda há indivíduos que conviveram com avós e receberam toda essa carga de informações das histórias antigas. Por isso, é preciso ponderar para o que aponta Bosi (2003, p. 23); segundo ela, na juventude, pesam menos os vazios deixados pela geração mais velha. Os fatos contados por meio da memória coletiva são menos nítidos, existe uma observação mais simples, mais aceita do mundo em relação aquilo que o outro narra. Assim, compreendemos que, quando a geração mais nova narra fatos e histórias do passado, muitas outras histórias que seriam relevantes não estão incluídas. De todo modo, ainda que não consigamos a memória tal qual ela era, a rememoração é uma forma salvadora de retomar aspectos importantes do passado.

Como projetado nos pressupostos da autora *op. cit.* (1994, p. 73), a criança recebe do passado não somente elementos da história escrita; antes, tem suas raízes mergulhadas na história vivida e sobrevivida das pessoas de idade que fazem ou fizeram parte da sua socialização. Por ser assim, os avós, bisavós, tios-avós, todos transmitem informações diferentes daquelas dadas pelos pais; em outras palavras, de modo geral, os avós "[...] não têm a preocupação do que é 'próprio' para crianças, mas conversam com elas de igual para igual, refletindo sobre acontecimentos políticos, históricos, tal como chegam a eles através das deformações do imaginário popular".

Halbwachs (1990, p. 55) reflete sobre ser a lembrança "[...] uma imagem engajada em outras imagens". Partindo dessa ideia, a vida da criança mergulha, mais do que se imagina, nos meios sociais, pelos quais entra em contato com um passado mais ou menos distante, de tal sorte que podemos compará-la a um quadro em que são guardadas as suas lembranças mais pessoais, dentre elas aquelas passadas pelos avós. E o autor (1990, p. 68) sinaliza, ainda, que,

> [...] fora das gravuras e dos livros, na sociedade de hoje, o passado deixou muitos traços, visíveis algumas vezes, que se percebe também na expressão dos rostos, no aspecto dos lugares e mesmo nos modos de pensar e de sentir, inconscientemente conservados e reproduzidos por tais pessoas e dentro de tais ambientes, nem nos apercebemos disto, geralmente. Mas, basta que a atenção se volte para esse lado para que nos apercebamos que os costumes modernos repousam sobre antigas camadas que afloram em mais de um lugar.

O novo é (re)construído baseado no que já existia, logo, para aflorar e preservar a herança cultural familiar, é preciso garantir à sociedade atual e à posterior que tenham a oportunidade de conhecer suas raízes familiares.

Para Tedesco (2001, p. 55-56), os conteúdos da memória têm como lugar central a família; é a memória da família que dá legitimidade às tradições e torna-se patrimônio:

> As fotos, as marcas no corpo, as rugas no rosto, os instrumentos de trabalho são todos testemunhos de transformações e mudanças [...] Os *nonni* ainda hoje lutam para serem os mediadores entre gerações na transmissão de valores sociais atribuídos à família.

Diante da importância do papel do idoso para reavivamento de memórias, destaca-se outro fator relevante, a influência que exerce sob os netos. Além do fato de transmitirem conhecimentos de sua geração a uma geração mais nova, como hábitos e costumes, ressalta-se a presença fundamental de uma educação bilíngue.

As brincadeiras, as histórias e as experiências vivenciadas com os avós são relevantes para a formação integral da criança. Muitos aprenderam a rezar, a cantar, bem como habilidades manuais com os avós. Os aprendizados adquiridos na infância são levados para a vida adulta. Ainda que fiquem por algum tempo adormecidos, servirão de base para outras experiências. No caso da cultura familiar do imigrado *italiano*, veremos, no capítulo das análises, o depoimento de três netas, JG, VC e AP, que puderam conviver com os avós e a repercussão dessa vivência nos dias de hoje.

Em relação à nossa percepção sobre as histórias deixadas pelos avós e pais, constatamos que a figura desses familiares exerce relevância única, pois eles têm mais tempo e disposição para se dedicarem aos netos pequenos. Depois dos pais, os avós, de modo geral, parecem ser os mais presentes na vida dos netos; assim, também contribuem como agentes socializadores. Todavia, é pertinente destacar que a referida relação não ocorre em todas as famílias.

Nessa direção, ao que se refere |à presente pesquisa, os netos de imigrantes que conviveram com seus avós receberam referenciais afetivos que os ligavam aos valores étnicos da família. A forma como os avós influenciavam a vida dos netos se baseava na transmissão da religiosidade, das canções populares e da cultura gastronômica do imigrado. Aqui, percebemos o papel dos progenitores na construção de laços com a cultura étnica. E isso deu respaldo aos netos para o entendimento dessa identidade depois de adultos, mesmo que tenham crescido e passado por etapas de mudanças na sociedade, adquiriam hábitos, costumes e valores que ainda são cultivados, apesar de nem sempre identificarem isso.

Em face da concepção da memória coletiva, cremos que filhos, netos, sobrinhos e bisnetos possuam muitas memórias que podem ser desveladas, transmitidas a eles via oralidade, convivência, imagens e objetos.

Halbwachs (1990, p. 70) calcula que

> Chegará um momento em que, olhando em torno de mim, encontrarei somente um pequeno número daqueles que viveram e pensaram comigo e como eu antes da guerra, em que compreenderei, como tive algumas vezes o sentimento e a inquietude, que novas gerações se desenvolveram sobre a minha e que uma sociedade que, por suas aspirações e seus costumes, é para mim em larga medida estranha, tomou o lugar daquela à qual me ligo mais estreitamente; e meus filhos, tendo mudado de ponto de vista, surpreender-se-ão ao descobrir subitamente como estou distante deles, e que, por meus interesses, minhas ideias e minhas lembranças, eu estava tão próximo de meus pais. Eles e eu estaremos então, sem dúvida, sob a influência de uma ilusão inversa: não estarei tão longe deles, posto que meus pais não estão tão longe de mim; mas conforme a idade e também as circunstâncias, ficamos admirados sobretudo das diferenças ou das semelhanças entre as gerações que ora fecham sobre si mesmas e se afastam uma da outra, ora se juntam e se confundem.

Notamos o dilema das diferenças de aspirações, de força e de buscas de desafios entre jovens e pessoas mais maduras. Entretanto, como ressalta o autor no fragmento citado, ainda que nos vejamos tão diferentes dos nossos pais ou avós, chegará um momento em que seremos "iguais" a eles e, então, os entenderemos.

É importante sublinhar que, quanto maiores os laços de afetividade cultivados na família, maiores são as lembranças, mesmo diante das distâncias intergeracionais. Por tal via, os testemunhos colhidos pelas gerações jovens e pelos adultos indicarão o quanto da memória coletiva dos seus ascendentes está presente no cotidiano de suas vidas. Concordamos, pois, que há uma história viva que se perpetua ou que se renova ao longo do tempo. Aquilo que, aparentemente, estava desaparecido pode ser reencontrado por meio das lembranças dos mais novos.

6.3 Palavra: o lugar da memória

Nesta seção, apresentamos uma breve síntese do significado da palavra pelo olhar de Bakhtin, que, por seu turno, considera ser no domínio da palavra que a conversação e as formas discursivas se estabelecem. Tal concepção entende o indivíduo como um ser social, transpassado por várias identidades em movimento. Sob essa perspectiva, o sujeito é constituído por múltiplas vozes sociais, suas e, também, do outro. São vozes, geralmente, contraditórias. Com isso, não poderíamos afirmar que o indivíduo traz traços permanentes de identidade. A partir das experiências velhas e novas, nossas falas irão tanto representar nossa visão de mundo, quanto, igualmente, influenciarão os silêncios em determinadas situações.

Para o autor, dentro de um contexto social, as palavras não são neutras e trazem consigo posições axiológicas; portanto, outras vozes sociais marcadas ideologicamente: “A palavra está presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação” (BAKHTIN, 1996, p. 37).

Entretanto, ressaltamos que, não raro, a impressão que temos é a de que, doravante uma determinada idade, o sujeito já possua uma identidade formada e definitiva, como se não houvesse mais nada a ser mudado ou acrescentado. Os idosos ficam à margem com suas memórias consideradas enfadonhas, pois repetem sempre a mesma coisa e seus esquecimentos são vistos, pela família e sociedade, como impossíveis de serem reavivados. O envelhecimento tem sido, desse modo, concebido como inutilidade, destituição e isolamento. Negligenciamos um fato relevante para a formação pessoal, não nos damos conta de que a memória do idoso é necessária para compreendermos de onde viemos e quem somos. Diante desse quadro, dar voz às pessoas, sejam elas idosas ou mais novas, é uma maneira de ressignificá-las por meio da palavra, trazendo à tona conhecimentos adormecidos e contrariando as proposições de morte de língua:

> É, portanto claro que a palavra será sempre o *indicador* mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de adquirir uma nova qualidade ideológica, que ainda não tiveram tempo de engendrar uma forma ideológica nova e acabada. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais. (BAKHTIN, 1996, p. 40)

As palavras são permeadas por forças ideológicas que influenciam as relações sociais em todos os domínios. Destarte, nas palavras materializadas, vão se acumulando mudanças e deslocamentos imperceptíveis que, mais tarde, irão repercutir nas produções ideológicas acabadas. Nessa esfera, podemos citar o caso dos imigrados “silenciados”, que, por questões políticas ou por questões financeiras, acreditam ou afirmam não conhecerem sua própria cultura.

Em relação à memória, Payer (1999, p. 11) expõe que,

> A despeito da consciência que se tem sobre a língua, o discurso, a linguagem que temos como nossos, para além do senso de controle que se tem sobre o dizer, carregam memórias de sentidos que fazem parte não apenas do *nosso*, mas também do *seu* modo de significar.

Ainda que o indivíduo não tenha consciência da língua e da cultura *taliana*, questões linguísticas culturais carregadas de sentido se manifestam inconscientemente, por meio da fala.

Esse jeito próprio de cada falante se expressar é caracterizado por idioleto, isto é, "[...] quando o locutor cria para si um idioleto a partir da língua comum discursos estilisticamente caracterizados que está relacionado a experiências singular e coletiva" (BOURDIEU, 1998, p. 16). Igualmente, para Rossi-Landi (1985, p. 70), o idioleto é o "[...] estilo individual na construção das mensagens". Destacamos que essa língua individual, permeada por fatores sociais, também está susceptível a mudanças.

Retomando Bakthin (2000, p. 120), "[...] o significado da palavra está também ligado à história através do ato único de sua realização". A família, a política, escola e outras esferas contribuem na definição de quem somos, o que nos representa e como vemos os outros e como os outros nos veem. Segundo Moita Lopes (2002, p. 192), "[...] o próprio discurso oferece os meios para que essas identidades sejam redescritas e reconstruídas em outras bases por meio de práticas discursivas". Nessa definição, estão os descendentes de *italianos* com suas relações, interações familiares, escolares, etc.

Apesar da multiplicidade de identificações que nos perpassam, pensamos ser possível reconstruir a identidade étnica, trazer à tona uma língua aprendida da infância, ou elementos linguísticos comunicativos de uma determinada língua, bem como acontecimentos familiares envolvendo determinada cultura. Ainda que existam fatos contundentes que corroborem o silêncio e o esquecimento, como o caso da lei da nacionalidade brasileira e a imposição da língua portuguesa, existe a possibilidade da rememoração e do enraizamento, como mencionado nas seções anteriores deste capítulo. Na concepção de Pollak (1989) e Halbwachs (1990) acerca da memória coletiva nacional, essa tem caráter opressor, destruidor e uniformizador. Por isso, as memórias subterrâneas se mantêm em silêncio. Para Halbwachs (1990, p. 126), aliás,

> Quando numa sociedade que se transformou subsistem vestígios de que existia antes, aqueles que a conheceram em seu estado primeiro podem também deter sua atenção sobre esses traços antigos que lhes dão acesso a um outro tempo e a um outro passado.

É preciso atentar para os vestígios dos traços que possam estar encobertos. Bosi (2003, p. 22) sinaliza que há "[...] laços que antes da secularização moderna amarravam a memória pública à memória individual". Assim, é essencial verificar se as crenças que têm os

descendentes de imigrados *italianos* de não saberem ou não falarem mais o *talian* é um fato individual ou uma memória ideológica implantada publicamente.

Se é verdade que as práticas discursivas nos motivam na reconstrução de nossas identidades, então cremos na oportunidade de reviver por meio da rememoração de fatos passados que possibilitem a recuperação da identidade relacionada às raízes linguísticas culturais silenciadas. Pelas palavras podemos encontrar vozes do passado que fizeram parte de suas histórias.

Logo, concordamos com Penna (2002, p. 90), ao afirmar que

> O valor de aplicação das noções de perda de identidade e desenraizamento tendo por referência constante a experiência – pessoal e social – do migrante, recuperada através do relato que faz de sua vida [...] através da linguagem a memória pode ser resgatada.

O entrevistador, como participante discursivo, junto com o entrevistado, constroem o significado da questão da língua e da cultura do descendente de *italiano* no Brasil ao se envolverem e ao envolverem outros no discurso (MOITA LOPES, 2002, p. 30).

Pelo olhar de Certeau (1982, p. 40), há um tipo de história que

> Pretende encontrar o vivido, exumado graças a um conhecimento do passado [...] privilegia a relação do historiador com o vivido, quer dizer, a possibilidade de fazer reviver ou de ressuscitar um passado. Ela quer restaurar um esquecimento e encontrar os homens através dos traços que eles deixaram.

Na mesma direção aponta Coracini (2007, p. 59), ao afirmar que, quando falamos de um povo ou de um grupo social ou, até mesmo, de um indivíduo, estamos dando-lhes existência, estamos fazendo-os serem e acreditarem que são ou que existem: “Não é à toa que se diz que falar de alguém é manter esse alguém vivo na memória do outro e, portanto, na sua própria memória”. Por isso, é necessário trabalhar em prol da importância da manutenção de hábitos e valores tidos como “imprestáveis” para a geração mais nova.

De fato, nas palavras, ecoam lembranças relacionadas à sua cultura e a língua do imigrado *italiano*. Assim, ao ativar e socializar a memória, lembranças vão surgindo, aspectos culturais e linguísticos voltam à tona (BOSI, 1994). A linguagem, por conseguinte, é fator fundamental, pois, ao verbalizarmos, as palavras vão recriando significados: “As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios” (BAKHTIN, 1996, p. 32).

Apesar de acontecimentos que impelem a um comportamento padronizado, é possível recorrer à memória como fonte de registros importantes, como a questão da língua. De tal modo, concordamos com a ideia de Bosi (1994, p. 18), ao asseverar que "[...] a sociedade capitalista impede a lembrança, usa o braço servil do velho e recusa seus conselhos".

Diante da possibilidade de trazermos certos aspectos da memória, queremos evidenciar acontecimentos referentes à língua do imigrante e compreender o que possa ter ocorrido com a língua e a cultura dos descendentes de imigrantes *italianos* no contexto cascavelense. Por certo, seria impossível trazer à tona todos os aspectos linguísticos e culturais; todavia, confiamos que a obtenção de certas memórias corroborará a importância do passado para a reconstrução da identidade étnica. Em consequência, para a autora *op. cit.* (1994, p. 39): "[...] a memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento".

É necessário levar em consideração as "histórias" das pessoas "leigas" sobre suas crenças, sobre o que falam ou acham que falam e como elas acham que devem falar. Não obstante, segundo Makoni e Meinhof (2008, p. 209), o mais relevante é não nos restringirmos somente ao que elas falam.

De acordo com Bosi (2003, p. 15):

> Os velhos, as mulheres, os negros, os trabalhadores manuais, camadas da população excluídas da história ensinada na escola, tomam a palavra. A história, que se apoia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios.

Diante de tantas novidades e esquecimentos, parar e observar o silêncio parece ser algo tolo, porém, muitas informações podem ser absorvidas para compreender, também, a linguagem. Assim como o que é dito é permeado ideologicamente, o silêncio também o é. Para Coracini (2007, p. 59), "[...] o que somos e o que vemos está carregado, portanto, do que ficou silenciosamente abafado na memória discursiva, como um saber anônimo, esquecido".

Desse modo, em consonância com Lane, o estudo da linguagem vai além do que aparenta ou do que é dito. A autora (2006, p. 09) pondera que

> A influência histórica-social se faz sentir, primordialmente, pela aquisição da linguagem. As palavras, através dos significados atribuídos por um grupo social, por uma cultura, determinam uma visão de mundo, um sistema de valores, e, consequentemente, ações, sentimentos e emoções decorrentes.

Portanto, a palavra não é neutra, mas está imbuída de significados sócio-históricos. Conforme afirma o teórico Bakhtin (1996, p. 31), a palavra é o modo mais puro e sensível de relação social, ou seja, é o elo entre o eu e o outro.

Então, se não tivermos oportunidade de verbalizar, compartilhar lembranças, não descobriremos riquezas do passado conservadas. Mais uma vez com Bosi (2004, p. 34), ela afirma que "[...] o mutismo também petrifica a lembrança". E nós ousamos dizer que o mutismo ou a falta de oportunidade de ser ouvido pode causar o apagamento de certas memórias culturais. O apelo aos testemunhos pode contribuir para a reconstrução e o fortalecimento de aspectos da vida social.

Assim considerada, para que o indivíduo trabalhe e verbalize sua memória, faz-se necessário a presença de um interlocutor que lhe dê ouvido. De sua parte, Bakhtin (2000, p. 114) expõe que

> A palavra dirige-se a um interlocutor: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc.).

Posta, desse modo, a questão, dependerá de quem seja o interlocutor para verificar a dimensão de uma atitude responsiva. Bakthin (2000, p. 290) avalia que "[...] a compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude responsiva ativa [...]".

O produto da interação está vinculado às situações sociais e dependerá do grau de intimidade, das experiências vividas e da oportunidade que se presta ao locutor. O autor (2000, p. 114) situa, ainda, que, por meio da palavra, defino-me em relação ao outro e também em relação à coletividade: "A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra se apoia sobre o meu interlocutor".

Muitas vezes, os medos e a falta de disposição de entrar em conflitos levam as pessoas a se calarem. O idoso, de maneira primordial, necessita de atenção, pois, ao se sentir desvalorizado, fora do seu mundo, cala-se. As palavras vão se acumulando, talvez virando entulhos em um "quartinho esquecido do fundo do quintal". É preciso abrir a porta desse cômodo e verificar "os objetos" lá deixados. Inúmeras emoções podem ser deslocadas e modificadas à medida que temos oportunidade de olhar para o "quartinho" e falarmos sobre ele e sobre o que e quem estão dentro dele.

A reflexão trazida por Orlandi (2007, p. 36) é bastante pertinente ao caso:

> Os sujeitos "esquecem" que já foi dito – e este não é um esquecimento voluntário – para, ao se identificarem com o que dizem, se constituírem em sujeitos. É assim que suas palavras adquirem sentido, é assim que eles se significam retomando palavras já existentes como se elas se originassem neles e é assim que sentidos e sujeitos estão sempre em movimento, significando sempre e de muitas e variadas maneiras. Sempre as mesmas, mas, ao mesmo tempo, sempre outras.

Desse modo, consideramos que, ao retomar a palavra, o sujeito possa se ressignificar. A partir das relações estabelecidas nas interações, a palavra produz o sentido de formações discursivas.

Concluímos essa seção ressaltando que a palavra pode ser libertadora, pois, além de resgatar a autoestima e melhorar a qualidade de vida, pode trazer memórias importantes para a significação da identidade cultural familiar étnica. Igualmente, ocorre a inclusão do idoso como detentor de conhecimentos ancestrais. De uma parte, pela oralidade, descobrimos quais histórias significaram e que, ainda, podem significar e quais traços da língua e da cultura *taliana* podem ser rememorados e cultivados. De outra, ao registrarmos a oralidade na escrita, por meio das entrevistas, garantimos que essas lembranças não caiam no esquecimento, podendo ser acessadas e conhecidas por outras pessoas.

CAPÍTULO VII – DESVELANDO O *TALIAN*: SELEÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Antes de iniciarmos a análise, convém especificar, brevemente, o modo como procedemos para a transcrição das entrevistas: buscamos respeitar as falas no contexto da interação verbal, mantendo as palavras e frases ditas em *talian* e italiano. Em relação às falas em português, efetuamos pequenos ajustes, como, por exemplo, *plantá* por plantar.

A transcrição funcionou como uma pré-análise, sendo assim feita na íntegra para compreender o todo. Entretanto, em razão de serem muito longas, optamos por selecionar os dados que tinham relação com os nossos objetivos (MANZINI, 2006).

No contexto da compreensão da linguagem, os dados das entrevistas funcionaram como construções sociais, históricas, culturais e discursivas, que nos permitiram entender o que permeia tais construções e compreender as histórias de vida que foram rememoradas.

Gostaríamos de enfatizar, baseados em Lambert e Lambert (1975, p. 11), que a análise de dados empíricos, além de ter em conta a subjetividade do pesquisador que investiga, leva em consideração, sobretudo, a complexidade de cada pessoa, isto é:

> Os desejos e motivos específicos, os traços de personalidade, as atitudes e as aprendizagens que trazem com elas [...] Na realidade, os hábitos, as atitudes, as percepções, os juízos e as motivações de cada participante tornam possível o processo de conhecimento e lhe dão um estilo peculiar. Ao mesmo tempo, tais fatores pessoais são modificados pelo processo de interação social.

Refletir sobre as memórias exige compreender as dimensões metodológicas, analíticas e suas técnicas de apreensão das lembranças. Outro fator imprescindível de se ponderar é o sujeito que recorda e sua natureza social. Apesar de tudo isso, Tedesco (2001b, p. 13) observa que falar sobre a memória é talvez o único modo de analisar o vivido, de fazer a presentificação do tempo passado, analítica e oralmente, de reconstrução social de vividos, de tornar público, ainda que subjetivamente, quem já está sendo relegado ao esquecimento; é, também, uma forma de romper silêncios, os quais, provavelmente, podem estar ligados a ideologias governamentais de forma direta ou indireta, como vimos nos capítulos teóricos desta tese. Chauí (1979, p. 128) assinala que "[...] selecionamos e escolhemos o que lembramos e a lembrança, como a percepção, tem aspectos afetivos, sentimentais, valorativos (existem lembranças alegres e tristes, saudade, arrependimento, remorso)".

De modo geral, podemos afirmar que as entrevistas forneceram um material relevante para a análise. Com isso, veremos o quanto dos dados advindos das entrevistas realizadas se coadunam com o levantamento teórico deste estudo.

Para a execução das análises, as seções estão organizadas de maneira a responder as perguntas deste estudo, abarcando as três gerações envolvidas. Nesse sentido, a primeira seção foi direcionada à afirmação inicial da maioria dos entrevistados, "Não sei nada! Não me lembro de nada!", a fim de destacar o aparente esquecimento, e, separados em subseções, os dados referentes aos fatos que justificam o esquecimento/silenciamento da língua e cultura *taliana*; já na segunda, enfatizamos os elementos culturais e linguísticos do *talian* proferidos pelos participantes durante suas falas, aqueles que se referem à família, aos hábitos alimentares, à fé, ao trabalho, ao lazer, que, em nosso modo de ver, funcionaram como uma alavanca para que palavras e expressões do *talian* surgissem; na terceira parte, estão os excertos concernentes aos aspectos sobre a concepção de rudimentar e moderno que se destacam no discurso de alguns entrevistados, os quais justicam o perfil da língua e da cultura encobertas. Por fim, na quarta seção, foram abordados os dados direcionados à ativação da memória, com o propósito de destacar o papel importante da linguagem na reconstituição das lembranças. Para despertar o (re)conhecimento do *talian* e a percepção desse saber, foram apresentadas algumas palavras e expressões que, muito raramente, precisaram ser contextualizadas pela pesquisadora. As palavras trazem indícios de um saber maior do que imaginavam.

Salientamos que, em todos os excertos das entrevistas, foram destacados, em negrito, os trechos que mais se sobressaem. Nas partes negritadas, em algumas ocasiões consideradas relevantes, identificamos algumas palavras-chave sublinhando-as.

7.1 O mito do esquecimento e as justificativas: *"Não sei nada! Não me lembro de nada!"*

Nesta seção, trataremos de expor e analisar relatos que indicam negação parcial ou total sobre o conhecimento do *talian* e, ainda, as possíveis razões que corroboraram o silenciamento. Ressaltamos que nossa vida é perpassada por lembranças e esquecimentos, assim, o modo como vamos nos lembrar dos fatos ocorridos dependerá de tudo o que já vivemos e tudo tende a ser interpretado pelo momento presente (HALBWACHS, 1990). Portanto, serão lembranças reformuladas.

Na abordagem apontada por Joutard (2007, p. 229), temos o que ele denomina de "memória modesta", em que, na maioria das vezes, o entrevistado, com demonstrações de insegurança, começa dizendo: "[...] eu não tenho nada a dizer, minhas lembranças não têm

interesse, você deveria procurar o senhor ou a senhora X, ele ou ela é que sabem”. De acordo com o autor, o pesquisador tem a função de convencê-los da importância de suas histórias, isto é, de “que são atores da história”.

Como verificamos em Payer (1999, p. 14):

> Uma vez longe de tudo e de todos, sem frequentar concretamente de forma alguma a voz de qualquer parceiro da história "esquecida", é chegada uma hora em que as vozes "deles" não mais podem se conter como/por ausentes, e vêm frequentar nosso dizer fora dos espaços que lhes haviam sido destinados. Quando as fendas da memória se abrem, as imagens catalogadas como pertencendo ao domínio do passado/esquecido se impõem, inconvenientes e impiedosas, por sua própria conta e valor.

É preciso atenção com as entrelinhas do dito e o não dito, das afirmações e negações. Importante que se considere onde estaria escondida essa língua? Estaria disfarçada de quê, em quê? Em hábitos e costumes do dia a dia? Na herança das características físicas, nos trejeitos, no sotaque, na palavra que “escapa”, nos objetos, nos mitos, nos valores morais e nas crenças, nas frases exclamativas que expressam alegria, indignação ou raiva? Ou até na negação desse conhecimento? São marcas impressas nos hábitos e fatos que se repetem, cotidianamente, sem nos darmos conta de onde se originam.

Feliz daquele pesquisador que se ampara em testemunhos vivos e, por meio de entrevistas, pode reconstituir comportamentos e sensibilidades de uma época. Assim, o pesquisador deve estar “[...] atento às tensões implícitas, aos subtendidos, ao que foi só sugerido e encoberto pelo medo [...]” (BOSI, 2003, p. 16-17).

Posto isso, apresentamos, na continuidade, um quadro introdutório e condensado com as frases mais enfáticas que apontam a negação total, mais explícita e que se faz indicada com expressões como “não aprendi”, “não ensinou”, “não falo”, “só falei português”, “não entendo”, etc. Já na negação parcial, mais indireta, há, mormente, indícios de negação, como, por exemplo: “Eu falava, mas...”, “naquela época era proibido”, “os pais não ensinavam” e “eu tinha vergonha”, em cujas frases, em função dos verbos no pretérito imperfeito, das adversativas e do emprego de alguns termos, percebemos tais marcas.

Ademais, estarão dispostas em subseções as razões que motivam a resposta sobre “não falar” ou “não saber a língua”. Destacamos que os excertos, apesar de já terem passado por um recorte, são longos, contudo, os consideramos necessários para que os discursos fossem situados ao leitor.

7.1.1 Negação

Quadro 3 – Relação Participantes x Negação

PARTICIPANTES	NEGAÇÃO TOTAL	NEGAÇÃO PARCIAL
MF e filha F1	P: *O senhor ensinou o italiano à sua filha?* F1: *Não ensinou! O* ***senhor não ensinou italiano pra nós, não passou****!?* *E: Não, não...* ***com os filhos só falei em português. [...]*** P: *Você não aprendeu nada*? F1: ***Nada, nada, nada!! Nada, não falo e não entendo****!*	
DG	P: *O senhor aprendeu a língua?* E: ***Não aprendi. [...]*** *então lá eles falavam italiano (os pais).... eu era piá... via eles falar... são palavras que* ***eu entendo... falar eu nunca falei.***	
VF		*Meu* ***pai conversava mais em português*** *e, assim, foi* ***deixando de lado a língua italiana*** *e se acostumando mais com a língua portuguesa.* *[...]* *Depois eu sai para estudar e não voltei mais para cá... então, não tinha mais convivência com a minha mãe a não ser os finais de ano que tinha férias.* ***Seno se parlea tuto in talian con la mama.***
MD		P: *A senhora falava o dialeto em casa*? E: *Eu* ***falava*** *mas acontece que a gente se criou... tinha muito caboclo [...]* ***O brasileiro... então... eu tinha que aprender com ele,*** *porque nossos vizinhos eram brasileiros, caboclo falava o português.*
DC	P: *Mas não ensinou nada "pros" filhos?* E: ***Pros filhos nada.***	
JB	P: *Não ensinavam?* E: ***Não, não ensinaram.*** P: *Então você não aprendeu a língua?* E: ***Não, com eles não***. [...] *E:* ***Eu não aprendi.*** *P: Nada?* *E:* ***Não.*** *Então* ***eles só falavam italiano pra gente não entender****, né.*	*Então a gente ficava tentando entender... a gente só* ***aprendia o mínimo****,* ***mas eu não me lembro.***

	[...] a gente sabia que eles estavam falando alguma coisa que era sobre a gente porque eles ***mudavam de língua.*** *Então as crianças já sabiam: vai acontecer alguma coisa que eles não querem que a gente saiba.*	
VC		*Eu não levava amigas em casa, porque eles (os avós) falavam tudo em italiano,* ***eu morria de vergonha [...]*** *era muito diferente [...] eu achava* ***que eles iam falar, eles iam rir****.* *[...]* P: *Você conversava em italiano?* E*:* ***Conversava, só que eu sempre procurei falar mais o português.***
CC	*Os adultos falavam em italiano, quando se encontravam...* ***a gente não entendia nada****, ainda mais quando era* ***assunto proibido*** *[...]* *Ah... eu sou descendente de italiano, mas, a gente se dispersou,* ***a gente esqueceu, a gente não fala****, nem sabe o que existe aqui.*	
OB		*Ai quando veio* ***aquela proibição*** *que não podia falar em italiano [...] Então a gente tinha esquecido,* ***aquela língua****, o que a gente sabia falar, a gente sofreu muito.*
LB		*Acho que a escola era precária, também, né? Assim eles poderiam ter aproveitado isso e até incentivado o aprendizado de outra língua, né! [...]* ***então a gente foi perdendo isso****.*
TC		*A professora... a minha prima que dava aula, e me dizia: "já que não falam em português,* ***vem a polícia pegar****!"*
FB	*Algumas palavras, pois, meus nonos se foram muito cedo e muito da* ***tradição e do dialeto deles se perdeu... eu não falo****, mas entendo algumas palavas.*	
LP		*O dialeto, eu entendo tudo que falam, até por viver essa questão da língua bem forte na minha família... algumas palavras eu falo.* ***Eu entendo mais do que falo.***
AP	*Eu falava italiano até o falecimento da minha avó em 2006[...]****acabei perdendo a parte da fala.***	
JG		***Não falo, eu só entendo.***

Fonte: Elaboração do pesquisador.

É interessante observar que a filha (F1) do senhor MF, ao auxiliar seu pai a responder às perguntas, vai, aos poucos, demonstrando sua opinião. Ao repetir a pergunta feita pela pesquisadora – "*O senhor ensinou italiano à sua filha?*" –, a entonação da voz, em sua fala, indica afirmação: **"*O senhor não ensinou o italiano pra nós, não passou?!*"**. É na linguagem que os indivíduos se representam e constituem o mundo (BAKHTIN, 1996). Logo, sua fala é significativa nessa interação, pois admite seu "**não**" em relação ao *talian.*

Os excertos de MF, DG, VF, TC, OB, LB e MD indicam, claramente, que o contato com brasileiros, seja no trabalho ou na escola, acelerou o processo de aprendizagem do português.

Ao que notamos, a motivação que leva o pai de VF a falar mais o português são as interações com brasileiros por motivos de trabalho. Entretanto, entendemos que sua mãe, ao permanecer em casa com a família, isto é, com pouca interação com a comunidade brasileira, manteve mais o *talian* e, por isso, utilizava essa língua com os filhos: "[...] *com a minha mãe, com os filhos ela puxava para conversar mais em italiano*" [...] Neste caso, a papel da mãe foi relevante para que os filhos continuassem a falar a língua materna. O Senhor VF reforça que somente não falava mais em razão de morar fora e ver sua mãe com pouca frequência. Mas, ainda assim, o afeto que a figura materna implantou assegurou que o *talian* permanecesse com ele.

Os idosos afirmaram que falavam até determinada idade ou determinado momento; enquanto os adultos são mais enfáticos em dizer que possuem pouco ou nenhum conhecimento dessa língua e dessa cultura, pois seus pais não consideravam pertinente que os filhos aprendessem o *talian*. Entre os idosos, dos fragmentos selecionados para esse capítulo, duas senhoras, OB e TC, e o senhor VF declaram ou demonstram, desde o início, que sabem e falam o *talian*. A jovem JG, de 18 anos, por conviver com a avó e a mãe que utilizam o *talian* na oralidade, não nega o conhecimento, contudo afirma que apenas o compreende.

Importa verificarmos que aqueles que afirmam não terem aprendido fazem parte da geração que viveu a proibição ou os reflexos dela, no trabalho ou na escola. Porém, os avós, após de terem, de algum modo, "superado" as interdições e estigmas, transmitem aos netos, como poderemos constatar em VC, LP, AP e J G, fundamentados na Seção 6.2 (O papel *dos nonos*: reviver é possível).

Apesar da negação total ou parcial dos outros participantes da pesquisa, notamos que, em algumas frases, essa língua e sua cultura aparecem. É o que também poderemos apurar na seção seguinte de análises.

Nesta seção, evidenciamos certos conflitos entre a negação e os conhecimentos a respeito dessa cultura. Primeiramente, detectamos declarações enfáticas do não saber, dentre elas:

"*Nada, não falo e não entendo! Nunca aprendi! Não sei nada! Entendo, mas não falo! Com os filhos nunca conversavam! A gente esqueceu, a gente não fala!*". Em seguida, todavia, ao passo que a conversa vai ficando mais fluida, as razões do não falar vão se tornando claras. Muitos fatos silenciados vão voltando à tona, à medida que esses indivíduos verbalizam suas lembranças e, desse modo, surgem velhas histórias com um sentido renovado, ressignificado pela vivência dos anos. O modo como eles foram constituídos pelo Brasil e pela língua portuguesa é que determina a maneira como se relacionaram e se relacionam com o *talian.* Para os idosos, continuar a falar o *talian* ou ensiná-lo aos descendentes remete a um passado marcado pela dor e temor de silenciar sua própria língua e ter de silenciá-la na boca de seus filhos. Aponta, ainda, para um não fazer parte do progresso que se instaura naquele momento histórico e político brasileiro.

Segundo Miotello (2008, p. 148):

> Questões do tempo mexem nas questões da memória. O antes e o depois se confundem. Um sujeito amputado ainda sente aquela parte do corpo; um cara que bateu a cabeça mudou seu jeito de ser, não dá conta de falar, de expressar-se verbalmente; às vezes não entende o que ouve. Um cara com Alzeheimer lembra de coisas já aparentemente esquecidas por completo. Um velho lembra de fatos de décadas atrás, em detalhes, mas não lembra de acontecimentos de ontem, de hoje. Um encontro com alguém com quem não vivo há muito e ele me faz lembrar coisas das quais não tinha mais a menor ideia. Um encontro com algum cheiro, algum som, algum objeto, e minha memória de algum conhecimento qualquer é ativada. Pode ser o acontecimento relacionado àquele cheiro ou som, ou também qualquer outro acontecimento, numa relação não fácil de explicar.

Pela reflexão do autor *op. cit.*, por vezes, não é preciso muito para trazer à baila certas lembranças. O olfato está fortemente ligado a lembranças; o cheiro de um alimento preparado pela avó ou pela mãe, o odor de plantas e perfumes podem reportar a locais e situações passadas, provocando sensações positivas, mas também negativas.

Miotello (*op.cit.*) enfoca que algumas perdas de memória podem caracterizar um bem; o esquecimento de algo ruim possibilita que o indivíduo viva melhor. Assim, é importante inferir sobre o que o silêncio e o esquecimento querem dizer. Diante de tal contexto, é preponderante que se tenha sensibilidade para observar o terreno que se está pisando, se convém continuar a questionar ou não. Primeiramente, os relatos pareciam indicar para lembranças enfraquecidas, mas, ao questionarmos, foi possível encontrar fatos significativos. A maneira como conduzimos a interação entre pesquisador e entrevistados levou-nos a acreditar que, no caso desses participantes da pesquisa, "insistir" em alguns questionamentos sobre suas

memórias valeu a pena, pois confirmou, em grande parte, nossas hipóteses de língua encoberta, como poderemos observar nas seções seguintes. A socialização produz a interação verbal e, com isso, o sentido da palavra.

Pollak (1989, p. 08), a seu turno, afirma haver uma fronteira que separa

> O dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável (...) uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor.

O significado do silêncio, por vezes, é mais revelador do que as próprias palavras. Em muitos casos, as palavras não ditas ficam guardadas nas entrelinhas, na expressão de tristeza ou de alegria, no sentimento saudosista ou nas lembranças que pareciam esquecidas.

Ao considerarmos os fatores que contribuíram para silenciamentos e esquecimentos, os separamos em subseções, a fim de tornar mais evidentes tais fatos nos depoimentos dos entrevistados. As divisões seguem desta forma: declarações que se referem à lei da proibição do italiano no regime do Estado Novo; falas que indicam que a migração para outras localidades brasileiras coibiu a continuidade do falar *talian*; trechos que demonstram a ideologia da "língua certa", que vincula tanto a questão da importância do aprendizado da língua portuguesa naquele momento histórico como, também, situações em que o italiano padrão é comparado ao *talian*, como se se tratasse de uma língua apenas, direcionando a língua *taliana* à versão "errada" da língua italiana 'oficial'.

Com isso, todos os "artefatos" (ROSSI-LANDI, 1985) ora elencados levam os indivíduos, total ou parcialmente, a tomarem posse da língua oficial. Razão esta que define a situação de bilinguismo invisibilizada.

7.1.2 Lei da proibição: *"[...] quem abrir a boca pra falar meia palavra em italiano vai apanhar"*

Entre os mais velhos, é recorrente a primeira atitude de afirmar que falavam a língua, mas, depois de um determinado período, deixaram-na de veicular. Os idosos, ao descreverem o período escolar, referem-se à lei de proibição durante o Estado Novo, a qual instaura, entre os descendentes de imigrantes italianos, naquele período, o sentimento de medo, insegurança, coibição e, consequentemente, de silenciamento da língua *taliana*. Pollak (1992, p. 201) avalia que "[...] há algumas designações, atribuídas a determinados períodos, que aludem diretamente a fatos de memória, muito mais do que a acontecimentos ou fatos históricos não trabalhados

por memórias". Ao narrarem sobre essa fase na escola, podemos observar palavras-chave que se destacam: "foi na época da Guerra", "meu pai foi preso", "vem a polícia pegar", "aquela proibição", "aquela língua", "a polícia proibia", "aquela restrição na escola", "ditadura", "era proibido".

Compreendemos que acontecimentos traumáticos, em geral, são jogados em uma espécie de poço da memória. Os traumas de ordem psicológica têm fortes significados, fazendo lembrar ou esquecer certas experiências.

Joutard (2006, p. 223) pondera que o ato de esquecer faz parte do quadro da memória, a qual é seletiva e se detém sobre alguns fatos. Conforme o autor mesmo denomina, "esquecimento de ocultação", um ato voluntário do qual não se quer ter lembranças, pois incomoda a imagem que se tem de si. Para ele, a memória "[...] se define ainda pela capacidade de recorrer ao simbólico e por sua aptidão para criar mitos, que não são visões falsas da realidade, mas outra maneira de descrever o real, outra forma de verdade".

Consideramos que os entrevistados mais velhos deste estudo viveram histórias, de fato, traumatizantes e talvez seja esta a razão pela qual o esquecimento seja algo menos doloroso de se admitir:

> **MD**
> *E: Nós... até aquele momento... nós só falávamos italiano,* ***mas depois veio... foi na época da Guerra né, era Guerra****... eu acho, de trinta... eu acho, que eu nasci em 27, de trinta, então eles* ***começaram a proibir o italiano.***
> *E:* ***Na Primeira Guerra, então eu estava trabalhando nessa casa, meu pai até foi preso.***
> ***P: É?***
> *E: É, porque acho que ele era,* ***meu pai era um pouquinho político, né, ele gostava de se meter em política****, e então, um dia ele foi preso, porque ele era italiano, ele não era nem, ele era italiano da Itália.*
> *P: Nasceu na Itália?*
> *E:* ***Ele não era brasileiro****, e depois soltaram ele, é que tinha uns amigos que soltaram ele.*
>
> **TC**
> *E: A minha prima que dava aula, e me diziam já que não falam em português* ***vem a polícia pegar****! Daí a gente não conversava, né!*
>
> **OB**
> E: ***Aí... quando veio aquela proibição... que não podia falar em italiano, a gente sofreu muito, inclusive meu pai foi preso****, por causa disso, e* ***nós sofremos muito****, porque... dai... quando ele chegou, ele ficou uma semana preso em Maral, por causa que* ***a gente falava em italiano, em casa... sabe.... não podia!*** *Então* ***ele ficou uma semana, preso em Maral*** *e quando ele chegou em casa, ele falou:* ***quem abrir a boca pra falar meia palavra em italiano vai apanhar e vai apanhar bastante****! Ai, nós sofremos muito, que dai*

...nós não lembrávamos mais o que era... eu já tinha acho que uns 8 anos, 9... nessa época. Então, ***a gente tinha esquecido, aquela língua****...* ***o que a gente sabia falar****, a gente sofreu muito!*

VF

E: ***Em mil novecentos e quarenta e quatro na época da Guerra,*** *então aonde nós morávamos Macieira, Santa Catarina... tinha uma igreja, o meu pai rezava com a bíblia em italiano... rezando em latim...* ***e na época era proibido até conversa em italiano por causa da Guerra... a polícia proibia isso****,* ***não aceitavam****... não sei por que... era uma grande ignorância, porque o que tem a ver o pessoal na colônia brasileira tem alguma coisa a ver com a Guerra lá na Europa! O* ***meu pai estava rezando em latim e alguém que era alguma coisa com a polícia saiu da igreja e foi lá dedurar. O meu pai terminou as rezas... ao sair da igreja, a polícia veio de encontro com o meu pai e falou: -"o senhor está preso!"*** *- "Mas preso porque? Que mal eu estou fazendo? Estou saindo da reza da igreja!" –"É justamente por isso! Porque* ***o senhor está rezando em língua estrangeira****!" Daí... o meu pai falou:- "mas o que tem a ver? A bíblia que tenho é italiano eu não tenho bíblia em português!?"* ***–"Mas não pode! É proibido! Estamos em Guerra! Em período de Guerra!"*** *E l****evaram o meu pai preso*** *de Macieira para Caçador em uma caminhonete, mas, o povo se revoltaram, porque o meu pai era muito bem visto por todo mundo! Imagina! O rezador da igreja, o padre da localidade! Daí... tinha em Macieira, dois caminhão... lotaram os dois caminhão de homens e foram pra Caçador. Uma hora depois chegou àquela caravana... dois caminhão lotado! Eu tenho até a foto! Chegaram lá e fizeram o delegado soltar o meu pai por bem! –"Não! Vamos conversar"- diz o delegado... -"então, vamos conversar e se entender, porque ou por bem ou por mal nós vamos levar hoje ele embora." Então o delegado teve que soltar o meu pai e a italianada discutiram que isso era um absurdo, não tem lógica, eu não sei qual foi a conformação do delegado.... foi a pressão, né, que ele não ia ter soldado para enfrentar duas caminhonada de gente.*

LB

E: Porque eu lembro, ***a gente tinha muitas palavras que a gente só falava em italiano, mesmo! Aí, você tinha aquela restrição na escola que você não podia,*** *porque daí, o pessoal* ***não tinha obrigação de saber o que você estava falando****, e isso confundia a cabeça também, né?*
P: E você tinha essa consciência que na escola você não ia falar determinadas palavras?
E: Não.
P: Você falava?
E: Falava! E assim, eu não tinha esse discernimento, né, pra saber assim: ah! essa é a uma outra língua! Acho que não tinha essa, acho que ***a escola era precária****, também, né?*

JB

*E: Então, eu escutei uma vez que eles diziam: "****tem que cuidar por causa da ditadura, a gente não pode falar a língua porque eles podem olhar esquisito para a gente".*** *Então, eu acho que eles tinham* ***essa preocupação****, então eles* ***não ensinaram****.*

JG

P: O seu pai fala?

> *E: **O pai não fala**, ele entende, **mas ele não fala**, porque quando eles vieram pro Paraná **era proibido eles falarem o italiano em casa**, então a minha avó e meu avô que falavam entre si... mas **pras crianças eles não podiam ensinar,** né. Então ele não falava, ele só escutava eles falando.*

> **DG**
> *E: **Nós não aprendemos a falar italiano.***
> *P: Não aprenderam nada?*
> *E: Uma ou outra palavra. Depois nós fomos estudar no colégio que não tinha italiano e foi se perdendo, **não aprendemos uma palavra**.*

Comprovamos, nitidamente, nos recortes expressos, a lei da proibição para o imigrado e descendentes e compreendemos a dificuldade que o momento lhes trazia, em especial, quando se é criança e não se tem muita noção do significado de não poder se expressar em sua própria língua, principalmente na socialização entre seus pares. Podemos imaginar as crianças nesse período, com obediência irrestrita aos pais devido à severidade na educação que se tinha. Logo, é compreensível que as consequências psicológicas não sejam tão positivas nesses indivíduos.

Outro fator passível de ter ocorrido é que ao ensinar às crianças uma língua como sendo "única", já, desde cedo, está inclinando-a a uma percepção de naturalidade que opera na construção da consciência comum de nação, também chamada por Bourdieu (1998, p. 29) de "inculcação durável".

De acordo com Lambert e Lambert (1975, p. 24), "[...] a dessocialização de um ser humano até o ponto em que pode ser fundamentalmente transformado exige a manipulação das grandes estruturas sociais que controlam seu sentido de identidade". Sob tal ótica, o governo brasileiro busca uma dessocialização para eliminar a socialização da língua e da cultura de países que representavam ameaças à unidade brasileira e se empenha na ressocialização dos costumes brasileiros, com leis e novas tradições brasileiras particularmente nas instituições de ensino. Desde a linha de raciocínio que se apresenta, o governo fragiliza tais indivíduos para, em seguida, manipulá-los, consoante orientações identitárias ideológicas.

Convém ressaltar que a proibição de se falar o *talian* atingia não somente as interações na sociedade, mas, também, o âmbito familiar em que, de alguma forma, eram vigiados e quem fosse pego falando era considerado transgressor e seria preso. Tal controle os privou de exercer sua fé na língua que estavam acostumados e, ainda, cerceou os momentos de lazer; ou seja, eles ficaram privados da própria língua. Talvez tenham pairado sob suas mentes muitos temores e dúvidas: Como voltar para a Itália? Como permanecer e prosperar? Acreditamos que, para eles, ficar no Brasil fosse a opção menos difícil naquele contexto. Nesses casos, nos são notórias as razões dos pais terem lutado para que seus filhos aprendessem o português.

Ao que tudo indica a questão de não poder se expressar na sua própria língua causou um choque que traumatizaria pelo resto da vida e causaria um esquecimento ou, ao menos, parte dele. Por essa perspectiva, as argumentações de Ricoeur (2014, p. 74) se direcionam para um tipo de memória ligada à manipulação e na sua relação com a ideologia, operando de modo que o indivíduo lembre somente aquilo que interessa a certo grupo dominante. No entanto, para Pollak (1989, p. 04), existem memórias subterrâneas, as quais, quase de modo imperceptível, afloram em momentos de crise, em sobressaltos bruscos e exacerbados. Nós ousaríamos dizer que não somente em momentos de exacerbação de crises, mas em momentos nos quais é oferecida ao indivíduo a chance de lembrar. No caso da presente análise, inicialmente, a maioria nega, em maior ou em menor grau, o *talian*. A língua e sua cultura, quando aceitas, restringem-se a algo ultrapassado e folclórico que não se usa mais, ao menos no contexto cascavelense, e que apenas aparecem se forem, de algum modo, impelidas a serem expressas.

Vale destacar que, nos dados desta pesquisa, não são todos que relatam não saberem ou não lembrarem mais do *talian*, a senhora OB e o senhor MF afirmam que, passado esse período e amenizadas as perseguições àqueles que eram descendentes de *italiano*, eles e suas famílias continuaram a utilizá-lo:

> **OB**
> P*: E a partir desse momento a senhora não falou mais?*
> E*: Não,* ***eu continuei depois que acalmou!*** *Que teve... que foi uma época, que* ***aquilo depois acabou... acalmou... então a gente continuou falando em italiano*** *e depois, quando eu me casei, a família do meu marido,* ***eles falavam muito italiano em casa,*** *então* ***a gente se deliciava a falar italiano*** *porque eles também* ***eram italianos.***
>
> **MF**
> E: *Durante a guerra eles proibiram, lá em Brasília proibiram, o alemão, principalmente (risos) italiano proibiram falar, mas depois que nós voltamos com a liberdade que é mais...* ***tudo mundo falava italiano, geralmente essas colônias italianas, só falavam italianos... os integrantes.***

Essas falas indicam que a língua é como um lugar, onde é possível se proteger e ter a liberdade de sonhar.

De outro modo, Pollak (1989, p. 05) assevera que a doutrinação ideológica confina lembranças ao silêncio, mas que essas são, de um modo ou de outro, transmitidas de uma geração a outra oralmente, e não por publicações, permanecendo, pois, vivas. Portanto, mesmo com a repressão, o sofrimento e os traumas, a política do monolinguismo não os derrubou. Ainda que os agentes da imposição tenham sido ferozes com tais pessoas, é possível perceber que a comunidade também se impõe e encontra um meio de driblar a repressão. Existe um poder

na comunidade que consegue preservar, senão a língua, traços significativos dela. Por isso, não podemos afirmar que a lei de proibição foi o único motivo de não mais falarem o *talian* ou algo que provocou tamanho trauma que hoje ninguém mais o veicula. Ainda que apontemos alguns fatos que fomentaram a ação de falar menos essa língua, podemos verificar que a língua *taliana* vive, assumidamente ou não, na vida dos entrevistados da presente pesquisa.

7.1.3 Migrações e trabalho

Em Menezes (2012, p. 22), veremos que migrar entre outros significados tem a ver com a mobilidade de buscar novas oportunidades em outros lugares. Em nosso contexto de estudo, isso está ligado à luta pela permanência de continuar sendo agricultor e de morar no campo. Vale apontar que a mobilidade era parte das estratégias de reprodução social da família camponesa.

O deslocamento dos descendentes de migrados *italianos* se deu em razão da busca por aquisição de terras, vislumbravam um futuro financeiro promissor na região Oeste do Paraná.

Em nossa pesquisa, estamos focalizando o universo específico dos descendentes que vinham de um ambiente rural e que, no entanto, buscavam o progresso. As pessoas se deslocavam almejando melhoria de vida, de trabalho, de terras para plantar e sustentar sua família. Tal desejo estava em conformidade com as demandas do Estado brasileiro, que tinha como meta povoar "espaços vazios" no extremo Sul do Brasil.

Podemos verificar no próximo quadro que, na fala de alguns entrevistados, esse fato surge de forma reveladora:

Quadro 4 – Relação Participantes x Migrações e Trabalho

PARTICIPANTES	MIGRAÇÕES E TRABALHO
CC	*Meu avô paterno veio para o Oeste do Paraná e ele dizia assim: "aqui vocês não sabem, mas* ***aqui vai ser a terra do futuro. Aqui tem futuro!"*** *Ele foi meio visionário, assim, aí ele trouxe a família toda, ninguém acreditava nisso, né, acha! Meu Deus! Que fim de mundo. E meu pai voltou para o Rio Grande do Sul pra se casar com a minha mãe, ai,* ***minha mãe também veio para o Paraná e todos os filhos nasceram aqui****.*
VF	*E: O meu* ***avô quis fazer uma aventura de vir para o Paraná*** *porque muitos filhos deles estavam por aqui, né, inclusive o meu pai, então... ele veio e formou sua residência lá em Santa Terezinha de Itaipú e lá mesmo ele faleceu. Mas ele chegou em cinquenta e seis e em cinquenta e oito ele faleceu, com oitenta e quatro anos, velhinho corajoso, osso duro mesmo! - "Nono, mas pra quê, nono? O senhor está sossegado... sua lavoura formada... seu sítio em ordem! Pra que vai lá para o Paraná pegar, tem que*

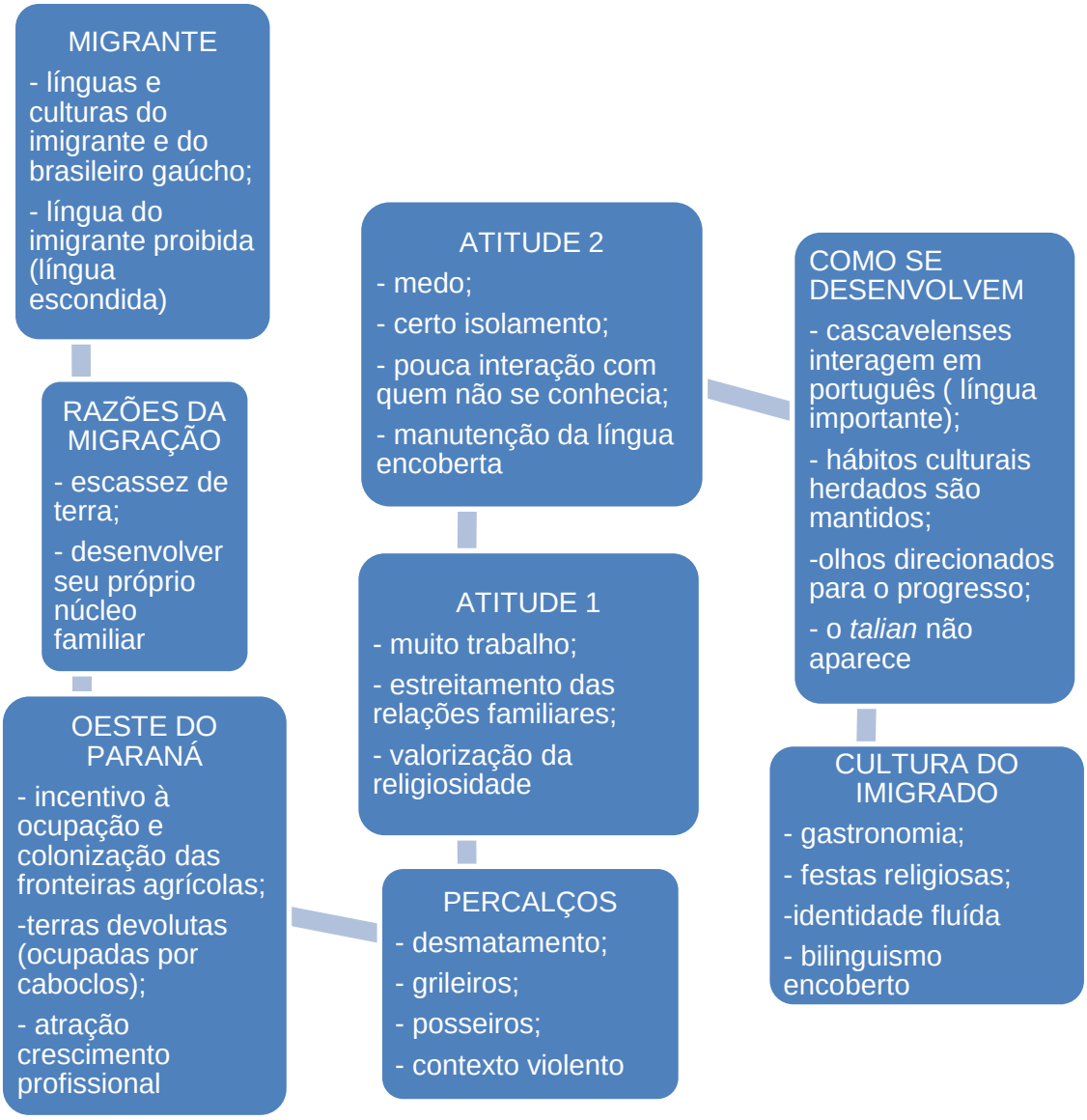
	*fazer tudo de novo!" –"**No, no...là, la terá l'e ze bona!" Então... veio para cá porque a terra era boa, então ele encarou e fez boa moradia ali.***
OB	*Com o pai e a mãe a gente sempre falava em italiano, quando nós viemos de Cruz Alta pra Maral, eu tinha três anos, quatro anos de idade, ai, nós só falava a língua portuguesa.* [...] *Nós também fizemos isso, a gente poderia ter sempre mantido, mas como **eles (filhos) foram pra escola... trabalhavam assim, a gente foi deixando**, agora eu e meu marido nunca deixamos de falar, em italiano, a gente sempre falava mais em italiano, mas elas foram deixando de falar, **e depois casaram, com uma família diferente, né, então foi mudando por causa disso**... é o que aconteceu com a maioria... **por terem vindo num lugar onde a maioria de caboclos aqui**, na época.*
DG	*Os meus pais falavam italiano e quando eles se mudaram para a nossa região que era de brasileiros...[...] **nós éramos os únicos de origem italiana naquele setor chamado Salto.***
TC	*Em Santa Catarina se cantava muito...tinha a J., tinha tia T., a V., veio pro Paraná...* *P: **No Paraná parou?*** ***E: Parou, porque a gente não tinha muito conhecimento com os vizinhos.***
MF	*P: Esse pessoal que vinha, os imigrantes eles já falavam português?* *E: **Alguns falavam italiano, outros... português**, [...] então, aqueles que eram de origem italiana... os mais idosos, o que eram mais de idade falavam italiano, **agora os novos ficavam tudo...já falavam nossa língua**.*

Fonte: Elaboração do pesquisador.

Nos eventos em questão, independente das razões que impulsionaram cada família a migrar, seja para uma cidade próxima aquela em que estavam no Rio Grande do Sul ou para Santa Catarina ou, ainda, para o Oeste do Paraná, entendemos que o ato de sair, de se 'desgarrar' de uma comunidade para passar a integrar outra, acarreta mudanças sociais, culturais e linguísticas. Tal ação interfere, também, no modo como o migrante se relaciona com sua língua materna e como recebe as influências do novo contexto social. Por isso, compreendemos que o contato maior com brasileiros fomentou a diminuição no uso do *talian*.

Sabemos que os deslocamentos migratórios podem trazer implicações linguísticas. Então, elaboramos um organograma, a fim de dar maior destaque às ocorrências que corroboraram o processo de migração para Cascavel:

Organograma 1 – Processo de migração para Cascavel



Fonte: Elaboração do pesquisador.

Pela perspectiva traçada no esquema anterior, o migrado traz consigo uma língua que não parece ser tão explícita. De um lado, aqueles que sofreram com a repressão da proibição, seguramente, carregam certa desconfiança e, assim, poderiam ‘escondê-la’, por não confiarem nos habitantes da nova cidade e, por essa razão, considerarem que não convinha demonstrar que a falavam. Em contrapartida, a busca pelo progresso é outro fator que instiga o uso, cada vez mais corrente, do português e, por esse motivo, a língua vai ficando em segundo ou terceiro plano – isto é, velada. O novo lugar vai moldando o indivíduo descendente de imigrado *italiano*, de acordo com as características da sociedade. Consequentemente, temos que estar cientes de

que, nos processos migratórios, muito se ganha, e também se perde, e inúmeras coisas se misturam. Segundo Hall (2003, p. 52), "[...] a migração e os deslocamentos dos povos têm constituído mais a regra que a exceção, produzindo sociedades étnicas ou culturalmente 'mistas'". O autor traz a concepção da diáspora, do que tal experiência causa a nossos modelos de identidade cultural.

Dessa feita, podemos observar que a migração para o Oeste paranaense aponta para a formação de uma cidade com características ítalo-gaúchas e ítalo-catarinenses, somadas àquilo que já compunha o cenário cascavelense. O novo contexto indicava que a manutenção da língua materna não parecia ser relevante. Diante disso, para alguns, a língua ficou restrita à interação com alguns familiares.

Outro elemento que merece destaque e é, por vezes, mencionado corresponde ao relato de que falam o *talian* somente quando visitam os parentes no Rio Grande do Sul ou em Santa Catarina. Tais localidades tornaram-se, para esses indivíduos, lugares de aconchego e de retorno à língua de origem. Verificamos, com certa frequência, a alusão ao Rio Grande do Sul como local onde se pode "beber água da fonte":

> **OB**
> *E1: O* ***Sul, o Sul é muito forte a cultura, a tradição, né, italiana assim****, muito forte, pelo menos assim nas cidades que a gente viveu ali, as que eu visitei, ainda que não tem muito tempo que eu não vou lá, mas assim* ***a gente percebe que está muito enraizado... está muito vinculado o tradicionalismo gaúcho com a cultura italiana.[...] aquela coisa mais querida do mundo****, sabe, então tem coisas assim que* ***a gente as vezes sente saudade daquele povo, de lá daquela tradição daquela coisa, que aqui? Não se tem isso.***
> *P: Aí****, vai lá pra buscar****?*
> *E:* ***Exatamente****!*
> *[...]*
> *E.1: Em Cotiporã que é onde meus pais nasceram assim, onde se casaram, eles moraram muito tempo lá,* ***então as minhas tias que ainda vivem, os primos, todos falam em italiano, todos, todos.***
> *P: Os jovens também?*
> *E1:* ***Os jovens também****, [...]* ***na família na casa de um fala em italiano, casa de outro fala em italiano, então é aquela coisa assim que você se sente bem, porque é uma língua que veio de lá de longe, né, então a gente se sente muito bem****!*
>
> **LB**
> *E.2:* ***O Sul, o Sul é muito forte a cultura, a tradição italiana****, pelo menos nas cidades que a gente viveu ali, as que eu visitei, ainda que tem muito tempo que eu não vou lá, mas assim a* ***gente percebe que está muito enraizado****, aquilo que eu te falei no começo, que está muito vinculado o tradicionalismo gaúcho com a cultura italiana... uma mistura.*

> **DG**
> *[...] No início eles falavam entre eles, depois eles esqueceram também, né. O contato era sempre com outras pessoas que falavam italiano,* ***falaram italiano só quando ia visitar os parentes em Farroupilha****.*
> ***Quando eu estou nessa reunião da família, a gente canta italiano, vai junto com eles****, la porque os outros lá do Sul cantam, né!*

Reconhecemos expresso um sentimento de pertencimento a esse lugar, principalmente o Rio Grande do Sul; o mito do lugar imaginário cultural idealizado, em que o *talian* pode ser veiculado com pessoas que falam de verdade, que estão presentes nas frases como: "***O Sul***[85] ***é muito forte a cultura, a tradição, né, italiana", "as minhas tias que ainda vivem, os primos, todos falam em italiano", "Quando eu estou nessa reunião da família, a gente canta italiano, vai junto com ele***". É difícil definir como, mas existem, na passagem, o sentimento de pertencer a esse lugar e a consciência da identidade do imigrado *italiano.*

Pollak (1992, p. 207) ressalta o papel das identidades coletivas, aludindo aos investimentos que um grupo precisa fazer ao longo do tempo para dar a cada membro do grupo – quer seja família ou nação – o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência.

Levantamos, novamente, a reflexão sobre a falta de oportunidade para interagir em língua *taliana*; imaginar que somente no Rio Grande do Sul ou Santa Catarina, locais de onde essas pessoas vieram e onde se encontram os familiares, seja possível falar o *talian*, vivendo essa cultura.

Concluimos essa seção frisando que a continuidade da identidade coletiva está ligada a elementos culturais da gastronomia, religião, valorização do trabalho e da família, como marcas impressas do ser de origem *italiana*, sob forma de identificações explícitas; já com a questão da língua, isso não se dá tanto assim. Salvo isso, o fato de os migrantes terem se deslocado para a região Oeste do Paraná não significa desenraizamento, mas uma constante ressignificação das relações sociais presentes desde aquela época até os dias de hoje. Eles demonstram uma capacidade de construir e apropriar-se de espaços, produzindo territórios, identidades sociais e culturas novas. Sendo assim, cada indivíduo encontrará uma forma de estabelecer seu lugar na nova sociedade.

---

[85] Referindo-se ao Estado do Rio Grande do Sul.

7.1.4 Ideologia da "língua certa"

Algumas atitudes estão ligadas à crença da língua proibida, da língua falada por pessoas muito simples; língua rural, informal, que nada tem a ver com o contexto tecnológico moderno, no qual se vive atualmente. Na verdade, como já apresentado no Capítulo 5, Seção 1, no tocante à ideologia do Estado Novo, houve, por parte do governo, uma doutrinação em relação ao conceito de língua que deveria ser utilizada no contexto brasileiro – o português. Atrelada ao conceito de língua "certa" estava a competência gramatical. Falar e escrever fora dessas normas era o suficiente para considerar a pessoa sem instrução e ignorante. Isso tudo sem apreciar o contexto social dos indivíduos. Em relação à língua do imigrado, podemos especificar dois pontos que seriam negativos à ideologia predominante: 1) falantes de uma língua que representava ameaças para o governo brasileiro naquele momento; e 2) língua falada por pessoas do meio rural ("fala errada"). A partir desse cenário, temos uma espécie de hierarquização social que privilegia aqueles que pertencem à classe dominante. Assim, o *talian* ou traços dele na língua portuguesa são medidos pelas normas da língua oficial.

Podemos perceber, nos fragmentos que seguem, semelhanças de percepções do que seja uma língua fora dos padrões estabelecidos:

Quadro 5 – Relação Participantes x Percepções sobre o *talian*

PARTICIPANTES	PERCEPÇÕES SOBRE O *TALIAN*
CC	*E: É interessante isso porque eu entendo, mas eu nunca quis... não sei, quando eu* ***era pequena, eu não gostava****...****eu tinha um preconceito tão grande!*** ***Achava feio****, né, e existia aquela coisa,* ***o estigma de falar errado.*** *P: Você tinha isso também?* *E: Eu tinha, eu tinha, e depois... é que eu comecei a desenvolver alguma coisa.*
MF	E: *Foi caindo em* ***desuso****, então a gente, ia estudar, começou a estudar, então, já estudava a língua portuguesa, então passamos a falar português, né...****o estudo já nivelou... passou a ser a língua nacional nossa.*** *[...]* *E: Eu aprendi, não, eu* ***melhorei a fala italiana na Itália****, quando estive na guerra lá, porque lá, qualquer coisa em italiana, era homem, mulher, só se falava em italiano.* *[..]*
DC	*E: A gente ouvia um pouco de tudo, né, sobre comida sobre as parentada tudo, agora, assim, eu* ***até*** ***nem consigo falar no dialeto porque eu gosto de me corrigir****... falar* ***palavra correta.*** P: *E o que é correto pra você?* E: ***O que eu aprendi na escola****, por exemplo.* P: *Na escola de italiano?* E: É***, italiano, ou que a gente lê nos livros...*** P: *Você acha que tem diferença? O dialeto seria o errado?*

	E: Como se fosse ***quase uma gíria****, pra gente.* P: *Aí, você acha que tem que se corrigir?* E: *Eu acho que falar* ***mais correto*** *possível...* ***Por que não são todos que entendem se você fala no dialeto****...Tanto que quando o meu marido ainda fala alguma coisa assim, em dialeto, mas* ***eu procuro corrigir ele****, não sei por que, se está certo ou errado* ***eu corrijo...****porque a gente tenta às vezes conversar, com ele ou até com as minhas comadres eu tento conversar, em italiano e eles falam assim no dialeto, mas eu entendo eles.* [...] *P: O que você conhece da língua do imigrante? O que acha dela? Bonita, feia, esquisita?* *E:* ***Acho lindíssima! Até o jeito... assim... deles de achar graça pelo dialeto que eles falam, fica até engraçado, acho linda!*** *P: Se você acha linda porque você corrige seu marido?* *E: É que, como acho que seria uma gíria do italiano****, o dialeto, aí quase sempre a gente dá risada, acha engraçado****, acho por isso talvez.* *[...]* *P: Você conhece a palavra ciacolar?* *E: Ciacolar é de chiacchierare? Meus pais usavam.* *P: E você usa?* *E:* ***Eu não uso, porque acho que, como eu te falei, não acho correto.***
MD	E*: Ah... eu não sei por que a gente parou, um pouquinho de falar o dialeto... porque* ***a gente achava muito feio o dialeto.*** *P: Ah é? Feio por quê?* *E:* ***Eu nunca gostei do dialeto... Agora que eu tô achando mais bonito, porque ninguém fala, né, então como é só eu que falo eu acho bonito, (risos)*** *[...]*
TC	*E: É, às vezes os padres, o papa falavam muito diferente do nosso italiano.* *P: A senhora acha bonito?* *E:* ***Acho sim, quando reza Ave Maria, adoro ouvir aquela Ave Maria em italiano****.* *P: Qual italiano a senhora acha mais bonito? Esse italiano que aparece, que ela diz que é mais gramatical, ou esse italiano que a senhora fala?* *E: Ma...* ***a orasson acho bonito gramatical, né, que a gente entende o que eles falam, mas a gente non sabe falar, né, enton, melhor o nosso mesmo, mais fácil****.*

Fonte: Elaboração do pesquisador.

Pela concepção de Pollak (1989, p. 205), "[...] a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade e que se faz por meio da negociação direta com outros". Para os entrevistados anteriormente elencados, era importante a adequação às exigências da sociedade brasileira; quer seja: falar português, ser brasileiro para ser bem aceito. O sentimento inculcado de ser a língua do imigrante uma língua "feia", de "gente ignorante", uma língua que não era a certa, língua que "constrangia", língua "engraçada", que não fazia parte do que compunha o moderno, irá efetuar um trabalho negativo de manutenção nas próximas gerações;

os sentimentos negativos citados em relação ao *talian* terão repercussão nas memórias futuras. Para o autor (*op. cit.*), "[...] a memória passa a trabalhar por si só, a influir na organização, nas gerações futuras[...] investimentos do passado, por assim dizer, rendem juros".

Nos comentários proferidos pela entrevistada DC, é possível detectar o modo como são avaliadas a língua italiana e o *talian*. Segundo ela, o italiano padrão é a língua correta a ser veiculada, é carregada de formalidade e seriedade. Já o *talian* – dialeto – como é conhecido por ela, está ligado a estereótipos de uma beleza que tem a ver com humor e alegria: "*a gente dá risada, acha engraçado*". Ser sublinhado como uma língua engraçada traz o julgamento de que não é séria, não é de verdade. De tal maneira, percebemos as relações de poder e de prestígio entrelaçadas nas questões linguísticas dos falares do imigrante *italiano*, que foram perpetuadas nas gerações mais novas. DC não associa seu juízo como algo relacionado a uma etnia ou classe social, mas acredita, conforme ressalta Milroy (2011, p. 59), que o marido usa a língua de um modo "errado". Em sua compreensão existe a possibilidade de ele falar corretamente e, se não o faz, seria culpa dele mesmo. Além disso, a entrevistada reduz o *talian* ao estatuto de gíria, isto é, um falar impróprio para ocasiões oficiais. Entendemos tal ponto de vista porque o *talian* ou qualquer outra lingua tida como de "menor prestígio" está, intimamente, ligada ao mundo privado, de âmbito familiar; no máximo, ao âmbito das amizades.

Apontamos que os excertos ora ilustrados nos permitem, ainda, depreender que existe certa confusão, falta de esclarecimento, ao longo dos anos, do que seja a língua italiana padrão, o dialeto e a língua *taliana*. Há um entendimento entre o italiano gramatical e o não gramatical; nesse caso, dialeto ou *talian* se enquadraria em "não gramatical", "língua feia", "grosseira", "engraçada", etc.; enquanto o italiano padrão está configurado como a "língua certa", da "norma culta", de "prestígio social". Dos entrevistados, apenas duas pessoas, CC e LP, afirmaram saber a diferença entre os falares, tendo em vista seu nível de escolarização acadêmica – uma professora universitária da área de Letras e o outro faz parte do grupo de dança folclórica e, por isso, está em contato com os pesquisadores e divulgadores do *talian*. Reiteramos que os demais entrevistados não sabiam que o falar dialetal dos imigrados de determinadas regiões do Sul do Brasil tem nome reconhecido de *talian*.

Como contemplado em Certeau (1990, p. 224), "[...] define-se, portanto pela oralidade (ou como oralidade) aquilo de que uma prática 'legítima' – científica, política, escolar, etc. – deve distinguir-se. 'Oral' é aquilo que não contribui para o progresso". Portanto, pressupomos que os sujeitos em cena, ao se sentirem estigmatizados, não se enquadrando nos moldes

estabelecidos, sentem vergonha e certo repúdio pelo seu próprio jeito de falar e, assim, escondem a sua língua.

A língua escrita tem o poder de selecionar as pessoas, marcando quem pertence a qual classe. A escritura, em Certeau (1990, p. 228), "[...] vai aos poucos se impondo sob formas científicas, eruditas ou políticas: ela não é mais o que fala, mas o que se fabrica". O efeito da escritura como conquista capitalista é a tarefa revolucionária. Nesse âmbito, a linguagem é instrumento de produção, selecionando aqueles que possuem esse domínio da linguagem. E o referido autor (1990, p. 232) salienta que

> Os livros são apenas as metáforas do corpo. Mas nos tempos de crise, o papel não basta para a lei, e ela se escreve de novo nos corpos. O texto impresso remete a tudo aquilo que se imprime sobre nosso corpo, marca-o (com ferro em brasa) com Nome e com a Lei, altera o enfim com dor e/ou prazer para fazer dele um símbolo do Outro, um dito, um chamado, um nomeado.

Metaforicamente, ele compara livros com o nosso corpo, em que essa linguagem de produção é marcada em nosso corpo pela lei do "outro".

A tradição oral, por muito tempo, foi deixada de lado, desconsiderando os saberes que permeiam as práticas mais rudimentares. Entretanto, é bom que se esteja atento para o fato de que "[...] os dominantes não podem jamais controlar perfeitamente até onde levarão as reivindicações que se formam ao mesmo tempo em que caem os tabus conservados pela memória oficial anterior" (Pollak, 1989, p. 05).

Diante de tal conjuntura, perpetua-se, ainda hoje, o mito da língua única e correta a ser veiculada, tanto na escrita quanto na oralidade. Vemos total desprestígio e preconceito em direção ao que não é gramatical.

Para Rossi-Landi (1985, p. 67), "[...] se as línguas não fossem produtos e a linguagem não fosse trabalho, seriam algo de apenas natural". Vale a reflexão de que produzimos aquilo que o sistema deseja, quer cultural ou linguisticamente, e entendemos, desse modo, que a língua imposta vem de cima. Logo, temos que nos curvar para olhá-la, recebê-la e produzí-la, desconsiderando que a linguagem surge das necessidades das relações com os "outros" e esquecendo o caráter social de sua origem e formação. Por esse prisma, é preciso um trabalho complexo como o linguístico para uma eficaz comunicação (*op. cit.*, 1985, p. 69).

Os excertos focalizados confirmam o que trouxemos, teoricamente, no capítulo destinado a abordar o artefato da língua correta, em que há uma sacralização da escrita "normativa" num país que possui uma cultura oral forte.

7. 2 Memórias: as recordações referentes à cultura do imigrado *italiano*

"Ben venuti, ben venuti,
Via, da bravi, le se senta,
Le se comoda qua tuti
Che xe ora de polenta".
(Scherzo Ditirambico)[86]

Esta seção reforçará que, à medida que a conversa transcorre, a aceitação e admissão da presença do *talian* vão se afirmando, até chegar ao momento, para alguns, de se expressarem com canções, orações, palavras, frases e leituras nessa língua. Outro evento recordado é o *filò*, já mencionado em outro ponto desta pesquisa, uma prática de sociabilidade e de confraternização entre os componentes das colônias *italianas* que celebravam por meio do trabalho, das orações, das comidas, das músicas e das danças.

Pollak (1989, p. 03), ao falar da memória coletiva, proclama que ela está presente nos monumentos, nas paisagens, nas datas e nas personagens históricas, nas tradições e nos costumes, em certas regras de interação, no folclore, nas músicas e nas tradições culinárias. São elementos que reforçam o sentido de pertencimento. Esse tipo de memória não é imposta, antes, desempenhada pela adesão afetiva do grupo.

Nas próximas subseções, serão expostos segmentos de entrevistas de participantes, cujas falas indicam afeto, emoção e nostalgia, sentimentos os quais consideramos positivos, pois deles surgem vivências e experiências. Velado e intrínseco a tais memórias, emerge o *talian*. Salientamos que, nesta parte das análises, foram selecionadas as lembranças mais vivas e respondidas com prontidão.

7.2.1 *"Ah, sem radici não se vive!"* – Lembranças preservadas

Aqui nos depararemos com trechos das entrevistas que começam a desvelar o conhecimento do e sobre o *talian* e sua cultura. Veremos lembranças preservadas que se

[86] MAFFIOLI, G. *La cucina padovana*. Mulazzo: Tarka, 2013 (*e-book*).

repetem de geração a geração. São aspectos culturais que, por fazerem parte do modo de viver dos imigrados e descendentes de *italianos*, continuam, explicitamente, a ecoar nos seus hábitos e costumes. Ademais, a recordação, dos espaços que ocupamos, ou por onde passamos, possibilita reconstruir a memória para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças (HALBWACHS, 1990, p. 143). Dos espaços nomeados, estão a casa dos avós, a igreja, a roça, a horta, o fogão à lenha como elemento essencial na cozinha. Uma reminiscência remete a outra, principalmente aquelas que, de certo modo, são praticadas regularmente, mas que não se apresentam para os entrevistados como algo a ser relatado como memória. Instigá-los, pois, a falar sobre comida, fé, trabalho e música ativa a percepção de que seus relatos estão ligados às gerações antecedentes. Convém ressaltar que muitas palavras e expressões do *talian* aparecem nesse momento da conversa.

De acordo com Bergson (1999, p. 86), o hábito é adquirido pela repetição de um mesmo esforço. Consoante o autor:

> Como todo exercício habitual do corpo, enfim, ela [a lembrança] [87]armazenou-se num mecanismo que estimula por inteiro um impulso inicial, num sistema fechado de movimentos automáticos que se sucedem na mesma ordem e ocupam o mesmo tempo.

Reputamos que, apesar de serem experiências adquiridas anteriormente, elas continuam integradas às vivências do presente. Bergson classifica esse tipo de memória como hábito, ou seja, é a memória que faz parte do tempo presente, porque é vivida e agida. Semelhante olhar é defendido por Ricoeur (2014, p. 73), que trata do mesmo fato como memorização, equivalendo às habilidades e saberes fixados que são efetuados com facilidade e espontaneidade.

Examinemos as ocorrências culturais mais preservadas. Em primeiro lugar, está a comida: a polenta (mencionada mais de 15 vezes: *polenta brustolada* ou com molho, *polenta e tocio, polenta e polastro, polenta com queijo, polenta com radici*), *radici coti*, macarrão, queijos*/formaio,* salames, *agnolini, tortei, fortaia,* vinagre forte. E, em segundo lugar, destacam-se as canções: *La Verginela, La Gigiota, Il Mazzolin di Fiori, La Bela Polenta*. A fé e as histórias também são reportadas pelo entrevistado LP.

A seguir, alguns trechos mais longos para maior entendimento das memórias que continuam vivenciadas no tempo presente:

---

[87] Grifo nosso.

MF
P: *O que o senhor ainda preserva da cultura italiana?*
ES: A ***polentinha!***
E: ***Macarrão, polenta e fortaia****! (risos)*
(Filhas 1 e 2 falam juntas): Rapidinho ele entendeu! (muitos risos)
E: ***Radici!*** *Pra mim ainda hoje...* ***o macarrão, polenta, tradição dos meus pais****!* ***Queijo... o vinho****, né?*
Filhas 1 e 2: ***Vinho!*** *(falam juntas)!* ***Vinho é uma coisa que o senhor conseguiu passar pra nós! (risos)***

VF
De vez em quando você vê falar vamos comer uma comida italiana, o que existe muito é a ***polenta*** *[...] uma ou duas vezes por semana tem a* ***polenta com carne de panela, com carne de frango.***

CC
E: A ***minha mãe ainda preserva esses costumes de italiano, de fazer polenta, a polenta brustolada também, um salame****. [...]. Massa de* ***macarrão, agnolini****, mas acho que na alimentação, a minha mãe preserva um pouco, na língua é pouca coisa. [...] Meu pai tem alguns gostos assim também bem específicos, que ele não... por exemplo,* ***polenta tem que ser aquela polenta que coloca na tábua, não pode ser muito mole, tem que cortar com a linha.***

DG
P: E sentarse darente el fogon?
E: Opa! É a coisa que eu mais estranho! Sabe onde eu morava, aqui. [...] o meu sobrinho que fez o projeto, a quase quarenta anos atrás, ele fez o projeto e me apresentou, né: "Mas, olha, tio, vamos examinar aqui pra ver se está tudo certo?" Ai eu notei: "sim, mas, cadê o ***fogão*** *daqui?" "****Fogão, tio?" Eu digo: "mas vai por fogão nessa casa!"*** (fogão à lenha)

FB
P: Você preserva algum hábito que é típico da sua família?
E: Está mais relacionado à comida e bebida, ***vinho, graspa****. Sempre tem comida italiana, como* ***polenta brustolada, macarrão****,* ***polenta com frango e radici****, cuca, lasanha,* ***queijos e vinho.***

A entrevistada faz alusão ao alimento *cuca* que, embora seja bastante consumido por descendentes de *italianos*, é um tipo de pão de origem alemã. É importante não nos esquecermos de que as culturas de outras origens étnicas, de algum modo, sempre estiveram em contato. Por isso, a percepção de fazer parte do mesmo "conjunto" de hábitos culturais.

AP
E: Amo a música La ***Verginela,*** *ainda canto.* ***Tenho várias músicas italianas*** *que* ***canto sempre para não perder o pouco do dialeto que entendo****, a minha preferida é* ***La Bella Polenta.***

DC
P: Você reconhece na sua família algum hábito, da cultura do descendente do italiano? Não da Itália hoje, mas da Itália que foi trazida lá daquela época?

*E: **Fazer a polenta, isso a gente faz até hoje, que é uma coisa que foi aprendida, e foi passada**... eu acho que muito a culinária, **muita coisa deles, né**. Quase sempre, ou quando acontece um feriado, ou uma data de aniversário, coisa assim, a gente se reúne, e na maioria das vezes é à moda italiana. Eles gostam de **vinho, bastante salada, vinagre bem forte, polenta, linguiça.***

TC e familiar que acompanha

P: A senhora faz a comidinha italiana ainda?
*E: Ah, italiana! Não dá pra esquecer, né, **polenta,** essas coisas, feijon, **macarron, radici,** toicinho, linguiça, mandioca, tudo essas coisas, **caseira, né.***
P: Tudo cultivado aqui?
E: É, tudo cultivado aqui!
P: A senhora faz polenta brustolada?
*E: **Ma Dio, se non faço**! (risos), até hoje meio dia! **O meu marido é polenteiro,** que Deus o livre! **A polenta com queijo com molho, com ovo.***
P: Polenta tem sempre?
E: Polenta sempre. O queijo é comprado, mas não pode faltar também, né!
P: E o codeghin?
*E: **Nós fazia codeghin e ossacoi**[88]**.***
P: O que é sacoi?
*FA: **Sacoi é feito com o sangue.***
E: Arroz, o miúdo do porco e tempero.
*E: **Os torresmos em italiano é gripole.***
*FA: **O torresmo é gripole.**[89]*
*E: **O frango é polastro.***
P: Sim.
*E: **A minestra**[90]**!***
P: A senhora faz a minestra?
*E: **Ah, faço ainda, a minestra.***
FA: Então, ela se dedicou mais assim... se identifica mais do italiano... mais é na comida, né! Na horta, as galinhas...
*E: A horta sim. Nossa! Quando eu tinha vaca de leite, enton! Com o leite fazia tanta coisa, né! **Fazia puina**[91]**, que é o requeijon cozido,** né. A manteiga, que é a... como é que é?*
*FA: **Tira a nata assim, tinha a manteiga, daí, batia, né, a nata e ai... virava manteiga.***
E: Mas como é que chama manteiga em italiano?
*FA: **Butiro.***
*E: **Butiro!** Tinha tanta coisa boa. **O leite era late, né! Formaio, italiano é queijo.***

---

[88] Não encontramos, nos dicionários consultados, a palavra *ossacoi*. No entanto, em Luzzatto (2000), nos deparamos com o termo *ossacol*, um tipo de embutido denominado copa, que se assemelha à descrição feita pelas entrevistadas.

[89] *Gripole – ciccioli, diciamo a quell avanzo di pezzetti di carne porcina*: semelhante ao torresmo; feito da sobra da carne de porco. (v. MELCHIORI, G. B. *Vocabolario bresciano-italiano*. Brescia: Tipografia Franzoni e Socio,1817.)

[90] Sopa de feijão com legumes e massa. Disponível em: <http://www.amavi.org.br/sistemas/pagina/setores/turismo/ph/municipal/laurentino/Gastronomia%20Tipica%20-%20Alimentacao%20Tipica%20 %20Minestra%20(Sopa%20de%20Feijao).pdf?PHPSESSID=6e6aa7bf6f35bef782b2328206509bec>. Acesso em: 16 mai. 2016.

[91] Puina: ricota fresca, requeijão (LUZZATTO, 2000).

Tanto na entrevistada TC quanto na parenta que a acompanha, divisamos a disposição em falar sobre os nomes dos alimentos, demonstrando o quanto sabiam deles. É interessante notar, também, a importância da interação entre as duas senhoras: uma vai complementando e reforçando a fala da outra. Para o narrador, é importante um interlocutor que dê espaço para verbalizar e para que as lembranças se façam vivas. A dinâmica do convívio entre as duas, então, fez surgir alimentos que, mesmo não tendo sido questionados, elas fazem questão de citar: ***codeghin, ossacoi, gripole, polastro, ministra, puina*** e ***butiro.***

Fato semelhante ocorreu com VC tendo como interlocutor a pesquisadora; ela também faz menção a outras palavras e expressões novas: ***cicio, radici pissacan*** e ***ratisoi***:

> **V.C.**
> *P: E na alimentação?*
> *E:* ***Muita polenta****! Ontem eu fiz polenta, hoje eu fiz* ***tortei.***
> *P: Ai, que delícia!*
> *E: Ontem* ***eu fiz polenta, até mandei lá pra nona, né, uma polenta com frango e molho, a carne era cicio[92] com pocio.***
> *P: Como?*
> *E:* ***Cicio com pocio!***
> *P: Ah!*
> *E: A gente* ***pociava o pan****! Muito* ***macarron. Pane,*** *então! Deus o livre! E* ***formaio?! Fortaia, salame! Nossa! Radici, eu tenho plantação.***
> *P: Você tem?*
> *E:* ***Ah! Sem radici não se vive! Eu tenho pissacan, ratisoi[93], o radici do mato, eu colho.***
> *P: Fala tudo de novo? Você tem o quê?*
> *E:* ***Pissacan[94]*** *que é o radici do mato,* ***ratisoi*** *é outro radici do mato. O pissacan é aquele que dá a florzinha amarela, dente de leão. O ratisoi é um que tem a florzinha, ele é meio azuladinho, serralha, acho que é em português. [...]*
> *E: Então nesses encontros que eles faziam, eles cantavam* ***La bela polenta****,* ***Mazzolin di fiori,*** *acho que a nona amava muito essa música.*
> *E: Aquela lá ...****La gigiota la ga bambin, che belin, che belin[95]****...a nona cantava muito essa música.*
> *P: E verginella?*
> *E: "****La verginella não posso trovar[96]****...",* ***essas músicas eles cantam, cantam até hoje neste encontro de família****. [...]*

---

[92] *Cicio* – carne gorda, gordura. *Cicio* com *pocio:* carne ao molho (LUZZATTO, 2000).
[93] Não encontramos definição para *ratisoi*.
[94] Chicória do mato, dente de leão (LUZZATTO, 2000).
[95] Em Luzzatto (2000, p. 149), *Gigiota* é diminutivo do nome *Gigia*, que significa Luísa: "A Luísa tem uma criança, que bonitinha". Variante de Luisa: /Luigia/Gigia/Gigiota.
[96] A virgem não posso encontrar.

É interessante marcar que a vergonha, notada no início da conversa, dá lugar à alegria e à vontade de expressar suas lembranças mais significativas; desse modo, mais dados são levantados, confirmando que o *talian* está presente e mais forte na vida da entrevistada do que se aparentava.

> **OB**
> *E: A comida que a gente ainda mantém o prato:* ***a polenta, o queijo, o salame, o radici coti****, essas coisas, são coisas do italiano. Eu mantenho a* ***polenta com polastro,*** *inclusive tem uma turma ai da catedral, que eu faço de vez em quando a janta pra eles, eles pedem pra mim fazer, é frango com molho e* ***radici coti****, e* ***salame, formaio, polenta e tocio***[97]*, então essas coisas.*

> **JG**
> P: O *que, além da língua, é preservado na sua casa?*
> *E: As comidas.*
> *P: As comidas típicas?*
> *E: Sim.*
> *P: O que especificamente?*
> *E: Que* ***nem a polenta, né, a fortaia, a gente faz bastante.***
> *P: Vocês fazem fortaia?*
> *E: Faz, ahh, eu não sei... o* ***radici coti...*** *minha mãe fala, né, que eu me lembre agora é isso.*
> *P: Vocês se reúnem aos domingos? Vocês têm o hábito de fazer o almoço de família?*
> *E: Antigamente era mais comum, era todo o final de semana, a família reunida, aquela gentaiada,* ***falando alto e cantando em italiano e gritando.***
> *P: Na sua casa?*
> *E: Na minha casa, na casa dos meus tios. Agora, é mais raro, mas se reúne ainda.*
> *P: E quando se reúne é pra cantar e comer?*
> *E:* ***É, pra fazer festa mesmo! (risos)***

> **LP**
> *E: Através do grupo folclórico,* ***Ladri di Cuori****, a gente tem um resgate cultural das diversas falas e costumes da época, bem antes da imigração até.*
> *E: Nos hábitos alimentares,* ***polenta*** *basicamente,* ***quirera***[98] *basicamente, costelinha de porco frita, mondongo*[99] *ou buchada, né. É, tem a* ***sopa de agnolini*** *que volta e meia tem...* ***macarronada,*** *básico, né. (risos) [...]*

---

[97] Polenta ao molho.

[98] Do tupi-guarani cuí-r-era: as farinhas. No Paraná, esta palavra é usada para definir o milho quebradinho, usado para tratar de pintinhos (Disponível em: <http://www.dicionariotupiguarani.com.br/dicionario/quirera/>. Acesso em: 16 mai. 2016.) Comida dos tropeiros (MATIAS e MASCARENHAS, 2008). (Disponível em: <http://www.uesc.br/revistas/culturaeturismo/edicao3/artigo2.pdf.>. Acesso em: 16 mai. 2016.)

[99] Mondongo – de origem hispânica (FERREIRA, 2004). Não foi encontrado referencial nos dicionários do *talian*, tampouco no dialeto vêneto. No entanto, ao pesquisarmos sobre a origem da palavra, pudemos notar que tem suas raízes nos negros africanos. O termo mondongo entrou para o vocabulário argentino e uruguaio por volta de 1810, da mesma forma que batuque, papagayo, mucama. Nesse mesmo período, inicia-se a chegada de grandes ondas imigratórias da Europa. (FREITAS, M. A. *O povo negro na bacia*

> *A gente aprendeu muitas* ***orações em italiano.*** *Hoje não lembro mais..., mas a gente aprendeu a cultuar a* ***fé, principalmente católica****, com os mais velhos, né, eles tinham muito isso na base da educação. [...]*
> ***As canções e as histórias a gente tá sempre resgatando através do folclore italiano, né, faz parte do nosso dia a dia dentro do grupo folclórico****, inclusive o meu, o único que sobrou da primeira formação do grupo... eu venho mantendo isso no que eu escuto, no que eu gosto de ouvir do folclórico voltado mais para o Rio Grande do Sul, mais italiano.*

No caso de LP, além da preservação da cultura alimentar do imigrado, também constatamos a mescla das culturas, isto é, ainda que o entrevistado seja um descendente resoluto, traz em seus hábitos alimentares comidas que foram incorporadas ao cotidiano *italiano* e que, contudo, são de outras origens étnicas: africana – "o mondongo" – e indígena – "a quirera" (cf. nota de rodapé). Tais alimentos hoje estão introduzidos na cultura brasileira. O termo "mondongo", por exemplo, é mais recorrente em certas localidades da região Sul, enquanto que, em outras regiões, é bastante conhecido como "dobradinha" (prato feito com o bucho de bovino), em italiano conhecido como "*trippa*", no dialeto vêneto "*tripa*". A "*tripa*", alimento antigo, era consumida na Itália antes mesmo da imigração, comida simples presente na mesa dos mais pobres.

É importante que se esclareça sobre a tradução e a origem de alguns nomes, haja vista a necessidade de reforçar a concepção de que não existe uma língua sem nenhuma influência.

A alimentação significa mais do que uma necessidade biológica, pois as minúcias do produzir, preparar e degustar despertam emoções ligadas às lembranças, o que, por sua vez, reforça a identidade étnica. Para Bernardi (2005, p. 54), "[...] a gastronomia é própria dos homens, e pertence tanto ao âmbito da cultura material quanto da cultura extra-material, em uma interação que leva a definição de cada povo [100]".

Tais elementos culturais têm sido transmitidos através das gerações. No que respeita à transmissão, o autor mencionado (2005, p. 56) reitera sobre as colônias no Sul do Brasil, ressaltando que houve adaptações, mas, também, conservação de alguns hábitos alimentares ligados à culinária rural e pobre. Segundo ele, são

---

do rio da Prata no século XVIII. P. 388. Disponível em: <http://www.humanas.ufpr.br/portal/cedope/files/2011/12/O-povo-negro-na-bacia-do-rio-da-Prata-no-s%C3%A9culo-XVIII-Marcel-de-Almeida-Freitas.pdf.>. Acesso em: 01 mar. 2016.) "Entre as diversas iguarias procuradas pelos moradores da Serra nos dias mais frios, uma é bastante peculiar: o bucho, também conhecido por tripada, mondongo, dobradinha, buchada, entre outros". (Disponível em: <http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/cultura-e-tendencias/almanaque/noticia/2016/05/bucho-uma-relacao-de-amor-e-odio-entre-os-moradores-da-serra-gaucha-5811631.html>. Acesso em: 01 mar. 2016.)

[100]*La gastronomia è propriamente degli uomini, ed appartiene sia all' ambito della cultura materiale che a quello della cultura extra-materiale, in un' interazione che concorre a definire l' identità di ogni popolo.*

> Salames tradicionais, os queijos, as ervas (almeirão ou chicória do mato), a polenta, o frango no espeto (que veio enriquecer o churrasco brasileiro), os doces de carnaval (*grostoli* ou cueca-virada), o *tortei* (massa tipo *capeletti* recheada com abóbora), a macarronada (feita com uma massa semelhante ao espaguete e condimentada), a *fortaia* ou omelete, a carne assada ou cozida com *crem*, um molho feito de raíz forte ralada e misturada com vinagre, o pão caseiro, o pão assado no forno doméstico.[101]

Concebemos, em conformidade com Bernardi (*op. cit.*), que, por meio dos hábitos alimentares simples, porém genuínos, os descendentes de imigrados conseguem manter vivo o sentido de pertencimento étnico.

O autor relata, em sua obra, que a polenta é um alimento que remonta desde os tempos pré-históricos. Na mesa dos vênetos, tornou-se elemento de identidade. Destaca, ainda, que se fazia polenta, não somente do milho, mas, também, de outros tipos de farinha (BERNANDI, 2005).

É significativo lembrar que a polenta foi o alimento nutritivo que saciou a fome de muitos italianos desde a Itália; em contrapartida, muitos adoeciam ou morrriam, devido à carência de outras vitaminas, já que comiam praticamente apenas a polenta.

Dada a importância desse prato, entendemos que são hábitos e costumes mantidos e, ao mesmo tempo, atualizados por cada nova geração. No contexto brasileiro, por consentimento ou necessidade, percebe-se, igualmente, a adesão à cultura local, como vimos no caso de LP e junto à entrevistada TC, quando menciona, por exemplo, o feijão, a mandioca, entre outros.

Ademais, podemos inferir que as canções recordadas foram transmitidas e, de certa forma, continuadas; contudo, suas execuções foram reduzidas a momentos específicos de confraternização, nas festas de família.

Falemos agora de outro tipo de memória reportada por Bergson (1999) – a "memória lembrança" – que pressupõe uma experiência anteriormente vivenciada e que está impressa na memória, porém não está inscrita nas vivências do tempo presente. O autor a compara a um acontecimento na vida que contém uma data e não pode, consequentemente, repetir-se. Por ser deste modo, a "memória lembrança" é a representação que tem preservado seu lugar e data, ao passo que a "memória hábito" é a ação que, pela repetição, cria em nós atitudes que acompanham, automaticamente, nossa percepção das coisas.

---

[101] *Salumi tradizionali, i formaggi, le erbe (i radici), la polenta, il galletto allo spiedo (che è venuto ad arricchire il churrasco brasiliano, i dolci di carnevale (cróstoli), i tortelli di zucca, la pastasciutta (i bígoli consì), le frittate, il bollito con cren (la radice di ràfano grattugiata, mescolata ad aceto), el pan de casàda, il pane cotto nel forno domestico.*

E seguindo com o autor aludido (1999, p. 89), a "[...] memória lembrança já não nos representa nosso passado, ela o encena; e, se ela merece ainda o nome de memória, já não é porque conserve imagens antigas, mas porque prolonga seu efeito útil até o momento presente". Em análoga linha de pensamento, Ricoeur (2014) trata do mesmo aspecto, explicando a ausência da memória lembrada, em que a memória somente está presente na forma de representação; isto é, como rememoração, a qual tem como base "[...] o retorno à consciência despertada de um acontecimento reconhecido como tendo ocorrido antes do momento em que esta declara tê-lo sentido, percebido, sabido".

No que concerne aos entrevistados deste estudo, o *filò* é um evento que não ocorre mais. Como aludido, era um modo dos mais antigos confraternizarem, celebrarem a fé, conversarem durante o tempo em que praticavam trabalhos manuais para o sustento das famílias. Em razão das mudanças em relação à concepção de trabalho e de vivência em comunidade, esses tipos de reuniões ou saraus ganharam novas configurações que, pouco ou nada, tem a ver com o *filò*, isso, claro, referindo-se às famílias dos entrevistados desta pesquisa.

Ademais, com um pouco de esforço, as orações são recordadas; todavia, ao que foi relatado e demonstrado durante as entrevistas, não são praticadas na língua *taliana*, mas em português, com exceção da avó da entrevistada VC. Na sequência, encontram-se delineadas locuções que podemos reconhecer como "memórias lembranças", isto é, expressões indicativas, sob a forma de testemunhos, do quanto o filò e as orações foram significativos na vida de alguns entrevistados, a ponto de, no momento da entrevista, serem rememorados.

Quadro 6 – Relação Participantes x "Memórias lembranças"

MD	***Fazia* muito filò! Nossa! A gente *se reunia* na casa de alguém.** ***A luz era de lamparina...* e *comia* pinhão, comia pipoca, qualquer coisa que tinha...tomava um brodo[102], um brodo de galinha caipira é uma delícia, né! No verão a gente cantava, cantava aquelas músicas italiana! Minhas irmãs que cantavam, tinham voz boa pra cantar! Cantava mais Mazzolin di Fiori, tinha outra que *não me lembro agora.*** ***[...]*** ***Na escolinha que era igreja também, a *gente rezava em...* eu acho que em italiano... porque eu *aprendi a rezar em italiano*.*** *P: O que a senhora lembra?* *E:* ***Pai nosso, Ave Maria, não me lembro mais agora... "padre nostro che sei nel cielo... (risos) santificato...não me lembro...sia fata la vostra volontà cosi in cielo in terra cosi ... Ave Maria, grassia plena dominus tecum... (reza em latim)***
DC	***Fazia, se reunia com os vizinhos e fazia filò, conversava, colocava os assuntos em dia.***
DC	***Ma, nossa do céu! Ia jogar baralho, acompanhar a capelinha**, a gente chegava na casa e depois até seis, sete casas, né! **Rezava o terço, fazia um filò! As crianças brincavam lá***

[102] Brodo – caldo (LUZZATTO, 2000).

	fora, né, e todo mundo ia na igreja. E daí, era todo mundo que recebia pinhon, era milho verde, amendoim.
OB	***Filò, a gente fazia. Lá a gente ficava conversando, conversava, às vezes fazia algum trabalho, principalmente quando tinha as festas nas igrejas, no interior, nas colônias. Então a gente tinha que fazer a bolacha, tinha que fazer a cuca[103], tinha que fazer as coisas, a gente ia à noite, porque durante o dia a gente tinha que trabalhar na roça***.
MF	***Filó!? Fazia! Naquela época já era acostumado a fazer filó. Quando eu morava em Santa Catarina***... ***quando era já, idade de12, 13, 14 anos***... *então,* ***a gente ia de noite fazia o filó na casa dos vizinhos. (risos), comia pinhão, tomava vinho, chimarrão...(risos)*** *Ah!* ***Nós rezava só em italiano.*** *(Filha 2 pede ao seu pai para que faça uma oração): Faz uma oração!* *E: "****Ave Maria, piena di grassia, il Signore è convosco. Benedeta sois voi entre le femine. Benedeta el frutto del vostro ventre, Gesù". (risos)*** *Filha 1: Nem sabia que ele sabia. Você sabia?* *Filha 2: Não sabia.* *P: Que coisa, né, e a família não aprendeu, que pena?* *Filha 2: A história do* ***Nanetto Pipetta,*** *o pai conta pra nós desde pequeno. Eu não lembro da história...mas eu lembro que o pai conhece... Nanetto, Pipetta?* *E: Ah!* ***Vinha nos jornais, no Correio Rio Grandense****.* *E: Nanetto Pipetta?* *Filha 2:* ***Nanetto Pipetta*** *ele sempre lia pra gente.* *P: Ele lia? Será que ele sabe ler ainda em italiano?* *Filha 1: Acho que ele sabe.* *Filha 1: O senhor consegue ler em italiano?* *E: Eu consigo ler. Eu entendo também, os dizeres.* *P: Deixa eu achar uma coisinha por senhor ler.* *P: Tem aqui um texto pequeno:* (anexo 2)

Fonte: Elaboração do pesquisador.

O senhor MF, ao orar a Ave Maria, faz uma mescla entre a língua italiana padrão, o *talian* e o português. Podemos dizer que esse indivíduo é permeado pelas três línguas. Sua leitura, conquanto lenta e um pouco insegura pelo fator idade, ocorreu razoavelmente bem, prestando atenção aos fonemas e às silábas tônicas. Ressaltamos que a prática da oração em língua *taliana* tanto não o é exposta no âmbito social que as filhas dele ficam admiradas do pai conhecê-la: "*Filha 1: Nem sabia que ele sabia. Você sabia? Filha 2: Não sabia*". Mais um indicativo de que a língua se encontra "escondida/velada".

Os excertos ilustrados trazem indícios de que essa atividade ficou no passado: a forma como os entrevistados usam os verbos no tempo pretérito imperfeito; ou seja o tempo da narrativa: "*quando eu morava, quando era a idade de 12, 13, 14 anos*", "*a luz era de*

[103] Pão de origem alemã. (DAMKE, 2010). Disponível em: <http://www.reitoria.uri.br/~vivencias/Numero_010/artigos/artigos_vivencias_10/l17.htm>. Acesso em: 15 dez. 2015.

lamparina", "*a gente rezava*", "*a gente comia*", "*cantava*", "*conversava*", etc. Com exceção de VC que relatou a prática do *filò* entre alguns familiares que habitam em um distrito cascavelense, o restante se referiu ao evento sempre usando o verbo no passado.

O *filò* conseguia agregar língua e cultura entre os descendentes nas colônias, tendo fundamental importância na manutenção dos hábitos e costumes dos imigrados *italianos.*

Constatemos como a entrevistada VC descreve essa reunião noturna, bem como sua afirmação de praticar o *filò* com seus familiares:

Quadro 7 – Entrevistada VC comentando do *filò*

VC
P: A sua avó e o seu avô faziam filò? *E: Fazer filò? Ixi!!* ***A minha bisnona amava fazer filò!*** *P: É?!* *E: Nossa!* ***Quando fala filò, eu lembro da bisnona, eu consigo ver ela! Ela morreu com noventa e oito anos. Ela era chegada num filò****!* *P: E o que era o filò que ela fazia?* *E:* ***Era ficar acordado, contando coisa, conversando, ela fazia chapéu de palha, então ela falava: vamos fazer um filò?! Daí, enquanto isso, ela fazia chapéu de palha, essa minha tia de São Jorge ainda faz muito chapéu de palha.*** *P: Ah é?* *E: Ela estava* ***me ensinando esses dias, eu não levo jeito não, eu gosto de artesanato, mas dá muito trabalho trançar aquela palhazinha... mas ela faz****.* *P: Pra vocês se reunirem pra conversar.* *E: Pra conversar e fica* ***mais tarde do que às 8 horas da noite, né, passar das 8, assim é fazer filò.*** *P: Ah, legal! Então vocês têm o hábito ainda do filò!* *E:* ***Sim, queima lenha no inverno, quando a gente vai embora, tarde, porque semana que vem nós vamos lá, aí, eles têm o fogão a lenha na cozinha, né, a gente fica lá fazendo filò.***

Fonte: Elaboração do pesquisador.

A fé, os ritos, as novenas e orações diárias foram hábitos incutidos nas gerações posteriores. Halbwachs (1990, p. 143), ao expor a importância da inserção das religiões nos espaços onde habitamos, aponta que as religiões estão solidamente estabelecidas, pois os fiéis são conduzidos "[...] a distribuir entre os diversos pontos do espaço o maior número de ideias e imagens que são por ela defendidas. Há lugares sagrados, há outros que evocam lembranças religiosas, há lugares profanos".

A comida é, sem sombra de dúvida, o elemento mais forte e preservado, explicitamente, pelos entrevistados. Observamos o respeitável papel da tradição, na medida em que se repetem determinados costumes e hábitos.

É interessante precisar que a alimentação, desde antes dos italianos imigrarem, é um fator marcante: primeiro porque, ainda na "Itália", sofriam pela escassez de comida; depois, já no Brasil, a adaptação àquilo que havia para se nutrir até que conseguissem produzir seu próprio alimento. Tedesco (2001, p. 94) esclarece que "[...] o confronto com alimentos nativos dos bugres/índios e com os hábitos da farinha de mandioca e carne seca dos nordestinos e paulistas, bem como o horário da alimentação, etc.". Tudo isso passou a fazer parte da vida do colono. Como bem comentam TC e MF, produziam e comiam tudo o que era possível plantar: *mandioca, feijão, salada de abobrinha, chuchu, milho verde, amendoim, comer pinhão e beber chimarrão.* E Bernardi (2005, p. 57) assevera: "[...] quem está enraizado na própria cultura não tem medo de ser dominado pelo diferente, e, por isso, está mais disponível ao diálogo entre as culturas"[104].

Quando reportam a seus hábitos alimentares ou de seus familiares, podemos notar que suas lembranças remetem a odores e sabores que, consequentemente, despertam outras lembranças ligadas a outros tempos. Certos hábitos alimentares elencados pelos entrevistados fazem parte de um sistema cultural repleto de significados. Por isso, algumas tradições são tão bem conservadas, como o costume de comer a polenta com frequência, cortando-a de uma maneira específica; de plantar, colher e preparar o *radici* de um determinado modo. Reiteramos que, nas entrevistas, a polenta foi o alimento mais citado e, também, enaltecido. Em nossa concepção, a polenta é um símbolo de identidade étnica que reporta aos tempos da Itália antes de imigrarem.

Conquanto relatem sobre o *filò*, as canções e a fé, tudo isso está permeado, sobretudo, pela culinária, pois onde havia festa, havia – inevitavelmente – comida. Ao que podemos verificar, as confraternizações se caracterizam como momentos de fartura e celebração da família e da fé.

Concluímos este tópico da análise, ressaltando que falar sobre os elementos culturais possibilitou recordações de outros momentos e outras palavras. Além disso, não somente a língua *taliana* marca a sua origem, mas outras características fortes, como evidenciamos, também simbolizam a identidade étnica.

---

[104] "*Chi è ben radicato nella própria appartenenza culturale non teme di essere sopraffatto dal diverso, ed è quindi più disponibile al dialogo fra le culture*".

7.3 Os reflexos do rudimentar e do moderno

No que concerne à cultura do imigrado, esta seção tem o objetivo de trazer à baila a questão dos prejuízos e benefícios quando nos reportamos a certos aspectos da modernidade e da tradição.

Na atualidade, vivemos uma época de culto à tecnologia, que nos seduz de tal maneira que o rudimentar e suas tradições se apresentam sem graça e ultrapassados. Para compreendermos tal concepção, a partir da perspectiva dos participantes da nossa pesquisa, aprofundaremos nosso enfoque sob alguns trechos das entrevistas que sinalizam o duelo entre o rudimentar e moderno, mostrando que, nem sempre, é possível que esses dois elementos caminhem juntos. Até porque a ideia de modernidade tem pressupostos nos elementos étnicos tidos como obsoletos, ainda que considerados importantes para a formação do indivíduo. Dividimos, pois, esta seção em duas partes, enfatizando, por meio das narrativas, como a busca pelo progresso velou o *talian* e como alguns elementos culturais reputados rudimentares ainda resistem.

7.3.1 Cascavel no início: a busca pelo progresso

Conforme Lambert e Lambert (1975, p. 101), há um ajustamento social nos contextos de interação, em que nossas atitudes se desenvolvem pelo enfrentamento dos nossos ambientes sociais e do modo como nos ajustamos a eles.

Já o historiador Certeau (1990, p. 41) focaliza as “maneiras de fazer” que são “[...] as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sócio cultural”. Imbricados à necessidade de adequar-se, estão os interesses imperialistas que fazem pano de fundo ao conceito de moderno.

É necessário compreender que há uma história oficial que impõe versões incontestáveis e exclui outros eventos com memórias que, se não forem suscitadas, serão esquecidas. A consequência de tal esquecimento ou velamento comprometerá o modo como as gerações mais novas conceberão o passado, e, consequentemente, o futuro.

A questão entre história e memória é levantada por Nora (1981, p. 12), para quem “[...] a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga a continuidades temporais, às evoluções, e às relações das coisas. A memória é o absoluto e a história o relativo”.

Segundo o autor, desde o momento em que as sociedades modernas se transformaram de memória para história, “[...] desaparece um imenso capital que nós vivíamos na intimidade de uma memória, para só viver sob o olhar de uma história reconstituída” (NORA, 1981, p. 12). A imposição daquilo que entra para a história oficial e do que não entra define, consideravelmente, a noção de certo e errado, bom e ruim, que permanecerá no futuro.

Em nossa pesquisa, o que verificamos em relação aos entrevistados mais novos é que há um esforço de querer manter a raiz étnica. Em alguns, é perceptível a vontade de conservar a cultura hereditária. Contudo, para que isso ocorra, Giard (1990:13), citando a concepção de Certeau, afirma ser preciso deslocar “[...] a atenção do consumo supostamente passivo dos produtos recebidos para a criação anônima, nascida da prática do desvio no uso desses produtos”. O desvio seria não abandonar suas raízes; antes, resistir e vê-las como parte fundante de quem somos, bem como de quem seremos futuramente, buscando manter os laços culturais adquiridos no seio familiar e tendo consciência de tudo o que esse laço pode resguardar.

Não obstante a ideia de preservação que pudesse reinar na vida de cada um que migrou para o município de Cascavel, sabemos, como cotejado no primeiro capítulo quanto à formação da cidade, que se buscava povoar esses espaços de acordo com a ideologia governamental. Para Sovik, na apresentação do libro de Hall (2003, p. 17), “[...] o trabalho de elaboração e produção de cultura, em todos os âmbitos, é de interesse público, político”. Assim, sempre existem interesses desconhecidos em jogo. A esse respeito, Certeau (1990, p. 51) afirma que há um desafio entre “[...] os espetáculos de estratégias globais e a opaca realidade de táticas locais”.

De todo modo, Hall (2003, p. 79) sustenta que as sociedades da periferia têm estado sempre abertas às influências culturais ocidentais e, agora, mais do que nunca. O autor garante ser uma fantasia pensar em lugares fechado, puros, de culturas intocadas. As sociedades locais também produzirão novas identificações globais, ainda que seja em um ritmo mais lento.

E Hall (2003, p. 81) prossegue, ao tratar das identidades dos movimentos migratórios, destacando que: “[...] as pessoas mais pobres do globo, em grande número, acabam por acreditar na ‘mensagem’ do consumismo global e se mudam para os locais de onde vêm os ‘bens’ e onde as chances de sobrevivência são maiores”.

A migração para o Oeste paranaense configurou-se como o lugar de aquisição desses “bens”, isto é, a chance de crescimento econômico. Os trechos seguintes relatam como era Cascavel e apontam como a cidade, desde o início, busca a expansão das relações comerciais o e sucesso financeiro. Evidenciam, também, a postura dos “novos cascavelenses” diante da nova realidade. Finalmente, será possível refletir sobre a maneira como se sentem os mais velhos em relação aos reflexos da modernidade e como os mais novos se veem em referência ao passado:

MF

E: *Aí, comecei a trabalhar aqui,* ***eu vim pra Cascavel, comecei a trabalhar no comércio de madeireira****, eles tinham um* ***pinhal muito grande*** *aqui, então* ***exploravam a madeira****, né, então eu passei a trabalhar na firma, eu era vendedor de madeira, tinha um depósito de madeira,* ***e naquela época chegava muito imigrante de fora*** *[...] passavam em Cascavel, e aqui como tinha o depósito de madeira, eles então, aproveitavam e paravam para fazer coleta de preço, aquela coisa, eles precisavam se instruir depois que fossem para outro lugar. Ai, eu vendia muita madeira.* ***E eles se comunicavam aqui, já em português, esse pessoal que vinha.***
P: Eles já falavam português?
E: Alguns falavam italiano, outros, português, porque existiam muito de ouvir os alemão que vinham pra cá também, então aqueles que eram de origem italiana... os mais idosos, o que eram mais de idade, falavam italiano, agora os novos, português.
[...]
E: *Aqui, por exemplo, em* ***Cascavel, quando chegamos, aos domingos se reuniam aquelas pessoas de idade assim, que jogava baralho, só se falava em italiano, (risos)***
P: *Ah é! Nossa, legal! E isso não existe mais?*
E: *Não, porque hoje* ***caiu em desuso****,* ***a nova geração, por exemplo, não fala mais italiano, né, já falam português,*** *diz que os alemães também falavam em alemão, e depois agora posteriormente quando foi criando aquela rapaziada, assim, tudo português.*

Novamente o entrevistado MF coloca em contraponto a vida financeira nova com uma língua ultrapassada; ao lançar mão da forma "caiu em desuso" demonstra que o *talian* é uma língua obsoleta que está sendo substituída por outra mais moderna e eficiente.

É importante salientar que a indústria madeireira atraiu muitas famílias e o comércio ia se constituindo na compra e venda. Com isso, o contexto impelia ao trabalho e, por tabela, ao uso do português. Compreendemos, portanto, que o sujeito transcende a sua dimensão familiar do uso do *talian.*

MD
E: *Então já era uma cidade... mas era, já tinha até bastante famílias, mas a* ***maioria das famílias eram paranaenses, porque eles não plantavam nada! Eles diziam que aqui não dava.***
P: Os paranaenses?
E: Os paranaenses, aí... ***<u>veio os gaúchos, de lá, né, ai eles começaram a plantar.</u>***

Na fala de MD, a visão do paranaense que remete ao caboclo tem um sentido pejorativo, pois a concepção de trabalho é diferente; em outras palavras, o descendente de europeu se considera mais apto ao trabalho que o caboclo. E, para o governo, não é diferente; afinal, vendo-

o como prejuízo para a região, descarta sua mão de obra em "prol" do conhecimento e da tecnologia dos imigrantes. Na realidade, já discorremos neste trabalho, que os caboclos tinham uma ideia diferente sobre agricultura, isto é, uma ação mais rudimentar.

Brocardo (2013, p. 261) explicita que foi, no início do ciclo da madeira, no final da década de 1940, que começam as ondas migratórias de famílias catarinenses e gaúchas. Esses indivíduos tiveram um importante papel no fortalecimento da cidade como **polo econômico da região**[105]. É uma interpretação que, de certo modo, acarreta em exaltação à presença dos descendentes de europeus na região Oeste do Paraná, esquecendo índios e caboclos que já estavam na região há muito tempo, como visto no capítulo da formação de Cascavel.

> **DG**
> *E: O meu pai foi fundador de Cascavel.*
> *P: O senhor sabe se aqui em Cascavel tem muito descendente de italiano?*
> *E: **Tem bastante! A grande predominância aqui é de italianos**. Primeiro vieram os do Rio Grande e de Santa Catariana. Depois, daí, vieram o pessoal do Norte Paulista. Eles não chegaram antes, porque havia obstáculos naturais lá em cima, na divisa do Paraná com São Paulo, havia o rio Paranapanema, não tinha ponte. Depois tinha o rio Ivaí, ali perto de Campo Mourão, ali também não tinha ponte e principalmente o rio Piquiri era a divisa natural entre o Sul e o Norte. [...] Quando eles conseguiram atravessar o rio Piquiri, daí, houve essa mescla! Então o pessoal do Norte, os paulistas, mineiros e nordestino...*
> *[...]*
> *E: **Porque o povo cascavelense acabou se formando por uma junção de outros**, **não existe um cascavelense mesmo, natural. Eu te digo, bem no início era difícil encontrar um paranaense aqui.***
> *[**...**]*
> *E: Sim, aqui tinha muito pinheiro, aliás, **a primeira grande riqueza em Cascavel foi o pinheiro, a araucária**.*
> *P: Verdade?!*
> *E: Depois veio **a colonização da lavoura, agroindústria e frigorífico** tudo mais até chegar hoje né o terceiro grande desenvolvimento em Cascavel se deu com **a criação da universidade com o ensino superior veio concretizar o desenvolvimento de Cascavel.***

O senhor DG explica como se deram as migrações e as misturas de povos na região Oeste do Paraná, levando-nos a compreender que o povo cascavelense vai se formando aos poucos, com a mistura dos caboclos e dos migrantes que se estabeleceram na cidade. Além disso, ele elenca três elementos que marcam o "projeto de desenvolvimento do progresso": a) agricultura: lavoura; b) indústria: agroindústria e frigoríficos; c) instituição de ensino: ensino superior. A concepção de crescimento está vinculada ao modo de produção capitalista de

[105] Grifo nosso.

representatividade financeira e à criação de instituições de ensino para certificação do saber como meio de profissionalizar seus habitantes. Tudo isso vem ao encontro da posição de Giddens (2002, p. 13), ao dizer que, quando a tradição vai perdendo seu espaço, a vida diária vai sendo reconstituída "[...] em termos do jogo dialético entre o local e o global"; logo, o ser humano é forçado, pelas várias opções, a escolher um estilo de vida.

As marcas do rudimentar caminham juntas à modernidade dos anos, apesar de não parecerem as mais relevantes de serem mantidas. A busca pelo avanço social e econômico pode ser vista, especialmente, nos discursos de MF, MD, DG, VF, OB e LB. Para eles, a expansão ocupa um lugar de destaque, que leva a transformações sociais significativas, crescimento profissional e maiores oportunidades. Sobressaem expressões como: "*italiano* que caiu em desuso", "paranaenses que não plantavam nada (nativos)", "aí vieram os gaúchos", "a predominância é de *italianos*", termos que revelam a obsolescência do modo de produção (BOURDIEU, 1998).

Não podemos negar, tampouco negamos, a importância de tecnologias que melhorem a vida do ser humano; há muitas contribuições, sendo uma delas relatada por OB e LB: graças à companhia aérea que operava voos no município de Cascavel, era possível a manutenção da leitura do periódico *Correio Riograndense*, que vinha, mensalmente, do Estado do Rio Grande do Sul. O jornal, de cunho religioso e político, era escrito em língua italiana padrão. Vale, aqui, um adendo. Em 1924 e 1925, frei Paulino (Aquiles Bernardi) escreve e publica o seriado *Nanetto Pipetta* em *talian*. Após 1939, o jornal antes chamado de *Stafetta Riogandense* passou, no período da Segunda Guerra Mundial, a responder por *Correio Riograndense*, recebendo edição em língua portuguesa. Somente com o fim da Guerra, foram retomadas algumas seções em italiano.

Nas transcrições das entrevistas, são ressaltadas marcas que indicam o progresso desejado, como "a tecnologia de viagens aéreas", citada, também, por DG. Considerando Cascavel se tratar à época de uma cidade recém-fundada, já podia contar com um meio de transporte mais veloz e moderno. E, ainda, onde antes só se via cavalos e charretes (DG), famílias mais abastadas tinham carros que circulavam pelas ruas empoeiradas. Observemos:

> **OB (mãe) e LB (filha)**
> *P: Dona O., a senhora já ouviu falar do jornal Correio Rio Grandense?*
> *E.1: Sim, sim.* ***O meu pai assinava o Correio Rio Grandense.***
> *E.2: O pai assinava esse jornal, ele recebia aqui com uns quinze dias de atraso, mas vinha.*
> *E.1: Vinha, vinha. No começo quando a gente veio pra cá.*

> *E2: Eu acho até, se eu não estiver muito enganada, esse era* ***o jornal que circulava aqui, que vinha de avião na época que eu era criança tinha teco-teco, aqui, os destinos era, Porto Alegre, Erechim ... eu acho... sei lá.***
> *E1: Era* ***avião da Cruzeiro e da Real****, mas não era teco-teco, era avião pequeno.*
> *E.2:* ***Tinha até Varig****, né, mãe.*
> *E.1:* ***Depois veio a Varig****, mas quem começou foi a Real, ela vinha do Norte do Paraná, ela vinha aqui em Cascavel, daqui ia pra Chapecó.*

Em relação ao processo do trabalho empreendedor e do conceito de modernização, o entrevistado DG deixa claro que a família veio do Rio Grande do Sul com uma boa situação financeira, mas com o intuito de deixar sua marca no município de Cascavel, inclusive politicamente. Seus relatos vão certificando nossa afirmação:

> **DG**
> *E:* ***O meu pai foi fundador de Cascavel. Ele chegou aqui no avião...*** *pena que eu não trouxe a fotografia.* ***Desceu aqui na Avenida Brasil era um campo de pouso que havia ali em direção a prefeitura****.* ***Foi o primeiro aeroporto****,* ***era uma pista de pouso da FAB****, descia aqui, de vez em quando descia um aviãozinho. Lá no Rio Grande colocaram a gente dentro de um avião: você vai para* ***Cascavel que nós vamos começar uma empresa lá****.* ***O meu pai sempre foi madeireiro no Rio Grande, ele veio para cá como madeireiro também****. Aqui tinha muito pinheiro, aliás a primeira grande* ***riqueza*** *em Cascavel foi o pinheiro ...a araucária.*
> [...]
> *E: Então foi fundada a paróquia aqui nossa senhora do Caravaggio no Jardim* ***Maria Luiza tem a paróquia e a imagem que minha mãe trouxe está lá dentro, trouxe 1948.***

De todos os entrevistados idosos, o senhor DG é o mais adepto à modernidade e o que menos demonstrou ter ligação com a língua *taliana.* Referente à cultura, alguns elementos foram preservados, mas os olhos sempre estiverem focados no desenvolvimento e na modernização do município. Esse indivíduo e sua família caracterizam-se pela maior adequação aos diferentes ambientes sociais.

Invariavelmente, a questão religiosa persiste como forma de expressar sua fé e o amor pela família e este senhor contribui com a doação de uma imagem de Nossa Senhora do *Caravaggio*, espécie de lembrança que é importante para o seu grupo familiar, remetendo à figura de sua mãe.

Na mesma direção, o autor Halbwachs (1990, p. 69) considera que existe, em cada época, forte relação entre os hábitos, o grupo e o aspecto dos lugares onde o indivíduo vive. Com isso, há outros interesses, além de se ter uma vida melhor, dando continuidade ao seu modo de viver, criando uma história e deixando sua marca não apenas na economia, mas,

igualmente, na política. Quanto mais são multiplicadas as relações de produção, maiores são as interações e o processo de modernização de certos hábitos e costumes.

7.3.1.1 Sentimento em relação à língua e à cultura "rudimentares"

Previamente, podemos visualizar, no próximo quadro, trechos pertinentes que ressaltam alguns sentimentos que concernem à língua e à cultura do imigrado em Cascavel. Após esse pequeno demonstrativo, seguem as análises das possíveis razões dos sentimentos ora expressos:

Quadro 8 – Relação participantes x sentimentos língua e cultura

"Tem um monte de história perdida mesmo [...] em Cascavel". (LB)
"O descendente de italiano perdeu muitas raízes, né, ele não sabe pra onde vai... ele não sabe da onde veio". (LP)
"Antigamente tinha muito italiano, mas Cascavel cresceu demais". (VF)
"Quanta coisa a gente não preservou, né! [...] a gente não aprendeu isso, foi um relaxo". (F1 e F2 do senhor MF)
"Ela não é íntima. Não é minha amiga". (JB sobre o ***talian)***
"Porque eu não gostava na época que eu poderia ter aprendido, que se falava mais". (CC)
"Cada um prefere guardar pra si mesmo". (JG)
"Quantas coisas que nós podia ter guardado". (TC)

Segundo as premissas apresentadas por Certeau (1990, p. 39), para cada produção racionalizada, expansionista, existe outra produção qualificada de 'consumo', que é astuciosa, "[...] mas ao mesmo tempo ela se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios, mas nas maneiras de empregar os produtos impostos por uma ordem econômica dominante".

Tal produção cria, nos indivíduos entrevistados, uma valorização dos produtos "modernos" oferecidos e a impressão de falta de interesse pelos produtos rudimentares. Entretanto, quando entram em contato com a essência dessa cultura, sentem nostalgia e certo mal-estar por não terem aprendido ou de não falarem mais a língua; de não fazerem nada para manter os costumes, etc. Tal fato pode ser observado nas palavras antes sublinhadas: "perdeu", "perdida", "tinha", "não preservou", "não aprendeu", "foi um relaxo", "não é íntima", "não gostava", "guardar pra si" e "podia ter guardado (sentido de preservar)". Existe a sensação,

recorrente, de culpa, como se eles, por si só, fossem os únicos responsáveis por essa situação. Essas pessoas não se dão conta de que as condições instauradas desde a sistematização dos imigrantes e nacionalização dos imigrados refletem as poucas condições sociais de produção em termos de etnicidade.

Os discursos de LB, LP e VF evidenciam a necessidade de haver mais iniciativas em relação à promoção e ao resguardo da cultura do imigrado. Para a entrevistada LB, iniciativas como parcerias com a Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) seria interessante para manutenção da cultura dos descendentes:

> **LB**
> *E: Aquele trabalho da professora da Unioeste resgatou muita coisa, sabe assim e despertou nas famílias o interesse por reescrever essa história que tá perdida na memória,* ***tem um monte de história perdida mesmo, que se você pegar aqui em Cascavel, os sessenta anos de Cascavel, muita história se perdeu aqui por falta de se criar arquivos****, né, eu percebo que assim, que de um tempo pra cá,* ***começou uma tentativa de começar o resgate disso, ai que começaram e aparecer mais descendentes, mais pesquisas, mais pessoas.***

Sobressai no dizer do participante LP, novamente, o papel de espaços públicos como a universidade, bem como dos grupos culturais: o programa de rádio *Italia del mio Cuore* e o grupo de dança folclórica *Ladri di Cuori*, de preservação e divulgação dos saberes "escondidos":

> **LP**
> *E: Aqui em Cascavel dá pra perceber alguma coisa dos costumes italianos vindos, tanto* ***da Unioeste quanto do grupo folclórico ou do programa de rádio Italia del mio cuore****.* ***Porque do Círculo Italiano não se faz absolutamente mais nada****, praticamente o círculo morreu nas mãos dos que estão presidindo hoje.*
> *[...]*
> *O descendente de italiano* ***perdeu muitas raízes, né, ele não sabe pra onde vai... ele não sabe da onde veio, também não vai saber pra onde vai, né****. Então, o que o* ***grupo[106] até se propõe é fazer um resgate cultural e fazer com que as crianças e os adolescentes entendam da onde que veio, porque que veio, através das histórias pelo folclore****.*

Não estar em contato direto com suas raízes dá indícios, muitas vezes, de perda da origem. Em diversos casos, isso até se confirma, mas não é uma regra. A história que, desde o início da tese, estamos tecendo é a busca da compreensão de uma língua encoberta; e, se ela se encontra nesse estado – "escondida" –, é preciso compreender as razões que a levaram a essa

[106] O entrevistado LP é componente do grupo de dança *Ladri di Cuori*.

situação, como já apontamos na Seção 7.1 destas análises. Se for ou não possível reavivar a língua e a cultura *talianas*, somente saberemos oportunizando a fala para instigar a memória.

Ao que podemos notar nos trechos dos relatos é um indicativo da existência de uma cultura de origem *italiana* e o desejo de que possam ocorrer inciativas desveladoras. Nesse contexto, o entrevistado LP ressalta o papel do grupo de dança folclórica, que tem se destacado no município na divulgação da cultura étnica.

No trecho do entrevistado VF, segue descrito o crescimento da cidade, aparentemente reforçando a "perda" das relações mais íntimas e sociais.

> **VF**
> ***Antigamente tinha muito italiano, mas Cascavel cresceu demais**, **Cascavel recebe gente dos quatros cantos do Brasil e de fora do Brasil** [...] Dos pioneiros morreram quase tudo dos velhos... e os filhos alguns poucos igual a mim falam italiano e eles também falam pouco. **Se procurar por aí e começar a formar grupo de gente, eu acho que ainda forma um grupo bom. Nós tivemos um encontro de pioneiros lá no museu e começamos a cantar em italiano e a rodinha começou a aumentar, nós começamos lá com a senhora dona O., eu comecei, ela também canta e já começou... (risos) é questão de se reunir e cada um traz mais dois e mais três, quando vê dá para formar um time bom.***

Na fala do entrevistado, é marcante a necessidade de haver interação com outras pessoas que compartilhem as mesmas raízes, os traços culturais que ligam a um modo tradicional de vida, ainda que, em alguns casos, em níveis diferentes de consciência.

Para o autor Ianni (1996, p. 52), a formação da sociedade global tende a modificar as condições de vida e trabalho, as maneiras de ser, sentir e pensar: "Assim como modifica as condições de alienação e as possibilidades de emancipação de indivíduos, grupos, etnias, minorias, classes, sociedades, continentes".

As percepções e os sentimentos sobre a cultura *italiana* em Cascavel, para os entrevistados seguintes, indicam que há uma **lacuna**, isto é, a ausência das lembranças que poderiam dar alicerce para a manutenção da língua e cultura *talianas*. Fato que se relaciona à aceleração dos envolvimentos e às assimilações da 'comunidade de imigrados *italianos'* à sociedade Sul brasileira.

Ao analisarmos suas falas, constatamos que seria difícil afirmar que as gerações de adultos e jovens, exemplos claros de JB e CC, preferem o *talian* ou italiano, porque eles não viveram isso. Ora, de um lado, quando pensam na história dos imigrantes, ponderam que fazem parte de uma comunidade denominada italiana, mesmo que não tenham como língua original o italiano padrão. Em contrapartida, quando esses indivíduos vão à busca da língua de origem em

cursos de idiomas, deparam-se com o italiano padrão, o qual não é a língua falada pelos pais e avós. É como se ficassem presos a duas dimensões de línguas que não conhecem bem – um entremeio. Na realidade, essas pessoas têm uma compreensão elementar da história da imigração; e mais elementar ainda da história linguística que veio da Itália naquela época, bem como do que aconteceu com essas "línguas" no Sul brasileiro.

No cenário exposto, a questão da língua que se formou é desconhecida pela maioria dos entrevistados. Diante de tal conjuntura, é compreensível que tenham, de fato, uma assimilação confusa sobre que língua é essa e acabam deixando transparecer o sentimento vago e inseguro a respeito do *talian*. Reputamos que não se trata apenas de falta de interesse; antes, de uma ruptura no processo de aquisição por motivos compreensíveis, naquele momento, e "decididos" pela família e pela sociedade. Isso está claro na fala de JB, ao versar sobre o *talian* – "***Ela não é íntima***. ***Não é minha amiga***". Eis fragmentos mais completos, a fim de interpretar o contexto:

> **JB**
> *P: Como você considera a língua da tua família, essa língua do imigrante? Você acha ela bonita, feia, antiga, estranha?*
> *E:* ***Eu acho ela estranha, acho ela diferente.***
> *P: Porque que ela é estranha, diferente?*
> *E:* ***Porque eu não aprendi ela, tudo que é estranho é porque a gente não conhece porque normalmente a gente diz não aquilo que a gente não tem conhecimento, então ela é estranha e talvez pelo falo deles não conversarem mais com a gente não estar junto, não ter aproximado de achar que ela seja...***
> ***P: Mais íntima?***
> ***E: Sim, mais íntima. Isso, ela não é íntima. Não é minha amiga.***
> ***[...]***
> *E: Essa geração que está vindo agora já não é muito fã, me dá essa impressão, já está se distanciando mais. Eu acho que essa geração, meu sobrinho que tem vinte anos, ele não pensa nisso, ele não se atrai.*
> *P: Ele não quer saber da história da família?*
> *E: Sim, exatamente!* ***Eu acho que daqui a pouco ninguém mais vai falar sobre isso, se esses jovens que tem vinte anos não forem, não se interessarem por isso,*** *porque eles têm uma outra facilidade agora, antigamente na nossa família se demorava dez anos para juntar dinheiro para ir para fora. [...]*

JB conseguiu a dupla cidadania e foi para a Itália em busca de novas oportunidades e em busca de suas raízes étnicas. No entanto, teve um choque cultural ao comparar as tradições de sua família e aquela que encontrou na Itália. Segundo ela, o mesmo ocorreu com sua mãe, ao ouvi-la falar em italiano padrão pelo telefone: questiona que não estava entendendo nada e que não era a língua da família. Desse dia em diante, a entrevistada preferiu somente falar em português. A percepção de ser uma língua diferente gera decepção e dúvida.

No período a partir de 1975, os imigrados e descendentes da RCI, no Rio Grande do Sul, comemoram o centenário da imigração italiana, momento que apresenta, segundo Frosi (2000, p. 90), circunstâncias de ordem socioculturais que despertaram o sentimento de italianidade, aquele mesmo sentimento sufocado pela campanha da nacionalização. Nessa nova fase de festividades, "a fala dialetal italiana" era constituída de prestígio social por determinados grupos da RCI (Frosi, *op.cit.*).

Entendemos aqueles que migraram para o Oeste paranaense não viveram esse ressurgimento de valorização do *talian.* A "fala" levada para Cascavel era aquela que deveria ser "escondida" e "sufocada". O que não faltam são justificativas dos pais não quererem ensiná-la aos filhos.

> **CC**
> *E: Eu* ***me arrependo de não ter aprendido a falar****, porque eu não consigo produzir uma frase no dialeto, embora eu consiga entender o que eles falam, sabe. Eu leio também, às vezes e eu consigo entender, mas se for pra produzir, né, eu não consigo.*
> *P: Você acha que é um bloqueio?*
> *E: Pode ser que seja, eu* ***não sei definir,*** *o que é.* ***Porque eu não gostava na época que eu poderia ter aprendido, que se falava mais, mas eu não gostava [...] Às vezes tem situações que acaba vindo na tua memória, você até fala, mas perguntar o que conhece, que frase conhece... parece que tem que acontecer a situação, acontecer pra ela aflorar, assim, é bem intuitivo,*** *um negócio que não é racional, né.*
> *P: Essas situações acabam que não acontecem aqui em Cascavel, né! Precisaria de mais estímulos, né?*
> *E: Exatamente. Como a minha disse: "ah, eu estou esquecendo... esqueci muita coisa". Eu lembro que quando eu era criança, eles conversavam muito, os mais velhos conversavam!* ***Tinham conversas, não era como hoje assim não, algumas frases algumas palavras assim soltas, conversavam mesmo! E eu fico pensando, né, que é uma pena que eles já estão perdendo esse hábito de falar, e é uma pena que isso não tenha passado pra gente, nosso caso da minha família ao menos, né****.*

A entrevistada CC relata que a família evitava ensinar o *talian*. Além disso, havia o preconceito em relação aos traços da língua *taliana*, em seu modo de falar, que trazia o sentimento de vergonha, por ser considerada língua de "colono". A identificação com essa língua hoje está relacionada a reflexos da infância e naquilo que se refere ao modo como era julgada, isto é, na qualidade de reflexo da lei da nacionalização de ensino, em que a língua "bonita" era o português – a língua da ascensão social. Salienta-se, novamente, o "mal-estar" sobre não a ter aprendido, assumindo o sentimento de culpa. Assim, entendemos que são várias as concepções em relação ao idioma que impulsionam o seu velamento.

O próximo excerto consiste na entrevistada JG que, ao falar do comportamento dos descendentes de *italianos* de Cascavel, definiu-o como reservado e de pouca socialização de

histórias. Confirma mais uma possibilidade de língua e cultura escondidas, em que as pessoas, de algum modo, aprenderam a não se expor demais. É claro que este fato não se aplica a todos.

> **JG**
> *P: Você acha que as pessoas de origem italiana falam dessa cultura?*
> *E: **Eu não percebo muito, porque eu acho que também cada um, às vezes, não gosta de se expor e falar, seria legal poder saber mais, mas eu acho que cada um prefere guardar pra si mesmo**.*

Já a fala da senhora TC retrata o sentimento de impotência diante do fato de não se sentir valorizada como pessoa mantenedora de conhecimentos culturais e linguísticos. Em seu relato, é perceptível a importância da tradição, apesar das dificuldades enfrentadas. Enquanto para ela o trabalho duro trouxe o benefício, na atualidade, ela nota que os jovens não se interessam pelas histórias do passado e atrela o acesso facilitado ao estudo como uma forma de desligamento das raízes. Seu depoimento parece exortar a necessidade de voltar às tradições:

> **TC**
> *E: Mas eu falo uma: **que a gente tá sendo pouco procurado, né?** A história de antigamente, dos italianos! Essas pessoas já antigas, né, **eu não sou procurada pra contar a história do passado**, né?*
> *FA: Pois é, acontece que a gente devia de entrevistar mais os pais da gente, pra eles falaram pra gente.*
> *E: Mas assim! **Quantas coisas que nós podia ter guardado** de... assim, são os filhos da gente, eles estão ali, mas não sabe a história, assim não sabe a história, né.*
> *[...]*
> *E: **Eles não interessam o passado**, porque uma, foi difícil, né, e outra, **que tudo é na base do estudo, parece que tudo é mais fácil,** eu vejo as minhas netas.*

O que acontece não é apenas a mudança cultural em virtude do entrelaçamento dos hábitos e costumes entre 'brasileiros' e imigrados; existe algo maior que transcende a mudança, isto é, a ideologia do consumo capitalista.

A cultura do imigrado *italiano* e seus descendentes é vista como marginal, no sentido de que não faz parte dessa cultura de massa mediática (CERTEAU, 1990, p. 38). Com a aceleração das tecnologias e o abandono da tradição, se dá, consequentemente, o abandono da língua de origem familiar – o *talian* –, pois, dentro do "pacote" rotulado como rudimentar, há, também, a citada língua.

Ao que nos parece, Cascavel é um município que está sempre pleiteando a modernidade. Salientamos, por exemplo, que, na região central da cidade, há monumentos que identificam suas origens. Entretanto, os líderes políticos estão sempre modificando o cenário, destruindo e refazendo de um jeito novo. A nosso ver, é uma forma de não preservação das características

pioneiras, demonstrando pouca ligação com a parte histórica do município. O próprio DG declarou tristeza ao ver que monumentos construídos em homenagem aos imigrados sulistas tenham sido demolidos ou reformados perdendo sua originalidade; ou seja, descaracterizados enquanto obras ligadas à história e à tradição, ao patrimônio. Quem perde é a população que não reconhece, nos traços urbanos, a cultura de origem da cidade.

7.3.2 O rudimentar: "*Esse macarron comprado non vale nada*"

Posteriormente, foram selecionados trechos que marcam certa resistência ao processo de modenização; são eles: "***Non si usava veneno nenhum e nem adubo***"; "***Esse macarron comprado non vale nada***"; "***Minha mãe, meu pai não aceita muito bem o macarrão industrializado***"; "***A gente quando casa, ganha uma máquina de macarrão!***"; "***O fogão que estava aqui não vai usar mais***"; e "***Tem pronto hoje, mas a gente gosta de criar***".

Os entrevistados narram uma cultura de caráter familiar. Percebem o modo como eram feitas as receitas; o trabalho era simples, sem tantos recursos, porém saudável, sobretudo, na alimentação, que, por sua vez, indica formas artesanais de produção baseada na tradição dos ancestrais. Suas falas exaltam o produto plantado no quintal, a importância do alimento natural sem conservantes, o confeccionado pela própria mão, a técnica passada de geração a geração: o acolchoado feito pela avó e hoje pela mãe; o modo como é feita a polenta e a maneira como ela é cortada; o macarrão feito em casa; os alimentos plantados na horta; o ovo caipira; o plantar e o modo de preparo do *radici*; a máquina de fazer macarrão; entre outras coisas.

Para Canesqui e Garcia (2005, p. 11), o ato de comer se relaciona com a "[...] distribuição de riqueza na sociedade, com os grupos e classes de pertencimento, marcados por diferenças, hierarquias, estilos e modos de comer, atravessados por representações coletivas, imaginários e crenças". Dessa maneira, acreditamos que o maior desafio atual é conciliar produtividade, lucratividade, conservação do meio-ambiente e conservação dos modos mais simples de preparar os alimentos.

Outra questão importante de refletir em relação ao rudimentar, está no fato de que "[...] os velhos não conseguiram assimilar ainda a experiência do descartável que lhes parece um desperdício cruel" (BOSI, 2004, p. 30). Já a geração mais nova tem sido atingida – a pequena distância – pelos efeitos da modernidade (GIDDENS, 2002).

O capitalismo, as tecnologias rompem e recriam novas "[...] formas sociais de vida e trabalho, compreendendo modos de ser, pensar, agir, sentir e imaginar" (IANNI, 2002, p. 13). Para TC, nem tudo é como foi um dia; não se encontram disponíveis, com facilidade, recursos

naturais que permitam a sua produção, como, por exemplo, o leite e o queijo. No entanto, apesar das dificuldades daquela época, sente saudade e decepção em seu modo de falar, pois sabe que a tecnologia tradicional "rudimentar" não agride a natureza nem o ser humano; os alimentos são livres de agrotóxico, de outras misturas químicas e se existe consciência da sua origem. Podemos verificar desencanto e indignação em expressões como: "*Naquela época*", "*o queijo era puro*", "*era gostoso*", que contrastam com "*mas agora acabou*", "*Meu Deus do céu!*", "*hoje em dia... não é gostoso*". Detalhamos o contexto mais amplo das entrevistas de TC, CC, VC, DG e LP:

> **TC**
> *P: A senhora faz a comidinha italiana ainda?*
> *E: **Ah, italiana! Non dá pra esquecer, né**. Polenta, essas coisas, feijon, macarron, radici, toicinho, linguiça, e mandioca, tudo essas coisas, **caseira, né,** bastante salada de almeiron, né, e faz várias salada, até de abobrinha, chuchu, o que vier...*
> *P: Tudo cultivado aqui?*
> *E: **É! Tudo cultivado aqui.***
> *[...]*
> *E: Acho falta do leite, **eu non consigo tomar esse leite de mercado**.*
> *[...]*
> *E: No queijo vai yogurte, non gosto! **Mas o queijo que a gente fazia era puro**, né, **puro com coalho e sal,** lavava, punha no sol, que é um queijo amarelo, um queijo bom, **mas agora acabou.***
> *[...]*
> *P: A família sempre trabalhou muito, né?*
> *E: Como trabalhou! Nossa! Lá era frio ou era quente... non tinha dia... ou roçar ou plantar batata, ou trigo, e colher batatinha, cebola... você tinha pro ano inteiro, amendoim, se tinha de tudo, **non comprava nada... naquela época** **"non si" usava veneno nenhum e nem adubo.***
> *E: E o arroz era colhido e, aí, guardado em tulha bem sequinho, aí, socava no pilon.*
> *FA: **Mas naquela época** **o costume era gostoso!***
> *E: **Era gostoso, mas porque ficava aquela casquinha vermelha**, em volta, né,*
> *FA: É o integral, né?*
> *E: Integral! **Aquilo lá dava um gosto** **no arroz!***
> *F: Verdade!*
> *E: É, né. **Meu Deus do céu!*** (enfática) ***E hoje em dia**, esse arroz integral **não é gostoso**...*
> *[...]*
> *P: **A senhora faz a massa caseira?***
> ***E: Ah, o pon é caseiro! Macarron! Bolacha, cuca!***
> *P: Que legal!*
> *F: **O fermento também é caseiro**, né.*
> *E: **Fermento caseiro**!*
> *P: Nossa, nem o fermento compra? Faz tudo em casa!?*
> *E: Ih! Toda a vida **non compra fermento**!*
> *E: Minha mãe fazia muito **macarron na mesa, né, com o rolo**, mas é macarron ton gostoso, ele tem cheiro de farinha, cheiro de macarron! **Esses macarron comprado non vale nada.***

> *F: Mas com esses ovos comprados não é bom, tem que ser* ***ovo caipira pra ficar mais gostoso.***
>
> **CC**
> *E: Agora uma coisa que a* ***minha mãe, meu pai não aceita muito bem, por exemplo, é o macarrão industrializado****, então minha* ***mãe sempre faz o macarrão caseiro****. E* ***eles torcem o nariz quando a gente fala que a gente compra macarrão,*** *né, (risos) de pacote.*
> *E: Meu pai tem alguns gostos assim, também bem especifico, por exemplo, polenta tem que ser aquela* ***polenta que coloca na taboa****, não pode ser muito mole, tem que* ***cortar com a linha****.* ***Porque se cortar com a faca não tem o mesmo gosto segundo ele****, né, que dependendo do corte e do preparo, modifica o sabor, mas eu não consigo ver... (risos)*
>
> **VC**
> *P: Você prepara, você faz a massa caseira?*
> *E:* ***A gente quando casa, ganha uma máquina de macarrão,*** *era o presente do nono, todos os filhos, os netos, até quando ele estava vivo.*
> *P: Macarrão industrializado, nada?*
> *E:* ***Não. Máquina de macarrão****.*
> *P: É elétrico ou manual?*
> *E:* ***Manual,*** *e este é presente do nono de casamento. Daí, quando meu tio casou o nono já tinha falecido, aí, eu dei a máquina pra ele,* ***pra não perder o costume****.*
>
> **DG**
> *[...]* ***Na cozinha no inverno, eu fazia fogo. Aquilo lá ficava quente! Nós parava na cozinha pra comer pinhão****! (risos)* ***Pinhão, lá no Rio Grande, então! E o fogão daqui que estava aqui que não vai usar mais****, eu levei pro Rio Grande.*
>
> **LP**
> *No dia a dia a gente se identifica bastante* ***com os trejeitos*** *ou com* ***algumas formas de fazer as coisas da mesma forma que os bisavós. O gostar muito principalmente de criar as coisas, tem pronto hoje****, mas* ***a gente gosta de criar****, né.* ***Os italianos eram muito criadores, muito artesãos pra muitas coisas.***

Em concordância com Canesqui e Garcia (2005, p. 09), podemos atestar que a alimentação é básica e vital para a sobrevivência humana. Contudo, necessariamente, "[...] ela é modelada pela cultura e sofre os efeitos da organização da sociedade, não comportando em sua abordagem olhares unilaterais". Notamos a vontade de dar continuidade ao passado; porém, foi preciso se adequar, uns mais outros menos, mas não há como seguir igual.

Em Certeau (1990, p. 38):

> Há bastante tempo que se tem estudado que equívoco rachava, por dentro, o 'sucesso' dos colonizadores espanhóis entre as etnias indígenas: submetidos e mesmo consentindo na dominação, muitas vezes esses indígenas faziam das

> ações rituais, representações ou leis que lhes eram impostas outra coisa que não aquelas que o conquistador julgava obter por elas. Os indígenas as subvertiam, não rejeitando-as diretamente ou modificando-as, mas pela sua maneira de usá-las para fins e em função de referências estranhas ao sistema do qual não podiam fugir.

De tal modo que o homem, por livre consentimento ou por subjulgamento, precisa se adaptar ao ambiente para sua própria sobrevivência. Os *italianos*, no Brasil, também se ajustam aos hábitos alimentares, abastecidos pela fartura de frutas nunca vistas na Itália, legumes e tubérculos como a mandioca. Eles descobrem que tudo o que se plantava se produzia. Além disso, o consumo da carne se torna mais frequente nos hábitos alimentares.

Para Tedesco (2001, p. 94),

> A alimentação talvez tenha sido o ato social mais facilitado pelas técnicas e objetos técnicos domésticos dos últimos anos. A alimentação é necessária para a reprodução dos indivíduos e da família. Trabalho, comida e família se ligam e vão além de seus âmbitos específicos. Não é apenas o biológico, o corpo, a força de trabalho, o que faz e o que não faz bem, o que engorda e o que emagrece, o que é leve e o que é pesado, que importa, mas também o simbólico que faz parte do universo da comida.

Tanto as técnicas rudimentares de preparação dos alimentos quanto o artesanato imputam valor ao conhecimento desses indivíduos que se utilizam de tais meios como forma de sustento familiar e também lazer. Reiteramos que, a cada transformação social, há repercussão também no quadro cultural.

No que concerne os hábitos alimentares, à medida que a existência do capitalismo vai se indentificando, também vai impondo outras culturas alimentares, como a cultura do *fast food*, da alimentação solitária e rápida. Canesqui e Garcia (2005:37) observam que,

> Além dos fast-foods, expandem-se as franchises alimentares, recuperando as comidas típicas, que evocam identidades locais ou regionais, ou o incremento das comidas ‘a quilo’, ‘chinesa’ e ‘japonesa’, entre outras, de estilo massificado, ou aqueles serviços alimentares concentrados nas praças de alimentação dos shopping centers e que convivem com os restaurantes tradicionais, ofertando culinárias sofisticadas, internacionais ou mesmo nacionais.

Esse tipo de concepção alimentar procura produzir uma sociedade que mistura tudo e não possui um perfil muito definido, diminuindo, assim, a sociabilidade e as relações familiares que se tem quando sentados à mesa, junto com os componentes da família ou amigos, em confraternizações que simbolizam fartura, união e alegria. A partilha não é apenas do alimento, mas das suas vivências e, nesse contexto, estão os hábitos culturais e a língua familiar.

As técnicas rudimentares, em razão da concepção de tecnologias contemporâneas, bem como o ritmo de trabalho estar modificado tanto para o homem quanto para a mulher, perderam espaços. Outros valores foram instituídos; as tecnologias atuais e a mídia guiam e reforçam a seleção dos alimentos e hábitos culturais. Em vista da velocidade das mudanças, para a geração jovem, pode haver uma ruptura na transmissão de uma geração à outra.

Ao que indica Nora (1981, p. 08):

> Fim das ideologias memórias, como todas aquelas que asseguravam a passagem regular do passado para o futuro, ou indicavam o que deveria reter do passado para preparar o futuro [...] é o modo mesmo da percepção histórica que com a ajuda da mídia dilatou-se prodigiosamente, substituindo uma memória voltada para a herança de sua própria intimidade pela película efêmera da atualidade.

Finalizamos esta seção, ressaltando que a massificação da tecnologia de última geração, em função de um mundo mais mercadológico, levou nossas identidades fragmentadas a serem tão fluidas, ao ponto de considerarmos o extravio da bagagem que leva a memória coletiva.

7. 4 As vozes que atuam na manutenção da memória: a influência dos idosos nas histórias relatadas

Os mais velhos, em especial os avós, exercem papel fundamental na vida dos netos, contribuindo para a absorção dos costumes e das tradições. É possível significarem, também, um elo reestabelecido caso tenha havido algum tipo de falta com os filhos. Crianças que passam mais tempo com os avós podem se adaptar a outras maneiras de realizar atividades, recebendo conhecimentos valorosos que corroborarão a sedimentação das escolhas futuras.

Diante dessa perspectiva, nossa pesquisa permitiu colher informações sobre memória familiar, ouvindo alguns membros pertencentes à faixa etária da juventude, bem como adultos. Duas idosas, TC e OB, relatam um pouco da experiência com os netos. Verificamos que a convivência intergeracional é benéfica em vários aspectos: emocional, familiar e, no caso deste estudo, confirma que a proximidade com os avós contribuiu na questão cultural e linguística.

Decerto, há lapsos e omissões, pois são fatos narrados pelo olhar e sentimentos de filhos e netos, uma geração que tem outra percepção dos acontecimentos do passado. Tedesco (2001, p. 23) esclarece que as gerações estão interligadas pelos costumes, pelas tradições e experiências; dessa forma, “[...] a memória de uma sociedade estende-se até onde [...] atinge a memória dos grupos dos quais ela é composta”. Por isso, a importância dos mediadores, os quais são vínculos entre as gerações, pois transmitem os testemunhos de sua existência.

Cada história tem seu próprio modo de orientação e refletirá a realidade à sua própria maneira (BAKHTIN, 1996, p. 30). Assim, a história dos idosos é revisitada na busca da memória social desses indivíduos que participaram de sua construção, por meio da memória coletiva.

De acordo com Lambert e Lambert (1975, p. 20):

> O processo de socialização – aprender a tornar-se membro de uma família, de uma comunidade, de um grupo nacional – começa na infância e avança, com a aprendizagem e crescimento, até o ponto em que a pessoa se comporta, pensa e avalia de formas muito semelhantes às de todos os outros na sociedade.

No que tange ao contato das crianças com os avós, Halbwachs (1990, p. 65) argumenta que, quando os pequenos são confiados à guarda dos idosos, eles "[...] recebem o legado dos costumes e das tradições de toda a espécie". A sociedade na qual a criança se desenvolve é preponderante na definição de sua forma de pensar e agir no mundo. O autor (1990, p. 72), então, acrescenta que, mesmo desde a infância em contato com os adultos, adquirimos meios de encontrar e declarar muitas lembranças que, sem eles, as teríamos, em sua totalidade ou em parte, esquecido rapidamente.

Em face da importância dos mais velhos na manutenção das memórias e, consequentemente, na preservação de hábitos e costumes, enfatizamos que tal influência pode ser observada nos excertos subsequentes, ecoando as lembranças das vivências, não somente com os avós, mas também pais e tios:

> A vida da criança mergulha mais do que se imagina nos meios sociais através dos quais entre em contato com um passado mais ou menos distante, e que é como que o quadro dentro do qual são guardadas as suas lembranças mais pessoais, é esse passado vivido, bem mais do que o passado apreendido pela história escrita, sobre o qual poderá mais tarde apoiar-se sua memória. (HALBWACHS, 1990, 71)

Entre as lembranças mais rememoradas e consideradas foram mencionadas nas entrevistas: canções típicas cantadas pelos imigrantes e seus descendentes – *Il mazzolin di fiori*, *La bela polenta*, *La gigiota e La vecia trevelin*; orações aprendidas – *Ave Maria*, *Padre Nostro* e novenas; receitas culinárias – polenta com *radici*, *tortei*, *agnolini e grostoli*; expressões e palavras do cotidiano, como encontra-se destacado na continuidade, um verso inesquecível para o entrevistado LP. A língua *taliana* se manifesta nos episódios referenciados, reforçando o conceito de italianidade.

Seguem os fragmentos das entrevistas que apresentam algumas das rememorações:

VC

*E: A nona, **ela cantava** **mazzolin di fiori pra gente dormir**... e nós dormia num cucio*[107]*, que **ela fazia** um cucio pra gente dormir, usava: "pissaleti!" Né, eu e minha irmã, a gente fazia xixi na cama". Ah, pissaleti, dorme no cucio". (risos) Não sei como fala agora.* (lembrando o modo como a avó falava)

[...]

*E: Quando eu comecei a faculdade, eu chegava em casa e falava com a nona... ela **falava que era pra eu parar... que eu estava aprendendo tudo errado**... ela falava: é bicier, não é bicchiere. Zombia é sexta, né?* Sabo e domenega, *esse é da nona. Os meus estão errados, eu tô aprendendo tudo errado, nem sei porque eu fiz faculdade, ela fala.*

P: Ela fala?

*E: **Ela fala! Não é mangiare, é magnar! Viene magnar! É muito legal**! Eu gostava, eu tinha vergonha de levar amigos, mas assim no dia a dia é legal.*

P: Você lembra de muita coisa!?

E: Lembro!

P: Porque você ainda convive com ela falando em italiano com você?!

*E: **Ela fala! Ela quando xingava alguém era cadela, cagnoleta**, é tudo diferente. (risos).*

[...]

*E: Nossa, a **gente comia muito ratisoi com polenta. Ah! Muita comida! A nona fazia muito** agnolini, tortei. Tortei era sempre aquele enrolado na toalha*.

[...]

*E: Então, nesses encontros que eles faziam**, eles cantavam** la bela polenta, mazzolin di fiori, acho que **a nona amava** muito essa música.*

[...]

P: Você aprendeu alguma oração?

*E: Ah**, o nono tinha ensinado uma**, a gente rezava muito o terço em casa.*

P: Em italiano?

E: É, o nono, né. A gente respondia em português a metade, porque ele falava tipo, italiano rápido... aí, quando a gente pensava que ele estava na metade, ele já tinha acabado, porque ele falava muito rápido, em italiano.

*E: **Nossa! Meu nono era tudo! Até tem um livro de oração, em italiano, assim do vêneto, que acho que era da mãe do nono, que deveria ser da mãe dele, só que ela veio e nasceu no navio, né! Nossa! Ele chega a ser uma relíquia!** O **nono rezava**, ele sentava na cadeira, fora da área e ele rezava alto, e agora em São Jorge, o irmão dele é igualzinho ele, daí a gente chama ele e ele senta na área, e reza.*

P: Em italiano?

E: Em italiano. Esse meu tio fala muito no dialeto.

[...]

*E: **Meu filho fala: "vamos tomar vinho, mãe! Os tios estão vivos".***

P: Eles (filhos) veem a nona falando?

*E: **Adoram!***

P: E eles aprendem?

*E: **Aprendem! O G ele anota tudo que ele ouve, do jeito dele, né. Ele gosta de gravar, gosta de anotar as coisas que ele ouve, ele adora ouvir história antiga. A paixão dele é ir nesse tio de São Jorge, só pra escutar. Ele ganhou uma enxadinha como que é... una zapa. O G vai levar os costumes assim***

[107] *Cucio* – berço (LUZZATTO, 2000).

> ***<u>longe. Pra ele, não teve polenta uma vez por semana ele não come! Tem que ter polenta, tem que ter macarrão, ele adora essas coisas!</u>***
> *E: A nona reza todo dia a Ave Maria em italiano.*
> [...]
> *E:* ***Sabe uma coisa que eu lembro que ela falava? Você já ouviu falar em rasentar?***
> ***P: Rasentar, não.***
> ***E: Rasenta quela roba! Porque... era pra enxaguar a roupa, eu achava tão bonito ela falar: "rasenta!" Ela enchia a boca com aquele erre: "rasenta quela roba!" Eu achava tão bonito! Ela vivia mandando a gente rasentar as coisas.***
> [...] ***Era muito bom morar com os nonos.***
> *P: Imagino, você foi criada assim, a neta, então neto já é outra criação, né!*
> *E: E ainda sem mãe, né, não podia bater, não podia nada. Toda vez que ela ficava nervosa, o nono gritava:* ***"Ma non la ga la mama!" Ela não tem a mãe.***
> *E:* ***Eles falavam pra ficar quieto: "tase!" A gente não podia abrir a boca: "tase, tase!"***

Ao examinarmos a fala de VC, notamos a grande influência exercida por sua *nona*, em sua vida e na de seu filho, que, ao conviverem e absorverem as tradições, sentem orgulho e o desejo de mantê-las. O modo positivo como VC lida com suas raízes étnicas produz em seus filhos o prazer pelas histórias familiares. Entendemos, assim, que o laço de parentesco que é formado positivamente cria vínculos para a vida inteira.

A referida entrevistada, ao falar dos avós – *nonos* – demonstra muito afeto e, ao expressar seus sentimentos, a língua *taliana* desponta com palavras, expressões e frases, como, por exemplo: *cucio, pissaleti*, *zombia*, *zapa*, *resenta*, *tase*, etc. Interessante observar que, embora seu filho não tenha nos concedido uma entrevista, o fato de VC falar sobre ele, leva-nos a refletir sobre a relevância do meio familiar em preservar seus hábitos e costumes e a influência na geração mais jovem, já que se trata de um rapaz de 17 anos. Percebemos que, graças ao estímulo à preservação, seu filho G se interessa pelos saberes dos antepassados e não parece considerar a cultura como algo ultrapassado. A descrição de G, feita por sua mãe VC, faz transparecer alguém que deseja "se alimentar" dessa cultura.

As influências e os relatos dos idosos agem na vida dos mais novos como um meio de reatar o passado ao futuro. Acreditamos que os fatos, as maneiras de ser e o pensar dos antepassados se fixam na memória dos mais novos (HALWBACHS, 1990). Consideramos que, ainda que de maneira inconsciente, certos aspectos peculiares dos hábitos e costumes das gerações anteriores estão impressos na linhagem posterior.

Mas não somente os avós deixam marcas na vida dos netos. A recíproca também é verdadeira, uma vez que estes também trazem vitalidade e motivações para os *nonos*. A senhora

OB e sua filha LB, com alegria, narram a estadia de sua neta M na casa da avó (OB) por alguns anos. Eis o relato sobre a influência exercida pela convivência na vida de sua neta:

> **OB e LB**
> *E.2:* ***A minha sobrinha M.,*** *que é a filha única da minha terceira irmã, ela, a minha irmã e meu cunhado moraram um tempo lá na mãe, e* ***ela é a que mais fala italiano, ela canta muito, ela sabe quase que noventa por cento das musiquinhas mais comuns, ela conhece, e eu acho que ela seria uma precursora mesmo da língua. A mãe conseguiu passar bastante coisa pra ela.***
> *E.1: Eles moraram três anos juntos com nós, o casal e essa menina, então quando chegava à tardinha, ela chegava da escola antes do pai e a mãe chegar do trabalho. Até um dia o pai dela chegou e falou: "Meu Deus do céu! Que é isso?" Sabe, ela pegou rapidamente aquela música.*
> *E.2: Eu achava o máximo* ***ela era "pitiquinha" e cantava "El vecio trevelin".***
> *E.1: "****El vecio trivelin romai non sona più la bela musicheta, l'è andar catar gesù****".*
> *Ela adorava! Ela gosta até hoje.* ***Uma vez eu ensinei pra ela uma musiquinha de malandra assim, la "Vecia Cavaliera***[108]*". E ela foi com o pai dela num bar, e lá, diz que estava uma turma que queria cantar em italiano e ela pequenininha, diz que ela falou: "eu sei cantar em italiano". Puxou a cadeira, subiu na mesa e cantou La vecia cavaliera (risos). Quando chegou em casa meu genro falou: "não ensina mais nada ... eu falei: porque que não? (risos) Eu falei: você deu o recado, né, M. bem que você fez!" (risos)*

Apesar de a entrevistada TC relatar algumas influências na vida das netas, seu discurso revela certa inconformidade em relação à beleza de sua língua e ao quanto não está sendo valorizada. Sua indignação é uma forma de lutar contra esse esquecimento que parece tomar conta: ***"Ma Dio! Por que acabou essas conversas muito tempo?!"***: seu discurso parece demonstrar que a transmissão cultural foi pouca, diante da riqueza da língua e da cultura *talianas*.

> **TC**
> *Meu filho tem duas meninas, ele ensina a música em italiano, a* ***Gigiota,*** *como é que diz...* ***a Vecia Trevelin*** *a mais pequena que canta!*
> *P: É legal ensinar, né?*
> *E: É,* ***<u>não pode perder,</u>*** *né! E um dia eu disse: "****nós não podemos perder nossa língua, é a língua mais bonita!"***
> [...]
> *E:* ***Ma Dio! <u>Porque acabou essas conversas muito tempo</u>*** *<u>já!? S</u>****e eu falo pra minhas netas, elas não sabem o que é. Às vezes elas me olham quando eu falo italiano, eu falo italiano com elas, porque <u>elas têm que guardar alguma coisa</u>, né, <u>da avó</u>****, porque é... daí não aprende nunca, mas, tem muita coisa... que nossa! A gente se lembra dos passados, muito bom, ma... era difícil também, né, barbaridade.*

[108] Paródia da canção "*El vecio trevelin*", porém, com conotação pejorativa.

No desenrolar das análises, veremos a ação positiva da língua e cultura efetuada pelos pais: o papel da mãe de VF em manter a conversa em *talian* com os filhos e a doce lembrança de LP em torno do afeto e das brincadeiras, quando sua mãe recitava o versinho ***"dindolin, campo marin, persego seco, carne di beco e cicio bé"***.

As jovens JG e AP contam sobre a importância da presença das avós naquilo que sabem da língua e da cultura *taliana*. A entrevistada AP destaca que os avós foram importantes na vida dela, não somente em relação à transmissão cultural, mas em relação ao aprendizado da língua *taliana*. Embora elas sejam bastante jovens, reconhecemos ter sido inconcludente a importância do grupo familiar na transmissão desses valores.

> **VF**
> *E: Com dez anos de idade eu saí de casa para estudar e não voltei mais para cá, então não tinha mais convivência com a minha mãe a não ser os finais de ano que tinha férias, senò se parlea tuto in talian con la mama [...]* ***mas mesmo depois mais tarde, quando eu vinha para casa, ela continuava falando italiano porque ela já estava habituada a conversar sempre em italiano comigo, né, e com as minhas irmãs mais novas também.***
>
> **LP**
> *E: Memórias de infância,* ***eu via sempre a minha vó fazendo acolchoado, passando de geração em geração, minha mãe faz também acolchoado... a maioria dos brinquedos meu avô fazia, carrinho de madeira. Sempre tinha oração em família, novena, muita festa com cantorias em italiano.*** *Meu avô, por parte de mãe, veio morar pra cá, aí a gente tinha mais contato, então sempre tinha essa questão da família tudo em volta da mesa festando.*
> *[...]*
> *Tem uma que* ***a minha mãe brincava quando eu era criança: "dindolin, campo marin, persego seco, carne di beco e cicio bé[109]", com os dedinhos da mão ou do pé...*** *(risos) a gente se matava de dar risada.*
>
> **JG**
> *E:* ***A nona usa bastante [...] a nona sabe.***
> ***Ah, a minha nona, ela fala bastante o dialeto, o italiano é direto falando, minha mãe também.***
> *[...]*
> ***Como eu cresci com os meus tios cantando, então, eu acho legal, eu acho bonito, e faz parte, porque veio das raízes.***
>
> **AP**

[109] Do dialeto vêneto, "campo marin, pêssego seco, carne de bode, criança bé". (Disponível em: <http://share.dschola.it/icpray/index%20Lavori%20Ele%20Portulagiochi%20pace.htm.>. Acesso em: 17 mar. 2016.)

> E*: **Quando vou na nona comemos macarrão com frango ou com polenta. Minha vó falava que italiano quando não está comendo está brigando ou gritando.***
> [...]
> E: ***Fui criada pelos meus avós, quase não falava português até ir para a escola. Em casa, só falávamos italiano**. Sinto falta daquele apego que eles tinham com sua cultura, do saudosismo com uma terra que eles sequer conheciam, mas amavam como se estivessem vivído lá.*

Como Halbwachs (1990, p. 67) nos permite inferir, os descendentes mais novos seguram, durante "[...] certo período, o cetro dos costumes e que modificam a opinião segundo novos modelos". Consequentemente, hoje, a geração mais jovem toma o lugar daqueles que reinaram por um determinado tempo. Foi assim na geração dos nossos avós; depois, na dos nossos pais, cada fase deixando sua marca. Nós não percebíamos, porque nossa imaturidade não possibilitava distinguir uma geração da outra.

Apesar das diferenças intergeracionais que afastaram idosos e jovens, como mudanças na estrutura familiar, a falta de convivências em razão do tempo e as distâncias geográficas, evidenciamos, em entrevistas que indicam maior proximidade e convivência com os mais velhos, que existe uma memória compartilhada.

7.5 Língua e cultura encobertas

Esta seção de análise é dedicada a evidenciar tanto o *talian* como língua falada por alguns dos entrevistados, quanto aspectos dessa língua/cultura que, ou são menosprezados, por não considerarem que a falam fluentemente, ou por julgarem não terem adquirido nenhum conhecimento a seu respeito. Tendo em vista a negação primeira (total ou parcial) da maioria dos entrevistados sobre saber ou conhecer a língua *taliana*, apresentamos um elenco de palavras para averiguar tal situação. Todavia, ressaltamos que as seções anteriores já deram indícios perceptíveis da presença do *talian* na vida dos participantes desta pesquisa.

As subseções estão divididas em duas partes, que visam a apresentar importantes aspectos observados nas entrevistas. Na primeira delas, estão os dados referentes às palavras apresentadas aos participantes. Tais vocábulos se encontram explanados em uma tabela, seguida da apresentação daqueles que os conhecem e daqueles que não os conhecem. Essa análise aponta, de modo geral, que a negação de não saber nada sobre o *talian* não é verdadeira. Já na segunda parte das análises, destacamos alguns excertos que, além de evidenciarem o conhecimento da referida língua, revelam outras palavras e frases do *talian*.

7.5.1 Palavras que (ainda) vivem

Concebemos, com base nas teorias abordadas neste estudo, que, ao ativar a memória, seja possível reavivar certas experiências com a língua e a cultura. Logo, precisamos atentar para o que permanece da língua e da cultura do imigrante *italiano*, consciente ou inconscientemente.

Nesse sentido, o quadro abaixo apresenta algumas palavras do *talian* e evidencia, de forma sucinta, quem o conhece, representado por S (sim), e quem não o conhece, representado por N (não). As palavras marcadas por um traço (-) indicam que, durante a entrevista, não foram citadas, pois, sendo as perguntas abertas, os relatos transcorreram livremente, de modo que, nem sempre, foi possível direcionar as respostas. Ressaltamos que não se trata de uma reflexão linguística do léxico; antes, os significados das palavras dão indícios de mudanças, interferências e empréstimos linguísticos, fatores que permeiam uma língua viva.

Tabelas – Palavras

A tabela posterior contém palavras ouvidas pela pesquisadora no cotidiano cascavelense, dentre elas: *ciò*, *sbodegado*, etc., e outras escolhidas da revista *Talian Brasil*, ilustrativas de situações rotineiras que compõem os acontecimentos diários do recinto doméstico e do ambiente colonial, como, por exemplo: *pupà*, *vecio*, *porcacion*, *ma varda!*, *capitel*, *soga*, *bodega*.

Tabela 2 – Palavras do cotidiano cascavelense

	MF	**TC**	**DG**	**VF**	**MD**	**OB**	**LB**	**DC**	**JB**	**VC**	**CC**	**LP**	**FB**	**AP**	**JG**
Ciò	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	N	S	S
Ciacolar	S	S	N	S	S	S	S	S	S	S	N	S	N	S	S
Sbodegado	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	N	S	S
Spaventado	-	-	N	-	-	S	-	S	S	S	N	S	N	N	N
Pupa	S	S	N	S	N	S	-	N	N	S	N	S	N	N	N
Tosa	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	N	S	S
Capitel	-	S	S	S	S	S	S	-	-	-	-	S	N	-	-
Anca	-	S	-	S	S	S	-	S	-	S	-	S	N	N	-
Soga	S	S	S	S	S	S	-	S	S	S	N	S	-	-	-
Vecio/Vecia	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	N	S	S
Bodega	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S

Sacrameno	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Fiasco	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Porca Pipa	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Fiol d' un rospo	-	S	-	S	-	S	-	S	-	S	-	S	-	-	-
Bauco	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	N	S	S
Porcacion	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	N	S
Se te ciapo	S	-	-	S	-	S	-	S	-	S	N	S	N	N	N
Ma varda	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	N	S	S
Sentarse darente el fogon	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	N	S	S

Fonte: Elaboração do pesquisador.

Já a próxima tabela é composta por palavras relacionadas aos hábitos alimentares, reportando ao fato de que os participantes desta pesquisa tanto conhecerem os alimentos apresentados quanto fazem uso deles no seu dia a dia. Reiteramos que essas e outras palavras já foram expostas em dois momentos do Capítulo 7; na Seção 2.1, que versa sobre as lembranças preservadas, e na Seção 3.2, que apresenta relatos sobre a valorização do rudimentar. Desse modo, para não sermos demasiadamente repetitivos, nossa análise aqui será mais panorâmica em relação aos hábitos gastronômicos.

Tabela 3 – Alguns hábitos alimentares dos imigrantes cascavelenses

	MF	**TC**	**DG**	**VF**	**MD**	**OB**	**LB**	**DC**	**JB**	**VC**	**CC**	**LP**	**FB**	**AP**	**JG**
Radici	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Polenta	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Formaio	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Fortaia	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Agnolini	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Grostoli	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Codeghin		S	S	S	S	S	S	S	N	S	-	S	N	N	-
Magnar	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	N	N	S
Vino	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Graspa	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Biceroto	S	S	S	S	S	S	S	S	-	S	-	S	N	N	S
Ciuco	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	N	N	S
Pociar	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	N	N	S
Chimarrom	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Caciassa	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S

Fonte: Elaboração do pesquisador.

Ante as tabelas elaboradoras, apuramos que a maioria das ocorrências é conhecida pelos entrevistados. Do grupo dos idosos, o senhor DG é o que denota menos conhecimento. No entanto, consideramos o saber apresentado por ele bastante satisfatório para alguém que afirmou não saber nada. Quanto ao grupo dos adultos, surpreendeu-nos a entrevistada JB, que, muito enfaticamente, expõe não ter aprendido o *talian* porque a família não lhe transmitiu. Entretanto, ela reconheceu quase todas as palavras e, ao expor suas lembranças, apresentou um comportamento positivo em relação ao *talian*, diferente do expresso no início da conversa. Sendo assim, no posicionamento defendido nesta tese, JB mantém o *talian*. Já da geração mais nova, somente a participante FB apresenta um conhecimento, aparentemente superficial, tendo em vista que, das perguntas realizadas naquele momento, ela reconheceu praticamente metade.

As palavras ora elencadas, embora estejam aparentemente descontextualizadas, juntamente a outras que pareçam tão óbvias de serem reconhecidas pelos referidos sujeitos, serviram para abrir caminho a outros conhecimentos. A esse respeito, Bourdieu (1998, p. 16) destaca que "[...] a palavra, para todos os fins do dicionário, não tem nenhuma existência social: na prática só tem existência quando imersa nas situações". E Ilari (2013, p. 33), ao falar sobre os reflexos de língua e identidade, traz contribuições ao afirmar que, "[...] às vezes, o que conta não é a palavra, mas apenas uma certa maneira de pronunciá-la, que por si só basta para evocar situações, estados de espírito, enfim, mais vivido". Uma vez assim, em nosso contexto, a palavra não é neutra, mas reflete todo um arsenal linguístico, cultural e ideológico quando o indivíduo dela se apropria.

Alguns entrevistados foram bem objetivos, dizendo sim ou não. Mas outros se delongaram com risos, expressões de alegria e também de choro, ao poderem afirmar que não somente conheciam as palavras, como, também, as usavam no âmbito familiar mais íntimo ou, ainda, lembrando-se de frases emitidas pelos *nonos*, trazendo para o tempo presente uma saudosa lembrança que parecia não fazer mais parte de suas memórias. Para Certeau (1990, p. 45-46):

> Mesmo a estatística [...] se contenta em classificar, calcular e tabular as unidades "léxicas", de que se compõem essas trajetórias, mas às quais não se reduzem, e em fazê-lo em função de categorias e taxionomias que lhe são próprias. Ela consegue captar o material dessas práticas, e não a sua forma; ela baliza os elementos utilizados e não o "fraseado" devido à bricolagem, a inventividade "artesanal", à discursividade que combinam estes elementos, todos recebidos, e de cor indefinida. Decompondo essas "vagabundagens" em unidades que ela mesma define, recompondo segundo seus códigos os resultados dessas montagens.

Os painés emoldurados serviram-nos para compor uma ideia global do conhecimento linguístico, colocando-o em modo aparentemente mensurável; porém, com tal técnica, é evidente que se perde a riqueza dos diálogos. Os dados, dessa forma, restringem-se a tudo ou nada. Concernente a tal questão, Certeau (1990, p. 43) expressa que

> A enquete estatística só "encontra" o homogêneo. Ela reproduz o sistema ao qual pertence e deixa fora do seu campo a proliferação das histórias e operações heterogêneas que compõem os patchworks do cotidiano. A força de seus cálculos se deve à sua capacidade de dividir, mas é precisamente por essa fragmentação analítica que perde aquilo que julga procurar e representar.

Em vista de querermos mais do que dados estatísticos, optamos por uma conversa mais delongada, dando tempo àqueles que se sentiam à vontade ou necessitavam contar mais para se sentirem compreendidos. É o que será exposto na próxima seção.

7.5.2 Palavras que despertam histórias: "*Olha, agora, tá me refrescando... assim, a memória*"

Seguramente, as pessoas não têm, em suas memórias, uma visão cristalizada, tal qual ocorreram os acontecimentos que se passaram. Todos somos o resultado daquilo que vivemos e, no presente, o passado não possui mais o mesmo peso e significado de antes. Abrahão (2003, p. 86) aponta ser importante que o pesquisador saiba, portanto, que, ao ressignificar os fatos narrados, "[...] o estamos fazendo conscientes de que tentamos capturar o fato sabendo-o reconstruido por uma memória seletiva, intencional ou não". No exercício da memória vai ficando aquilo que realmente tem sentido e, alguns eventos, por serem traumáticos, são "esquecidos".

Se a identidade social não é fixa, isso indica que podemos reconstruí-la. Se estão sempre se modificando, de acordo com nossas práticas discursivas, podemos inferir que seja possível, ao reviver fatos, trazer lembranças da identidade étnica, que, em razão de diversos motivos, foram 'soterradas'.

O processo de reconstrução pode se dar na recuperação das lembranças e promover, novamente, o enraizamento. Sobre isso, Bosi (1987, p. 23) expõe que "[...] o enraizamento é um direito humano esquecido: todo homem tem uma raiz pela sua participação numa coletividade que conserva vivos alguns tesouros do passado e certo pressentimento do futuro".

No ponto de vista de Ricoeur (1996, p. 04), é pela narrativa que a memória é levada à linguagem. Para o autor, é "[...] narrativa toda a arte de contar, narrar, que encontra, nas permutas da vida quotidiana, na História das histórias e nas ficções narrativas, as estruturas apropriadas do linguajar". Ao apresentarmos o rol de palavras aos entrevistados, depreendemos que, havendo estímulos da memória, mais lembranças puderam ser suscitadas. Tedesco (2001, p. 29), em sua pesquisa sobre memória e cultura dos *nonos*, afirmará que "[...] a memória precisa ser trabalhada".

Ao pensarmos na amplitude da linguagem como ação social, reforçamos que as palavras aqui selecionadas dizem respeito às relações vividas no âmbito familiar e no convívio social; ao serem rememoradas ao interlocutor, elas ganham vida.

Reiteramos que, durante as conversações, as palavras indicadas despertaram emoções, propiciando a emersão de outras frases e outras palavras novas, as quais não constavam na lista apresentada. Certeau (1990, p. 50) afirma que

> As retóricas da conversa ordinária são práticas transformadoras "de situações de palavra", de produções verbais onde o entrelaçamento das posições locutoras instaura um tecido oral sem proprietários individuais, as criações de uma comunicação que não pertence a ninguém. A conversa é um efeito provisório e coletivo de competências na arte de manipular "lugares comuns" e jogar com o inevitável dos acontecimentos para torná-los "habitáveis".

Confiando no poder transformador da palavra, acreditamos que as narrativas preencheram espaços que pareciam vazios. Não somente o ato de contar, mas, em grande parte, relatar estando acompanhado de um ou mais familiar foi fundamental para a qualidade dos dados.

Contudo, não serão apresentadas todas as entrevistas. Separamos algumas partes das interações que consideramos mais produtivas para esta seção de análises. Então, serão expostos trechos, por ordem de idade, a começar pelos mais velhos, que evidenciam o *talian* e sua cultura sendo desvelados.

> **VF**
> *P: Como o senhor descreve a língua italiana? É bonita, é feia, é interessante?*
> *E: Eu acho* ***linda!*** *Eu acho linda!* ***Eu adoraria todo dia "parlare in talian con qualchedun, ma non ghe ne! Poca gente che parla italian, alora se obrigamo a parlar in brasilian"***[110]*...eu acho fácil a língua italiana, agora para mim aprender uma língua em alemão outras línguas eu acho tão difícil.*

[110] Falar *italiano* com alguém, mas não tem. Pouca gente que fala o *talian.* Então somos obrigados a falar em brasileiro.

> *[...]*
> *P: Tomando café da manhã, vou pociar o pão no leite. O pociar? O senhor fala?*
> *E:* ***Sim, pociá é fazer o tocio, é italiano. Pega uma xícara de café com leite ou uma tijelinha, daí pega o pão e vai rasgando os pedaços de pão e coloca dentro.***
> *P: E faz uma sopinha?*
> *E:* ***Sim, uma sopinha, o meu pai fazia isso, tinha um neto em uma perna e outro na outra perna e ele pega uma colherada pra ele daí, uma pra o E. e outra para o R.***

No depoimento do senhor VF, verificamos mais um momento em que a comida está relacionada ao afeto. Ao lembrar e verbalizar a palavra *tocio*, na intenção de explicar à pesquisadora, insurge, também, a lembrança de seu pai com seus filhos no colo. O entrevistado, sempre que se sentiu à vontade, proferiu frases ou palavras em *talian.* Nesse e em outros casos, as palavras selecionadas para esta pesquisa serviram para despertar as lembranças e induzir a outras palavras, trazendo à tona o *talian* "guardado".

> *P: Outra palavra, o ciuco?*
> *E:* ***Ciuco é ciucheton,*** *né! É, se tomar demais, fica ciuco. É mais fácil de falar ciuco do que bêbado.*
> *P: Qual a diferença?*
> *E: Que ciuco é mais fácil de falar... fica mais brincalhão.*
> *P: E o ciò?*
> *E: Ciò? Hei, você! Oh, ciò! Ciò é meio... chamando o cara meio de grosso, você é um ciò!*
> *P: Eu já percebi. (risos)*
> *E:* ***Os italianos tem essa palavra como chamar de tongo, de musso[111], de mul[112]. Eu vi muito isso! Mul é chamar de burro ou um ciozão, um burrão! Se me pare un mul[113], ti te si un mul![114]***
> *P: Tem dois significados?*
> *E: É: ciò, vien qua[115]! E também "vá, vá, ciozão!"*
> *P: E o ciacolar?*
> *E:* ***Ciacolar, parlare****.*
> *P: O senhor usa?*
> *E: Ah, se eu encontrar um que fala italiano sim:* ***"Demo a parlar um pochetin[116] in italian anca"...*** *Sabe, tem a V., muito querida... só para ter uma ideia, ela é uma italiana, entende tudo! Então, eu e ela sempre, nos jogos de baralho, sempre estamos* ***ciacacolando em italiano.***
> *P: Qual seria o perfil do italiano?*
> *E:* ***É muito ignorante desde a palavra porco Dio! Mas já imaginou? Porca Madona! Chamar Nossa Senhora de porca e Deus de porco! Que maneira***

---

[111] *Musso* – jegue, jumento.
[112] *Mul* – burro.
[113] Pra mim, você parece um burro.
[114] Você é um burro.
[115] Hei, venha aqui!
[116] Vamos conversar um pouquinho.

> ***de xingar! Fiol di un can! Filho de um cachorro! Tem de tudo no meio da italianada!*** *E:* ***O meu irmão estava lá com os seus quatorze anos, num domingo, ele não foi no terço e não sei o que aprontou, o pai chegou em casa di note: "ti si ndato dove?" –"Son andato a caçar oseleti con la setra"[117]... daí, ele arrumou uma desculpa quando o pai tentou pegar ele se arrancou e o pai não é tão rápido e escapou. O meu pai disse: te ciapo!***

Mais uma vez, a concepção de língua que tem conotação com brincadeira, quando diz que prefere falar *ciuco* por ser mais *brincalhão*. Em nosso ponto de vista, *o brincalhão* está relacionado com a facilidade de falar sua língua materna – o *talian.*

Ao senhor VF não foram necessárias muitas perguntas que o levassem a dizer sobre as palavras, pois ele, em seus relatos, respondeu com frases em língua *taliana*, demonstrando seu conhecimento e sua fluência oral.

Seguindo, apresentamos alguns trechos da entrevista feita com TC, que, acompanhada do familiar, demonstra muito conhecimento tanto do *talian* quanto de sua cultura:

> **TC e familiar (FA)**
> [...]
> *P: Então, eu vou falar umas palavras que eu tenho certeza que vocês duas sabem. Vocês dizem, se sabem, se usam e o que essa palavra representa, se tem alguma história com essa palavra, tá? Então vou começar com palavra ciuco?*
> *E:* ***Ciuco, né, comadre!? (risos)***
> *FA: Não sei se é isso, né? (muitos risos)*
> *E: Desde o meu pai,* ***vien a casa ciuco...*** *a* ***minha mãe dizia... mas como é que ela chama?... Ma l'è spionso[118], italiano é pionso, é bêbedo.***
> *FA:* ***Ciuco é bêbado.*** *Não é? Pionso também, dos primeiros italianos.*
> *E: É, depois foi mudando, né.*
> *P: E ciacolar? Fazer filò pra ciacolar?*
> *E:* ***Ciacolar é conversar! É ciacolar****:* ***Ma Quela la ciacola! É uma pessoa que fala bastante, bona sol de ciacolar!***
> *FA: Ciacolar também é a que leva fuxico, é una ciacola, que faz fofoca.*
> *P: Que faz fofoca, né.*
> *E: Ma, uma vez uma mulher,* ***ela me disse l'è (?) portaschite (frase incompreensível), pega conversa aqui e leva lá. Portaschite, que leva as conversas de um no outro,*** *aonde que faz as encrencas, é por causa das conversas que corre, né.*
> *P: A dona M. eu vi que usa o ciò?*
> *FA: Sim, eu uso!*
> *P: A senhora usa também?*
> *E:* ***Ciò!! Ixi!!!***
> *P: Em que sentido a senhora uso ciò?*
> *E:* ***Ciò? Você!***

---

[117] Onde você foi? Fui caçar passarinhos com a cetra. Dialeto trentino: *oseleti* (MUNARO, N. e CARDINALETTI, A. *Italiano, italiani regional e dialetti*. Milano: Franco Angeli, 2010, p. 74). Dialeto vêneto: *osèlo* (BASSO, W. *Nuovo dizionari da scarsèa veneto-italiano*. Padova: Scantabauchi, 2012, p. 192).

[118] Ele é bêbado! No dicionário de Luzzatto (2000), encontramos *sbionsar*: embebedar, embriagar.

P: Ah, tá!
E: ***Eh, ciò, ciò!? Ascolta qua! É chamar a atenção. Escuta, que eu falo, ciò****.*
P: E a palavra bauco?
E: ***Mama mia!!! (risos), bauco é um bobo, né. Ti si bauco, hein! Às vezes faz alguma coisa errada: ma ti si bauco!***
P: E pociar?
E: ***Pocia é pegá o pon e pocia no vinagre, no molho.***
FA: ***No molho de macarron****, né!?*
P: Tudo leva comida, né? (risos)
E: Tudo leva comida, ***tudo pocia o pon no cafe leite, isso é pocia, nossa!***
P: Ma varda, né?! (risos)
E: ***Ma varda che bel cristian****! Você sabe o que quer dizer?*
P: Não.
E: Que bonita pessoa, que bonito rapaz, que bonita mulher.
FA: Cristian mais é homem, né?
E: A moça é: ***che bela cristiana ou bela tosata.***
P: Esse eu ouvi!
E: ***Che bela tosata****, ah, tem tanta coisa!*
P: E o pupa? A senhora usa?
E: Ah, pupa non uso, a gente fala mais o pai, né, lá na minha mãe, usava pupa.
FA: ***Lá dizia pupai, misturava.***
P: Misturava um pouquinho de cada um?
FA: ***A mama, e o pupai.***
P: E irmão e irmã vocês lembram?
E: ***Fradeli e sorela. La zia é a tia.***
P: E biceroto?
E: ***Un bel bicier di vino, hein!***
P: A senhora toma um bicier de vino.
E: Eu não sou de tomar vinho, nunca fui de tomar vinho, gente! Eu acho que fica meio arejada (risos). Vinho não é comigo.
FA: É só sagu mesmo.
E: Ou senon eu misturo com água e pouco de açúcar...só suco e é doce ainda, tomo ***una bocata[119]!*** *Eu sempre tenho medo que* ***me faça la ciuca. (risos)***
P: A senhora sabe o que é esbodegado? Ou sbrodegar?
E: Sbodegado é... eu vou dizer: uma pessoa, um homem, uma mulher também, ***tudo aberto, tudo rasgado, tudo de qualquer jeito é sbodegado. L'è tuta sbodegada!***
P: A expressão sacramento vocês usam? Quando falam alguma coisa que fica admirado ou bravo?
E: Ih!!! Esse ai, ixi!! Até eu... na verdade, o falecido sogro falava ***sacrato.***
[...]
P: E la bodega?
E: ***Bodega tem de dois tipos: a bodega é o bar, e bodega é o zíper da frente: non va(?) la a bodega aberta. (risos), ma a bodega também é o bar,*** *né.*

Nesta entrevista, além, dos traços do *talian* no sotaque, tais como *non, pon, macarron* e *ma*, depreendemos a fala carregada de encantamento pelas palavras que sabe e que revela as situações nas quais elas são usadas, como, por exemplo, "*Ciacolar é conversar! [...] Ma Quela*

---

119 *Bocada:* Nesse caso, uma golada (Disponível em: <http://www.treccani.it/vocabolario/boccata_(Sinonimi-e-Contrari)/>. Acesso em: 15 dez. 2015.)

la ciacola! É uma pessoa que fala bastante, bona sol de ciacolar!" e *"bauco é um bobo, né. Ti si bauco, hein!*".

A senhora TC também é uma entrevistada que apresenta palavras novas em meio a suas verbalizações: *spionso*, *portaschite*, *bocata*, *cristian*, *tosata*, *fradeli*, *sorela.* É importante esclarecer que, apesar de ser interessante conhecer palavras novas do vocabulário do *talian*, para nós, não são os significados que nos interessam diretamente, mas entender que tipos de discursos são proferidos a partir delas.

Outros aspectos recorrentes evidenciados, além daqueles que são verbalizados, correspondem a características paralinguísticas. Suas referências pessoais e sociais estão bastante arraigadas na simplicidade da cultura e da língua rudimentares. Segundo Ricoeur (1996, p. 04), "[...] é no nível da narrativa que inicia o primeiro trabalho de lembrança. [...] contar a outrem as histórias do passado, em contá-las também do ponto de vista do outro". Assim, em meio à reconstrução que as interações produzem no ato da fala, emergem a língua e a cultura *talianas*, comprovando nossa hipótese inicial. Sua entonação, seus risos, seus suspiros, ao dizer "*era difícil, ma era bom*", indicam o valor dessa cultura rudimentar e a compreensão do significado de ser *italiano*.

No próximo trecho selecionado, temos o entrevistado MF e outros participantes considerados secundários: esposa, duas filhas e duas netas. O senhor MF, por ser idoso e ter problema de audição, contou com a presença da família para auxiliá-lo. No entanto, a cada pergunta da entrevista, os familiares participavam juntos e tal colaboração não só incentivou o entrevistado, mas incidiu em forte empolgação, alegria, risos e dados relevantes. Os componentes presentes que, no início da conversa afirmavam não conhecer nada, foram, gradativamente, descobrindo, juntos, lembranças que nem eles se davam conta.

Ao que notamos na ocasião, parece, realmente, que a aquisição do *talian*, das filhas e netas, como língua falada não ocorreu. Todavia, a declaração das filhas de não terem aprendido nada não confere, pois, muitos elementos culturais foram rememorados, como é o caso das histórias de *Nanetto Pipetta*, além de palavras e expressões.

O entrevistado MF e sua esposa sabem falar e ler, contudo, durante a entrevista, suas declarações indicaram o não uso do *talian*. Assim, consideramos que se configure como bilinguismo encoberto, no qual não há interação da comunidade, nem externa, tampouco familiar. As lembranças e os conhecimentos estão ali, no entanto, se reproduzem de modo implícito e camuflado ou se forem instigados. Halbwachs (1990, p. 25) analisa que "[...] os marcos sociais da memória (são gerais) como espaço, tempo, linguagem – são bem específicos,

relativos aos diferentes grupos sociais, que criam um sistema global do passado que permite a rememoração individual e coletiva".

Passemos, agora, ao trecho selecionado da entrevista com o senhor MF e seus familiares:

MF e família
P: Tem uma palavra, que sou de fora, né, ouço e acho diferente, é o ciò.
ES: ***Ciò é palavra italiano, também****.*
Filha 1: Ciò?!
Neta1: ***Eu uso o ciò!***
Filha 2: ***Mas todo mundo usa o ciò! Ma varda, ciò!***
Filha 1- O que significa pro senhor essa palavra ciò?
E: Ciò?
Filha1: É. ***Ma vardela, ciò!***
E: Não me lembro.
ES: Pra chamar, por exemplo, ***a gente chamava, ciò??***
P: Você também usa?
Filha 2: Não é que eu use, mas eu sempre vejo!
Neta 1: Eu uso, eu só não sabia que era italiano.
Neta 2: Eu não sabia.
Filha 2: A família do meu marido usa muito o ciò!
P: E você já usou o ciò com outro sentido?
Filha 2: ***No sentido de tongo.***
Neta 2: Isso aí, sim.
Filha 1: Mas é um ciò, mesmo!
P: Tem nestes dois sentidos?
Neta 2: Esse aí sim, mas de cumprimentar, não.
*Filha 2****: O ciò mesmo é assim: varda, ciò! Chama lá, ciò!***
E: Ah, é! Chama ciò! ciò!
P: E a palavra ciuco?
Filha 1: (muitos risos). ***Toda quarta-feira a gente fica ciuco!***
Neta 2: ***É bêbado!***
Filha 2: A quarta feira fica tudo ciuco!
P: Vocês sabiam que essa palavra é italiana?
Filha 1: Sim, isso ai a gente vê!
(Falam todos juntos)
Filha 1: Isso a gente usa bastante!!! (risos)
E: ***Inclusive o aperitivo, que a gente tomava, o italiano falava "demo beve el cicheto[120]".****(risos)*
Filha 2: ***Ah, ele fala cicheto mesmo na quarta! Chega aqui e pergunta: já tá pronto o cicheto?***
E: ***Um aperitivozinho, uma pinga,*** *ou outra coisa, né, é como eu vou tomar um aperitivo.*
Filha 2: ***Cicheto é um pouquinho.***
P: E a palavra pociar?
Neta 2: Já ouvi falar.
Filha 2: A família do L. pocia muito.
E: Pociar?
P: A senhora sabe?
Esposa: ***Pociá o pão no leite.***
Filha 1: Eu sei pocia o pão no leite, pocia no óleo, pocia no molho.

[120] Traguinho (LUZZATTO, 2000)

Neta 2: Pocia é dar uma molhadinha? ***(risos)***
P: Sim!
Neta 2: ***Eu falo tociá.***
Filha 2: Tudo isso eu só vejo lá na minha sogra, lá eles são mais do italiano do que aqui... lá eles são puro italiano. Mas tudo é pociá, eles tomam café pociando. (risos)
ES: ***Tem até o canto da Polenta e tocio: "trelera polenta e tocio, trelera che toceremo, trelera morose non gh' avemo...[121]"***
P: Que bela! Que lindo!
Filha 2: ***A senhora nunca tinha cantado pra nós!***
P: E canta bem!
Filha 1: Esses dias eu quis gravar umas musiquinhas da mãe, a senhora não lembrou, né?
ES: Pois não lembrei...
P: Tem que chamar à memória!
P: Aquela outra, música "la bela polenta", a senhora conhece?
*Mãe e filha 2****: "La bela polenta se mangia, se mangia così. Bela polenta, così...ciaciapum...(risos)"***
*Filha 1****: "La verginella non posso..."(canta baixinho)***
P: E la verginella, você conhece?
Mãe e filha 2: (cantam juntas) ***" La verginella non posso trovare, solo me basta che sia bella[122]..."***
(sobreposição de vozes)
E: Por falar em polenta, aquelas mães de antigamente...o filho que fazia arte e correu: ***vem, vem, dopo te ciapo, quel figlio dela polenta![123]*** *(risos)*
P: E queria perguntar sobre outra palavra, pra senhora, para seu M. e pra vocês, o ciacolar?
ES: ***Ciacolar é falar... Falar sem rumo... uma coisa.***
E: ***Ciacolar? É conversa assim...***
Filha 1: ***Falar bobagem.***
Filha 2: ***Só ciacolando...(risos)***
E: ***Meu pai que falava muito: "(?) ciacole[124], (?) ciacole". (risos)***
ES: Quando não queria ouvir: ***"ah, ciacole"*** *(risos)*
P: E vocês conhecem o ciacolar?
Netas: Não.
P: E Vocês? (para as filhas)
Filha 2: Lá na dona A. também, quando começa a falar é isso ai, é só ciacolando, gosta muito de ciacolar.

É interessante notar como, pelo compartilhar de vivências e conhecimentos, o grupo ali presente sentiu-se entusiasmado sobre a língua e a cultura *taliana*. Foram necessárias algumas motivações, durante a entrevista, para que lembranças viessem à tona. As filhas não somente conheciam as palavras, mas, também, se esforçavam para explicar seu uso. Além disso, como observamos, outras palavras surgiram como *cicheto*, *tociá*, *ciacole* e frases envoltas em risos, dentre elas: "*vem, vem, dopo te ciapo, quel figlio dela polenta!*". A canção que a esposa (E) se

[121] Polenta e molho, faremos o molho, porque namoradas não temos.
[122] *La verginella* não posso encontrar, só me basta que seja bela.
[123] Depois te pego! Aquele filho da polenta!
[124] Conversas.

recorda, "*trelera polenta e tocio, trelera che toceremo, trelera morose non gh' avemo*", traz admiração entre as filhas que exclamam não saberem do conhecimento da própria mãe. A Filha 2 afirma: "*A senhora nunca tinha cantado pra nós!*". Aqui, vemos a importância do coletivo, isto é, como os sentidos vão se produzindo mediante a interação. De acordo com Bakhtin (1996, p. 116), a situação e o meio social determinam a estrutura da enunciação, dirigida pelos sujeitos em contato, impondo-lhes esta ressonância ao invés daquela.

Certeau (1990, p. 161) avalia que a memória mediatiza transformações especiais que, no "momento oportuno", produzem uma ruptura instauradora. Dessa forma, sai de seus insondáveis e móveis segredos um "golpe" que modifica a ordem local.

Assim como MF e TC, vistos anteriormente, a entrevistada OB expõe, com propriedade, o conhecimento que tem dessa língua/cultura. Os ouvintes – filha LB e pesquisadora – estimulam a vivacidade de seu discurso. Além disso, também demonstra seu encantamento ao falar da/em sua língua materna, profere, sem que lhe seja solicitado, muitas frases e palavras do *talian*:

> **O B e LB**
> *E.1: Antigamente os velhos usavam, a* ***guaiaca***[125]*, né, você já ouviu falar a guaiaca?*
> *P: O que é guaiaca? Eu não sei.*
> *E.1:* ***Guaiaca é o cinto.***
> *P: Ah, é um cinto.*
> *E.2: Dos gaúchos.*
> *E.1:* ***É um cinto dos italianos, quem trouxe foi os italianos.*** *E tiraca, você sabe?*
> *P: Não.*
> *E.1:* ***Tiraca***[126] ***é o suspensório. As tiracas, os velhos antigos, que vieram da Itália eles usavam as tiracas, o falecido meu vô, eu lembro, ele usava, era a tiraca, e aquele relógio eles usavam preso com uma correntinha, assim preso aqui, por exemplo, e o reloginho no bolso aqui ou por dentro do gilè, que tinha aquele colete, então era o gilè.***
> *[...]*
> *P: Eu vou falar umas palavrinhas, com certeza a senhora conhece todas e acho que a L. também sabe.*
> *P: A palavra ciuco?*
> *E.1:* ***Ciuco é um bêbado****.*
> *E.2: Bêbado.*
> *P: Você usa, L.?*
> *E.2: Aham. Essa sim, tá sempre ciuco.*
> *E.1:* ***El ga fato la ciuca***[127]***. Ga bevesto caciassa, graspa, vin... (risos)***
> *P: Tá certinho, dona O., a senhora sabe tudo, vou ter que carregar ela comigo nas entrevistas.*
> *Todos: (risos).*
> *P: O ciacolar?*

[125] Palavra de origem indígena que foi incorporada ao *talian* (FERREIRA, 2004).
[126] No dicionário de Luzzatto (2000), encontramos *tirache*- suspensórios.
[127] Ele ficou bêbado, bebeu cachaça, pinga e vinho.

E.1: ***Ciacolar é conversar, parlar.***
P: Você usa?
E.2: Não.
P: Ciacolar a senhora usa?
E.1: ***Eu uso: ciacolar, ciacolar con i visin con le comari. Demo ciacolar!***[128]
P: E o ciò?
E.2: Ah, o ciò.
E.1 e E.2: ***Ciò é um tongo.*** *(risos)*
E.2: ***Tongo é do Sul.*** *(risos)*
E.1: Tongo do Sul, ***é um bobo.***
E.2: É um ciò mesmo! Sabe, é um ciò, mesmo.
*E.1. "****È um ciò, el non spissiga la sposa"***[129]***(risos). Sabe o que é spissigar? Spissigar é dar um beliscão assim.***
P: Ah, interessante. (risos)
P: E o ***bauco***[130]***?***
E2: ***É tongo também.***
E.1: ***É tongo também. O bauco é aquele bobo também, bem bauco, principalmente o que é deficiente físico aqui, antigamente era bauco.***
E.2: Deficiente mental, né, mãe.
E.1: É, deficiente mental. É, ele era bauco, bobo.
E.2: Como é que a gente poderia diferenciar, o tal do bauco do tal do ciò: o ciò é aquele cara abestado, sabe assim.
P: Que não prestou atenção?
E.2: Isso! ***O avoado e tal, e o bauco é o cara bobo mesmo. É diferente.***
P: Entendi.
(risos)
P: O pociar a senhora já falou, né?
E.2: Já.
E.1: ***O pociar é meter o pão, uma bolacha qualquer coisa****.*
P: E o sbodegado?
E.2: ***Eu tô toda esbodegada hoje.*** *(risos)*
E.1: Ela podia ter se arrumado, ***mas tá toda esbodegada. Com vestito... le braghe***[131]*... (risos)*
P: E o capitel?
E.1: ***Capitel é uma igrejinha construída na beira de uma estrada, ou mesmo numa comunidade, num lugar um capitel, que é uma igrejinha pequenininha.***
P: Uma capelinha?
E.2: Uma capelinha!
P: E o strucon, dona O.?
E.1: ***Strucon é eu te apertar assim, (risos). Ela dá um strucon.***
P: E la tosa?
E.2: ***É uma moça. É a toseta.***
P: E a expressão ma varda? Você usa?
E.2: Ma varda!
P: Você usa, Lourdes?
E.1: ***Ma varda che bela! Ma varda che bauco!***

---

[128] Conversar com os vizinhos, com as comadres. Vamos conversar!
[129] Ele não belisca a esposa (Conotação pejorativa).
[130] No dialeto triestino usa-se *mauco* (Disponível em: <http://www.istrianet.org/istria/languages/italic/istroveneto/triestin/tc2009.htm>. Acesso em: 07 ago. 2016).
[131] Com o vestido, com as calças (LUZZATTO, 2000).

> *E.2: Pior que essas eu uso, (risos)... mas esse tal de ciò, o ma varda, tem outra coisa, ciuco, também que a gente sempre fala:* ***Gesù, Maria, José, tuti santi insieme***[132]**.**

É relevante observar como as palavras vão ganhando forma nos discursos de OB e LB; suas falas vão se completando e se confirmando. Notamos que a palavra já existia e que, instigado mediante o diálogo, fez com que o sujeito fosse se definindo. A relação de coletividade vai modelando o resultado da entrevista (BAKHTIN, 1986).

As palavras novas que emergem dessa interação são: *tiraca*, *gilè*, *ga fato*, *ga bevesto*, *i visin*, *le comare*, *spissigar*, *le braghe*, *tuti santi insieme*. A palavra "guaiaca", de origem indígena, que passou a fazer parte da língua portuguesa, é utilizada por OB como se fosse do *talian*.

A entrevistada DC, sendo descendente de *italiano*, quis resgatar, de alguma forma, suas origens. Então, resolveu estudar a língua italiana padrão e morar um período na Itália. Durante nossa conversa, ela declarou, no início da entrevista, não ter aprendido o *talian*, pois os pais não consideravam importante naquele momento. Além disso, sua visão a respeito de quem usa o *talian*, dialeto, segunda ela, é de quem fala uma língua "errada", sendo o italiano padrão a forma correta a ser veiculada. Apesar dessas afirmações, o *talian* e sua cultura vão saindo da "caixa fechada", na qual, aparentemente, estavam guardadas.

Desde o ponto de vista apresentado por Ricoeur (2014, p. 71), temos que:

> Lembrar-se é não somente acolher, receber uma imagem do passado, como também buscá-la, 'fazer' alguma coisa. O verbo 'lembrar-se' faz par com o substantivo 'lembrança. O que esse verbo designa é o fato de que a memória é 'exercitada'.

Vejamos parte dessa interação de exercício da memória:

> **DC**
> *P: O que é ciò?*
> *E: (Risos) Ma ciò! (risos) Eu sei falar, mas eu não sei traduzir o que seria o ciò, mas a gente fala, né.*
> *P: Você usa?*
> *E: Às vezes,* ***sem querer a gente usa. Sem querer, querendo, né?*** *(risos)*
> **[...]**
> *P: E bauco?*
> *E:* ***Bauco, aham... este bastante!***
> *P: Vocês usam?*
> *E: Aham. Ma è un bauco!*
> *P: E pociar?*

[132] Jesus, Maria, José, todos os santos juntos.

E: ***Pociar el pane nel cafe****. (risos)*
P: E a palavra sbodegado?
E: ***Ah, ma che! Tudo esbodegado!***
P: Fortaia?
E: ***Fortaia, (risos) de mezzogiorno ho fato****.*
P: ***Hai fato la fortaia?***
E: ***Sì, con formaio anche****.*
P: E Radici?
*E****: Radici!!***
P: Você faz?
E: Si, com bacon. ***Magnar radici, magnar la polenta, con formaio, con late, con la pana!***
P: Você sabe o que é ***soga?***
E: Uma corda?
P: Sim.
E: ***Tem muita soga, lá que meu pai amarrava os bois. (risos)***
P: Interessante!
E: ***Olha, agora, tá me refrescando... assim, a memória!***
P: E la tosa?
E: La tosa? Tagliare i capelli[133]*, não?*
P: Não.
E: ***Ah! Tosa de menina?! Uma ragazza?!***
P: Sim.
E: ***Minha mãe falava, la tosatela, la toseta.***
P: La caciassa?
E: ***Bere la caciassa e far la ciuca***[134]***.*** *(muitos risos)*
P: Fiol di un rospo[135]*?*
E: ***Sì!!! Rospecan! (risos).***
P: O que?
E: ***Rospecan***[136]*!! Minha mãe e meu pai falavam assim: rospecan!*
P: Humm!! (risos)
E: Fiol dela cagna [137]*, minha mãe falava também.*
P: E sentarse darente el fogon? Já ouviu essa frase?
E: Ah! Como a gente fazia! Darente... ***davanti del fogon. Quando mangia el pinhon, la crosta***[138] ***dela polenta!***
P: E o que mais? O que se come darente el fogon?
E: ***Se magna, se bebe chimarrão... café.***
P: E se te ciapo?
E: ***Se te ciapo, te ranco i cavei*** [139]***! (risos)***
P: Olha o que está surgindo aí, hein! Você falou que não sabia nada!
E: Não, ***mas na hora não me veio na memória, mas foi me refrescando, vem surgindo, né!***

---

[133] No italiano padrão – cortar os cabelos (Disponível em: <www.treccani.it>. Acesso em: 11 mar. 2016).
[134] Beber cachaça e ficar bêbado.
[135] Fiol di um rospo – filho de um sapo!
[136] *Rospecan* – não aparece no dicionário, mas, por intuição, acreditamos que seja uma mistura de sapo com cão (xingamento).
[137] *Fiol dela cagna* – filho de uma cadela (xingamento).
[138] *Crosta*: também pode ser chamada de *grosta*, tem o significado de crosta ou casca (LUZZATTO, 2000).
[139] Se te pego, arranco os cabelos.

Em razão da participante da pesquisa ter estudado o italiano padrão, ocorrem, em sua fala, influências dessa língua. Entretanto, o *talian* vai surgindo também. Na concepção de Bosi (1994, p. 39), "[...] lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutador infinito". Se nos detivermos na primeira parte da entrevista, veremos que DC afirmou que não havia aprendido nada. Entretanto, bastou uma breve conversa e o contato com algumas palavras do *talian*, que a memória começou a trabalhar, trazendo daquele "baú fechado" lembranças que nem ela imaginava. Ela mesma confirma: "*Olha, agora, tá me refrescando... assim, a memória*" e "*na hora, não me veio na memória, mas foi me refrescando*".

O que ocorre com a entrevistada DC vem ao encontro da ponderação de Bosi (1994, p. 57), que traz à reflexão a metáfora da releitura que o adulto faz de um livro lido na juventude:

> A impressão inicial é a de um reencontro com o frescor da primeira leitura. Na verdade, antes de reabrir aquelas páginas seríamos capazes de lembrar poucas coisas: o assunto, algumas personagens mais caracterizadas, este ou aquele episódio mais pitoresco, emocionante ou engraçado e, às vezes, a imagem de uma gravura. Ao encetar a releitura, esperamos que voltem com toda a sua força e cor aqueles pormenores esquecidos, de tal maneira que possamos sentir as mesmas emoções que acompanharam o nosso primeiro contato com a obra. Esperamos, em suma, que a memória nos faça reviver aquela bela experiência juvenil.

As coisas não acontecem do modo como imaginamos. De um lado, certas lembranças parecem estar mortas; já de outro, ao lembrarmos, há uma ressignificação dessas lembranças, a partir das nossas vivências. Assim, Bosi (*op. cit.*) sinaliza duas questões: a primeira diz respeito à dificuldade de lembrar, tendo em vista o tempo longo, distante de alguns fatos; a segunda pondera que essa releitura nos dá a impressão de estarmos lendo um livro novo ou remanejado. Em face da releitura da memória, verificamos certas passagens, certas palavras, certos detalhes de ambientação que passaram despercebidos no primeiro momento vivenciado. Além disso, com o tempo, o "objeto" passa a ser visto sob um ângulo diferente, mudando os valores de muitos episódios.

Seguem os trechos da entrevistada JB:

> **JB**
> *P: Eu vou falar umas palavras, aí você me diz se fala ou se é falado na sua família?*
> *E: Ok.*
> *P: A palavra ciuco?*
> *E: Sim.* ***É bêbado, todo mundo usa por causa do vinho, se falava muito e quando tinha algum parente que estava bêbado, aquele ali era ciuco. Isso eu ouvi muito. (risos)***
> *P: Você fala?*

E: Eu não. Eu não aprendi, a minha mãe falaria, o meu tio também, mas a minha geração já não.
P: E o ciò?
*E: É como uma expressão: "**Ma varda che ciò!"... esse ciò eu já ouvi. Eu não falo, mas a minha mãe fala. É expressão. Para ela ainda ficou. Talvez se fosse mais pequena talvez eu até falasse, agora não.***
*P: **Você soltou uma frase no dialeto agora?!***
*E: **Ah, sim, era para vim, mas enroscou... (risos) eu acho que na minha infância eu deveria falar. (risos)***
*P: **Olha que ela está aí, hein, J.?!***
E: É, tem que despertar! Sim, quem sabe. (risos)
P: O pociar?
*E: Sim, tinha esse agora... não sei... se é de misturar ou que **mistura o pociar, joga alguma coisa dentro da outra.***
P: Molha, mistura pociar o pão no leite?
E: É, no café, no leite, a gente pociava! O meu avô tem, estou lembrando, na época que eu era menina tinha mais.
P: Agora você não pocia mais? (risos)
E: Não, lamento muito.
P: O bauco?
*E: Eu **já vi esse termo mais agora, não sei.***
P: É mais ou menos o ciò. Bauco, ma non tanto.
E: No sentido de dizer que você é fechado. Você não está vendo direito isso. Você é meio... (dúvida)
P: O ciacolar?
*E: **Ma ciacolar é como se fosse o nosso chiacchierare, assim, é!?***
P: Sim!
*E: Sim, esse, sim! Quando as comadres, as tias se juntam: porque você demorou na sua tia? **Ah, eu tava ciacolando.***
P: A sua família usa?
*E: **Pouco, mas usa. Quando ela vê que demora para vir... estava ciacolando.***
P: E o sbodegado?
E: Sim, esse eu já ouvi muito, quando era mais menina.
P: Você já ouviu?
*E: **Esse já! Onde vai assim... "pode voltar e se trocar esta sbodegado! Volta se trocar!" No Rio Grande do Sul a gente ouve mais isso, aqui não, lá é mais comum aqui eu não vejo não.***
P: E você não vê porque já faz parte desse ambiente, é natural, aí você não percebe.
E: Sim. Sabe que tu falou uma coisa interessante!
P: E o sacramento?
*E: **Sim, ma va! Esse por causa da igreja, esse é muito forte!***
P: Agora alimentação Grostoli? A tua família faz fortaia, formaio, radici coti?
E: Sim, esse continua igual, faz tudo!
P: E magnar?
*E: **Sim, si magna sempre! (risos)***
P: E graspa?
*E: **Sim, graspa tem também.***
[...]
P: Gostei muito da sua entrevista! Obrigada por contar sua história de vida!
*E: **Obrigada por me fazer pensar sobre isso! De olhar as tradições, se a gente tá mantendo ou não. Isso que a gente conversou, me fez pensar porque que a gente tá se distanciando.***

A princípio, como outros entrevistados, JB não foge à regra da declaração sobre não ter conhecimento sobre o *talian*, porém, em contato com as palavras apresentadas, seu discurso provou o contrário. Embora seja enfática em dizer não falar essa língua, foi possível notar que conhecia as palavras expostas. Sua expressão facial de surpresa e alegria por saber o que lhe estava sendo questionado foi marcante. Bosi (2003, p. 410) defende que nada está absolutamente morto, "[...] cada sentido terá sua festa de renovação. Questão do grande tempo".

Sua fala, ao final, mostrou agradecimento diante do fato da entrevista lhe possibilitar a oportunidade de repensar sua identidade étnica. Poderíamos descrever esse momento como um discreto estímulo, em que a entrevistada manifesta certo entusiasmo. Com isso, não podemos nos furtar de afirmar o quanto seria importante que ela, mais vezes, pudesse vivenciar outros momentos de incentivo às verbalizações de suas memórias.

Eis os excertos de VC, que, como já dissemos, entrevistada que foi criada pelos avós e, portanto, tem uma bagagem considerável da herança linguística e cultural. Sua expressão oral vai revelando este fato:

> **VC**
> *P: Vocês usam ciuco?*
> *E: Ah, ciuco!* ***O bisnono era um ciuco.***
> *P: (risos). Vocês usam isso?*
> *E:* ***Oh! Tá cheio de ciuco****.*
> *P: E o ciacolar?*
> *E:* ***Não lembro.***
> *P: E o ciò?*
> *E: O nono chamava a nona****: "ciò!" Daí, ela vinha. "Ciò, não sei!" Era só ciò.***
> *P: E o bauco?*
> *E: Ah,* ***bauco, o nono falava, ah uma coisa errada, assim: ah bauca! Era assim... eu nunca gostei daquele salame de sangue que eu esqueci o nome...***
> *P: O codeghin!?*
> *E: Isso!* ***Ai, não consigo comer****. Aí, o nono sempre insistiu, eu falava assim: não quero!* ***Ele dizia: ah, bauca! Então se você não aceitasse uma coisa que pra ele era muito bom, era uma bauca****.*
> *P: E esbodegado?*
> *E:* ***Esbodegado, eu acho que eu já ouvi, mas a nona falava: una sbrodega. Então tô tentando lembrar quando a nona falava, mas eu acho que era uma lambança, uma sujeira, uma bagunça, não sei... minha nona fala sbrodegado****.*
> *[...]*
> *P: Grosteli?*
> *E:* ***Grostoli, eu faço muito! Faço sequinho e do canudinho, adoro! É uma perdição! Você não faz****?*
> *P: Não. (risos)*
> *E: É tão fácil! (surpresa)*
> *P: Você falou assim ... como se fosse... (risos)*
> *E:* ***É do dia a dia fazer grostoli!***

> *P: Jura? É pratico pra você que tem uma máquina de fazer macarrão, é muito prático. (risos)*
> *E: Ah, fazer macarrão é muito bom!*
> *P: Imagino.*
> *E: **Quelo di buso**[140]**! Aquele de furo, o buso, é o pene, acho que é, né. Nossa, porque ele segura o caldinho, dentro, é muito bom, este é o que eu mais gosto! Eu gosto do tagliadelli** [141]**, né, mas meu marido não gosta. Ele gosta do bigoli** [142]*, não sei qual é a diferença, mas tudo igual a mesma massa.*
> *P: Tua nona fala porca pipa?*
> *E: **Porca miseria, porco cane, tudo é porca.***
> *P: E bodega?*
> *E: Ah**, bodega, sim, mas eu já vi bodega pro zíper, e pra ir na bodega, né,** porque aquele meu tio de São Jorge ainda vai na bodega, todo o sábado à tarde, mas quando está com a bodega aberta, também eu já ouvi, você com o zíper aberto, eles falavam a bodega aberta.*
> *P: O varda com certeza?*
> *E: Ah, fala, **ma varda quelo! Ma varda não sei o que. Ma varda bem, hein!***
> *P: O porcacion ela usava?*
> ***porcacion, porcaciona, tuti sporchi, quela porcaciona, pissaleti**[143]! Ela já emendava tudo. (risos).*

VC, no início da conversa, demonstrou certa vergonha em falar, afirmando mais entender do que veicular. Todavia, seus relatos indicam manutenção, conscientemente, da cultura do *talian* e, com isso, também da língua, pelos menos, no que foi percebido durante a conversa. É interessante salientar que a entrevistada tem ao seu alcance pessoas e elementos que reforçam o sentido de pertencimento: a *nona*, que ainda está viva, os tios-avós, que praticam seus hábitos culturais, dos quais a entrevistada e sua família podem usufruir. Ressaltamos que o fato dela ainda ter a chance de conviver com os mantenedores culturais reforça seu próprio sentido de pertencimento e lhe oferece a oportunidade de transmitir a memória coletiva aos seus filhos.

Os próximos excertos pertencem à geração mais nova: JG, de 18 anos; AP, de 28; LP, de 40; e FB, de 41 anos. Tais sujeitos se dispuseram a responder às perguntas de acordo com as suas disponibilidades de tempo. Sendo assim, duas pessoas responderam por escrito, via *e-mail*; uma por áudio, via aplicativo *whatsapp*; e apenas uma concedeu a entrevista presencial. Seguramente, percebemos as diferenças na riqueza da oralidade que compõem uma conversa face a face. As entrevistas realizadas à distância são mais sucintas e demonstram menos detalhes, os quais poderiam ser relevantes para a justificativa do *talian* na citada geração.

---

[140] *Buso* – furo.
[141] *Tagliadelli* – encontramos *taiadele* que tem o significado de talharim (LUZZATTO, 2000).
[142] *Bigoli* – massa tipo espaguete.
[143] Faz xixi no colchão.

Portanto, em relação à lista de palavras apresentadas, os sujeitos AP, LP e FB puderam visualizar e marcar "sim" para aquelas que conheciam e usavam e "não" para aquelas que não sabiam, sendo bem práticos. Na continuidade, indicaremos alguns fragmentos considerados pertinentes para essa seção.

O entrevistado LP respondeu, por meio do áudio do aplicativo *whatsapp*, para *smartphone*. Ele declarou conhecer e usar todas as palavras apresentadas: sua fala demonstrou muita intimidade com a cultura e a língua *taliana*, pois recebeu essa bagagem cultural dos avós e, também, de seus pais. O vínculo familiar fortaleceu o amor pela identidade étnica.

As próximas entrevistas, de AP e FB, foram realizadas à distância e respondidas por escrito, via *e-mail*. Apresentam respostas breves, no entanto, são evidenciadas palavras novas que fazem parte do repertório conhecido, como *recia bauca e marmelada*:

> **LP**
> *P: Existem palavras que seus avós, seus pais usam/usavam e que você continua a utilizar? Qual(is)?*
> *E: Meus avós usavam* ***ciò, strucon[144], fameia[145]... tudo isso pra mim é muito básico, é um normal acontecer isso, né, de falar italiano****... Tudo a* ***gente fala meio português meio italiano****, principalmente meus pais.*
> *[...]*

> **AP**
> *P: Existem palavras que seus avós, seus pais usam/usavam e que você continua a utilizar? Qual(is)?*
> *E: Sim,* ***"Porca putana, Porco Dio (para xingar) Dio Madona, Vardeli Lora, Retia[146]Bauca[147], Ma vardeli, Nonna, Nonno, Bisnonna, Bisnonno, Porca Pipa, Sacramento, Grostoli, Fiasco, Marmelada." [148](como não sei escrever, escrevi como falo mesmo)***

> **FB**
> *P: Existem palavras que seus avós, seus pais usam/usavam e que você continua a utilizar? Qual(is)?*
> *E: Não falo, mas lembro de algumas palavras como* ***gamela[149], porco dio, mama mia, "buona gente", graspa, grostoli.***

---

[144] *Strucon* – apertão (LUZZATTO, 2000).
[145] *Fameia* – família (LUZZATTO, 2000).
[146]Grafia dicionarizada – *recia* (LUZZATTO, 2000).
[147] *Recia bauca* – orelha de burro (LUZZATTO, 2000).
[148] *Marmelada* – geléia (LUZZATTO, 2000).
[149] *Gamela* – gamela mesmo (LUZZATTO, 2000). Entretanto, de acordo com FERREIRA (2004, p. 961), a palavra provém do latim vulgar – *gamela* enquanto vasilha de madeira ou de barro. Encontramos, ainda, que a palavra pertence ao dialeto vêneto e seu significado é recipiente (Disponível em: <http://www.dialettando.com/dizionario/detail.lasso?id=3488>. Acesso em: 7 mar. 2016). No Culto Nagô, *a Ficus doliaria Mart*., popularmente conhecida como gameleira, por ser macia e utilizada na confecção de **gamelas** e canoas artesanais (BRUGGER A. CARAUTA, P. J. P.; PINTO, C. A. *A história*

A participante a seguir concedeu a entrevista presencial. Apesar da pouca idade, demonstrou ser conhecedora da cultura *taliana* vivenciada em família. Assim como no caso de VC e LP são cultivadas as relações com os avós e as tradições ainda são mantidas:

> **JG**
> *P: Eu vou te mostrar umas palavras e você diz o que conhece. A palavra ciuco?*
> *E:* ***Ciuco, não****.*
> *P: Nunca ouviu falar?*
> *E: Não.*
> *P:* ***Nem quando fala assim: Ah João bebeu tanto que ficou ciuco!***
> *E:* ***Ah, sim! Agora sim, ficou ciuca, a nona fala... desculpa, agora lembrei.***
> *P: Vocês usam essa palavra?*
> *E: Eu não, mas* ***a minha mãe e a minha nona usa bastante****.*
> *P: O ciacolar? Se reunir pra ciacolar?*
> *E: Essa não.*
> *P: O ciò? Usa?*
> *E:* ***Essa sim, eu uso até o "ciò de viola" (risos) eu misturo com... (risos)***
> *P: O que é?*
> *E: Eu não sei... eu sei que é tipo...* ***fulano é um tongo, um bobão,*** *sabe.* ***Eu uso porque eu escutei desde criança, então ficou****.*
> *P: O ciò você usa no sentido de uma forma de xigamento?*
> *E: É*
> *P: E bauco?*
> *E: Sim, bauco.* ***Seria também o bobo, né! Que não entende alguma coisa. A nona usa bastante.***
> *P: A sua nona usa? Você usa?*
> *E:* ***Eu não uso muito, às vezes escapa, mas não muito.***
> ***P: E pociar o pão no leite?***
> ***E: Esse eu uso, eu uso até hoje. Fazer um pocio, eu falo. (risos)***
> *P: O sbodegado?*
> *E:* ***Sbodegado também****.*
> *P: Usa?*
> *E: Uso.*
> *P: Sacramento?*
> *E:* ***A minha nona fala cramento.***[150]
> *P: Grostoli?*
> *E:* ***Grostoli, sim.***
> *P: Agnolini?*
> *E: Agnolini também.*
> *P: Polenta brustolada?*
> *E: Sim.*
> *P:* ***A tua mãe faz a brustolada?***
> ***E: Faz na chapa do fogão.***
> *P: Ah, que delícia! E graspa?*
> *E: Graspa, sim. Aquela bebida, né?*
> *P: O teu pai tem o hábito de tomar?*

---

das figueiras e gameleiras. Disponível em: <http://www.unirio.br/ccbs/ibio/herbariohuni/pdfs/a-historia-das-figueiras-ou-gameleiras>. Acesso em: 01 set. 2016).

[150] Variante de sacramento.

E: Não, o pai ele tomava uma vez a graspa, mas ele falou que é mais forte, então ele não gosta muito, mas eu já vi ela..
P: Chimaron?
E: Chimarron, nem sei agora, porque a nona, depende da palavra ela muda um pouquinho, puxa mais...
P: Fortaia?
E: ***Fortaia, sim.***
P: ***Formaio? Radici?***
E: Sim.
P: ***Magnar?***
E: Sim, bastante. (risos)

Ao atentarmos para o excerto em questão, percebemos que as lembranças suscitadas e as palavras reconhecidas são produtos de vivências e interações significativas, seja com a figura materna ou com os avós. A memória coletiva se desenvolve, principalmente, pelos laços de convivência familiar, os quais unem a memória de seus membros e acrescentam outros dados que vão se diferenciando. O modo como se darão essas interações será o modo como o passado significará. Assim, reiteramos, de modo enfático, a importância do conhecimento cultural compartilhado, destacadamente mais evidentes nos casos de TC, VF, MF, OB, LB, VC, LP e JG.

Concluimos o capítulo das análises e, no próximo item, apresentamos as considerações finais a respeitos dos dados levantados nesta tese.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista a complexidade inerente a uma pesquisa empírica, finalizamos nosso estudo cientes de que muitas lacunas precisam ser preenchidas, bem como muitas dúvidas ainda permeiam nossas reflexões. Entretanto, teceremos algumas possíveis ponderações a respeito das análises realizadas nesta tese.

Ressaltamos que a presente pesquisa não se pautou somente na intuição do pesquisador, mas, sobretudo, levamos em conta a realidade pesquisada, atrelada aos teóricos que fundamentaram nosso estudo. Logo, as análises estão amparadas nas leituras efetuadas, na primeira impressão das entrevistas realizadas, nas audições e transcrições das entrevistas. Vale salientar que esta pesquisa se limitou, basicamente, a duas fontes para a coleta de dados: a primeira, considerada exploratória, a observação simples da sociedade cascavelense; e a segunda, proveniente das entrevistas.

Um ponto a ser indicado é que as análises apresentadas devem ser vistas como restritas aos entrevistados cascavelenses. Todavia, os dados levantados podem ocorrer ou ter ocorrido com outros cascavelenses descendentes de imigrados *italianos*.

No início desta investigação, propusemos pontos-chave para confirmar nossa tese de língua e cultura encobertas em Cascavel: a) o que permanece da língua e cultura do imigrante *italiano*; b) quando dizem não saberem, é um fato verdadeiro; c) o que está implícito nesse contexto onde uma determinada língua nascida da imigração – o *talian* – existe, mas não parece haver identificação com as raízes étnicas; d) quais fatores contribuíram e contribuem para que haja língua e cultura encobertas.

Para tanto, foi importante, ao desenvolvimento desta tese, compreender a trajetória dos descendentes de imigrados *italianos* para região Oeste do Paraná como forma de ascensão econômica. Tendo, pois, como ponto de partida o contexto histórico daqueles que migraram a Cascavel, observamos que o migrante e seus descendentes cascavelenses carregam lembranças muito fortes e significativas, isso considerando a história vivida pelos primeiros imigrantes, o estabelecimento em um país estrangeiro, o convívio com pessoas novas, o contato com uma língua nova, os momentos de repressão da sua própria língua e a reconstrução de suas vidas nos moldes do contexto Sul brasileiro, no qual se estabeleceram. Por um lado, tudo isso cria um espírito destemido e corajoso; em outra perspectiva, porém, também deixa marcas de sofrimento, de desconfiança e de uma postura mais rígida diante do “estranho”. Esse prisma permite depreender quais influências receberam os entrevistados para tenderem, inicialmente, a um comportamento tão reservado em relação à sua própria cultura.

De uma maneira geral, foi possível notar que há indivíduos que, de fato, não se identificam como conhecedores ou, até mesmo, falantes do *talian*. No entanto, no decorrer das narrativas, o contrário foi evidenciado, principalmente da parte dos idosos e adultos que demonstram, a princípio, não se recordarem de nada. Então, eles justificam o esquecimento pela indução de se falar o português na infância, por não terem aprendido muito coisa ou por estarem distantes dos familiares que moram no Rio Grande do Sul ou em Santa Catarina, lugares de referência de italianidade.

A chegada em Cascavel, a partir do final da década de 1940, revela fatores que impeliram o *talian* a deixar de ser utilizado: a) o envolvimento com a vida profissional, declaração principalmente dos idosos; b) apesar de não ter sido afirmado explicitamente, a situação de violência que se encontrava o município naquele período, em razão de brigas por terras, indica outro possível motivo que contribuiu para que muitos se mantivessem reclusos por medo; c) embora a cidade tenha sido colonizada no mesmo período por migrados *talianos* compatriotas, suas falas indicam que havia pouca interação com outras famílias – alguns idosos, aliás, disseram na entrevista que não tinham com quem conversar. Essas prováveis explicações nos favorecem entender que os descendentes de *italianos* não faziam menção da bagagem linguística cultural que traziam consigo; em outros termos: significam ponderar que trazem a língua *taliana* já silenciada no Rio Grande do Sul ou de Santa Catarina e, assim, mantêm-na guardada. Compreendemos, com isso, que a língua veiculada no contexto cascavelense sempre foi o português, considerando todas as influências da região.

A enunciação primeira da adesão total à cultura brasileira e a declaração de esquecimento da língua e da cultura *talianas* não se sustentam por muito tempo, pois as narrativas foram, aos poucos, fazendo emergir elementos culturais, palavras e frases.

Ainda que não seja escopo deste estudo averiguar o nível de bilinguismo, conseguimos constatar que VF, OB, TC, MF e MD, entrevistados idosos, falam e entendem o *talian*. Os três primeiros indicados se destacaram mais durante as entrevistas. Contudo, mesmo falando e entendendo, aparentemente de maneira fluente, o *talian* não se caracteriza como língua de interação social no âmbito cascavelense; antes, é utilizada, habitualmente, com alguns familiares, como no caso de TC, que conversa com seu marido, ou quando visitam seus familiares, exemplos de OB e VF, que residem em outros estados do Sul. Em relação a MF e MD, a língua *taliana* aparece durante a entrevista nas lembranças culturais e no re(conhecimento) das palavras e expressões. Além disso, esses dois indivíduos atestaram, também, que conseguem ler na citada língua, o que consideramos relevante.

Quanto aos entrevistados da faixa etária adulta, CC, JB, DC e LB, a maioria exteriorizou atitudes positivas em relação às suas histórias de vida que envolvem a cultura e a língua do

imigrado *italiano*, mesmo dizendo não se lembrar de muitos fatos, justificando o não incentivo dos pais. Todavia, quando foi compartilhada com esses descendentes a lista de palavras e expressões do *talian*, houve tênue mudança no semblante, sorriso no rosto, muita satisfação em lembrar e saber o significado.

Acreditamos que os entrevistados VC (geração adulta), AP, JG e LP (geração jovem), possuam certo grau de bilinguismo, devido tanto à convivência frequente com os avós, quanto às interações entre eles em *talian*, muito embora esse fato não seja assumido. Os participantes, desde o início, manifestaram forte envolvimento com a língua e a cultura *talianas*, uma vez que têm em comum a convivência com os avós e, em se tratando de LP, com os pais. Um deles afirma o aprendizado e o uso da língua até 2006, quando a avó faleceu. Os quatro indicam bastante conhecimento das histórias de família, amor pelas raízes e a importância da preservação.

Sublinhamos que aqueles que declaram partilhar da cultura étnica no âmbito familiar são os que não expressam nenhuma resistência às lembranças; durante as entrevistas fazem questão de expor outras palavras, expressões, frases em *talian* e histórias referentes à língua do imigrado; são eles: OB, TC, VF, VC, LP, JG e AP. Da parte deles, houve pouca ou nenhuma negação em relação à língua e cultura.

Podemos asseverar que, ao final das entrevistas, 90% dos participantes evidenciaram um conhecimento maior do que imaginavam. E todos os 15 entrevistados expuseram algum tipo de saber e apontaram a falta de iniciativa da sociedade em oportunizar a divulgação dessa cultura, bem como eventos que promovam encontros sociais. Durante seus relatos, a maioria admitiu pouco conhecimento de comemorações culturais concernentes à cultura do imigrado *italiano* em Cascavel.

Diante do cenário pesquisado, podemos afirmar que, durante as entrevistas, foi possível verificar a existência da língua encoberta, quando aqueles que falam não anunciam seu bilinguismo. Há aqueles que não falam, mas entendem e mantêm a cultura em algum âmbito; no entanto, não acreditam que esse conhecimento seja suficiente para justificá-los conhecedores do *talian*. Das entrevistas, apenas a participante FB (jovem) relatou menos conhecimento da língua e da cultura, muito embora tenha indicado orgulho em ser descendente de *italiano*. O senhor DG, pioneiro de espírito empreendedor, ainda que não tenha denotado, no momento da entrevista, apego excessivo às raízes étnicas, também desvelou um valoroso saber. Vale a ressalva de que não reconhecer algumas palavras ou não exprimir verbalizações espontâneas de outras não, necessariamente, significa falta de conhecimento. Talvez fossem imperativos outros instrumentos metodológicos para o desvelamento.

De todo modo, o que se observou comum a todos é que a língua *taliana*, ou elementos dela, se configuram como algo preservado. Quem a sabe mantém-na escondida somente para si ou restrita a alguns familiares. Quanto aos hábitos culturais, parecem, em alguns casos, terem se tornado naturais e cristalizados, como fazendo parte da cultura brasileira cascavelense.

Os fatores que conduzem ao resultado da língua e cultura encobertas se apóiam na análise dos dados empíricos que mostram a imposição de ideologias que, por sua vez, levam a um senso comum: (a) existe, nos discursos proferidos, a ideologia da "língua certa", implantada desde o governo de Getúlio Vargas, quando manifestam concepções como língua gramatical e não gramatical/dialeto relacionada à "língua errada" ou à gíria. O movimento da obrigatoriedade legitima a unidade linguística, vela as minorias linguísticas e inculca o discurso etnocêntrico do monolinguismo. Atrelados a essa questão estão a vergonha, a autocorreção e o rótulo de língua que caiu em desuso, ficando, portanto, desqualificada; (b) posicionamento de linguistas em relação ao privilégio da língua normativa em detrimento de outros falares, assim, a sociedade confia na força que detém o poder da legitimidade, estes, muitas vezes, moldados por ideologias políticas; (c) a ideologia da globalização que vai dissuadindo o indivíduo a rejeitar tudo o que é considerado de tradição rudimentar – tecnologia, língua e cultura –, razões que também justificam o lugar periférico e de silêncio que tem ocupado o *talian*.

A identidade étnica se mistura no turbilhão da fluidez identitária. Em consequência, tem-se certa banalização da importância de falar a língua *taliana* ou de mencionar a manutenção de hábitos culturais próprios dos descendentes de imigrados. O poder desses "artefatos" produz a banalização, que leva à insignificância da própria cultura, em prejuízo da cultura do outro, seja a do brasileiro ou a cultura comercial americana.

Talvez o neto, bisneto, tataraneto do imigrado *italiano*, lá em seu íntimo, sinta vontade de aprender, de conhecer e até de admirar o *talian*. Porém, o querer é limitado por um tipo de protocolo social (LANE, 2006), em que a coletividade atual dita o que é bom, bonito e moderno. E esse indivíduo, descendente de imigrado opta, consciente ou inconscientemente, por não ir contra o grupo. Tais condições gregárias vão formando a identidade grupal e fazendo com que, muitas vezes, as pessoas sintam culpa por não saber ou não querer aprender. Por isso, é preciso estar atento e questionar se não estamos tendo uma percepção equivocada em relação a indivíduos descendentes de migrados *italianos* que parecem não estar interessados nas suas origens étnicas.

Nesse contexto, são necessários instrumentos que despertem a consciência das relações de dominação, para podermos questionar nossos papéis.

Concluimos que a língua e a cultura do descendente do imigrado *italiano* existe, de forma velada, em Cascavel, o que confirma a teoria de Schlieben-Lange (1993) a respeito do bilinguismo encoberto. Observando superficialmente, podemos até acreditar que a língua *taliana* não é falada nesse meio, mas a entrevista possibilitou a chance de descobrí-la.

Para podermos vê-la e ouví-la, seria necessário utilizar estratégias que produzissem o seu desvelamento e que despertassem, nos descendentes e admiradores do *talian*, a consciência acerca da importância e do poder da linguagem. Demandaria ainda que as inciativas do Governo pensassem o convívio cultural como complementaridade e não como exclusão.

Por essa razão, nossa pesquisa acena para iniciativas que tornem possíveis interações sociais que envolvam a língua e a cultura *talianas*, que, a nosso ver, devem ser mobilizidas pelas políticas Federal, Estadual e Municipal, com propostas e atos efetivos para salvaguardar a língua e a cultura do imigrado.

Propostas que permitam ao acontecimento memorizado entrar para a história, estendendo-se além dos limites físicos do grupo social. Como "[...] fato histórico, ele poderá se tornar elemento vivo de uma memória coletiva" (ACHARD, 1999, p. 26). Igualmente, necessita de uma reconciliação entre memória e história, sabendo-se ambas parciais, uma história que seja mais democrática, que se interesse pelos excluídos da história: "[...] assim, os dois campos se fortalecem a partir da mútua colaboração" (JOUTARD, 2007, p. 228).

Não obstante, esses meios "ditos" de acesso democrático ao conhecimento, políticos e educacionais, na maioria das vezes, são utópicos. Sabemos que não é tarefa fácil implantar essas mudanças, tendo em vista interesses "maiores". No que compete às instituições de ensino, sabemos que os currículos são definidos por modelos preestabelecidos, que nem sempre condizem com a realidade. Sendo assim, determinadas situações transcendem a "autonomia" de professores e estudiosos.

De uma forma ou de outra, como pesquisadores, reiteramos a necessidade de uma postura das autoridades políticas e educacionais, ousadia, firmeza e parcerias, a fim de efetivar a divulgação, a socialização, a manutenção e o resguardo do *talian* em Cascavel.

Isso posto, finalizamos nossa pesquisa sabendo que a discussão não se encerra aqui e que há muito a se avançar ainda. No entanto, consideramos que um caminho foi aberto para que outras perspectivas teóricas possam também imprimir seu parecer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHÃO, M. H. M. B. **Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica**. 2003. Disponível em: <www.seer.ufrgs.br/asphe/article/viewFile/30223/pdf>. Acesso em: set. 2015.

ACHARD, P. Um ideal monolíngue. In: VERMES, E.; BOUTET, J. (Orgs.). **Multilinguismo**. Campinas: Unicamp, 1989.

BAGNO, M. O que é uma língua? Imaginário, Ciência e Hipótese. In: **Políticas da norma e conflitos linguísticos**. BAGNO, M.; LAGARES, X. C. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

_____. **Língua materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

_____. **A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

BASSO, V. di. **Nuovo dizionario da scarsèa: Veneto Italiano**. Scantabauchi, 2012.

BATTISTEL, A. I.; COSTA, R. **Duas Itálias**. Porto Alegre: EST/UCS, 2000.

BENEDUZI, L. F. **Mal di paese: as reelaborações de um vêneto imaginário na ex-colônia de Conde D'Eu (1884-1925)**. 2004. 324 f. (Tese de Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2004.

BERGSON, H. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BERNARDI, U. **Veneti: com1e nialtri no ghe n'è altri, se ghe n'è ancora che i vegna fora!** Treviso: Canova Edizioni, 2005.

BESSA FREIRE. **Rio Babel: a história das línguas na Amazônia**. Rio de Janeiro: UERJ, 2011**.**

BLOOMFIELD, L. *Language.* New York: Holt, Rinehart and Winston, 1979.

BOLOGNINI C. Z. e PAYER M. O. Línguas de Imigrantes. São Paulo, 2005. **Revista Ciência e Cultura**. vol. 57, n. 2., abr./jun., 2005. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S000967252005000200020&script=sci_arttext> Acesso em: 01 jun. 2015.

BOMENY, H. M. B. 1999. Três decretos e um ministério: a propósito da educação no Estado Novo. In: PANDOLFI, D. **Repensando o Estado Novo**. Rio de janeiro: fundação Getúlio Vargas, 1999.

BORSTEL, V. C. Um estudo sobre os traços do *talian* na etnografia escolar. In: BORSTEL, V. C.; COSTA-HÜBES, T. C. (Orgs.). **Linguagem, cultura e ensino**. Cascavel: Edunioeste, 2011.

BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BOSI, A. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. **O tempo vivo da memória, ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas linguísticas**. Algés/Portugal: Difel, 1998.

BROCARDO, C. R. Cascavel: origem e história do município. In: **Boletim do instituto histórico e geográfico do Paraná**. Curitiba: Periodicos, v. 66, 2013.

BURKE, P. **A arte da conversação**. São Paulo: UNESP, 1995.

_____. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo: Unisinos, 2006.

_____. **Linguagens e comunidades: nos primórdios da Europa Moderna**. São Paulo: Unesp, 2010.

CALVET, L. J. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997.

CANESQUI, A.M. e GARCIA, R. W. D. **Antropologia e nutrição: um diálogo possível**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

CARBONI, F. *Talian & talian*. In: MAESTRI, M. (Org). **Nós, os Ítalo-gaúchos**. Porto Alegre: Universidade /UFRGS, 1998.

CARBONI, F. & MAESTRI, M. **Raízes italianas do Rio Grande do Sul: 1875-1997**. Passo Fundo: UPF, 2000.

CAVALCANTI, M. Estudos Sobre Educação Bilíngue e Escolarização em Contextos de Minorias Linguísticas no Brasil. **Revista DELTA**: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, vol. 15. São Paulo, 1999.

_____. **Metodologia da pesquisa em linguística aplicada**. Anais do I INPLA, PUC/SP, 1990.

CAVALCANTI, M. C. Um evento de letramento como cenário de construção de identidades sociais. In: COX, M. I. P.; ASSIS-PETERSON, A. A. (Orgs.). **Cenas de sala de aula.** Campinas: Mercado de Letras, 2001.
CELANI, M. A. A. Transdisciplinaridade na linguística aplicada no Brasil. In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. C. **Linguística aplicada e transdiciplinaridade**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

_____. Questões de ética na pesquisa em Linguística Aplicada. Linguagem & Ensino, vol. 8, n. 1, 2005. Disponível em: <http://rle.ucpel.edu.br/index.php/rle/article/viewFile/198/165>. Acesso em: 20 ago. 2014.

_____. (Orgs). **Linguística Aplicada: da aplicação de Linguística Aplicada à Linguística Aplicada Transdisciplinar**. São Paulo: Educ, 1992.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano: Artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1990.

_____. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHAUÍ, M. Apresentação do livro. In: BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

COLODEL, José Augusto. **Obrages & Companhias Colonizadora**: Santa Helena na história do Oeste paranaense até 1960. Cascavel: Assoeste, 1988.

COLOGNESE, S. A. **Associações étnicas de italianos: identidade e globalização**. São Paulo: Itália Nova Editora, 2004.

COLTRO, D. **Leggende e racconti popolari del Veneto**. Ariccia (Roma): Newton Compton, 2010.

CONFORTIN, H. **A faina linguística**. Porto Alegre: EST/UCS, 1998.

CORACINI, M. J. **A celebração do outro: arquivo, memória e identidade. Línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução**. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

COSTA, R. **Dissionàrio: la grande stòria**. Porto Alegre: Academia Rio-Grandense de Letras Instituto Histórico de São Leopoldo, 2000.

_____. **Lingua, lingue e multiculturalismo**. Porto Alegre: Disponível em: <http://www.esteditora.com.br/>. Acesso em: 05 mai. 2015.

_____. **Parleremo Talian**. Disponível em: <http://www.esteditora.com.br/textos/parlar.htm2001>. Acesso em: 15 jul. 2013.

COSTA, R.; BONI, L. A. de. Nós, os gringos. In: MAESTRI, Mário (Org.). **Nós, os ítalo-gaúchos.** 2. ed. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 1998.

CRISTÓFARO SILVA, T. Morte de língua ou mudança linguística: uma revisão bibliográfica. Goiás, 2002. **Revista do Museu Antropológico**, 2002. Disponível em:

<http://www.projetoaspa.org/cristofaro/publicacao/pdf/mudancalgtca-goias2002.pdf>. Acesso em: 05 mai. 2015.

DAL CORNO, G. O. M; SANTINI, M. S. Reações subjetivas à fala com sotaque na Região de Colonização Italianado Rio Grande do Sul. **Revista Coletânea CCHA**, Luz e Saber, v. 2, n. 1. Caxias do Sul: EDUCS, 1998.

DAL PICOL, G. **A morfossintaxe na oralidade do vêneto sul-rio-grandense: perfil dialetal de comunidades rurais da região da 4ª légua, Caxias do Sul**. 2013. 122 f. (Dissertação de Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul (UCS), 2013.

_____. Novo perfil linguístico dos falantes bilíngues da região de colonização italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul: mudança dialetal e mescla linguística. **Web-Revista Sociodialeto**. 2013. v. 3, n. 9, mar. 2013. Disponível em: <www.sociodialeto.com.br>. Acesso em: 07 abr. 2015.

DE BONI, A. L. **A presença italiana no Brasil**. v. 2. Porto Alegre: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990.

_____; COSTA, R. **Os trivênetos no Rio Grande do Sul**. Disponível em: <http://www.esteditora.com.br/textos/trivenetos.htm>. Acesso em: 10 jul. 2013.

_____. **A Itália e o Rio Grande do Sul - Relatórios de autoridades italianas sobre a colonização em terras gaúchas**. Porto Alegre: EST/UCS, 1982.

_____. A colonização no sul através de relatos de autoridades italianas. In: COSTA, C. (Org.). **A presença italiana no Brasil - I**. Porto Alegre: Torino, 1987.

_____. **A margem da bibliografia sobre a imigração italiana. In: Instituto Brasileiro – Italiano de Estudos e pesquisas**. Porto Alegre: São Lourenço de Brindes, 1979.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FABRÍCIO, B. F. Linguística aplicada como espaço de desaprendizagem: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

FAIRCLOUGH, N. A análise crítica do discurso e a mercantilização do discurso público: as universidades. In: MAGALHÃES, S. M. C. (Org.). **Reflexões sobre a análise crítica do discurso**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

FEIBER, S. D. **O papel do patrimônio histórico na construção do lugar a igreja Nossa Senhora de Fátima em Cascavel/PR**. 2007. XXX f. (Dissertação de mestrado) – Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, 2007.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário da Língua Portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Editora Positivo, 2004.

FERREIRA, C.; CARDOSO, S. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

FERREIRA, J. C. V. **Municípios paranaenses: origens e significados**. Curitiba: Cadernos Paraná da Gente, 2006.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREITAS, S. M. de. **História oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Humanitas, 2006.

FROSI, M. V. A linguagem oral da região de colonização italiana no sul do Brasil. In: MAESTRI, M. (Org.). **Nós, os Ítalo-gaúchos**. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 1998.

_____. **Topônimos na RCI: resgate da identidade cultural**. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/viewartifrosi,cle/1227méti: história & cultura>. Acesso em: 12 jul. 2013.

_____; FAGGION, C. M.; DAL CORNO, G. O. M. **Da estigmatização à solidariedade: atitudes linguísticas na RCI**, 2005. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/viewartifrosi, cle/1227métis: história & cultura>. Acesso em: 08 jul. 2013.

_____; FAGGION, C. M.; DAL CORNO, G. O. M. Prestígio e estigmatização: dialeto italiano e língua portuguesa da região de colonização italiana no nordeste do Rio Grande do Sul. **Revista Abralin**, v. 7, n. 2, jul/dez 2008. Disponível em: <http://www.abralin.org/site/data/uploads/revistas/2008-vol-7-n-2/06-vitalina maria-frosi1.pdf>. Acesso em: 20 set. 2013.

_____; RASO, T. O italiano no Brasil: um caso de contato linguístico e cultural. In: MELLO, H., ALTENHOFEN, C. V. e RASO, T. **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

_____; MIORANZA, C. **Dialetos italianos: um perfil linguístico dos ítalo-brasileiros do nordeste do Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul: EDUCS, 1983.

_____. **Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora Movimento, 1975.

FUMICH, S. **Il pozzo e le parole: tre scritte sulla questione delle foibe**. Brembio: Cà La Gatera, 2007.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1987.

GIARD, L. História de uma pesquisa. In: CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano**: Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1990.

GIDDENS, A. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GROSJEAN, F. Bilinguismo individual. Tradução de Heloísa Augusta Brito de Mello e Dilys Karen Rees. **Revista UFG**, 2008. Disponível em: <http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/dezembro2008/pdf/17_Traducao.pdf.>. Acesso em: 09 out. 2015.

GUBERT, A. L. **Influências do talian no português brasileiro de Vargeão (SC): um estudo sobre variação no nível fonético**. 2012. 112 f. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, 2012.

HAGÈGE, C. **Não à morte das línguas**. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Rio de Janeiro: Vértice, 1990.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____. **Da diáspora: identidade e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
HOBSBAWM, E.; RANGER, T. (Orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

ILARI, R. Reflexões sobre língua e identidade. In: (orgs) BORBA, L. do R. e LEITE, C.M.B. **Diálogos entre língua, cultura e sociedade**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2013.

IANNI, O. **A sociedade Global**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1996.

INVENTÁRIO FINAL DO TALIAN. 2010.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1973.

JOUTARD, P. Reconciliar história e memória. Escritos. **Revista da Casa de Rui Barbosa**. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, ano 1, 2007.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **Análise da conversação: princípios e métodos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

KOCH, I. G. V. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2003.

LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LAMBERT, W.W.; LAMBERT, W. **Psicologia Social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

LANE, S. T. M. O que é psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 2006.

LUZZATTO, D. L. **Gramática, História e Cultura**. 1998.

_____. **El nostro parlar**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1993.

_____. **Dicionário talian-português**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.

MAESTRI, M. (Org.). **Nós, os Ítalo-gaúchos**. Porto Alegre: Universidade/ UFRGS, 1998.

_____. **Os senhores da serra: a colonização no Rio Grande do Sul**. Passo Fundo: UPF, 2000.

_____. **A Aldeia Ausente: Índios, Caboclos, Escravos e Imigrantes na Formação do Campesinato Brasileiro**. Disponível em: <http://www.reformaagrariaemdados.org.br.2004>. Acesso em: 06 jul. 2015.

MAGGIO, G. Esempi di esitazone nella riformulazione del discorso interlinguistico degli immigrati pedrinhenses. **Revista de Italianística IX**. Paulo: Universidade de São Paulo, 2004.

_____. Vestigi di língua italiana: testimonianze da Pedrinhas Paulista. **Revista de Italianística VIII**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2003.

MAKONI, S.; MEINHOF, U. Linguística aplicada na África: desconstruindo a noção de língua. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MANFROI, O. Imigração alemã e italiana: estudo comparativo. In: **ANAIS DO I e do II fórum de estudos ítalo-brasileiros**. Caxias do Sul, 1979.

_____. **A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1975.

MANZINI, E. J. Considerações sobre a entrevista para a pesquisa social em educação especial: um estudo sobre análise de dados. In: JESUS, D. M.; BAPTISTA, C. R.; VICTOR, S. L. **Pesquisa e educação especial: mapeando produções**. Vitória: UFES, 2006.

MARGOTTI, F.W. **Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no Sul do Brasil**. 2004. 332 f. (Tese de Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2004.

MASSOLINI, P. Serafina Correa – RS. In: **Revista Brasil Talian**, n. 1, 2013.

MELLO, H., ALTENHOFEN, C. V.; RASO, T. **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

MENEZES, M. A. de. Migrações e Mobilidades: Repensando Teorias, Tipologias e Conceitos In: TEIXEIRA P. E.; BRAGA A. M. da C.; BAENINGER R. (Orgs.). **Migrações: implicações passadas, presentes e futuras**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

MILROY, J. Ideologias linguísticas e as consequências da padronização. In: LAGARES, C. X.; BAGNO, M. **Políticas da norma e conflitos linguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

LEOPOLDINO, E. A. **O dialeto trentino da Côlonia Tirolesa de Piracicaba: aspectos fonéticos e lexicais**. 2014. 287 f. (Tese de Doutorado) – Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2014.

MENGARDA, E. J. **Aquisição do dialeto vêneto no contexto familiar catarinense**. 1996. 164 f. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 1996

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

MIORANZA, C. **Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora Movimento, 1975.

MIOTELLO, V. Deve haver uma perspectiva discursiva em que a memória do passado é instabilizada pela memória do futuro para constituir sentidos agora. Daí que os projetos de dizer dos sujeitos têm importância. In: CAGLIARI, L .C. (Org.). **O tempo e a linguagem**. Série Trilhas Linguísticas, n. 14. Araraquara: Editora Cultura Acadêmica, 2008.

MOITA LOPES, L. P. **Identidades fragmentadas**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

_____. Contextos institucionais em linguística aplicada: novos rumos. **Revista Intercâmbio**, v. 5, 1996. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/4107>. Acesso em: 10 mai. 2014.

_____. **Discursos de Identidades**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

_____. **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MONTYSUMA, M. F. F. **Um encontro com as fontes em história oral**. Disponível em: <http://revistaseletronicaspucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/1304>. Acesso em: 09 abr. 2014.

MONZÚ-FREIRE, M. T. R. **Síntesis Gramatical de la lengua española: uma gramática contrastiva – español~portugués**. São Paulo: Enterprise Idiomas. 1999.

NADALIN, S. O. **Paraná: ocupação do território, população e migrações**. Curitiba: SEED, 2001.

NORA, P. História e memória: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**, Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). São Paulo, 1981.

OLIVEIRA M. de G. **Declaração universal dos direitos linguísticos**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2010.

_____. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 2007.

PAYER, M. O. **Memória da língua: imigração e nacionalidade**. 1999. 186 f. (Tese de doutorado) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 1999.

PANDOLFI, D. **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

PECCINI, R. História e Cultura da Alimentação: diz-me o que comes e te direi quem és. **Anais do VI Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul**. Disponível em: <http://www.ucs.br/ucs/tplVSeminTur%20/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_6/gt13/arquivos/13/Historia%20e%20Cultura%20da%20Alimentacao%20dizme%20o%20que%20comes%20e%20te%20direi%20quem%20es.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2014.

PENNA, M. Relatos de migrantes: questionando as noções de perda de identidade e desenraizamento. IN: SIGNORINI, I. et al. **Língua(gem) e Identidade**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

PEREIRA, M. C. **Naquela Comunidade rural, os adultos falam alemão e "brasileiro". Na escola as crianças aprendem o português: um estudo do continuum oral/escrito em crianças de uma classe bisserieda**. 1999. 203 f. (Tese de Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 1999.

PEREIRA, L. F. **Paranismo**: o Paraná Inventado. Cultura e imaginário no Paraná da I República. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.

PERTILE, M. **O talian entre o italiano-padrão e o português brasileiro: manutenção e substituição linguística no Alto Uruguai gaúcho**. 2009. (Tese de Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Instituto de Letras, Porto Alegre, 2009.

PIAIA, V. **Terra, sangue e ambição: a gênese de Cascavel**. Cascavel: Adunioeste, 2013.

POLLAK, M. **Memória, esquecimento e silêncio**. Estudos históricos. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278>. Acesso em: 14 mai. 2014.

_____. **Memória e identidade social**. Estudos históricos. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em: 14 mai. 2014.

POUCHE, B. A construção social da língua. In: VERMES, G.; BOUTET, J. **Multilinguismo**. Campinas: UNICAMP, 1989.

POZENATTO, J. C. A cultura da imigração italiana. In: CARBONI, F.; MAESTRI, M. **Raízes italianas do Rio Grande do Sul: 1875-1997**. Passo Fundo: UPF, 2000.

RAJAGOPALAN, K. Repensar o papel da Linguística Aplicada. In: MOITA, L. L. P. **Por uma linguística aplicada Interdisciplinar: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. O conceito de identidade em linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? In: SIGNORINI, I. et al. **Língua(gem) e Identidade**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

_____. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RASO, T. L'italiano parlato a San Paolo da madrelingua colti. Primi sondaggi e ipotesi di lavoro. **Revista de Italianística VIII**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2003.
RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. **Sociolinguística interacional**. São Paulo: Loyola, 2002.

RIBEIRO, R. A. **Aprender Italiano: Identidade em (Re) Construção entre Língua e Cultura em Contexto Formal**. 2006. 143 f. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Cascavel, 2006.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: UNICAMP, 2007.

_____. **O perdão pode curar?** Tradução José Rosa. Disponível em: <www.lusofia.net>. Acesso em: 10 mai. 2016.

RIPPEL, R. **Migração e desenvolvimento no Oeste do Paraná: uma análise de 1950 a 2000**. 2005. 261 f. (Tese de Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2005.

RODRIGUES, A. **Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Loyola, 1986.

ROJO, R.H.R. Fazer linguística aplicada em perspectiva sócio-histórica: privação sofrida e leveza de pensamento. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

ROSSI-LANDI, F. **A linguagem como trabalho e como mercado**. Tradução Aurora Fornoni Bernardini. São Paulo: Difel, 1985.

SÁ, E. J. **Estudos de Variação linguística: o que é preciso saber e por onde começar**. São Paulo: Textonovo, 2007.

SANTIN, S. Aspectos antropológicos e culturais. In: MAESTRI, M. **Nós, os ítalo-gaúchos**. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 1998.

_____. Salvando la léngoa, salvemo anca la cultura (XII). Talian la léngoa. In: **Revista Talian Brasil**, n. 12, 2014.

_____. Salvando la léngoa, salvemo anca la cultura (X): valori culturali. In: **Revista Talian Brasil**, n. 10, 2014.

_____. Salvando la léngoa, salvemo anca la cultura (VI). La sitassion dei imigranti. In: **Revista Talian Brasil**, n. 5, 2013.

SCHLIEBEN-LANGE, B. **História do falar e história da linguística**. Campinas: UNICAMP, 1993.

SEYFERTH, G. Os imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo. In: PANDOLFI, D. **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. (Orgs.). **Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

SIMOM, P. **A diáspora do povo gaúcho**. Brasília: Senado Federal, 2009.
SILVERMAN, D. **Interpretação dos dados qualitativos: métodos para análise de entrevistas, textos e interações**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

STAWINSKI, A. V.; COSTA, R. **O Dicionário básico do Talian**.

SUGIMOTO, L. **História peculiar de uma gente em terras inóspitas**. Disponível em: <http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/marco2006/ju315pag9.html>. Acesso em: 09 fev. 2014.

SPERANÇA, A. C. **Pequena História de Cascavel e do Oeste**. Cascavel: JS Impressora Ltda., 1980.

_____. **Cascavel: a história.** Cascavel: Editora Gráfica Positiva, 2011.

WEINREICH, U. **Lingue in Contatto**. Novara: De Agostini Scuola, 2008.

_____. LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

TEDESCO, J. C. **Um pequeno grande mundo: a família italiana no meio rural**. Passo Fundo: EDIUPF, 2001.

_____. **Memória e cultura: o coletivo, o individual, a oralidade e fragmentos de memórias de nonos**. Porto Alegre: EST/UCS, 2001.

TRENTO, Ângelo. **Do outro lado do Atlântico**. São Paulo: Nobel, 1989.

TRISTONI, R. H. P. **Identidades de Imigrantes Brasileiros e de Paraguaios em uma Cidade Paraguaia**. 2006. 188 f. (Tese de Doutorado) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Cascavel, 2016.

TONIAL, H. **Adezzo Imparemo- cartilha do Talian. TALIAN (Vêneto brasileiro**). Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1995.

_____. **Carissimi scoltadori**. Porto Alegre: EST/UCS, 1998.

_____. Ricordi de tosatel. In: **Revista Talian Brasil**, n. 5, 2013. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do?id=18682&sigla=Noticia&retorno=detalheNoticia>. Acesso em: 01 dez. 2014.

UYEDO, E. Y.; CAVALLARI, J. S. **Bilinguismos: subjetivação e identificações nas/pelas línguas maternas e estrangeiras**. Campinas: Pontes, 2011.

VERMES, E.; BOUTET, J. (Orgs.). **Multilinguismo**. Campinas: UNICAMP, 1989.

ZILLES, A. M. S. Ainda os equívocos no combate aos estrangeirismos. In: FARACO, C. A. (Org.). **Estrangeirismos: guerras em torno da língua**. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.

ANEXOS

1-Termo de consentimento para os entrevistados para coleta de dados para pesquisa de doutorado:

TERMO DE CONSENTIMENTO PARA ENTREVISTA

Pesquisador responsável: Profa. Ms. Alessandra R. Ribeiro, fones: (45) 3223 0516/99592307.

Convidamos o/a sr.(a) a participar de nossa pesquisa que tem o objetivo de verificar a presença da cultura do imigrante italiano no município de Cascavel - PR. Para tanto, serão realizadas algumas entrevistas referentes: às histórias de família; ao valor da religião; às recordações de infância, aos pratos típicos feitos em família, entre outros. Durante a execução das entrevistas, caso haja algum tipo de desconforto ou constrangimento, o/a sr.(a) terá total liberdade para se recusar a mencionar qualquer fato que não seja da sua vontade. Para algum questionamento, dúvida ou relato de algum acontecimento, a pesquisadora poderá ser contatada, a qualquer momento, através dos telefones **(**45) 3223 0516, 9959 2307 ou email profalessandra.ribeiro@gmail.com. É interessante destacar que será um benefício poder manter contato com pessoas de origem italiana, que fazem parte da história dessa cidade e também poder resgatar a história local, bem como a história pessoal e social daqueles que, de alguma forma, tentam manter vivos os referenciais de vida dos ancestrais imigrantes italianos.

Para a participação nesse estudo o/a sr(a) não terá nenhum custo e nem receberá nada. Os dados obtidos serão mantidos em sigilo e serão utilizados somente para fins científicos. Vale ressaltar que, poderá cancelar sua participação a qualquer momento.

Declaro estar ciente do exposto e **desejo participar da pesquisa**

Nome do sujeito da pesquisa:

Assinatura: _____

Eu, **Alessandra Regina Ribeiro,** RG10. 286.657-6, CPF 262169648-10, declaro que forneci todas as informações do projeto ao participante.

Cascavel, 14 de maio de 2014.

2- Texto da revista Talian Brasil, Ano 1- nº4- Maio de 2013, p. 15.

138 ani

Imigrassion italiana al Brasil

I primi imigranti italiani ga scominsià rivar ofissialmente al Brasil nel ano de 1875.

Sto ano de 2013 comemoremo 138 ani che i nostri bravi antenati ga scominsià rivar al Brasil par far paesi e sità.

Al Rio Grande do Sul, ntel giorno 20 de maio se comemora la braura dei bisnoni, che su par le montagne de la serra gaussa, de la quarta colònia e altre region se ga stabelessesto con so fameie.

I nostri antenati ze rivadi al Brasil inserca de tera, de posti par laorar, de prodoti par magnar e copar la fame, inserca de mèio condission de vita par la so fameia e so gente.

"E a la Mérica semo rivai…", passando fame, fredo, sensa ver un querto par dormir, ma con la speransa de catar la cucagna tanto prometesta quando i zera incora ntela Itália.

I ga laorà ntele asiende de cafè in São Paulo e Minas Gerais come schiavi. I rabaltea zo piante de le montagne del Rio Grande do Sul e del Espìrito Santo. I ga scominsià la colonisassion come ntel sul de Santa Catarina e tanti altri posti del Brasil.

Fea su le case de madera e par querderle doperea le scàndole. Quanti, magnea polenta pura par mantegnerse vivi.

I taliani ga mia catà la cucagna. I ga tocà farsela con so laoro.

Incoi, tolemo su i fruti del laoro dei nostri noni e bisnoni. E avanti, taliani del Brasil!